
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

**AS IMAGENS DO PROFESSOR NA REDE SOCIAL “FACEBOOK”:
CONTRADIÇÕES E RELAÇÕES COM A PRECARIZAÇÃO**

VANESSA TERRA PEREIRA

Dissertação apresentada ao Instituto de Biociências do *Campus* de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestra em Educação.

MARÇO - 2017

VANESSA TERRA PEREIRA

**AS IMAGENS DO PROFESSOR NA REDE SOCIAL “FACEBOOK”:
CONTRADIÇÕES E RELAÇÕES COM A PRECARIZAÇÃO**

Orientador: Professor Dr. José Euzébio de Oliveira Souza Aragão

Dissertação apresentada ao Instituto de Biociências
do Campus de Rio Claro, Universidade Estadual
Paulista, como parte dos requisitos para obtenção
do título de Mestra em Educação.

Comissão Examinadora

Prof. Dr. José Euzébio de Oliveira Souza Aragão - UNESP/RC

Profa. Dra. Marcia Reami Pechula - UNESP/RC

Prof. Dr. Eduardo Pinto e Silva – UFSCAR/São Carlos

Rio Claro/ SP - Brasil

Março – 2017

370.71 Pereira, Vanessa Terra
P436i As imagens do professor na rede social "facebook" :
contradições e relações com a precarização / Vanessa Terra
Pereira. - Rio Claro, 2017
238 f. : il., figs., gráfs., quadros + figuras

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista,
Instituto de Biociências de Rio Claro
Orientador: José Euzébio de Oliveira Souza Aragão

1. Professores - Formação. 2. Precarização do trabalho
docente. 3. Trabalho docente. 4. Imagens do professor nas
redes sociais.. I. Título.



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Câmpus de Rio Claro



CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

**TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: AS IMAGENS DO PROFESSOR NA REDE SOCIAL "FACEBOOK":
CONTRADIÇÕES E RELAÇÕES COM A PRECARIZAÇÃO**

AUTORA: VANESSA TERRA PEREIRA

ORIENTADOR: JOSE EUZEBIO DE OLIVEIRA SOUZA ARAGÃO

Aprovada como parte das exigências para obtenção do Título de Mestra em EDUCAÇÃO, pela
Comissão Examinadora:

Prof. Dr. JOSE EUZEBIO DE OLIVEIRA SOUZA ARAGÃO
Departamento de Educação / UNESP - Instituto de Biociências de Rio Claro - SP

Profa. Dra. MARCIA REAMI PECHULA
Departamento de Educação / UNESP - Instituto de Biociências de Rio Claro - SP

Prof. Dr. EDUARDO PINTO E SILVA
Departamento de Educação / UFSCAR - Universidade Federal de São Carlos - SP

Rio Claro, 25 de agosto de 2017

A palavra “Dedicação” simboliza o que “Meus Pais” fizeram por mim e minhas irmãs nesta vida. Dedico este trabalho a eles pelo exemplo que foram de desprendimento de si em favor dos outros. Pela sabedoria de entender que só o amor não é o suficiente para uma boa educação, mas sim: a importância de dizer não muitas vezes. Por nos ensinar sobre o respeito que devemos ter para com nossos semelhantes. Pela honestidade em relação ao que fazemos. Pela generosidade em ajudar as pessoas. Pela simplicidade das palavras, das ações e dos gestos. Pela oportunidade da vida, e por todos os dias que convivemos no mais profundo amor e respeito. A vocês que ensinando e amando estão sempre presentes em todas as melhores e intensas lembranças.

As minhas irmãs Cris, Li e Lê, minhas melhores amigas, companheiras, ombro, colo, coração, flores, luzes da minha alma.

A Lôla pelo amor de todos os dias, obrigada pela preocupação, braveza (com doçura) e cuidado, que me fortaleceram em muitos momentos.

Dedico também este trabalho a dois lindos e abençoados presentes de Deus, meu anjo e companheiros de jornada Murilo e Gabriel, pela oportunidade de oferecer o amor que recebi e pela continuação da vida. Aos meus filhos, meus professores, no amor, na paciência, e na fé. Na forma como são e serão minha alegria e força para viver.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelo abrir de portas e janelas, as oportunidades de ser e conhecer pessoas incríveis. A força nas horas mais difíceis, em que o medo se materializa e a vontade de não desistir aparecia como um suspiro de esperança. Sua presença em vida por vários momentos eu senti e sinto. Obrigada meu Deus.

Ao meu orientador, José Euzébio de Oliveira Souza Aragão, o “**ARAGÃO**”, por ter me concedido o privilégio de sua orientação. Obrigada por sempre me instigar a fazer o Mestrado, por me aceitar como sua aluna, por apontar sempre com carinho e respeito os meus erros. O verdadeiro conhecimento se dá pela simplicidade. Obrigada por sua simplicidade e todo o ensinamento, não poupando esforços em me auxiliar. Obrigada pelo incentivo constante, pelas inúmeras contribuições a este trabalho e, sobretudo, a minha vida. Você é um grande exemplo como professor e amigo. Obrigada pela amizade e carinho, desde sempre recíprocos. Tenho muito orgulho em ter o seu nome em minha vida.

Aos meus filhos Murilo e Gabriel que são o estímulo de tudo em minha vida. Agradeço por tê-los como filhos, por terem sido meus companheiros nas boas e más horas. Sonho em vê-los formados, contribuindo e construindo um mundo melhor.

Agradeço aos meus pais por proporcionarem a vida e pela linda família em que cresci. As minhas irmãs, Maria Cristina, que sempre esteve ao meu lado auxiliando emocionalmente e materialmente, cuidando e protegendo, muitas vezes sendo um misto de mãe e irmã, uma “irmã”. Coração puro e generoso. Obrigada pelo amor e a preocupação com minha família. A Liliane, uma mãe maravilhosa, uma professora apaixonada pelo que faz, é o sinônimo de amor e competência pela profissão. Exemplo de professora que acredita no exercício de aprender e ensinar. A Alessandra, minha nega, minha amiga, companheira das maiores artes e, também, dos momentos mais difíceis. Obrigada pelas palavras de amor e incentivo constantes. Aos meus cunhados Paulo e Jean, aos meus sobrinhos, Milena, Luísa, Beatriz, Leonardo, e aos meus afilhados, Pedro Henrique, Lívia Maria e Laura por todo o amor que sempre me dedicaram. Pedacinhos de mim.

Agradeço aos meus pais de coração Christovan e Lôla, e toda sua família, por dividirem vocês comigo. Em especial a Lôla, pela torcida, pelo colo e pelos abraços que procurei nas horas de incertezas. Agradeço pelas broncas que só uma mãe que

ama pode dar a uma filha. Pelos telefonemas, pelos cafezinhos, temperinhos e por tudo que sempre faz com amor.

As amigas e incentivadoras de sempre Rosa Maria Ferreira Gutierrez e Maria Aparecida Bovério, irmãs de coração, pessoas que eu admiro pela determinação e inteligência. Obrigada pela inspiração e provocação. Obrigada pelas correções na vida e a neste trabalho. As verdadeiras amizades são aquelas que suportam momento de tristeza, incertezas e, sobretudo de alegria. Estamos juntas na convicção, no amor pela profissão, e no sonho de contribuir para a formação de pessoas aptas a conduzir novos caminhos nesse mar de incertezas.

Às minhas companheiras de mestrado, as mosqueteiras, Danúbia Peres e Tammy Ito, grandes amigas e parceiras dessa etapa tão sonhada. Não me esquecerei de nossas conversas e risadas, das aulas e trabalhos. Vocês foram meus presentes na pós-graduação, compartilhando sorrisos, experiências, ansiedades, medos, mas, sobretudo o amor e respeito pela educação.

Ao programa de Pós-graduação em Educação do Instituto de Biociências-campus de Rio Claro, em especial aos professores que tive o privilégio de conhecer e colegas da linha de pesquisa **“Linguagem - Experiência - Memória - Formação”**, que participaram do amadurecimento desse trabalho, ao me ouvir, apoiar e propor sugestões.

Toda minha gratidão e encantamento por todos os ensinamentos aos professores, Profa. Dra. Andréia Osti, Profa. Dra. Débora Cristina Fonseca, Prof. Dr. César Donizetti Pereira Leite, Profa. Dra. Márcia Reami Pechula, Prof. Dr. João Pedro Pezzato, Prof. Dr. José Euzébio de Oliveira Souza Aragão, Profa. Dra. Vera Teresa Valdemarin, Prof. Dr. Jorge Luís Mialhe, e a todos os professores convidados que contribuíram nas disciplinas.

Aos professores Doutores Márcia Reami Pechula e Eduardo Pinto e Silva por aceitarem o convite em participar da Comissão Examinadora de Qualificação, e da defesa da Dissertação, tenham a certeza que os ensinamentos que vocês me ofereceram foram valiosos. Obrigada pelos apontamentos e contribuições, sugerindo caminhos para a finalização da pesquisa. Muito obrigada por fazerem parte desse percurso, minha admiração e carinho.

A todas as pessoas que participaram diretamente e indiretamente da pesquisa, obrigada!



PEREIRA, Vanessa Terra. **As imagens do professor na rede social “Facebook”:** contradições e relações com a precarização. 2017. 237 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2017.

RESUMO

A estruturação capitalista das últimas décadas, marcada pela globalização da economia, das mudanças políticas, e do modelo neoliberal desencadearam uma reestruturação produtiva, em todos os setores da economia, produzindo reflexos no mundo do trabalho. Na educação, estas mudanças afetaram significativamente o trabalho do professor, tanto no âmbito social quanto para o sujeito, implicando uma revisão de temas e conceitos, como formação, qualificação e competências, para atender às exigências do sistema produtivo, e adequar os indivíduos às exigências do mundo do trabalho. A cada dia este profissional é exposto a difíceis situações em seu trabalho, e a internet tem sido, muitas vezes, o canal para mostrar o descontentamento com a profissão, a precariedade das condições ou o prestígio abalado. Seja através de blogs, páginas, vídeos ou até mesmo nas redes sociais, a educação e o professor, são representados na maioria das vezes de maneira negativa. O objetivo do presente trabalho é analisar como a imagem docente é retratada no ambiente virtual, especificamente, no *facebook*, identificando, principalmente, imagens que denotam aspectos de precarização da profissão. Para análise das imagens buscou-se respaldo no conceito do imaginário coletivo. A metodologia seguiu a abordagem qualitativa o tipo de pesquisa caracterizou-se como uma pesquisa netnográfica. A pesquisa teve ainda como tratamento da informação a análise do conteúdo. Para isso foi feito um levantamento e posteriormente uma seleção no *facebook* de *fanpages* que se dedicassem às publicações voltadas para a profissão do professor, são apresentados os dados da pesquisa na *fanpage* “Profissão Professor”, cujo acompanhamento foi realizado entre os anos de 2012-2017. Chamou-nos a atenção às imagens que denotavam aspectos de precarização, envolvendo o desrespeito, desvalorização, condições de trabalho insuficientes, remuneração e a saúde do professor. Embora o foco do trabalho, não seja a atratividade da profissão docente, é nítido que o processo de desvalorização e a falta de perspectivas de melhores condições salariais e

reconhecimento afetam a escolha dos mais jovens pela docência. Notou-se ainda que a grande parte das imagens sobre precarização faziam referência à questão salarial. As imagens traduzem essa desvalorização, exaltam ainda as precárias condições de trabalho que afetam a qualidade do ensino e motivação docente, que muitas vezes adoece encerrando precocemente suas atividades profissionais.

Palavras-chave: Trabalho docente. Precarização do trabalho docente. Imagens do professor nas redes sociais.

ABSTRACT

The capitalist structure of the last decades, marked by the globalization of the economy, political changes, and the neoliberal model, triggered a productive restructuring in all sectors of the economy, producing reflections in the world of work. In education, these changes have significantly affected the work of the teacher, both in the social scope and the subject, implying a revision of themes and concepts, such as training, qualification and competences, to meet the requirements of the productive system, and adapt individuals to the requirements The world of work. Every day this professional is exposed to difficult situations in their work, and the internet has often been the channel to show the dissatisfaction with the profession, the precariousness of the conditions or the shaken prestige. Whether through blogs, pages, videos or even social networks, education and the teacher, are represented in the most negative times. The objective of this work is to analyze how the teaching image is portrayed in the virtual environment, specifically in facebook, identifying, mainly, images that denote aspects of precariousness of the profession. In order to analyze the images, we sought support in the concept of the collective imaginary. The methodology followed the qualitative approach the type of research was characterized as a netnographic research. The research also had as information treatment content analysis. For this was done a survey and then a selection on facebook of fanpages dedicated to publications aimed at the profession of the teacher, are presented the data of the research in the fanpage "Profissão Professor", whose monitoring was carried out between the years 2012-2017 . We drew attention to images that denoted aspects of precariousness, involving disrespect, devaluation, insufficient working conditions, remuneration and the health of the teacher. Although the focus of the work is not the attractiveness of the teaching profession, it is clear that the process of devaluation and the lack of prospects for better pay and recognition conditions affect the choice of the younger teachers. It was also noted that most of the images about precariousness referred to the salary issue. The images reflect this devaluation, also extol the precarious working conditions that affect the quality of teaching and motivation of the teacher, who often falls ill at the end of their professional activities.

Keywords: Teaching work. Precarization of teaching work. Images of the teacher in social networks.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 - O que acontece com o trabalho	26
Quadro 2 – Principais mudanças da Lei Trabalhista	31
Figura 1- Então você professor?	37
Figura 2 - Evolução do Piso Salarial do Magistério	45
Figura 3 – Requisitos para ser professor.....	49
Figura 4 – O professor, visto.....	52
Figura 5 – Quando digo que sou professor/a	53
Figura 6 – Sou Professor!!!!	59
Quadro 3 – Distinção entre redes sociais e mídias sociais.....	84
Quadro 4 – Tipos de mídias sociais	85
Quadro 5 – Redes Sociais	87
Quadro 6 – Principais redes sociais utilizadas no Brasil	88
Figura 7 – <i>Facebook Reactions</i>	93
Figura 8 - Fanpage Profissão Professor.....	103
Quadro 7 – Exemplo do tratamento dado as Imagens captadas na fanpage “profissão professor” entre os anos de 2012 a 2017	104
Gráfico 1 – Postagens na página entre os anos de 2012 até 2017.....	105
Quadro 8 – Número de publicações realizadas na fanpage Profissão Professor entre os anos 2012-2017	106
Quadro 9 – Contagem de palavras e análise dos aspectos que denotam precarização	107
Figura 10 – Desvalorização e desrespeito pela profissão	109
Figura 11 - Promessas políticas – antes e depois das eleições.....	110
Figura 12 – Remuneração - Comparando as injustiças	111
Figura 13 - Cartão ou dinheiro? Sou professora. Passa no Amor!.....	112
Figura 14 – Deve ser difícil?	113
Figura 15 – Antes e Depois de um dia ou período letivo	114
Quadro 10 – Categorias de análise	115
Figura 16 – O governador não valoriza os professores.....	117
Figura 17 – Não basta ser professor	119
Figura 18 – Atratividade da profissão do professor.....	122

Figura 19 – Que notas são estas?	125
Figura 20 – Mas eu nem fui examinado	128
Figura 21 – Vida profissional, vida pessoal e familiar do professor.....	128
Figura 22 – Piso salarial... Eu nem cheguei a receber o anterior... Quanto era mesmo?.....	132
Figura 23 – O incrível é que ainda existam professores tantos professores bons.....	133
Figura 24 – Condições de trabalho – autonomia e violência.....	134
Figura 25 – Condições de trabalho – Responsabilização e cobranças	135
Figura 26 – Salas de aula lotadas	136

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 O VELHO E O NOVO NO MUNDO DO TRABALHO: SIGNIFICADO E PANORAMA HISTÓRICO	24
3 PROFISSÃO PROFESSOR: BREVE HISTÓRICO, DESAFIOS E PRECARIZAÇÃO	37
3.1 Ser professor: profissionalização, desafios e impasses.....	38
3.2 O trabalho do professor: ênfase na qualificação e nas competências ..	47
3.3 Representação da imagem social do professor.....	51
3.4 Precarização do trabalho do professor.....	60
4 REVOLUÇÕES TECNOLÓGICAS E A REDE MUNDIAL: MUDANÇAS NA SOCIEDADE.....	76
4.1 A interconexão através das redes sociais.....	82
4.2 História social do <i>Facebook</i>	90
5 ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....	95
5.1 Tipologia da pesquisa	96
5.2 Procedimentos de coleta de dados.....	101
6 APRESENTAÇÃO DA CATEGORIZAÇÃO DAS IMAGENS	108
6.1 Categorização das Imagens.....	116
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	138
REFERÊNCIAS.....	146
ANEXOS	164
ANEXO A – AULA CRONOMETRADA.....	165

ANEXO B – IMAGENS CAPTADAS NA <i>FANPAGE</i> “PROFISSÃO PROFESSOR” SOBRE A PROFISSÃO DO PROFESSOR ENTRE OS ANOS DE 2012 A 2017	167
ANEXO C – ANÁLISE DE CONTEÚDO DAS IMAGENS SOBRE A PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO DO PROFESSOR.....	216

1 INTRODUÇÃO

O trabalho representa um valor importante na vida das pessoas, ao mesmo tempo a falta dele, ou a forma como seu sentido vem sendo modificado acaba alterando a motivação e a satisfação de muitos trabalhadores.

Novas formas de organização surgem, os empregos não são mais permanentes e, constantemente, são exigidas novas e novas competências para acompanhar o mercado e o avanço das tecnologias.

Albornoz (2012) considera que o trabalho deveria ser visto como uma fonte de prazer e não como um fardo. Porém, a partir do modo de capitalista, seu sentido foi modificado tornando-se precário, e alimentando a insatisfação e descontentamento daqueles que dele necessitam para sobreviver.

Isso se explica pela mudança no modo de produção ao longo da história, saindo do primitivo e chegando ao modo de produção capitalista. O modo de produção pode ser entendido como a maneira que os homens se organizam para produzir. Estas formas de produção acabam determinando todos os outros traços, da sociedade sejam eles, políticos, ideológicos e culturais que vão marcar aquela época. O modo de produção capitalista é caracterizado pela concentração da propriedade privada nas mãos da burguesia, que na visão marxista é a classe dominante e pela classe dominada constituída pelos trabalhadores assalariados que vendem sua força de trabalho para sobreviver.

O modo de produção capitalista tem como objetivo central e permanente a maximização do lucro e a acumulação do capital nas mãos dos proprietários dos meios de produção, o qual se materializa por meio da exploração da força de trabalho dos não proprietários (GUEDES, 2006 apud GUEDES; MURANAKA; ARAGÃO, 2016).

Machado (2007) afirma que o mundo da educação e da escola, também sofreram as mesmas contradições e contingências do mundo do trabalho, não transcorrendo à margem desse processo intenso de mudanças.

A precarização do trabalho tem se intensificado e segundo Antunes (1995) a precariedade deixou de ser algo periférico ou residual, para se institucionalizar em todo o mundo.

Esse fenômeno é inerente ao modo de produção capitalista, sendo a exploração do trabalho o ponto fundamental para o entendimento da precarização.

Para a compreensão do fenômeno da precarização do trabalho é necessário entender que a partir da década de 80 houve uma grande mudança no mundo do trabalho, que de acordo com Antunes (2000) foi um período marcado pela reestruturação dos processos produtivos, do grande salto tecnológico, da automação, da robótica e da microeletrônica que invadiram o universo fabril, inserindo-se e desenvolvendo-se nas relações de trabalho e de produção do capital.

A reestruturação dos processos produtivos teve início na segunda metade do século XX, caracterizada pela crise do sistema taylorista/fordista de produção, que segundo Barbara (1999) tinha como objetivo atender um mercado consumidor em demanda crescente. Nesse sistema, o trabalhador era preparado ou especializado a executar uma única função, realizando apenas uma parte do todo, e a produção era em série e pouco variada.

Esse modelo predominou até início dos anos 80, sendo substituído pelo modelo *Toyota* ou modelo de produção japonês, que segundo a autora, produziu uma inversão das regras de produção. O sistema *Toyota* tinha como objetivo a racionalização do trabalho, exigindo trabalhadores polivalentes e capazes de executar várias atividades ao mesmo tempo. Algumas concepções foram alteradas pela nova forma de organização estrutural e organizacional, gerando consequências negativas para os trabalhadores, como por exemplo, a intensificação do volume de trabalho e a diminuição dos postos de trabalho.

Segundo Barbara (1999), no fordismo a produção direciona o consumo, no *toyotismo* o ponto de partida é o das encomendas, só se produzindo o que foi vendido. Este sistema provoca uma diminuição nos custos e principalmente de postos de trabalhos.

Essas mudanças provocaram mutações no mundo do trabalho que afetaram a totalidade da produção, incluindo, desde novas formas de organização e processo de trabalho, até novas formas de contratação da força de trabalho.

É desse movimento de reestruturação que emerge a flexibilização das relações de trabalho, motivada pelas necessidades da acumulação capitalista (FINAMOR NETO, 2014).

No Brasil, como explica Barbara (1999), estas transformações ocorreram a partir da década de 90, passando o modo de desenvolvimento do Brasil, de um estilo de industrialização protegida, para o de uma economia aberta e competitiva.

Com o processo de globalização, a economia brasileira sofreu alterações sobre os fluxos de comércio e de capitais, sobre a base tecnológica, gerencial e organizacional das empresas e, conseqüentemente, sobre as relações de trabalho.

Segundo Barbara (1999), o mundo do trabalho foi afetado pela exigência do aumento de produtividade e pela diminuição do tempo por unidade produzida, como consequência, houve a diminuição de muitos postos de trabalho e, muitos trabalhadores foram excluídos do mercado de trabalho formal, sendo levados a aceitar empregos de baixa qualidade, ou a buscar sua subsistência como autônomos ou assalariados sem carteira.

Estas mudanças afetaram a educação, e o professor diante da diversidade de funções que a escola assume, tem de responder às exigências que estão além de sua formação. Nesse contexto, é que se identifica um processo de desqualificação e desvalorização sofrido pelos professores, expostos a difíceis situações no seu dia a dia. Isso passa pelo desinteresse dos alunos pelos estudos, falta de respeito, aumento dos casos de indisciplina, violência e atos infracionais, e as questões que envolvem sua forma de trabalhar, desde os baixos salários, as más condições de trabalho e a sobrecarga que geram angústia, insatisfação, medo, desestimulando-os ao exercício da profissão (OLIVEIRA, 2004).

De acordo com Tonchis (2015) a escola pública tem esses problemas muito mais expostos, até por causa de suas características, plural, universalizada, composta por pessoas de diferentes origens, econômicas, sociais e culturais. A figura do professor, que antes, tinha a função de transmitir o conhecimento, hoje não é mais assim. Atualmente, ele tem que mediar conflitos, chamar atenção dos alunos, e tentar primeiro manter a ordem em sala de aula para que só assim tenha condições de fazer o que fazia antigamente, “ministrar aulas”.

A escolha pela profissão docente tem sido, a cada dia, menos procurada, Gatti et al. (2009) ressaltam que não houve somente uma queda no número de formandos, mas também a mudança de perfil do público que busca a docência.

Em parte, a precarização do trabalho do professor, a falta de recursos das escolas e o desprestígio da profissão na sociedade colaboram para o afastamento de futuros candidatos.

Marques, Muis e Paredes (2010) em uma pesquisa intitulada “O professor no cotidiano e na Revista Nova Escola: representações sociais do ofício docente” objetivaram investigar a apreensão e análise das representações sociais sobre o

professor no cotidiano. Para isso foram questionados 146 professores do Ensino Fundamental em nove escolas públicas de Cuiabá-MT, com a técnica de Associação livre de Palavras. A representação social do professor no cotidiano está representada em dois eixos: 1) Uma visão idealista da profissão que se reduziu a um discurso de vítima, e, 2) Uma visão pragmática onde os discursos reúnem na arena política com os interesses do grupo.

A qualidade da educação é, em grande medida, resultado da valorização social do professor, e isso decorre de suas condições de trabalho, condições que não tem sido atendida em função da vulnerabilidade das escolas aos mais diversos problemas.

Desta forma, nota-se que a representação que temos hoje do professor é reflexo da trajetória histórica da profissão, sendo este profissional, apontado como o responsável pelo progresso do país. Porém, para que ele possa contribuir para a construção de tal país, seu trabalho não pode ser realizado de forma precária como também não pode servir como justificativa da ideologia, que joga em suas costas a responsabilidade de ser o único profissional a alavancar esse desenvolvimento.

A *internet* tem sido, muitas vezes, o canal para mostrar o descontentamento com a profissão, a precariedade das condições, o prestígio abalado, etc. Sejam através de *blogs*¹, páginas, vídeos ou até mesmo nas redes sociais, a educação e o professor, são representados muitas vezes de maneira negativa.

Há tempos essa imagem tem sido postada, curtida, compartilhada e comentada nas *fanpages*² das redes sociais, isso por que as redes sociais fazem, cada vez mais, parte da vida das pessoas.

É neste espaço que as pessoas – sem se expor ou sem se identificar - emitem opiniões, expõem sentimentos, compartilham experiências, privacidade e alguns até chegam a influenciar outras pessoas com pensamentos, ações e atitudes.

A imagem do professor no ambiente virtual pode representar aspectos positivos, tais como: ao ato de educar, ao de ser responsável pelas mudanças na

¹ *Blog* é a denominação atual para aquilo que foi chamado de *weblog*, sendo que “*Log*” representa um registro e “*web*” diz respeito à teia que é a Internet. Em síntese, seria uma forma de fazer registro na Internet ou uma versão eletrônica do diário pessoal (MARINHO, 2007).

² As *fanpages* são semelhantes aos perfis individuais, mas diferenciam-se no que concerne à transmissão de informações, por terem uma natureza mais comercial, política e/ou identitária de um determinado grupo de pessoas.

sociedade, de transformador e provocador de mudanças na vida dos alunos, mas também, com sentimentos opostos, e esses muitas vezes são representados com o fracasso, tirania, desconfiança e desvalorização na profissão.

Diante do exposto, foram eleitos as seguintes questões para a presente pesquisa: Como a imagem docente é retratada no ambiente virtual, especificamente, no *facebook*? Quais são os aspectos predominantes nas imagens e o que estes denotam sobre a profissão do professor?

Neste contexto, surgiu o interesse em analisar como a imagem docente é retratada no ambiente virtual, especificamente, no *facebook*, identificando, principalmente, imagens que denotam aspectos de precarização da profissão.

A imagem segundo Matos (1991) apresenta uma etimologia esclarecedora entre o sensível e o inteligível, ela é a imaterialidade material. As imagens muitas vezes falam por si só, transmitem mensagens e despertam no inconsciente representações e impressões que temos de objetos, pessoas, situações e em especial da realidade.

A forma de analisar ou entender as imagens e os seus significados, é inerente de cada pessoa. Isso ocorre em função da subjetividade de cada um, também do contexto em que estas imagens estão inseridas, do conhecimento individual do receptor e das experiências que estas pessoas vivem ou vivenciaram. Portanto, a análise de imagens é algo subjetivo, é particular e singular e para entender o que elas produzem nas pessoas, buscamos respaldo no “imaginário coletivo” para dar sentido à análise das imagens.

O imaginário de acordo com Hoeller (2002) apresenta significados distintos para cada pessoa, e dependendo do contexto que se inserem, podem ser entendidos sob diferentes pontos de vista. Neste sentido, a autora enfatiza que o imaginário influencia as representações simbólicas, construídas pelo/no espaço social, que se fazem presentes e influenciam a forma de pensar e agir dos sujeitos.

Para Espig (2004, p. 50) “o imaginário, apesar de possuir continuidades ao longo do tempo, também se mostra mutável – e cada época conferirá transformações a uma base que é comum”. As fontes documentais, ou as obras produzidas por historiadores, segundo a autora, são reconhecidas como representações sobre o passado. Essas fontes e obras ao serem concebidas sofreram influência de uma época, contexto ou mesmo pela experiência daqueles

que as construíram, relatam uma “verdade” ou falam sobre um “real” que existe além de suas descrições, ao qual só teremos acesso através de suas narrativas.

Portanto, é importante salientar que quando nos apropriamos de uma mensagem (escrita, falada, por imagem, etc.) a forma como a representamos e a compreendemos é carregado de significados próprios e pela construção de sentidos e significações.

As imagens, objeto da pesquisa são as que estão presentes no espaço virtual, aquelas que trazem humor, reflexão e situações do cotidiano, denominadas *memes*³.

De acordo com Horta (2015) o *meme* é uma unidade de replicação, de objetos diferentes (*slogans*, ideias, melodias, jogos, piadas, comportamentos, etc) que se espalham de forma viral. A autora explica que em parte, são produzidos em baixa qualidade técnica, possuindo, em alguns casos, um aspecto grosseiro e intencionalmente descuidado, além de serem realizados de forma lúdica e com uma aparente pretensão de provocar um efeito risível.

As imagens⁴ escolhidas são aquelas que apresentam o trabalho do professor, e não são restritas a um estágio ou nível específico da educação (educação básica, que compreende - a educação infantil, o ensino fundamental e o ensino médio - ou o nível do ensino superior - graduação e pós-graduação), não optamos também por realizar uma distinção entre escola pública ou privada. Entende-se que as imagens não especificam estágios ou níveis, mas sim, podem retratar situações do cotidiano do ser docente. Embora cada nível tenha sua especificidade, seja pelo estágio, conteúdo, práticas, e recursos, estas podem trazer realidades que muitas vezes convergem para a desvalorização da profissão.

Desta forma, procurou-se apresentar um embasamento teórico e metodológico que dessem suporte a presente dissertação, organizando o trabalho nas seguintes seções:

³ A palavra “*meme*” serve para designar de algo que se espalha através da internet, semelhante ao viral, se espalha rapidamente (ALTERMANN, 2012).

⁴ Nem todas as imagens postadas no *facebook* explicita a que estágio educacional estão se referindo. É importante salientar que embora não aja esta diferenciação por estágios, as imagens, podem retratar aspectos positivos e negativos da profissão docente e servem para ilustrar, muitas vezes, a realidade do cotidiano nas instituições escolares.

Na segunda seção, é apresentado um panorama histórico do “trabalho”, explicando que seu sentido muitas vezes foi associado a sacrifício, mas também, como parte fundamental da atividade humana, e considerado como uma ação transformadora para os seres humanos.

Na terceira seção, refletimos sobre a educação, assim como outras áreas do conhecimento, evoluiu e sofreu mudanças motivadas pelo modo de produção capitalista. Dentre elas, a forma de exigências de novas competências e produtividade, e um impacto por novas modalidades de trabalho, dentre os quais baseados em vínculos precários e perdas das garantias trabalhistas. A educação nesta nova lógica é vista como mercadoria.

Ainda nessa seção foi abordada a profissionalização da carreira docente, que se desenvolveu de forma subsidiária e não especializada, passando por períodos de ascensão e prestígio social, para períodos de desvalorização e desprestígio. No Brasil, no período da colonização, a formação de alunos era tarefa dos jesuítas, posteriormente passou a ser realizada por pessoas moralmente capacitadas. Muitas mudanças ocorreram na forma de ingresso ao magistério, mas quando o estado assume a tarefa de ensinar, passa a vigorar a forma de concurso para seleção docente. A organização da carreira docente se efetivou a partir da obrigatoriedade escolar, instituída no século XX, sendo desencadeadas iniciativas de organização do magistério em associações, com um intuito de promover ações em favor da melhoria das condições de trabalho. Na ditadura militar, caracterizou-se pelo surgimento de sindicatos, perante a necessidade de enfrentamento dos governos em busca de reconhecimento e valorização. Ainda abordou-se a questão da variação salarial da profissão e a criação de um piso salarial.

Sobre a subseção que aborda a questão de exigências e competências do professor, foram apresentadas algumas concepções sobre como a reestruturação produtiva, afetou diretamente a educação, exigindo dos profissionais da educação novas qualificações e competências. Outra subseção tratou a representação da imagem social do professor através da visão de alguns trabalhos. E finalizamos essa seção apresentando os resultados de pesquisas, que discutem a precarização do trabalho docente, e como as transformações ocorridas no mundo do trabalho afetaram as condições de trabalho do professor. O interesse por escrever sobre o assunto precarização do trabalho surgiu a partir das observações da *fanpage* “Profissão Professor”, nela encontramos imagens de valorização à profissão e

outras que expunham as condições de precariedade nas relações de trabalho e consequentemente de precarização.

Na quarta seção, apresentamos o assunto que envolve o uso da tecnologia e as mudanças provocadas na sociedade, a partir de seus avanços tanto no sentido da criação de novas formas organizacionais do trabalho, como também na maneira como os indivíduos passaram a se relacionar. Neste ponto, foi contextualizado o conceito de rede, redes sociais, e de Ciberespaço, inclusive as possibilidades que este novo meio favoreceu, entre o mais importante, o método de interatividade, que elimina as barreiras do espaço e do tempo.

Dedicamos um olhar sobre as redes sociais, e sua forma de interconexão da informação através da interação de pessoas. A proliferação dos sites de redes sociais exerceu grande papel como influenciador de opiniões, oportunidades e aprendizado. No Brasil, o *facebook* que foi o objeto (por meio das imagens) e local dessa pesquisa, é um canal de comunicação muito utilizado, para diversas manifestações de cunho social, político, econômico, educacional, entre outros.

A quinta seção é composta pela metodologia da pesquisa, baseada em uma abordagem qualitativa e pesquisa netnográfica visando entender o universo de significados que as imagens podem exercer sobre a profissão do professor. A pesquisa teve, ainda, como tratamento da informação a análise do conteúdo, uma técnica de análise das comunicações proposta por Bardin (1988), procurando seguir as seguintes fases por ela propostas, pré-análise, inferência e interpretação.

Para isso foi feito um levantamento e posteriormente uma seleção no *facebook* de *fanpages* que se dedicassem às publicações voltadas para a profissão do professor. Após visitar cada uma das páginas mencionadas, escolhemos realizar a observação na *fanpage* “Profissão Professor”, cujo acompanhamento foi realizado nos meses de outubro, novembro e dezembro de 2016 e janeiro de 2017, nas publicações entre os anos de 2012 a 2017. As publicações da *fanpage* envolvem temas da atualidade, em sua maioria voltadas para o campo da educação, o número de publicações entre os anos de 2012 ao início de 2017, foram 1.361 publicações de diversos assuntos, incluindo a educação e 196 com relação ao trabalho do professor. Destas, a análise foi concentrada em 88 imagens que apresentavam aspectos da precariedade e precarização do trabalho docente.

A sexta seção é composta pela categorização das imagens na pesquisa, para isso foi utilizada a técnica de análise de conteúdo através da pré-análise, a

exploração do material e o tratamento dos resultados. As imagens foram analisadas separadamente, para isso retiramos palavras-chave para posteriormente proceder à categorização. Diante disso, as categorias apresentadas foram, desvalorização e desrespeito e pela profissão, a saúde do professor, a remuneração e as condições de trabalho.

A sétima seção apresenta as considerações finais sobre o trabalho, concluiu-se que na observação das imagens encontradas no *facebook*, que a profissão é representada de forma positiva e negativa, porém as imagens negativas expõem a desvalorização, exaltam as precárias condições de trabalho e afetam a forma do professor enxergar o fruto do seu próprio trabalho.

2 O VELHO E O NOVO NO MUNDO DO TRABALHO: SIGNIFICADO E PANORAMA HISTÓRICO

Diferente de outros seres vivos o homem conquistou liberdade de movimentos em face da natureza, e graças ao seu trabalho conseguiu colocar essas forças a seu serviço. Na língua portuguesa a palavra trabalho tem como significado a realização de uma obra, que dê reconhecimento social e a de esforço rotineiro e repetitivo, sem liberdade, de resultado consumível e incômodo inevitável (ALBORNOZ, 2012).

De acordo com Rossato (2001) o conceito de trabalho quase sempre esteve associado a uma visão negativa, isto por que, a palavra tem origem no termo latino *tripalium*⁵, um aparelho utilizado inicialmente na lavoura e depois como um objeto de tortura. Bonzatto (2011) explica que o objeto consistia num gancho de três pontas, cuja função é a evisceração ou a retirada e exposição das tripas, região de intensa dor e de lenta agonia. Foi criado e utilizado durante a Inquisição.

Os gregos entendiam que o trabalho se dividia em atividades intelectuais e físicas, sendo a primeira considerada mais relevante. Os romanos consideravam o trabalho como a oposição ao lazer. No início do Cristianismo a visão do trabalho era a de castigo, acreditava-se que o corpo era aperfeiçoado pelo trabalho, mas devia-se reservar um período para a oração e a contemplação. Na Renascença o homem passa ser visto como sujeito ativo e o trabalho perde a conotação negativa, acreditando-se que era pelo trabalho que o homem se tornava criador (ROSSATO, 2001).

De acordo com Petrin (2015) ao longo da história, o modo de produção foi se adaptando aos costumes e a forma de produzir da sociedade. O modo de produção refere-se então, à forma de organização socioeconômica diretamente relacionada a uma determinada etapa de desenvolvimento das forças produtivas e das relações de produção, partindo do modo de produção primitivo, para o modo de produção escravista, modo de produção asiático, modo de produção feudal e chegando ao modo de produção capitalista, explicados a seguir.

⁵ *Tripalium* - termo do latim - "tri" (três) e "palus" (pau) – derivação do verbo do latim vulgar *tripaliare* (ou *trepaliare*), que significava, inicialmente, torturar alguém no tripálio.

- Modo de produção primitivo: o trabalho é realizado em conjunto, sendo o fruto deste trabalho propriedade de todos que o executaram. Neste período, não existia ainda o conceito de propriedade privada dos meios de produção, propriedade e Estado.

- Modo de produção escravista: os meios de produção (terras, instrumentos e escravos) possuíam um dono. Os senhores eram proprietários da força de trabalho (os escravos), dos meios de produção (terras, gado, minas, instrumentos de produção) e do produto de trabalho. Os escravos trabalhavam para os senhores e com isso garantiam sua subsistência. Esse modo de produção foi marcado pelo domínio e sujeição.

- Modo de produção asiático: a parte produtiva da sociedade era mantida principalmente pelos camponeses, que eram forçados a entregar ao Estado o excedente de sua produção. O Estado tinha controle e direito sobre a maior parte de tudo que era produzido. A sociedade era estamental (sem mobilidade social), despótico (sem divisão de poder), burocrático e politeísta (vários deuses).

- Modo de produção feudal: Marcado pela relação entre senhores e servos. Os servos, apesar de não serem propriedade dos senhores feudais, trabalhavam em troca de casa e comida. Já nesta época começava a aparecer traços das relações capitalistas de produção, isso pelo controle dos senhores e da exploração do trabalho dos servos na agricultura e pelo impedimento do crescimento da produtividade dos artesãos na cidade.

- Modo de produção capitalista: é caracterizado pelas relações assalariadas de produção. Os meios de produção são propriedade privada da burguesia e o trabalho é assalariado. Esse modo é demarcado por duas classes sociais principais: a burguesia e o trabalhador, sendo dividido em quatro etapas. Pré-capitalismo: o modo de produção feudal ainda predomina, mas com relações capitalistas. Capitalismo comercial: a maior parte dos lucros está concentrada nas mãos dos comerciantes. Torna-se mais comum o trabalho assalariado. Capitalismo industrial: o capital passa a ser investido nas indústrias, o que torna essa atividade econômica a mais importante. Existe ainda a fixação do trabalho assalariado. Capitalismo financeiro: bancos e instituições financeiras controlam as demais atividades econômicas por meio de financiamentos (PETRIN, 2015).

Neste sentido, Dowbor (2006) considera que a forma como nos organizamos para trabalhar evoluiu consideravelmente. O quadro 1 demonstra essa evolução

através do tempo e o contexto da sociedade, demonstrando que a economia influencia consideravelmente a forma de trabalho:

Quadro 1 - O que acontece com o trabalho

Período	Forma
3000 a 2701 a. C.	Caça e colheita primitivas, trabalho com pedra e primeiros objetos de metal. Comunidades nômades.
2700 a 601 a. C.	Grandes culturas da Antiguidade: pirâmides e outras grandes obras. Uso intenso de trabalho escravo. Expansão da agricultura e do sedentarismo.
600 a 201 a. C.	Presença da Grécia: surgimento da ciência, da filosofia e da teoria científica, apoiadas no trabalho dos agricultores e escravos.
200 a. C. a 401 d. C.	Roma: infra-estrutura urbana com ruas, aquedutos, organização social verticalizada, trabalho escravo.
400 - 1400	Idade Média: produção agrícola e artesanal, ciência concentrada nas ordens religiosas, relações de trabalho centradas nos serviços de servidão.
1400-1600	Renascença: Leonardo da Vinci, surgimento da cultura urbana, expansão das artes, expansão das atividades comerciais e bancárias, formação da organização de artesões.
1600- 1750	Formação das bases científicas da era moderna, com física, química, medição de tempo e expansão das atividades de ensino. Início da manufatura, trabalho domiciliar, pagamento por tarefa.
1750-1840	Revolução Industrial na Inglaterra: produção têxtil, máquinas, energia a carvão e vapor, expansão da manufatura. Organização da sociedade em função do capital, com a propriedade privada dos meios de produção e a concentração dos trabalhadores em fábricas.
1840-1900	Indústria pesada, siderurgia, estradas de ferro, motor elétrico e de combustão, telefonia. Expansão científica, urbanização intensa, generalização da forma salarial de inserção nos processos produtivos. O colonialismo joga grande parte das populações do planeta no atraso econômico.
1900-1970	A ciência e a técnica se juntam na transformação dos processos produtivos. Consumo de massa, trabalho padronizado, em fatias, com taylorismo e fordismo. Aprofunda-se o fosso entre países ricos e pobres, surge o chamado Terceiro Mundo. Experiências de gestão social centralizada pelo Estado.
1970 – sec. XXI –	A ciência passa a determinar os processos produtivos. Expansão dos serviços, presença crescente das políticas sociais, intensificação geral do conhecimento nas atividades humanas. Generalização da escolaridade. Toyotismo, produção flexível, surgimento de novas relações sociais de trabalho, com terceirização, subcontratação e trabalho autônomo. Consolidação da “fratura social mundial” entre países ricos e pobres.

Fonte: DOWBOR, 2006, p. 111.

Frigotto, Ciavatta e Ramos (2005) consideram o trabalho como parte fundamental da ontologia do ser social, e é por meio dele que o ser humano se

humaniza, se cria, se expande em conhecimento, e se aperfeiçoa. O trabalho é a base estruturante de um novo tipo de ser, de uma nova concepção de história. Não localizado nas referências

O trabalho – que é a ação transformadora do homem sobre a natureza – modifica também a maneira de pensar, agir e sentir, de modo que nunca permanecemos os mesmos ao fim de uma atividade, qualquer que ela seja. É nesse sentido que dizemos que, pelo trabalho, o homem se autoproduz, ao mesmo tempo em que produz sua própria cultura. (ARANHA, 1996, p. 37).

Como visto, o trabalho apresentou diferentes representações e significados na vida das pessoas, seja para viver e sobreviver o homem preencheu sua vida com o trabalho. Deste modo, para entender o trabalho do professor é preciso apresentar algumas concepções sobre o trabalho em si, e posteriormente sobre o trabalho do professor.

Sobre isso, Tibúrcio (1979) considera que é bastante difícil o aprofundamento do conhecimento das relações entre educação e trabalho desconsiderando os seus antecedentes históricos. Isto é, o desenvolvimento da educação acompanhou, de certo modo, o desenvolvimento do capitalismo, conseqüentemente do trabalho. Foi a necessidade do modo de produção capitalista que impulsionou o crescimento, e a grande expansão da educação.

Portanto, faz-se necessário trazer algumas percepções de trabalho na forma de produção capitalista. Marx (2003) compreende o trabalho como um ato interativo entre o homem e a natureza. O homem utilizando suas capacidades apropria-se dos recursos da natureza, modificando-o com a finalidade de torná-lo útil a vida humana. O homem ao modificar seu metabolismo com a Natureza modifica ao mesmo tempo, sua própria natureza (MARX, 1979).

Antunes (2015) considera que a sociabilidade humana não pode prescindir do trabalho, também é demasiado triste saber que parcelas imensas, que se contam aos bilhões, vivem exclusivamente do labor, do trabalho manual pesado e da fadiga, não dispendo de um mínimo de tempo verdadeiramente livre e dotado de sentido, mesmo que seja para a pura e bela fruição.

O trabalho humano, para Marx (2004), é distinto da atividade produtiva dos demais seres vivos porque ele envolve consciência, isto é, o homem pensa, planeja

e imprime sentido ao que faz, o que se denomina de capacidade. Essa capacidade produtiva diferencia a atividade humana da mera atividade animal.

Desta forma, percebe-se que o trabalho na visão de Marx é uma atividade racional que tem como intuito a modificação da natureza e da natureza humana.

Frigotto, Ciavatta e Ramos (2005) consideram a atividade prática como ponto de partida para o conhecimento, a cultura e a conscientização.

De acordo com Albornoz (2012) o desenvolvimento da tecnologia, marcado pela invenção da máquina a vapor, do uso da eletricidade, e posteriormente a invenção do computador possibilitou grandes mudanças nas relações e formas de trabalho.

Para entender o significado ao longo do desenvolvimento do trabalho capitalista ou modo de produção capitalista, Tibúrcio (1979) considera duas tendências principais. Em primeiro lugar, a passagem dos trabalhadores de uma situação de auto emprego (o trabalho era desenvolvido nos campos, pequenos *ateliers* e estabelecimentos comerciais de tipo familiar, e os trabalhadores tinham controle sobre a natureza e o produto do seu trabalho) para uma situação de emprego salarial para empresas capitalistas (os trabalhadores são proletários e vendem seu trabalho para grandes empresas capitalistas, passando a não ter controle do próprio trabalho e do produto de seu trabalho).

A segunda tendência caracterizou-se pelo desenvolvimento de grandes empresas capitalistas burocráticas, baseadas na organização hierárquica do processo laboral, na simplificação e rotinização dos empregos, de modo a garantir acréscimos de produtividade e formas consolidadas de controle.

De acordo com o autor o processo de trabalho passou a caracterizar-se pela forma piramidal, com um grande número de trabalhadores na base, e um reduzido número de técnicos no topo. Os empregos que inicialmente exigiam certo número de capacidades passaram a constituir um somatório de pequenas operações, cada trabalhador dedicando-se exclusivamente à repetição diária, semanal e anual de uma dessas operações.

A partir dos fins do século XIX, segundo Tibúrcio (1979), a fragmentação do processo de trabalho prevaleceu com a aplicação do *Scientific Management* (Administração Científica) ou Taylorismo. As relações de produção altamente hierarquizadas passaram a dominar e a caracterizar a atual divisão do trabalho.

O trabalho de Taylor baseou-se em suas observações da rotina de operários para observar os movimentos na execução das atividades diárias e lhes ensinar como aumentar sua produtividade com o mesmo esforço. O foco deste período era a produtividade. Aos funcionários cabia apenas a execução das tarefas, sendo a responsabilidade de pensar nas ações, do chefe de produção. O operário aceitava esta condição, pois além da remuneração tinha estabilidade de permanecer no mesmo trabalho durante anos (GORZONI, 2010).

De acordo com Leda (2015) na medida em que o homem vai se transformando, sua relação com o trabalho modifica-se, extrapolando a mera transformação da natureza para o que se entende contemporaneamente como acumulação flexível, trazendo repercussões de diversas ordens aos trabalhadores.

Posteriormente o trabalhador teve que se adequar ao modelo toyotista, que tinha como princípio a “fábrica magra”, com o enxugamento de tudo considerado excessivo ou supérfluo, tanto no que se referia aos estoques, quanto à quantidade de trabalhadores. Este modelo apresentava elementos tanto de continuidade ao padrão anterior, quanto de descontinuidade, conseguindo manter a característica fundamental do capitalismo de acumulação, com a peculiaridade de articular a racionalização do trabalho, intrínseca ao taylorismo-fordismo, com as novas demandas da acumulação capitalista de forma bastante engenhosa e, muitas vezes, de modo muito sutil.

“A ‘fábrica magra’ deve funcionar com o menor efetivo de funcionários possível, sem perder a produtividade, a eficiência e a eficácia, sujeito às flutuações e às imposições do mercado neoliberal.” (LEDA, 2015, p. 117).

Com o desenvolvimento do modo de produção flexível, floresce uma nova classe de trabalhadores, a classe-que-vive-do-trabalho, composta, em sua maioria, por vínculos precários, informais, temporários, subcontratados, *part-time*, com poucas garantias trabalhistas, submetendo-se a lógica do capital neoliberal. A força de trabalho comparece de modo mais complexo, oscilando entre a perenidade (cada vez menos pessoas trabalham mais) e a superfluidade do trabalho (em que cada vez mais pessoas trabalham menos ou estão desempregadas), sendo explorada pelo capital de maneira mais intensa e sofisticada (ANTUNES, 2005; 2009).

A reestruturação produtiva produziu reflexos bastante consideráveis em vários setores da economia brasileira, inclusive na educação básica e superior,

novas exigências e a visão da educação como um produto. Nesse cenário nota-se a reestruturação nas políticas educacionais, conforme as transformações do mercado trazem repercussões graves para a educação, tais como deterioração das condições de trabalho dos professores; subordinação do trabalho docente à mercantilização do conhecimento; desprestígio das atividades de extensão; introdução de um modelo avaliativo que prioriza a quantidade, gerando incentivos à competitividade (MANCEBO, 2007).

Na década de 80, as empresas começaram a despertar para a importância da qualidade, e a produtividade passou a ser vista não mais como a quantidade de produtos e sim a união de quantidade com qualidade, para atender às necessidades do cliente. A mudança de paradigma provocou um novo olhar do homem dentro da empresa, em que para fazer algo com qualidade era preciso comprometimento das pessoas (GORZONI, 2010).

Ainda sobre a década de 80, Antunes (2015) destaca que houve um alto salto tecnológico, a automação, a robótica e a microeletrônica invadiram o universo fabril, provocando transformações no mundo do trabalho, em especial nas suas formas de inserção na estrutura produtiva, nas formas de representação sindical e política.

De acordo com Gorzoni (2010) neste período o trabalho exigiu cada vez mais as funções cognitivas superiores de seus operários, o trabalho mecânico foi sendo substituído pela máquina. O mercado privilegia o profissional que usa a sua inteligência para resolver problemas, buscar soluções e desenvolver-se, mesmo que a empresa não lhe forneça as condições.

De acordo com Antunes (2015) no Brasil, inicialmente o trabalho era um exercício comunal e autônomo realizado pelos indígenas. Com a chegada dos colonizadores o trabalho compulsório dos aborígenes foi substituído ao trabalho escravo dos africanos. Só mais tarde, com a abolição da escravidão, o imigrante branco europeu foi o escolhido para o assalariamento urbano-industrial como alternativa principal em relação aos trabalhadores negros que povoavam a nossa produção rural.

Foi somente a partir de 1930 que a modernização capitalista do país obrigou a se pensar em uma legislação social protetora do trabalho. Assim nasceu a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), no governo de Getúlio Dornelles Vargas, tornando-se, uma espécie de constituição do trabalho no Brasil (ANTUNES, 2015).

Atualmente, de acordo com Gorzoni (2015) as relações trabalhistas são marcadas por laços "flexíveis" de trabalho, e foram adotados como justificativa para a contenção dos custos dos impostos e encargos da legislação trabalhista agrupada na Consolidação das Leis do Trabalho (CLT). É comum que algumas empresas, optem por estabelecer contratos flexíveis, deixando que os padrões de remuneração estejam ligados efetivamente ao resultado apresentado pelo colaborador, também chamado de "parceiro" (GORZONI, 2010).

Para Gorzoni (2015) vivemos hoje uma nova dinâmica social moldada não só pela era digital, na qual outras interações se criam e transformam a forma de vermos o mundo, mas pela rapidez e instabilidade derivada dela. Entretanto, essas mesmas armas que em certo aspecto facilitam, em outros tantos dificultam, exigindo ainda mais dos profissionais, que agora não se sustentam ao dominar apenas o conhecimento de sua função.

O governo do então Presidente Michel Temer, tomou posse depois do processo de *impeachment* da presidente Dilma Rousseff, dentre as várias medidas por ele tomadas, duas pautas muito polêmicas têm sido discutidas, a aprovação das reformas da previdência e do trabalho. O projeto de lei 6.787/2016 trata a reforma trabalhista, foi aprovado pela Câmara dos Deputados, e no dia 11 de julho foi aprovado pelo Senado e no dia 13 sancionado pelo presidente Michel Temer. As propostas do governo vinham sendo aprovadas com relativa facilidade no Congresso, porém com o surgimento de acusações sobre envolvimento do presidente em esquemas de corrupção, as discussões sobre essa reforma foi adiada várias vezes. As principais mudanças na reforma são apresentadas no quadro 2.

Quadro 2 – Principais mudanças da Lei Trabalhista

Itens da lei	Como era	Como ficará
Jornada intermitente	A jornada é limitada a 8 horas diárias, 44 horas semanais e 220 horas mensais, podendo haver até 2 horas extras por dia.	Pelo novo texto é permitida a prestação de serviços de forma descontínua, podendo o funcionário trabalhar em dias e horários alternados.
Remuneração	A remuneração por produtividade não pode ser inferior à diária correspondente ao piso da categoria ou salário mínimo.	Com a reforma trabalhista, o empregador paga somente pelas horas efetivamente trabalhadas.
Descanso	O trabalhador que atua no regime de trabalho de 8 horas diárias tem direito há uma hora e ao no	O intervalo dentro da jornada de trabalho poderá ser negociado, desde que tenha pelo menos 30 minutos.

	máximo duas horas de intervalo para repouso ou alimentação.	
Férias	As férias de 30 dias podem ser fracionadas em até dois períodos, sendo que um deles não pode ser inferior a 10 dias. Há possibilidade de 1/3 do período ser pago em forma de abono.	As férias podem ser fracionadas em até três períodos, sendo que um deles não pode ser inferior a 14 dias corridos e os períodos restantes não sejam inferiores há cinco dias corridos cada um. A reforma também proíbe que o início das férias ocorra no período de dois dias que antecede feriado ou dia de repouso semanal remunerado.
Trabalho temporário	A Lei da Terceirização (13.429/17), sancionada em março, já havia mudado as regras do tempo máximo de contratação, de três meses para 180 dias, consecutivos ou não. Além desse prazo inicial, pode haver uma prorrogação por mais 90 dias, consecutivos ou não, quando permanecerem as mesmas condições.	O texto retira as alterações de regras relativas ao trabalho temporário.
Terceirização	A medida estabelece uma quarentena de 18 meses entre a demissão de um trabalhador e sua recontração, pela mesma empresa, como terceirizado. O texto prevê ainda que o terceirizado deverá ter as mesmas condições de trabalho dos efetivos, como atendimento em ambulatório, alimentação, segurança, transporte, capacitação e qualidade de equipamentos.	Para evitar futuros questionamentos, o substitutivo define que a terceirização alcança todas as atividades da empresa, inclusive a atividade-fim (aquela para a qual a empresa foi criada). A Lei de Terceirização não deixava clara essa possibilidade. A legislação prevê que a contratação terceirizada ocorra sem restrições, inclusive na administração pública.
Contribuição sindical	O tributo é recolhido anualmente e corresponde a um dia de trabalho, para os empregados, e a um percentual do capital social da empresa, no caso dos empregadores.	A contribuição passa a ser opcional.
Demissão	A Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) prevê demissão nas seguintes situações: solicitada pelo funcionário, por justa causa ou sem justa causa. Apenas no último caso, o trabalhador tem acesso ao FGTS, recebimento de multa de 40% sobre o saldo do fundo e direito ao seguro-desemprego, caso tenha tempo de trabalho suficiente para receber o benefício.	O contrato de trabalho poderá ser extinto de comum acordo, com pagamento de metade do aviso prévio e metade da multa de 40% sobre o saldo do FGTS. O empregado poderá ainda movimentar até 80% do valor depositado pela empresa na conta do FGTS, porém não terá direito ao seguro-desemprego.
		Convenções e acordos coletivos poderão prevalecer sobre a legislação.

Acordo coletivo		Dessa forma, sindicatos e empresas poderão negociar condições de trabalho diferentes das previstas em lei.
Ações trabalhistas	O trabalhador que entra com ação contra empresa não arca com nenhum custo e pode faltar até três audiências judiciais.	Com a mudança nas leis trabalhistas, o benefício da justiça gratuita passará a ser concedido apenas aos que comprovarem insuficiência de recursos. Os demais, serão obrigados a comparecer às audiências na Justiça do Trabalho e arcar com as custas do processo, caso perca a ação. Haverá ainda punições para quem agir com má-fé, com multa de 1% a 10% da causa, além de indenização para a parte contrária.
Rescisão contratual	É exigido que a homologação do contrato seja feita em sindicatos.	Com a mudança, ela passa a ser feita na própria empresa, na presença de advogados do patrão e do trabalhador – que pode ter assistência do sindicato.
Gravidez	Mulheres grávidas ou lactantes estão proibidas de trabalhar em lugares com condições insalubres. Não há limite de tempo para avisar a empresa sobre a gravidez.	Pela proposta do governo, é permitido o trabalho em ambientes considerados insalubres, desde que a empresa apresente um atestado médico que garanta que não há risco ao bebê, nem à mãe. Mulheres demitidas têm até 30 dias para informar a empresa sobre a gravidez.
Férias		Férias parceladas em até três vezes, com pagamento proporcional aos respectivos períodos, sendo que uma das frações deve corresponder a, ao menos, duas semanas de trabalho.
Intervalo entre jornadas	O tempo de almoço, por exemplo, é de (1) uma hora.	Pela proposta do governo, esse tempo poderá ser diferente. O intervalo entre jornadas tem que ter um limite mínimo de 30 minutos.
Fim de acordo coletivo	A Justiça decidiu que quando um acordo coletivo estava vencido, o último acaba valendo. O Supremo Tribunal Federal, porém, reviu essa decisão.	A proposta do governo prevê que as partes podem concordar com a extensão de um acordo coletivo após sua expiração.
Banco de horas		As negociações em relação a banco de horas ficarão nas mãos das partes, de acordo com o projeto de lei. No entanto, fica garantido o acréscimo de 50% no valor pago pela hora extra. Remuneração por produtividade A remuneração por produtividade será decidida também em acordo coletivo.

Registro de ponto	A forma de registro e acompanhamento de ponto pode ser definida em acordo coletivo. Isso flexibiliza, por exemplo, a exigência de ponto eletrônico.	
--------------------------	---	--

Fonte: LETIERI, 2017.

A exposição do quadro 2 evidencia um drástico enfraquecimento de conquistas trabalhistas. A partir da lei, muito tem sido discutido sobre as mudanças, porém apesar do governo utilizar o discurso de modernização trabalhista, e garantir que as mudanças impulsionarão a geração de empregos, percebe-se outra realidade, a reforma exalta a fragilidade do trabalhador e a precarização das relações de trabalho.

Dentre as mudanças mais impactantes, podemos citar a questão dos acordos entre sindicatos e empresas, que na nova proposta as convenções e acordos coletivos poderão prevalecer sobre a legislação. Dessa forma, sindicatos e empresas poderão negociar condições de trabalho diferentes das previstas em lei. Existe ainda o enfraquecimento dos sindicatos, muitos poderão deixar de existir.

Nessa lógica “o trabalhador” e não só “o seu trabalho”, são vistos como uma “mercadoria”, sujeitando a trabalhar em situações precárias, sendo mal remunerado e sem perspectivas de crescimento e estabilidade.

Desmontar a CLT e abolir a parte social da Constituição de 1988 faz parte do conjunto de Reformas neoliberais do governo Temer, visando satisfazer os interesses do bloco neoliberal no poder (burguesia rentista-parasitária hegemônica, com aliança com a burguesia agroexportadora e a burguesia interna que se beneficia das benesses do Estado capturado pelos interesses rentistas). (ALVES, 2017).

De acordo com Alves (2017) o motor do crescimento da economia capitalista contido nas Reformas neoliberais de Temer é a *espoliação de direitos* como condição para o aumento da taxa de mais-valia visando restaurar a lucratividade no país. As reformas neoliberais do governo desenharam um Brasil mais desigual e fragmentário em sua representação social e política. Para o autor, estamos sob uma densa neblina, e dependentes de um Executivo impotente, estrangulado pelo Judiciário e Legislativo corrompido pela vaidade oligárquica, e pela corrupção de valores democráticos.

Não são apenas as formas de trabalho que se tornaram flexíveis, mas as de poder. Em uma sociedade em que nada é contínuo, é preciso reinventar a estrutura das instituições. No entanto, embora na superfície pareça que a equipe possui autonomia, ainda é o capitalista que dá as cartas. A única novidade nesse processo é a maneira e o lugar onde, em muitas áreas e profissões, ocorre tal expediente. Troca-se a empresa pela casa e o controle face a face, pelo meio eletrônico. Essa estrutura de trabalho não só enfatiza a já comentada ausência de vínculos estáveis entre empregado e empresa, como gera uma desordem social e na identidade do trabalhador. Dentro desse sistema passa-se também a valorizar o jovem (embora, paradoxalmente, exige-se dele experiência), pois eles seriam mais flexíveis e adaptáveis a várias circunstâncias (GORZONI, 2010).

A partir dos anos de 2007 e 2008, devido à crise global, houve uma intensificação e corrosão maior do trabalho contratado e regulamentado. De acordo com Antunes e Druck (2013) o capitalismo apresenta um movimento tendencial em que terceirização, informalidade, precarização, materialidade e imaterialidade são mecanismos vitais, tanto para a preservação quanto para a ampliação da sua lógica.

“Como o tempo e o espaço estão em frequente mutação, nessa fase de mundialização do capital, estamos presenciando uma explosão de novas modalidades de trabalho, tanto na indústria quanto na agricultura e nos serviços.” (ANTUNES; DRUCK, 2013, p. 214).

Existe neste tempo a substituição do trabalho contratado e regulamentado, segundo Antunes (2013) pelas modalidades atípicas de trabalho, como o “empreendedorismo”, “cooperativismo”, “trabalho voluntário”, etc., cada vez mais parecem se configurar como formas ocultas de trabalho que permitem aumentar ainda mais as distintas formas de flexibilização salarial, de horário, de função ou organização. O autor considera que estamos vivendo uma nova fase de desconstrução do trabalho, ampliando os diversos modos de ser da informalidade e da precarização do trabalho. A vigência da informalidade expressa formas de trabalho desprovidas de direitos, o que pode levar a precarização do trabalho.

O autor aponta que em pleno século XXI, com a globalização, trabalhadores, não só brasileiros, mas também imigrantes bolivianos ou peruanos, controlados por patrões coreanos ou chineses, enfrentam jornadas de trabalho, em São Paulo, que chegam a dezessete horas diárias, na indústria de confecção. No agronegócio do

açúcar, as condições não são diferentes, em especial no Nordeste os trabalhadores chegam a cortar até dezoito toneladas de cana por dia.

Diante do que foi apresentado, percebe-se que as relações de trabalho mudaram a partir das mudanças da economia e da forma de produzir, percebendo-se que o trabalhador deixa de ter controle sobre o fruto de seu próprio trabalho.

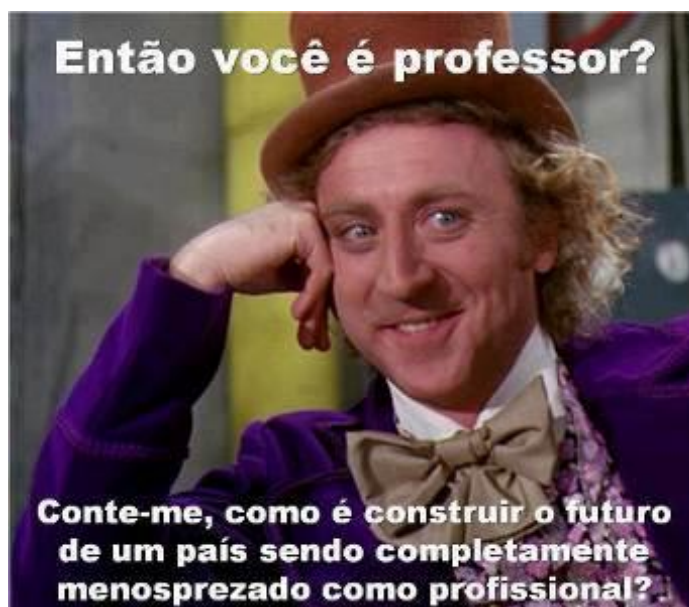
O trabalho deixa de ser um meio de subsistência para se transformar em uma forma de exploração e consolidação da riqueza. A partir do estabelecimento do conceito de propriedade privada as relações se modificam, uma minoria detentora da riqueza se apodera dos meios de produção conduzindo e ditando regras para aqueles que necessitam do trabalho para sobreviver.

Certamente, com a reestruturação produtiva houve uma diminuição de postos de trabalho tornando as relações de trabalho mais flexíveis acentuando formas de precarização. Na educação, nas duas últimas décadas, novas demandas têm sido apresentadas com relação aos seus objetivos, refletindo em mudanças nas formas de gestão e organização do trabalho na escola, gerando desgastes e insatisfação por parte desses trabalhadores. A próxima subseção procura refletir sobre o trabalho do professor, para isso faz-se necessário o entendimento de alguns pressupostos da história dessa profissão, seus desafios e impasses encontrados no caminho.

3 PROFISSÃO PROFESSOR: BREVE HISTÓRICO, DESAFIOS E PRECARIZAÇÃO

Esta seção contempla assuntos acerca da profissão do professor, na primeira subseção realiza um percurso histórico sobre a profissionalização e formação da profissão docente, e apesar de alguns avanços muito ainda precisa ser feito para garantir a valorização do trabalho do professor. Posteriormente a próxima subseção versa sobre o trabalho do professor e a ênfase na qualificação e nas competências, explicando as modificações e exigências aos trabalhadores no modo de ser e fazer no trabalho.

Figura 1 - Então você professor?



Fonte: PROFISSÃO PROFESSOR, 2017. (Dados da pesquisa).

Dando sequência, a representação da imagem social do professor, através da percepção de autores de pesquisas acadêmicas e dos meios de comunicação, que refletem o imaginário coletivo dessa representação na sociedade. A seção é finalizada com a subseção que trata o assunto precarização do trabalho do professor, assunto que gerou muito interesse após a observação das imagens.

3.1 Ser professor: profissionalização, desafios e impasses

A profissionalização da carreira do professor tem sido objeto de muitas pesquisas, dentre os autores que discutem essa questão está Nóvoa (1991) que afirma que a partir da segunda metade do século XVIII, na Europa, procurava-se esboçar o perfil do professor ideal e várias interrogações surgiram.

A responsabilidade pela educação no país era da Igreja, sendo substituída posteriormente pelo Estado, no chamado processo de Estatização, e os professores eram recrutados pelas autoridades estatais. A função docente se desenvolveu de forma subsidiária e não especializada, constituindo uma ocupação secundária de religiosos e leigos das mais diversas origens (NÓVOA, 1991, p. 15).

Ao longo dos séculos XVII e XVIII os jesuítas e os oratorianos⁶, segundo o autor, foram progressivamente configurando um corpo de saberes e técnicas e um conjunto de normas e valores específicos da profissão docente, com isso, o professor tinha um papel cada vez mais ativo no terreno educacional. No século XVIII não era permitido ensinar sem uma licença ou autorização do Estado, que deviam preencher uma série de condições para exercer o ofício. Este é um momento decisivo no processo de profissionalização da atividade docente.

Nóvoa (1991) ressalta, porém, que estes profissionais, tinham um aval para atuar, mas suas ações estavam impregnadas de uma forte intencionalidade política. Os professores passaram a ocupar um lugar nos percursos de ascensão social, personificando as esperanças de mobilidade de diversas camadas da população. O século XIX foi marcado por uma expansão escolar, considerava-se que a instrução era sinônimo de superioridade social.

Ainda neste século, houve a criação de instituições de formação, “As escolas normais”, que representaram uma conquista importante do professorado, ocuparam um lugar central na produção e reprodução do corpo de saberes e do sistema de normas da profissão docente, desempenhando um papel crucial na elaboração dos conhecimentos pedagógicos e de uma ideologia comum. A segunda metade do

⁶ Os **jesuítas** desempenharam hegemonicamente um papel de guardiões da visão Escolástica. O ensino que os jesuítas ministravam era rigoroso, constituindo-se, em uma tática de luta contra a heresia e contra o espírito da Reforma. O ensino jesuíta não foi, assim, um treino para o pensamento, mas sim um alicerce para a crença. Os **oratorianos** pertenciam a Congregação do Oratório tiveram um papel bem mais aberto às visões da moderna filosofia natural, como únicos responsáveis pelas novas luzes lançadas sobre as trevas medievais cultivadas pelos jesuítas (MEDEIROS; MEDEIROS, 2002).

século XIX foi um momento importante para compreender a ambiguidade do estatuto dos professores.

Fixa-se neste período uma imagem intermédia dos professores, que são vistos como indivíduos entre várias situações: não são burgueses, mas também não são povo; não devem ser intelectuais, mas têm de possuir um bom acervo de conhecimentos; não são notáveis locais, mas têm uma influência importante nas comunidades; devem manter relações com todos os grupos sociais, mas sem privilegiar nenhum deles; não podem ter uma vida miserável, mas devem evitar toda a ostentação; não exercem o seu trabalho com independência, mas é útil que usufruam de alguma autonomia; etc. Estas perplexidades acentuam-se com a feminilização do professorado, fenómeno que se toma bem visível na viragem do século e que introduz um novo dilema entre as imagens masculinas e femininas da profissão. (NÓVOA, 1991, p. 18).

No século XX os professores são investidos de um importante poder simbólico, a escola e a instrução materializam o progresso, e os professores são os seus agentes. Essa época é considerada como época de glória do modelo escolar é também o período de ouro da profissão docente (NÓVOA, 1991).

O processo histórico de profissionalização do professorado é marcado por quatro etapas, duas dimensões e um eixo estruturante:

Quatro etapas 1. Exercem a actividade docente a tempo inteiro (ou, pelo menos, como ocupação principal), não a encarando como uma actividade passageira, mas sim como um trabalho ao qual consagram uma parte importante da sua vida profissional. 2. São detentores de uma licença oficial, que confia a sua condição de 'profissionais do ensino' e que funciona como instrumento de controle, e de defesa do corpo docente. 3. Seguiram uma formação profissional, especializada e relativamente longa, no seio de instituições expressamente destinadas a este fim. 4. Participam em associações profissionais, que desempenham um papel fulcral no desenvolvimento de um espírito de corpo e na defesa do estatuto socioprofissional dos professores.

Duas dimensões 1. Possuem um conjunto de conhecimentos e de técnicas necessários ao exercício qualificado da actividade docente; os seus saberes não são meramente instrumentais, devendo integrar perspectivas teóricas e tender para um contacto cada vez mais estreito com as disciplinas científicas. 2. Aderem a valores éticos e a normas deontológicas, que regem não apenas o quotidiano educativo, mas também as relações no interior e no exterior do corpo docente; a identidade profissional não pode ser dissociada da adesão dos professores ao projecto histórico da escolarização, o que funda uma profissão que não se define nos limites internos da sua actividade.

Um eixo estruturante. Gozam de grande prestígio social e usufruem de uma situação económica digna, condições que são consideradas essenciais para o cumprimento da importante missão que está confiada aos professores. Apesar de manterem uma dinâmica reivindicativa forte, é possível verificar que, nos anos vinte, os professores se sentem pela

primeira vez confortáveis no seu estatuto socioeconómico. (NOVOA, 1991, p. 20).

Percebe-se que a profissionalização trouxe além de uma visibilidade a profissão, um prestígio ao profissional docente.

Porém, Nóvoa (1991) ressalta que a afirmação profissional dos professores é um percurso repleto de lutas e de conflitos, e que o campo educativo está ocupado por inúmeros atores (Estado, Igreja, famílias, etc.) que sentem a consolidação do corpo docente como uma ameaça aos seus interesses e projetos. A história da profissão docente continua, desenvolvendo-se quantas vezes segundo processos contraditórios, a desprofissionalização (ou proletarização) a que os professores têm estado sujeitos nas últimas décadas.

No cenário brasileiro, muitas lutas, muitos conflitos e várias disputas em torno da definição e redefinição do papel do professor e da estruturação do seu campo de atuação ocorreram. Segundo Ribeiro (1992), a organização escolar esteve estritamente ligada à política colonizadora dos portugueses, tendo o “lucro” como objetivo principal, para atender aos anseios das camadas dominantes metropolitanas.

Coube aos jesuítas à tarefa de fundar colégio para formar gratuitamente sacerdotes para a catequese, aliás, eram eles, os únicos educadores de profissão e contavam com o apoio real na colônia. O primeiro plano educacional foi elaborado pelo padre Manoel Nóbrega, e tinha como objetivo atender à diversidade de interesses e capacidades, além de catequizar os indígenas e instruir os filhos dos colonos e descendentes dos colonizadores. A catequização atendia a interesses religiosos e econômicos, interessava à Companhia como fonte de novos adeptos do catolicismo, bastante abalado com o movimento da Reforma. E também, interessava tanto a ela como ao colonizador, à medida que tornava o índio mais dócil, e, portanto, mais fácil de ser aproveitado como mão de obra (RIBEIRO, 1992).

As exigências para ocupar um cargo como professor eram bem diferentes se comparadas as que temos hoje, o ingresso na carreira docente, dependia muitas vezes da recomendação de uma pessoa de prestígio, sendo moedas de troca pelos governos e políticos.

De acordo com Vicentini e Lugli (2009) os processos pelos quais foi institucionalizada a formação docente tiveram início a partir de meados do século

XIX, isso se dava através de concursos de nomeação em que se levava em conta somente o atestado de moralidade e o conhecimento exclusivo do que seria ensinado, não havendo a existência de uma formação específica para a docência.

Com o passar dos anos, o sistema escolar e a sociedade brasileira sofreram transformações, uma dessas transformações foi à forma de ingresso na carreira docente. Em 1760, quando o estado assume a tarefa de ensinar, passa a vigorar a forma de concurso para seleção docente, sendo o candidato submetido a uma prova (gramática e matemática), e se aprovado, o professor recebia um documento autorizando a ensinar. Esse cargo era vitalício, a não ser que o professor decidisse mudar de localidade, sendo necessário que fosse nomeado, o que não ocorria muitas vezes devido ao excesso de burocracia (VICENTINI; LUGLI, 2009).

Vicentini e Lugli (2009) retratam que havia ainda, bancas de seleção, compostas por representantes do poder central, e ninguém podia lecionar para o ensino público ou privado sem a obtenção dessas aprovações. Porém, já neste período a educação era comprometida, pois muitos candidatos selecionados conheciam superficialmente o conteúdo que deveriam ensinar. Os candidatos tratavam de aprender com os professores régios, os quais lhes forneciam o certificado de aprendizagem, o mínimo para concorrer perante a banca, e como a banca era composta por esses mesmos professores que ensinavam, a aprovação era praticamente certa.

O sistema de mestres adjuntos, as Escolas Normais, a habilitação específica para o magistério (HEM) e os cursos de pedagogia foram delineados como as formas institucionalizadas para a preparação de professores primários. Em relação aos professores do nível secundário foram implementadas licenciaturas das disciplinas escolares, nas universidades. O sistema de professor adjunto era estabelecido através do qual o professor aprendia seu ofício acompanhando um professor mais experiente e durou praticamente todo o período imperial (VICENTINI; LUGLI, 2009).

A história do professorado primário e secundário do ensino público brasileiro, é identificada como “[...] um grupo tão diverso em seu interior e submetido a condições tão distintas por todo o país [...]”. (VICENTINI; LUGLI, 2009, p. 24).

As Escolas Normais surgiram logo após a promulgação do Ato Institucional de 1834, com a responsabilidade pela preparação adequada dos professores e

pela correta aplicação dos métodos de ensino, sendo proibida a admissão de mulheres.

No período republicano houve uma ação efetiva de estabelecimento de um sistema educacional do estado e um espaço construído essencialmente para a escola, porém segundo as autoras o prestígio dessa profissão ainda era pequeno, associado aos baixos salários.

Através da promulgação da Lei n. 5692/71 o antigo ensino foi reunido em ensino de primeiro grau de oito anos. E o ensino secundarista seria reorganizado de forma que fosse profissionalizante. A Escola Normal passou a se chamar Habilitação para o Magistério, tornando-se um curso de nível médio, frequentado em maioria exclusiva por mulheres. Os cursos de pedagogia eram bacharelados que formavam “técnicos em educação”, porém com o crescimento da massa escolar, do número de faculdades particulares e das universidades públicas, mudanças significativas transcorreram e a área educacional passa a ser reconhecida como uma área de conhecimento específico, o que contribuiu para a consolidação da profissionalização docente (VICENTINI; LUGLI, 2009).

A organização da carreira docente se efetivou a partir da obrigatoriedade escolar, instituída no século XX. Sobre a questão da remuneração, de acordo com as autoras, no início da década de 60, houve as primeiras manifestações de insatisfações salariais pelos professores primários. Neste período, a grande maioria desses profissionais da educação era constituída por mulheres (VICENTINI; LUGLI, 2009).

No início do século XX, foram desencadeadas iniciativas de organização do magistério em associações, com um intuito de promover ações em favor da melhoria das condições de trabalho, e estruturação dos sistemas educacionais nos estados brasileiros. Vários foram os movimentos da categoria, mas as dificuldades, encontradas nesse universo, repleto de divergências e disputas, causaram certo atraso nos processos de articulação e legitimação da profissão docente no Brasil (VICENTINI; LUGLI, 2009).

Segundo as autoras no período da ditadura militar, os professores se apresentavam como trabalhadores da educação, difundindo uma nova imagem da docência. Esse período caracterizou-se pelo surgimento de sindicatos, perante a necessidade de enfrentamento dos governos em busca de reconhecimento e valorização.

De acordo com as autoras, durante o período colonial e imperial, a variação salarial entre os docentes era muito grande. Essa variação acontecia por algumas diferenças consideradas fundamentais, pagava-se mais aos mestres das disciplinas nobres, pela localidade onde fosse sediada a aula e pelo número de alunos (quanto maiores às turmas, maior o valor da remuneração). Os professores portugueses que também viessem para cá receberiam um valor maior, isso por que se considerava que estes estavam mais acostumados a consumir coisa mais cara, muitas vezes trazidas da Europa.

A questão da remuneração dos professores é, historicamente, o grande desafio da política educacional, perpassando épocas e governos. O Piso Salarial Profissional Nacional (PSPN) para o magistério público é uma reivindicação histórica dos professores. Em 1827, por ocasião da promulgação da primeira Lei Geral da Educação, já se falava em Piso. Com o fim da ditadura militar e abertura do processo de governos democráticos, muitos avanços surgiram sobre as questões de salário dos professores, dentre elas a Constituição Federal de 1988 e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) de 1996, que garantiam aos docentes o piso salarial profissional (SOUZA, 2011).

A Constituição Federal de 1988, através do art. 206, inciso V, determina a valorização dos profissionais de ensino, garantidos, na forma de lei, planos de carreira para o magistério público, com piso salarial profissional e ingresso exclusivamente por concurso público de provas e títulos. Já a LDB (Lei nº. 9.394/96), no artigo 67, reafirma os princípios constitucionais de ensino, e considera que os sistemas devem promover a valorização dos profissionais da educação, enfocando as questões de Piso Salarial Profissional, progressão funcional, condições adequadas de trabalho e aperfeiçoamento profissional continuado, entre outros (SOUZA, 2011).

Em 1994, segundo a autora, houve um intenso debate entre o poder público e entidades, que deu origem ao Pacto pela Valorização do Magistério e Qualidade da Educação, entre os pontos acordados, constavam a questão da estipulação do piso salarial profissional do magistério, e o regime de 40 horas (quarenta horas semanais) de trabalho, porém esse pacto não foi cumprido.

Em 1996 foi aprovado o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério (FUNDEF), visando promover condições mínimas de remuneração para os profissionais da educação,

principalmente os professores, uma vez que 60% do valor do fundo eram destinados ao pagamento da remuneração de professores e profissionais da educação do ensino fundamental, e os 40% restantes empregados na manutenção e desenvolvimento do ensino fundamental. Nessa Lei, foram definidos critérios mínimos de qualidade do ensino, principalmente no que se refere às condições de trabalho dos profissionais da educação, com o estabelecimento do número mínimo e máximo de alunos em sala de aula, a capacitação permanente dos profissionais de educação e a jornada de trabalho que incorporasse os momentos diferenciados das atividades docentes. Posteriormente, no governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em 2006 foi aprovada a Emenda Constitucional nº 53/2006, que criou em substituição ao FUNDEP o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (FUNDEB) regulamentado pela Lei 11.494/2007, que exigia que o Piso fosse regulamentado em lei específica (SOUZA, 2011).

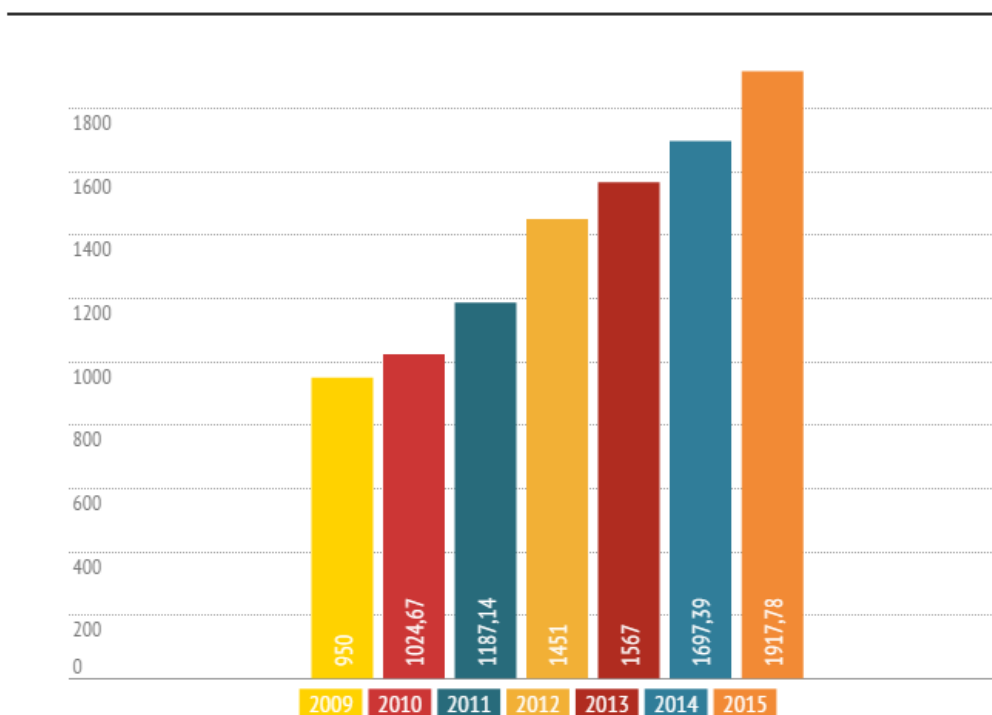
Em 2007, o Ministério da Educação (MEC), através do Decreto nº 6.094/2007, instituiu o Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE), com o lançamento de 28 metas, entre elas a criação a Valorização dos Profissionais da Educação instituído através da Lei Nº 11.494, de 20 de junho de 2007 (FUNDEB). Em 2008, através da Lei Nº. 11.738, foi instituído o Piso Salarial Profissional Nacional (PSPN) para os profissionais do magistério público da Educação Básica. Sua aprovação representou uma alteração na política salarial dos professores, pois até então, cada estado e município, além do Distrito Federal e da própria União, tratavam a questão com autonomia, ocasionando em milhares de valores diferenciados pagos aos docentes de todo o Brasil (SOUZA, 2011).

De acordo com Souza (2011) o documento final da Conferência Nacional de Educação (CONAE) realizada em março de 2010 pelo Ministério da Educação (MEC), buscou discutir a questão da valorização docente.

A CONAE constituiu-se em espaço social de discussão da educação brasileira, articulando diferentes agentes institucionais, da sociedade civil e dos governos (federal, estaduais/DF e municipais), em prol da construção de um projeto e de um Sistema Nacional de Educação, como política de Estado. O documento final visava contribuir para a construção de políticas de Estado para a educação nacional, e dentre os cinco desafios propostos na Conferência, enfatizava a definição de parâmetros e diretrizes para a qualificação dos/das

profissionais da educação; o estabelecimento de condições salariais e profissionais adequadas e necessárias para o trabalho dos/das docentes e funcionários/as (BRASIL, 2010). Nesse sentido, a figura 2 demonstra a evolução do piso salarial do Magistério.

Figura 2 - Evolução do Piso Salarial do Magistério



Fonte: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO – MEC (apud DUARTE, 2015).

A figura 2 representa a evolução do piso salarial do magistério, que foi instituído pela Lei n. 11.738 de 16 de julho de 2008, que além de assegurar um piso para essa classe estipulou limites para a jornada de trabalho docente, percebendo-se a variação dos valores no decorrer dos anos.

- Ano de 2009 - os professores recebiam R\$ 950;
- Ano de 2010 - os professores recebiam R\$ 1.024,67;
- Ano de 2011 - os professores recebiam R\$ 1.187,14;
- Ano de 2012 - os professores recebiam R\$ 1.451;
- Ano de 2013 - os professores recebiam R\$ 1.567;
- Ano de 2014 - os professores recebiam R\$ 1.697,39; e,
- Ano de 2015 - os professores recebiam R\$1.917,78.

Percebe-se que o maior reajuste durante este período de 2009 a 2015, foi no ano de 2012, com 22,22%. O reajuste anual reflete a variação do valor mínimo por aluno definido todo ano pelo FUNDEB. O valor aluno-ano é o valor mínimo estabelecido para repasse do FUNDEB para cada matrícula de aluno na Educação Básica por ano. Para calcular esse valor, cabe ao Ministério da Educação apurar o quantitativo de matrículas que será a base para a distribuição dos recursos (o que é feito pelo Censo Escolar da Educação Básica); e com o Tesouro Nacional fica a responsabilidade de estimar as receitas da União e dos Estados que compõem o fundo; além de definir o índice de reajuste (DUARTE, 2015).

O piso salarial dos professores no ano de 2017 provavelmente terá um reajuste de 7,64%, devendo passar de R\$ 2.135,64 para R\$ 2.298,80. O ajuste deste ano é menor que o do ano passado, que foi de 11,36%, e começa a valer a partir do mês de janeiro (TOKARNIA, 2017).

Segundo Gatti e Barreto (2009) embora os professores se encarreguem dos processos de socialização e de formação cada vez mais prolongados por intermédio da escolaridade, em termos de salário, a profissão docente está entre as menos valorizadas, pois a profissão não é atrativa, não dando oportunidade de ascensão social e cultural.

A profissão docente como visto, em especial a educação básica, desde sempre sofreu grandes entraves para sua autoafirmação como profissão, seja pela sua regulamentação ou pelas questões salariais, os professores sofreram e sofrem, com aumento contínuo de processos que medem sua produtividade, intensos planejamentos, condições precárias, etc.

No entanto, é importante salientar que houve um avanço significativo nas questões e aprovações de leis que procuram garantir a valorização do trabalho do professor.

Apesar desses avanços, a desvalorização dos profissionais da educação, bem como as condições inadequadas de trabalho, e a ausência de uma política de valorização social e econômica desses profissionais, têm sido motivos para muitos professores abandonarem a profissão. Nesse sentido, cabe à União, aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios assumir em regime de colaboração, a responsabilidade sobre as políticas de profissionalização e valorização do magistério (SOUZA, 2011).

Ainda sobre a questão salarial, Duarte (2015) adverte que a Lei 11.738, não prevê nenhuma punição para o estado ou município que descumpram a norma, competindo ao Ministério Público, por iniciativa própria ou denúncia dos cidadãos, fiscalizar a aplicação da lei e os profissionais que se sentirem lesados podem recorrer à Justiça e entrar com uma ação contra o estado ou município que infringir a legislação.

3.2 O trabalho do professor: ênfase na qualificação e nas competências

Esta subseção apresenta algumas concepções sobre como a reestruturação produtiva, as inovações organizações, tecnológicas e estruturais modificaram o contexto das relações de trabalho. Essa reestruturação afetou diretamente a educação, especialmente a partir da década de 90 com a globalização, imperando novas demandas educativas e a reestruturação do trabalho na escola, exigindo dos profissionais da educação novas qualificações e competências.

Para dar início, Barbara (1999, p. 35) considera que “o termo qualificação sugere referir-se ao domínio de uma técnica apreendida após anos de treinamento”. Tartuce (2004) ressalta que a qualificação do trabalho, ganha destaque nos anos de 1980, aparecendo com vigor na Europa, em virtude das transformações tecnológicas, econômicas, políticas e culturais que atingiam o mundo do trabalho. No Brasil, essa discussão ganha força nos anos de 1980/1990, mas é na década de 90, em forte contexto de flexibilização das relações de trabalho que a centralidade da qualificação passa para o domínio público.

É no século XX, segundo a autora, com o advento da administração científica do trabalho, é que a qualificação vai ser analisada de maneira mais sistemática. Essas normas dão origem às classificações das profissões, ordenando hierarquicamente as qualificações de um grupo de indivíduos por meio de postos de trabalhos. Isso significou que, a cada posto de trabalho correspondia a um nível escolar, havendo um ordenamento social das profissões e uma estruturação de cargos e salários.

De acordo com a autora existia uma estável correspondência entre nível de formação e nível de qualificação, e isso garantia aos trabalhadores uma

carreira profissional sólida e previsível, possibilitando um planejamento educacional a partir da análise das ocupações. Entretanto esse modo de regulação entrou em crise, assim como o próprio conceito de qualificação. A reestruturação produtiva tornou as relações de trabalho flexíveis, e os trabalhadores seriam chamados, a todo o momento, a participar de decisões e enfrentar problemas aleatórios, conseqüentemente isso demandou dos trabalhadores não apenas conhecimentos dos problemas formais e explícitos, mas também amplas habilidades cognitivas e comportamentais.

Segundo Guedes, Muranaka e Aragão (2016), a reestruturação produtiva, ou especialização flexível, representado pelo modelo empresarial japonês, propôs uma ruptura com os princípios organizacionais de produção do taylorismo-fordismo. Esse novo modelo de produção ficou conhecido, no âmbito empresarial, como “modelo de competências” e teve como premissa a avaliação de desempenho do trabalhador a partir das competências e habilidades que esse conseguisse demonstrar.

De acordo com Jaeger (2007) as incertezas dos mercados levaram as empresas a se organizarem para melhor seguir ou antecipar as flutuações da demanda, adotando sistemas de informação capazes de lidar com demandas cada vez mais individualizadas.

Essas mudanças, modificaram e provocaram, novas demandas no mercado de trabalho, sendo necessário que os trabalhadores procurassem, a cada instante, atender a novos requisitos, as chamadas competências.

Figura 3 – Requisitos para ser professor



Fonte: PROFISSÃO PROFESSOR, 2017. (Dados da pesquisa).

A palavra competência, segundo Machado (2007) tem origem latina e apresenta como significados as palavras, capacidade, habilidade, aptidão e idoneidade. Essas competências começaram a ser exigências, em função das novas formas de organização do trabalho. Este novo cenário exigiu que os trabalhadores, desaprendessem hábitos, comportamentos e valores buscando elevar suas capacidades pessoais com o intuito de identificar, entender e antecipar problemas em situações reais. Exigiu-se ainda mudanças de atitudes, tais como disponibilidade, flexibilidade, autonomia, iniciativa, interação com diferentes grupos, poder de decisão e de adaptação, e desenvolvimento de estratégias.

A autora ainda ressalta que estes trabalhadores, tiveram que aprender outras capacidades, porém nas decisões políticas no que diz respeito ao uso da força de trabalho estavam em jogo algumas questões, dentre as quais se destaca o valor da força de trabalho; as condições de trabalho, sobretudo a possibilidade de intensificação e precarização do trabalho; o prestígio ou descrédito de profissões e a ocultação ou revelação das relações de poder.

De acordo com Machado (2007) no contexto de reestruturação capitalista, passou-se a considerar que seria necessário realizar um inventário preciso das competências que se tinham a disposição, e procurar dominar métodos que fossem

úteis para o desenvolvimento de competências fundamentais ao seu plano estratégico. A operacionalização desta gestão por competências, passaria por um conjunto de procedimentos relativos a seleção, remuneração, formação e avaliação de desempenho, além da reformulação de ideias, valores e práticas.

No Brasil, a noção de competências avançou com os discursos governamentais sobre educação, através dos pareceres, resoluções e diretrizes curriculares nacionais instituídas pelo Conselho Nacional de Educação (CNE), a partir dos anos de 1990, concebendo a escola como uma extensão do mercado. Percebeu-se ainda uma tendência de centralização do processo de ensino aprendizagem em uma ação individual em sintonia com a lógica das competências.

Segundo Frigotto (1993), uma maior escolarização contribui diretamente para a melhoria da qualidade de vida dos indivíduos, em função de um aumento de renda que decorre, diretamente, da sua melhor qualificação para o desempenho no mercado de trabalho. Porém, o sistema capitalista busca, cada vez mais, retirar do trabalhador o controle do seu processo de trabalho, tendo como objetivo a manutenção das relações de força e de desigualdade existentes. O autor afirma que o ensino em nosso país, sempre se preocupou com a concepção positivista de ciências, supervalorizando **"o como"** fazer em detrimento do **"o que"** e **"para que"** fazer. Essa pedagogia, na qual conhecimentos específicos e pedagógicos são trabalhados isoladamente, fundamenta-se no rompimento entre pensamento e ação. Assim, a escola é entendida enquanto transmissora de valores. A disciplina e a manutenção da ordem adquirem papel central no processo ensino-aprendizagem. Sob essa perspectiva, debater, questionar, refletir, são ações que ameaçam estruturas consolidadas em práticas mecânicas e autoritárias.

Segundo o autor, nessa perspectiva os professores são concebidos como meros executores, cabendo-lhes apenas, aplicar corretamente as técnicas para atingir os fins predeterminados. O sistema neoliberal, além de se preocupar com a produtividade em grande escala, atingiu o sistema educacional com o discurso da motivação na formação do trabalho docente, assim, a formação docente fica subordinada a um discurso que direciona o trabalho do professor a ser cooperativo passivo e flexível.

Essa visão produtivista, objetivada na "teoria do capital humano", desencadeou uma nova função econômica atribuída à escolaridade, que de acordo com Frigotto (1993, p. 121) colocou a educação como instrumento de

desenvolvimento econômico, distribuição de renda e equalização social. A ideia de capital humano é um grau de educação e de qualificação, tomado como indicativo de um determinado volume de conhecimentos, habilidades e atitudes adquiridas, que funcionam como potencializadoras da capacidade de trabalho e de produção.

Desta forma, o autor argumenta que a organização do trabalho pedagógico acontece em meio a uma organização social historicamente determinada e que a educação como mediadora dos interesses dominantes assume papel fundamental para intensificar o crescimento econômico e garantir o bom desempenho do mercado.

Para Frigotto (1993), houve por parte do Estado brasileiro a intenção em eleger a educação como uma de suas prioridades emergentes, transformando-a em estratégia de desenvolvimento nacional e competitividade internacional. Desta forma, a teoria do capital humano se enquadrava nestas intenções, pois o processo de escolarização é elemento fundamental na formação e estruturação do homem.

De acordo com Guedes, Muranaka e Aragão (2016) a partir da década de 90, organismos internacionais⁷, direcionam no Brasil diretrizes políticas e pedagógicas, que defendiam uma concepção de educação apoiada no determinismo tecnológico, ou seja, partem do pressuposto que avanço tecnológico e, por decorrência deste, as novas formas de organização do trabalho são os fatores determinantes dessa nova função da educação.

Para isso, segundo os autores a educação deveria ser reformada para acompanhar as mudanças tecnológicas e organizacionais na esfera produtiva, de modo que, viesse a formar pessoas aptas a adaptarem-se a um mercado de trabalho.

3.3 Representação da imagem social do professor

A imagem do professor tem se apresentado de forma recorrente em pesquisas acadêmicas e nos meios de comunicação. Alguns trabalhos procuraram refletir sobre como a imagem do professor é descrita nos meios de comunicação de

⁷ Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento (BIRD), o Fundo Monetário Internacional (FMI), a Organização Mundial do Comércio (OMC), e os regionais, como a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL).

massa no Brasil, e de que forma se dá a construção dessa representação na sociedade (ALMEIDA, 2012; ANDRADE, 2012; CITELLI, 2012; CORAZZA, 2012; COSTA, 2012; FALCÃO, 2012; GOMES, 2012; NAGAMINI, 2102; SILVA, 2012).

Figura 4 – O professor, visto...



Fonte: PROFISSÃO PROFESSOR, 2017. (Dados da pesquisa).

Gomes (2015, p. 14) considera que “a mídia tem um papel central na nossa sociedade, por ser um espaço de visibilidade e problematização da vida contemporânea; ela traz valores, referências, hábitos, rotinas da vida em sociedade”, ela ainda é responsável em boa parte pela formação de identidades, de memórias de mundo das sociedades.

Desta forma, esta subseção se propõe a apresentar alguns trabalhos sobre a imagem social do professor, para isso procuramos respaldo no conceito de imaginário social para entender como se concebem estas representações nos seres humanos.

De acordo com Mattos (2007) o imaginário é um termo que remete a várias definições, e vai se modificando de acordo com a visão de mundo, e de cada época. O imaginário se altera em função da evolução do ser humano, sendo um

fenômeno que cria raízes no inconsciente, fazendo com que cada um interprete a realidade a partir do seu ponto de vista, manifestado pela maneira subjetividade de ver e entender o mundo concebendo o que seria o ideal.

Desta forma, as opiniões expressas nos trabalhos sobre a representação da imagem, apresentadas pelos autores em suas pesquisas, e a que temos do professor fazem parte desta construção do imaginário e ela vai se alterando de acordo com nossas vivências e formas de conhecimento.

Figura 5 – Quando digo que sou professor/a



Fonte: PROFISSÃO PROFESSOR, 2017. (Dados da pesquisa).

A mídia tem se apresentado ao longo dos tempos como grande influenciadora de opiniões, gostos e padronização de comportamento, para Citelli (2012, p. 11) “o discurso mediático elabora um ponto de vista padronizador da imagem docente, que ao mesmo tempo sintetiza temas e figuras e os coloca em circulação social através de diferentes veículos”, formando uma representação social.

“A visagem social das representações coletivas alcança várias instâncias da vida, das instituições, a exemplo dos sistemas religiosos, das práticas ritualísticas, dos cultos.” (CITELLI, 2012, p. 11).

Por representação, Moscovici (2008) considera que as representações sociais são constituídas de conceitos, afirmações e explicações que interpretam e constroem as realidades sociais. Essas teorias de senso comum são formadas a partir de informações e julgamentos valorativos provenientes das experiências interpessoais.

Neste sentido, Citelli (2012, p. 14) comenta que, ao vermos, ouvirmos, lermos acerca dos educadores, encontramos moldes discursivos que promovem, quase sempre, o estereótipo, o modelo, o professor, e que ganha na mídia, contornos discursivos modeladores, cuja difusão pública registra vasta genealogia, indo da caricatura, passando pela constatação do desprestígio.

Gomes (2012) em sua pesquisa procurou relatar como é composta a imagem do professor no rádio e de que forma se dá a construção dessa representação. A pesquisa foi realizada a partir da consulta ao acervo do Instituto Ayrton Senna que abriga o Grande Prêmio Ayrton Senna de Jornalismo. A edição do prêmio escolhida para a pesquisa foi a 10ª que recebeu 1.516 inscrições de veículos de comunicação de todo o Brasil. Das reportagens inscritas, 200 foram matérias na categoria rádio, pois o rádio, segundo a autora ainda possui, no interior do país, grande papel social em função da forte tradição oral. Destas 200, 68 foram selecionadas, mas após a audição apenas 8 atendiam, de fato, aos propósitos da pesquisa.

O material analisado exibia informações genéricas e generalizadas sobre a educação enquanto política pública, referindo-se a um sistema falido, deficitário, sem controle e de baixa qualidade. Outro aspecto, é que a tônica dominante da maioria das reportagens era sobre a necessidade de qualificação do professor, as condições de trabalho inadequadas, a baixa remuneração e a falta de valorização profissional. Apesar de notícias abundantes sobre a educação, são poucas as que falam sobre o professor, ou que dão voz a eles. Ela concluiu que as imagens construídas no rádio sobre o trabalho do professor referem-se a alguém que carrega muitas responsabilidades enfrentando em seu cotidiano uma sobrecarga de papéis, desrespeito, remuneração ineficiente, entre outros, e que esse profissional continua à margem da sociedade.

Corazza (2012) refletiu como a imagem do professor, visível ou invisível é veiculada pela revista *Veja* em algumas matérias, que são ilustrativas e refletem um modo de encarar fatos e favorecer determinado olhar sobre a educação e o professor. A pesquisa foi realizada a partir do recorte de algumas edições do 2º semestre de 2010 até maio de 2011, sendo encontradas seis matérias, cinco referentes à qualidade de ensino e uma sobre a figura do professor sucedida nos Estados Unidos. Juntamente foram analisadas a reação de professores via *internet* sobre a matéria intitulada “Aula cronometrada” (ANEXO A).

A autora chegou as seguintes conclusões, o conceito de qualidade na educação está baseado em indicadores econômicos ditados pelos países desenvolvidos, que não condizem com a realidade brasileira e que existe um estigma recorrente sobre o país apresentar uma baixa qualidade em educação, e a mesma lógica acaba incorporando o professor neste estigma. Sobre a reação dos professores que se manifestaram via *web*, a autora afirma que os mesmos necessitam de melhores condições e estrutura para a realização de seu trabalho.

Corazza (2012) conclui que em um contexto de mudança cultural e problemas sociais, que afetam diretamente o aluno, faz-se necessário pensar em uma educação cidadão, pensando em todas as partes, desde a família, o ambiente, os profissionais envolvidos, aliando desenvolvimento cultural e econômico em vista de melhores condições para o ecossistema educacional e social.

O discurso jornalístico foi o alvo da pesquisa de Silva (2012) que verificou como o discurso jornalístico opera a construção de sentido dentro de um contexto sócio histórico demarcado ideologicamente. O corpus do trabalho foi constituído por 16 matérias jornalísticas de cinco jornais diferentes, dois de abrangência nacional e três regionais. Os textos faziam referência ao caso do professor Lívio César Pini que aplicou uma avaliação aos alunos do 1º ano do ensino médio da escola João Octávio dos Santos, na cidade de Santos/SP. Os enunciados dos seis problemas aritméticos aplicados pelo professor faziam alusão ao submundo da criminalidade.

Sobre as matérias e a reprodução da imagem deste professor diante do fato, Silva (2012) explica que em algumas matérias ele fora criminalizado, que sua ação fazia apologia ao crime e incentivo à violência. Das 16 matérias, apenas uma apresentava a opinião de um especialista da área de educação. Em alguns casos percebeu-se que existiu juízo de valor de quem escreveu ou realizou entrevistas

sobre o assunto, concluindo, muitas vezes, que o episódio confirmou que isso ocorre pela falta de qualidade no ensino público.

Na opinião do autor, houve ausência de um debate pedagógico, e pela cobertura dada pelos jornais ao caso, percebeu-se que ainda se prioriza o ensino que acontece em espaços formais. Não se levou em consideração analisar um item expresso nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) que preconiza como um dos objetivos da disciplina de matemática: “levar o aluno a aplicar conhecimentos matemáticos a situações diversas”, isto é, aproximar o conteúdo ao contexto social dos alunos.

Os conteúdos tradicionais devem ser pensados juntamente com os transversais, e que a ousadia do professor merecia ser discutida e não criminalizada por que ele ousou fugir do convencional.

Costa (2012) procurou analisar como a reportagem televisiva da série “Turma 1901” representa o professor. A série foi exibida em 2010 pelo programa Fantástico da Rede Globo de Televisão, sob a Coordenação do jornalista Zeca Camargo, juntamente, foi feita uma comparação com o filme “Entre Muros da Escola”, de Laurent Cantet.

De acordo com Costa (2012, p. 70) “A televisão, na condição de meio de comunicação social, produz imagens, signos e significações que atuam diretamente nas práticas sociais”, orientando e ordenando saberes sobre as formas de ver, ser e estar no contexto sociocultural.

No filme, o personagem do professor aparece como um profissional angustiado e com desafios constantes. Ele é o transmissor de conhecimento, também perpetua o sistema, mostrando um mundo real que não possibilita sonhos e desejos. Ao contrário, na narração televisiva a professora direciona as cenas para a afetividade e autoestima de seus alunos. Percebe-se que o filme, perpetua o discurso autoritário e a imagem enraizada do professor, já no quadro apresentado na televisão, percebe-se uma profissional que faz o que gosta e carrega suas ações com afetividade. Essa representação seria um ideal de escola, porém não reflete a realidade da maioria das escolas públicas brasileiras.

Outra análise foi sobre o documentário nacional “Pro dia Nascer Feliz”, realizada por Almeida (2012), a fim de observar a imagem do professor e todo contexto que envolve a profissão. O retrato da análise não é otimista, porém as discussões que o filme suscita permeiam toda sociedade brasileira.

A imagem transmitida é de que os alunos, professores e a própria escola estão sozinhos, não havendo espaço para diálogos. O documentário expõe o despreparo do professor para trabalhar no interior dos novos quadros sociotécnicos, o excesso de faltas dos educadores, o desencanto com a profissão.

Salienta Almeida (2012) que, cumpre mencionar a necessidade da educação em passar por adequações para atender às novas demandas das novas gerações.

Nagamini (2012) fez uma comparação de propaganda veiculada na TV e em rádio, em períodos diferentes sobre a imagem do professor, pois segundo a autora estamos habituados com a imagem de um professor usando jaleco e com as mãos sujas de giz. Ela almejava compreender qual o sentido e força dessa imagem, fora da escola, mais precisamente nas propagandas comerciais.

Para a autora a força do discurso publicitário é capaz de mobilizar consumidores, estabelecer contratos com marcas, construir enredos com experiências cotidianas, etc. As propagandas ganham força, revelando modos de representar a realidade.

“Assim as imagens estereotipadas do professor, presentes em peças publicitárias, podem indicar a maneira como a publicidade vê o professor e o seu papel na sociedade.” (NAGAMINI, 2012, p. 106).

As propagandas escolhidas foram três peças publicitárias da “Melissinha” (década de 80), e a outra do antigripal “Coristina D”. As professoras nas peças têm naturezas distintas, embora sua composição visual acione uma percepção coletiva do professor tradicional. Na Peça da Melissinha, o estereótipo do professor é aquele que tem comportamento autoritário, domínio sobre os alunos, severidade, austeridade, repreende e questiona qualquer atitude dos alunos. A imagem visual é feita através de roupas discretas, cabelos presos e óculos. Já na peça da Coristina D, a imagem da professora é moderna, tanto na imagem visual como na forma como está posicionada diante dos alunos. A própria propaganda ao apresentá-la como uma mulher que se divide entre ser mãe e profissional expressa o contexto das mulheres inseridas no universo do trabalho.

Nas campanhas veiculadas pelo rádio, a da Fiat, a representação do professor se realiza através de uma figura feminina que tem um grande grau de afetividade em relação às crianças, sendo chamada de “tia”, com ares de proteção da figura materna. Na campanha da Elegê, a professora é atenciosa e afetuosa com o aluno e na propaganda age como mediadora entre mãe e filho, não tendo

papel ativo. Na campanha da Semp Toshiba, as vozes são masculinas, e o ambiente não é a escola, mas sim o local de trabalho. O professor aparece ensinando seus “alunos” a como enganar o público. Existe na propaganda um efeito de humor, e ao mesmo tempo, o posicionamento do personagem é o contrário do que se espera de um professor.

De acordo com a autora o fazer pedagógico serviu com diretriz para a composição dos enredos nas propagandas, que revelaram de certa maneira uma sincronia com a realidade do contexto escolar.

Brandão e Pardo (2016) analisaram as representações de 120 alunos dos cursos de licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de Sergipe (UFS) acerca da profissão de professor, bem como buscaram compreender o interesse dos mesmos pelo exercício da docência, especialmente da educação básica.

Dentre os principais resultados, os estudantes atribuíram elevado grau de importância do professor para a sociedade, porém reconheceram que a profissão não é valorizada socialmente, fator que surgiu como uma das principais justificativas para a insatisfação com a escolha do curso de licenciatura em Pedagogia.

Outra informação que se destacou na pesquisa, é que embora uma significativa parte dos respondentes afirmasse pretensão de ensinar em sala de aula, a maioria não manifestou interesse por uma atuação mais duradoura nessa atividade.

Para as autoras, embora a representação positiva da função social do professor contribua para o interesse ou admiração pela profissão, esse aspecto apenas parece insuficiente para motivar a permanência de estudantes nessa carreira, o que aponta para a necessidade de mudanças nas condições de trabalho e no contexto de desvalorização social da profissão docente, aspectos percebidos como negativos por esses estudantes.

Brandão e Pardo (2016) ainda questionaram os alunos sobre qual a ideia que lhes vinha ao pensamento quando pensavam sobre a profissão professor, os termos mencionados foram, educador, formador de cidadãos, mediador da aprendizagem, mestre, e, transmissor de conhecimento. Quanto às menções positivas sobre a profissão, as opiniões apresentadas foram profissão bonita, pessoas cultas, importante, respeito, herói, e, guerreiro. Quanto às menções

negativas, as palavras mencionadas, sofredor, profissão difícil, ingrata, tarefa árdua e desvalorização.

Figura 6 – Sou Professor!!!!



Fonte: PROFISSÃO PROFESSOR, 2017. (Dados da pesquisa).

Ao relacionar o resultado do trabalho aqui apresentados, podemos concluir que existe de certa forma uma padronização da imagem do professor, voltando ao contexto do imaginário, Díaz (2010) explica que temos diferentes exemplos⁸ de comportamentos regidos por diferentes imaginários sociais, a partir do qual os valores ocorrem, apreciações, gostos, ideais e comportamentos dos indivíduos são determinados por sua cultura.

⁸ En Oriente, durante siglos, se consideró que uno de los principales atributos de la belleza femenina era tener pies chiquitos. Es por eso que a las niñas, desde muy pequeñas, se les vendaban los pies para impedir, en lo posible, que les crecieran. En Occidente, en el siglo pasado, se pensaba que una mujer, para ser hermosa, debía estar entrada en carnes". Es por eso que las primeras divas del cine mudo, entre plumas y joyas, lucían abundantes kilos. Actualmente, por el contrario, el ideal de belleza femenina es del orden de la delgadez. Como resultado de ello, las adolescentes enferman, y a veces mueren, en su afán de parecer etéreas. La anorexia y la bulimia son enfermedades estético-sociales. (DÍAZ, 2010).

Para Díaz (2010) a imagem não é um produto, passivo e acabado, ao contrário, é o efeito de uma complexa teia de relações entre discursos e práticas sociais.

Diante disso, percebe-se que os valores construídos sobre a educação e a imagem do professor estão relacionados ao que vivenciamos e ao que nos acostumamos a ver e ouvir sobre essa realidade.

Percebemos nos trabalhos que a educação é considerada como um sistema falido, de baixa qualidade e ainda submisso a padrões determinados pelos países desenvolvidos que não condizem com o nosso contexto.

O trabalho do professor e sua imagem são retratados a partir de condições inadequadas, de desvalorização que envolve em especial a questão da remuneração. Este profissional ainda é visto como um ser à margem da sociedade. Nota-se ainda que a insatisfação sobre a escolha pelo exercício da docência na educação básica se deve ao fato da desvalorização social da profissão.

3.4 Precarização do trabalho do professor

A ideia de escrever uma seção abordando o assunto precarização do trabalho do professor ocorreu a partir da observação da *fanpage* “Profissão Professor”, local em que se desenvolveu a presente pesquisa. As condições de precariedade nas relações de trabalho, reflexo do processo de precarização do trabalho, apareceram em grande parte das imagens sobre a profissão do professor, fazendo-se necessário analisar com maior atenção o que estas imagens podem trazer sobre o trabalho e a realidade desta profissão.

De acordo com Alves (2007a) desde o século XVI o capitalismo moderno tem ampliado as condições de precariedade social de homens e mulheres que expulsos da propriedade (ou posse) da terra, perdem seus meios de produção, sendo obrigados, para sobreviver, a vender sua força de trabalho, tornando-se proletários.

Em seu desenvolvimento, o capital tornou-se agente da racionalização do mundo, e estabeleceu por um lado, a constituição do processo de precarização como forma e desenvolvimento civilizatório, e por outro lado, a instauração da precariedade social como “condição humana”. (ALVES, 2007a).

O termo precariedade, segundo Sá (2010) vem sendo construído, transitando em diversas áreas e apresentando uma diversidade de sentidos. A autora chegou a esta conclusão depois de analisar diversos estudos que envolviam essa temática, e concluiu que na década de 70 o termo era associado à sociologia da família e da pobreza. No final dos anos 1980, a precariedade já aparece expressamente ligada ao trabalho.

Na tentativa de explicar ou tentar encontrar uma definição para “trabalho precário”, Sá (2010) considera necessário associá-lo a quatro características: i) Insegurança no emprego; ii) Perda de regalias⁹ sociais; iii) Salários baixos; iv) Descontinuidade nos tempos de trabalho. Desta forma, ela associa, assim, o trabalho precário à instabilidade; à incapacidade econômica; e à alteração dos ritmos de vida.

“A precariedade do mundo do trabalho é uma condição histórico-ontológica da força de trabalho como mercadoria. Desde que a força de trabalho se constitui como mercadoria, o trabalho vivo carrega o estigma da precariedade social.” (ALVES, 2007, p. 113).

Sá (2010) aponta três aspectos que se relacionam diretamente com o processo de “precariedade laboral”, sendo eles: a insegurança laboral associada aos “riscos sociais”; o aparecimento de um tipo “novo” de trabalhador (es); e a alternância de períodos de trabalho e não-trabalho ao longo da vida.

Sobre a insegurança no trabalho, a autora considera que esteja relacionado ao aumento das “novas” formas de contratação, refletindo na insegurança quanto aos rendimentos futuros e ao risco de desemprego. Na sociedade ocidental, o trabalho é visto como elemento de socialização, identidade, legitimação do lazer, equilíbrio psicológico, criação de ritmos quotidianos. A insegurança dificulta a materialização do desejo de cada um em conseguir ao longo da vida, uma independência econômica que permita viver o presente e planejar o futuro.

Outro aspecto apontado por Sá (2010) é o surgimento de um novo tipo de trabalhador, aquele que se orgulha do que faz e que se adapta rapidamente às novas técnicas que estão a surgir. Este “trabalhador de tipo novo” tem que

⁹ Do latim regāle-, «real», pelo castelhano regalía, «idem». 1. privilégio de rei. 2. prerrogativa; vantagem, benefício. 3. privilégio que resulta de determinada atividade profissional. 4. Imunidade. (REGALIA, 2013-2017). O termo foi utilizado pela autora na tentativa de encontrar uma definição para “trabalho precário”.

responsabilizar-se pela aquisição das suas próprias competências, procurando excelência no desenvolvimento de suas atividades. Nessa esfera, como consequência a preocupação em buscar a excelência e a avaliação permanente dos trabalhadores, ocasiona tensão e pressão constante provocando *stress* e insegurança.

Sobre a alternância de períodos de trabalho e não-trabalho ao longo da vida, Sá (2010) considera que no atual contexto não exista mais uma trajetória de vida linear e reta, e sim uma linha quebrada ou um emaranhado de linhas onde tudo se mistura. Para a autora é o fim de uma trajetória de vida com uma sequência já identificada (escola/empresa/família/reforma), e o surgimento de uma multiplicidade de situações entrelaçadas em que escola/formação, trabalho/desemprego, casamento/divórcio se vão cruzando ao longo da vida.

Nesse sentido, a precariedade pode ser um novo modo de vida, em que as pessoas aceitam trabalhos provisórios para atender as necessidades daquele momento. Segundo a autora, essa posição tem reflexos, e um deles, é o esgotamento gradual das motivações econômicas e do consumo, sendo importante a existência de “suportes”, assegurados em última instância em termos institucionais e políticos, que permitam a independência econômica de cada indivíduo.

Voltando ao contexto de precariedade, Dal Rosso (2006; 2011) discute a jornada de trabalho, sua duração e intensidade na vida das pessoas, e aprofunda suas reflexões dizendo que, o componente de duração, compreende a quantidade de tempo que o trabalho consome na vida das pessoas. Essa quantidade de tempo acaba estabelecendo relações diretas entre as condições de saúde, o tipo e o tempo de trabalho executado, gerando algumas implicações, dentre elas, a qualidade de vida, pois interfere na possibilidade de usufruir ou não de mais tempo livre.

Alves (2007a) considera a precariedade como uma *condição*, já a precarização é um *processo* que possui uma irremediável dimensão histórica determinada pela luta de classes, e pela correlação de forças políticas entre capital e trabalho.

Segundo Silva (2016) a intensificação do trabalho e a precarização são duas faces da mesma moeda, tendo entrelaçados aspectos sócio institucionais macro (Estado, Capital, Instituições) e os psicodinâmicos micro (Sujeitos e Subjetividade).

Embora, acredite-se que a precarização esteja relacionada a questões como falta de estrutura, condições inadequadas, baixos salários, excesso de alunos por sala, etc., o autor salienta que o problema da precarização do trabalho e social é muito mais amplo, e está associado à perda de direitos sociais e de trabalho, ou da condição de Estado de Bem-Estar Social.

De acordo com Alves (2007a) a partir da luta de classe do proletariado no século XX, surgiu no interior da ordem burguesa, uma nova forma de Estado político capaz de garantir direitos sociais e políticos ao mundo do trabalho, denominado de Estado social.

O Estado de Bem-Estar Social (*Welfare State*) é uma forma de organização política em que o Estado tem como responsabilidade garantir padrões mínimos de educação, saúde, habitação, renda e seguridade, sendo os serviços prestados considerados direitos dos cidadãos. O Estado do Bem-estar surgiu após a Segunda Guerra Mundial, na Europa Ocidental e se estendeu para outras regiões e países, tendo seu auge na década de 60, e seu desenvolvimento está relacionado ao processo de industrialização e os problemas sociais gerados a partir dele. Nos anos de 1970 nos países industrializados ocidentais, esse modelo entrou em crise. Os primeiros sinais estão relacionados à crise fiscal provocada pela dificuldade cada vez maior de harmonizar os gastos públicos com o crescimento da economia capitalista, e especificamente na Grã-Bretanha no governo da primeira-ministra Margareth Thatcher (1979 a 1990) através da política de privatização das empresas públicas. O Brasil nunca chegou a estruturar um Estado de Bem-estar semelhante aos dos países de Primeiro Mundo. Atualmente, o debate em torno da reforma da previdência social é o centro da política de desmonte do Estado do Bem-estar brasileiro (CANCIAN, 2017).

O Estado social constituiu-se no período histórico de ascensão histórica do capital no século XX, garantindo, a partir da luta de classe do proletariado organizado, uma ampla margem de concessão às reivindicações do mundo do trabalho. Por exemplo, as leis trabalhistas e a previdência e seguridade social universal, ou o *Welfare State*, são produtos históricos das lutas sociais e políticas do mundo do trabalho no século passado, que ao constituírem obstáculos à sanha de valorização do capital, alteraram a dinâmica de desenvolvimento do capitalismo no século XX. Por outro lado, o Estado social *ocultou* para os segmentos organizados da classe trabalhadora, a condição estrutural de precariedade do trabalho vivo no modo de produção capitalista. Na verdade, a conquista de direitos sociais e políticos pelo proletariado, *não* aboliu o estigma da precariedade como condição histórico-ontológica da força de trabalho como mercadoria. O que chamamos de *processo de precarização* do trabalho é o processo de

diluição (ou supressão) dos obstáculos constituídos pela luta de classe à voracidade do capital no decorrer do século XX. É a explicitação da *precariedade* como condição ontológica da força de trabalho como mercadoria. (ALVES, 2007a, p. 114).

A precarização de acordo com Alves (2007a), possui um sentido de *perda de direitos* acumulados, ela atinge os proletários sujeitos de direitos e que hoje são vítimas da “flexibilização do trabalho”, sendo usurpados pelo poder das coisas ou pelas leis de mercado.

Para Druck (2011, p. 37) “[...] a precarização social do trabalho é um novo e um velho fenômeno, por que é diferente e igual, por que é passado e presente e por que é um fenômeno de caráter macro e microsocial”.

“A precarização social e do trabalho, que assola o cenário mundial, de forma desigual e combinada, se evidencia sobretudo em formas de regime de contratação de trabalho nos quais a vulnerabilidade e a instabilidade são marca.” (SILVA, 2016, p. 27).

Segundo o autor, as políticas educacionais, cobranças e reorganizações em nome da promoção da qualidade (mas que na verdade visam à redução de custos), tanto no ensino superior, quanto na educação básica, são reflexos de um processo histórico de crise do capitalismo e desestabilização dos modos de vida e ausência de vínculos, que acarretam em ausência de estruturas portadoras de sentido, dificultando um projeto de integração.

Nas últimas décadas, devido a crise estrutural e ao novo patamar de luta de classes, expresso pela ofensiva do capital na produção e reprodução social por meio das ideologias do neoliberalismo e do pós-modernismo, torna-se exposta a condição de precariedade ontológica da força de trabalho como mercadoria. Ora, a precarização do trabalho expõe a condição de precariedade latente. O processo de precarização do trabalho, que aparece sob o neologismo da *flexibilização do trabalho*, impõe-se não apenas por meio da perda de direitos e do aumento da exploração da força de trabalho, por meio do alto grau de extração de sobretrabalho de contingentes operários e empregados da produção social. A precarização do trabalho se explicita por meio e através do crescente contingente de trabalhadores desempregados supérfluos à produção do capital. (ALVES, 2007a, p. 126).

Sobre a crise mundial, gerada pela forma neoliberal que rege o capitalismo, Dal Rosso (2011) considera que ela produziu impactos sobre o trabalho, tendo início no centro do capitalismo mundial, e difundindo-se para as periferias. Essa crise afetou o sentido e a forma de trabalho, e em especial, o grau de intensidade que segundo o autor constitui uma das variáveis mais relevantes para a

interpretação do trabalho no mundo atual. Para o autor a produção de mais valores nas sociedades capitalistas é estruturada na seguinte combinação de fatores: - a extensividade, ou sua duração e prolongamento; - a intensividade, que corresponde a capacidade de produzir mais valores permanecendo imutáveis as condições de trabalho e a duração da jornada; e, - a produtividade que depende da adoção de inovações tecnológicas que reduzem o tempo médio socialmente necessário das mercadorias que fazem parte da reprodução da força de trabalho.

A intensividade ou intensidade segundo Dal Rosso (2011) é uma condição geral de qualquer tipo de trabalho humano. Mesmo o trabalho não assalariado é realizado segundo um grau de envolvimento do indivíduo ou intensidade. Porém, ele faz uma distinção entre o trabalho por conta própria e o trabalho assalariado, no primeiro o indivíduo decide o grau de envolvimento que confere às atividades, e no segundo esse controle não está nas mãos do trabalhador e nem é ele que decide sobre o ritmo, velocidade, envolvimento e vigor empregados nas atividades e sim o empregador ou o seu representante.

Ora, é interessante ainda evidenciar que segundo Dal Rosso (2011), as empresas organizam o trabalho de maneira a elevar ao máximo sua intensidade. Para isso, empregam supervisores, capatazes, chefes, coordenadores, e ainda, convencem o trabalhador a sentir que os mesmos fazem parte da família-empresa, que são parceiros, e que apenas estão em posições e atividades diferentes. Como já mencionado, segundo o autor, um caso especial de intensificação do trabalho é representado pelo Sistema de Produção Toyota, esse sistema exige trabalhadores polivalentes e capazes de executar várias atividades ao mesmo tempo.

O princípio da polivalência implica que um mesmo trabalhador seja capaz de dar conta de cuidar de mais de um equipamento. Desta forma, a polivalência implica em reduzir a quantidade de mão de obra necessária para as atividades, pois um mesmo trabalhador é capaz de cuidar de diversos equipamentos simultaneamente. Além disso, a polivalência multiplica a capacidade de trabalho de cada indivíduo, segundo o número de máquinas que consegue cuidar individualmente. O princípio da polivalência implica numa intensificação gigantesca do trabalho. Por esta razão, o toyotismo pode ser interpretado como o sistema que introduz de forma inequívoca uma nova onda de intensificação do trabalho não apenas no Japão, mas nos demais países para os quais se espalha. (DAL ROSSO, 2011, p. 147).

Sobre a intensificação do trabalho, podemos citar o caso do Japão, um país que tem tradicionalmente uma das jornadas laborais mais longas do mundo. Diante

dessa jornada intensa e extensa, apresenta o fenômeno que não é considerado novo, o chamado "*karoshi*" (termo japonês para descrever a morte por excesso de trabalho) e que começou a ser identificado nos anos 60. Em especial, são os recém-iniciados no mercado de trabalho, que mais fazem parte deste fenômeno. Esses jovens para manter-se no trabalho, tem privação de sono, acúmulo de horas extras, isso por causa da insegurança em função da redução da estabilidade profissional. A cada dia aumentam casos de enfartos, derrames e suicídios decorrentes da estafa profissional extrema, quase um quarto das empresas japonesas tem empregados que excedem 80 horas extras semanais por mês, e em 12% os funcionários fazem mais de 100 horas extras por mês (OS JOVENS..., 2017).

Em função disso, no início de 2017, o governo lançou as "*sextas premium*", estimulando as empresas a permitir que seus funcionários saíssem mais cedo na última sexta-feira do mês e também o incentivo para que os funcionários tirassem mais dias de folga. Embora o governo japonês esteja sob constante pressão para conter o problema, se vê diante de uma tradição corporativa antiga, o que dificulta muitas vezes o êxito dessas ações (OS JOVENS..., 2017).

No Brasil a intensificação do trabalho também está presente em várias situações e setores da economia, e que para Pina e Stotz (2015), essa intensificação do trabalho, representa cada vez mais, um mal-estar, manifesto em problemas de saúde dos trabalhadores. Os autores analisaram o processo de intensificação do trabalho e saúde a partir da percepção dos trabalhadores da Mercedes Benz do Brasil, em São Bernardo do Campo. A Mercedes Benz do Brasil é líder na fabricação de ônibus e teve sua reestruturação nos anos de 1990, segmentando a planta industrial em quatro unidades produtivas: a fabricação de eixos, a fabricação de motores, a fabricação de cabines e a montagem final. Porém, a modernização tecnológica foi inserida de forma desigual: bem mais ampla nas linhas de montagem do que na fabricação do eixo e do motor.

Os autores salientam que, nessa reestruturação, alguns acordos coletivos foram firmados, mediados entre empresa, trabalhadores e sindicato, dentre eles: Participação nos Lucros ou Resultados (PLR) (a partir de 1993); Terceirização (1994); Manufatura Celular (1994); Kaizen (1995); Trabalho em grupo (1995); Reestruturação salarial (1997); Contrato por tempo determinado (a partir de 1998); Redução da jornada de trabalho e banco de horas (BH) (1999).

Percebeu-se, porém que, apesar da participação sindical na empresa, esta se ocupava especialmente em cuidar de decisões que envolviam o consenso entre as partes na gestão da fábrica, deixando de lado seu caráter de luta pelos direitos dos trabalhadores, sendo a preocupação maior do sindicato manter o trabalhador empregado. Entretanto, de 1988 a 2011, o número de empregados caiu de 20.182 para pouco mais de 12.000, enquanto a produtividade saltou de 2,3 para 6,6 veículos/trabalhador. Com igual ou maior magnitude de capital explora uma base menor de trabalhadores; condição que impele o capital tanto ao prolongamento quanto à intensificação do trabalho. O questionamento também parte dos operários. No contexto da crise de 2009, a empresa pressionou para incluir as jornadas adicionais no banco de horas, e não mais remunerá-las como horas extras, como condição para reduzir as demissões de 1.600 para 800 trabalhadores. Apesar do apoio do Sindicato, a assembleia dos trabalhadores, em março de 2009, rejeitou amplamente os termos do acordo. Mesmo diante do perigo da perda do emprego, os operários percebem que nem sempre compensava negociar termos que rebaixassem suas condições de trabalho (PINA; STOTZ, 2015).

Ainda no estudo os autores, analisaram o processo de intensificação do trabalho e saúde a partir da percepção dos trabalhadores, através de três categorias: ritmo de trabalho, prolongamento do trabalho, e administração por estresse.

- Ritmo de trabalho: A caracterização do ritmo de trabalho considera a centralidade da linha de montagem final para o processo de trabalho na montadora. A linha de montagem funciona com variações de velocidade, combinadas com determinada distribuição de tarefas/ postos/trabalhadores, segundo a meta de produção. O ritmo de trabalho implica movimentos alternados, irregulares e desiguais segundo a habilidade do trabalhador.

- Prolongamento do trabalho: corresponde a uma modalidade particular da exploração capitalista relativa à grandeza extensiva do trabalho, por isso, distinta da intensificação. Mas, ao mesmo tempo, também constitui uma forma de intensificar o trabalho. As práticas de prolongamento representam uma exigência de disponibilidade para se trabalhar mais horas e mais intensamente. Isso afeta drasticamente a qualidade do tempo de não trabalho na e fora da jornada.

- Administração por estresse: a definição de metas para alcance pelos trabalhadores se tornou um poderoso instrumento de gestão. As metas adicionam

um valor de estresse no trabalho, notadamente por sua vinculação à PLR (considerada uma forma de salário por tarefa, pois seu valor está condicionado a metas de produção preestabelecidas) (PINA; STOTZ, 2015).

Na esfera educacional, Abonizio (2012) realizou uma pesquisa e procurou pensar as condições e relações de trabalho que os profissionais da educação estão submetidos, e principalmente, quais têm sido os efeitos à saúde desse profissional. A precarização do trabalho docente, não é um fenômeno novo, ela é marcada por vários acontecimentos. Nos anos de 1990, por exemplo, houve uma mudança de paradigma que norteava as ações educacionais, segundo o autor, o trabalho do professor passa a ser pautado na preparação do aluno para o mercado de trabalho, desenvolvendo competências e habilidades necessárias para enfrentar as demandas da sociedade, com isso, existe uma maior responsabilização dos professores. Com o processo de universalização do ensino, esse profissional tem sido cobrado em suas capacidades cognitivas e mentais, entretanto, as condições de trabalho que o professor está inserido não têm colaborado para seu êxito na profissão.

Lobo (2008) discutiu o conceito de precarização do trabalho docente, criticando a subcontratação de professores nas escolas públicas da rede básica de ensino da Bahia. O autor explica que com o aumento da mobilidade e da flexibilidade, os empregadores realizaram maiores pressões sobre a força de trabalho e a partir disso, passaram a controlá-la.

Assim como, Lobo (2008), Finamor Neto (2014) discutiu a contratação temporária de professores na rede estadual de educação do Rio Grande do Sul como forma de precarização das relações de trabalho destes trabalhadores.

Sobre a precarização na educação, Lobo (2008) considera que ela se manifesta na forma de contratação flexível, e nas condições que estes profissionais, que fazem parte da pesquisa, foram submetidos. Os profissionais temporários ganham menos que os efetivos, tem jornada superior, e sofrem constantemente com atrasos nos salários.

Para o autor a adoção dos trabalhadores temporários na educação trouxe consigo a redução da qualidade do ensino público, além de desestabilizar muitos dos profissionais por conta da subcontratação de professores, reduzindo a atratividade de novos profissionais, com intuito de seguir carreira docente.

Para Finamor Neto (2014) o docente contratado é caracterizado como um trabalhador com menos direitos, que convive com a instabilidade e que está mais vulnerável a uma maior exploração do trabalho.

Sampaio e Marin (2004), afirmam que a precarização do trabalhador escolar acarreta graves consequências na estruturação e nas práticas curriculares. Assim, uma análise da precarização do processo de trabalho dos professores com relação às condições de trabalho, precisa ser percebida a partir de diferentes partes que o caracterizam. As principais consequências seriam a necessidade de escolaridade dos professores; salário; condições de trabalho - carga horária de trabalho/de ensino, tamanho das turmas, razão professor/alunos, rotatividade/itinerância.

O ensino superior também tem promovido situações de precarização no interior de instituições públicas e privadas, e segundo Elias (2014) as condições de trabalho dos docentes tem sido objeto de estudo. Em especial, no ensino superior privado, segundo a autora, o professor convive com o risco a cada semestre de ser dispensado, e também sofre pela falta de autonomia e de reconhecimento profissional. As consequências dessas condições de trabalho geralmente são o adoecimento físico e principalmente mental.

Silva Júnior e Sguissardi (2000) expõem que, “a reconfiguração da educação superior brasileira é parte de um processo de reformas, no interior de radical movimento de transformações político-econômicas mundiais”, tais reformas trouxeram consequências para a identidade institucional da universidade.

Ao longo das duas últimas décadas do século XX o sistema capitalista mundial foi marcado por uma série de mudanças nas esferas comercial, produtiva, tecnológica e financeira que culminou na globalização da economia, levando à expansão do processo de internacionalização da produção, desregulamentação do sistema financeiro mundial, aumento do fluxo internacional de capitais, maior integração dos sistemas financeiros mundiais e elevação da concorrência nos mercados produtivos e financeiros. Esta mudança exigiu reformas institucionais na República Federativa do Brasil. A matriz teórica, política e ideológica desse movimento estruturou-se no processo de reforma do aparelho de Estado iniciado em 1995 quando assume o poder o Presidente Fernando H. Cardoso (FHC). A expansão da economia no âmbito global está associada à incorporação de avanços tecnológicos que demandam conhecimentos cada vez mais especializados que resultam em maior complexificação do processo produtivo, o qual, por sua vez, passa a exigir nova qualificação da força de trabalho e diminuição de seu custo, ao mesmo tempo em que se modificam o processo de acumulação, de valorização do capital, bem como a reprodução social e a sociabilidade do trabalhador. Essa nova configuração econômica – impulsionada pelos organismos multilaterais (Fundo Monetário Internacional - FMI e Banco Mundial - BM) orientados pelas diretrizes enfeixadas pelo Consenso de Washington² – marca o

início de um novo regime econômico e político, e de uma ampla rede de intercâmbios comerciais, produtivos e financeiros. As políticas de liberalização da economia dos países emergentes, em especial o Brasil, resultaram na abertura de seus mercados ao investimento estrangeiro e, desta maneira, no aumento do fluxo de capital externo direto. (SILVA JÚNIOR; SGUISSARDI, 2013, p. 120-121).

A reforma do Estado introduz na educação superior a racionalidade gerencial capitalista e privada, modificando a natureza das instituições universitárias, que tendem a responder prioritariamente às demandas do mercado, assemelhando-se, assim, a qualquer empresa, com prejuízos evidentes para sua natureza e identidade tradicionais (SILVA JÚNIOR; SGUISSARDI, 2000).

Essa abertura da economia provocou a degradação social que ocasionou o aumento do desemprego e forte precarização do emprego. O lugar deixado pelo Estado em razão de sua reforma foi prontamente ocupado pelo mercado, na universidade pública houve a abertura de espaço para a entrada do capital (SILVA JÚNIOR; SGUISSARDI, 2013, p. 120-121).

De acordo com Silva Júnior e Sguissardi (2013), com a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) N. 9.394, em dezembro de 1996, as Instituições Federais de Ensino Superior (IFES) deveriam contratar um terço de doutores ou mestres em regime de dedicação integral para realizar pesquisa, com a finalidade de impulsionar a pós-graduação no país. Para isso foi necessário realizar uma reorganização de todo o sistema de avaliação do ensino superior, submetendo o professor-pesquisador a uma série de novas exigências, dentre elas:

- a redução do tempo de pesquisa;
- a obrigatoriedade de se produzir e publicar uma média anual de artigos científicos em periódicos de renome classificados por essa agência;
- dar aulas na pós-graduação e graduação;
- ter pesquisas financiadas por agências de fomento de prestígio acadêmico; e,
- prestar assessorias e consultorias científicas.

É importante salientar, que a Capes e o CNPq priorizavam projetos de inovação para o desenvolvimento de novas tecnologias que agregassem valor aos produtos e processos, que beneficiassem desta maneira, os interesses econômicos privados (SILVA JÚNIOR; SGUISSARDI, 2013).

Elias (2014) ressalta que o ensino superior atende à lógica mercantil tendo a função de sustentar o mercado e nutri-lo de mão de obra especializada. Assim, segundo a autora, os novos modelos de gestão instituíram a naturalização do produtivismo na educação, que conduzem a precarização da atividade, com o aumento de tarefas, mais turmas e diferentes conteúdos, salas mais cheias, maiores exigências e demandas para o docente.

Neste contexto, “um dos elementos primordiais para a desilusão profissional do docente está na impossibilidade de identificação com sua atividade dada a desvalorização cotidiana vivenciada por eles.” (ELIAS, 2014, p. 157).

Pereira e Aragão (2015) discutiram a precarização do trabalho do professor no ensino superior e suas consequências, a partir da análise bibliográfica, de caráter exploratório, sendo possível constatar que o docente de ensino superior tem se submetido a condições precárias no desempenho de suas funções. Dentre as principais ocorrências apontadas nos trabalhos estavam, a contratação temporária como nova modalidade de trabalho; a educação à distância (EAD) através da fragmentação do trabalho do professor, que não consegue acompanhar o desenvolvimento do aluno de forma integral; a mercantilização da educação superior e as exigências de produtivismo acadêmico, que interferem diretamente no trabalho e saúde do docente.

O termo precarização tem sido designado para representar as perdas nos direitos trabalhistas ocorridas no contexto das transformações do mundo do trabalho. Nota-se que no campo da educação a precarização se faz presente através da forma de contratação de professores, no excesso de trabalho (sendo estendido para casa), pelas condições de trabalho que afetam a saúde dos professores, e a influência mercadológica.

Na educação infantil, Vieira e Oliveira (2013) produziram uma pesquisa a partir de um levantamento bibliográfico, que compreendeu o período entre 2002 e 2012, em artigos de periódicos disponibilizados pela base SciELO Brasil, de trabalhos apresentados nas reuniões anuais da ANPEd e de dissertações/teses cujos resumos constam no Banco de Teses da Capes. Neste levantamento, eles elencaram os principais fatores que constituem as circunstâncias condicionantes do trabalho docente em creches e pré-escolas brasileiras. Eles constataram que a realidade profissional dos profissionais da educação infantil no Brasil é marcada pela atribuição de obrigações que não possuem respaldo nas condições de

realização fornecidas pelo poder público. A falta de condições provoca situações de estresse, mal-estar, adoecimento e insatisfação laboral.

O trabalho docente na educação infantil nas políticas educacionais, segundo os autores, aparece constantemente caracterizado pela sua situação de desvalorização. Nas pesquisas, os autores perceberam que em comparação com as outras etapas da educação básica, a educação infantil está situada na posição de maior desvalorização salarial. Perceberam também, problemas na caracterização regulamentação do cargo, e em alguns lugares consideram este profissional como mero apoiador de atividades, não entendendo sua importância no processo de inclusão e auxílio da aprendizagem. Outros problemas apontados foram a sobrecarga de trabalho e as condições inadequadas de atuação. A pesquisa ainda evidenciou que um contingente maior de mulheres exerce o trabalho neste nível de ensino.

“[...] as mulheres trabalhadoras, em termos históricos, sempre receberam salários menores que os homens. Além disso, é o contingente feminino que ocupa postos de trabalho de menor qualificação, além de não terem tradição de participação sindical.” (ALVES, 2007c, p. 268).

Um dos elementos mais preocupantes do processo de precarização foi descrito por Pavani e Backsei (2016) e se refere à proletarização do trabalhador, caracterizado pela dificuldade ou impossibilidade de o professor refletir sobre sua própria prática, pela perda de sua qualificação (para planejar, analisar, atuar e avaliar) e do controle sobre seu processo de trabalho, o que o torna refém do controle externo, diminuindo progressivamente sua capacidade de autonomia e resistência.

Como mencionado, a expansão do capital significou a constituição ampliada de uma superpopulação à mercê da lógica do mercado, homens e mulheres foram expulsos da propriedade (ou posse) da terra, perdendo seus meios de produção da vida material, sendo obrigados, para sobreviver, a vender sua força de trabalho, tornando-se proletários (ALVES, 2007a).

Pavani e Backsei (2016) enxergam que a desproletarização é um caminho possível, mas depende de uma formação crítica do professor, para que seja capaz de questionar as políticas educacionais neoliberais e seus efeitos perversos para as condições de trabalho dos docentes, e sua opção por privilegiar o mercado que

transforma a educação em mercadoria, ao invés de um instrumento de construção da justiça social.

Pioli (2013) investigou o processo de construção e de deterioração da identidade no trabalho, relacionando-o ao sofrimento e processos de saúde-doença de diretores de escolas públicas do Estado de São Paulo em um contexto de reformas educacionais, analisando os efeitos negativos do gerencialismo e da racionalidade instrumental, pautados em índices e metas de avaliação. Para Pioli (2013) “As reformas educacionais dos anos 1990, se inscrevem dentro de um processo mais amplo de Reforma do Estado de caráter neoliberal com a finalidade de adequá-lo à nova configuração e exigências do capitalismo mundializado”. O viés financeiro norteou o conjunto de mudanças na gestão e reorganização das políticas públicas educacionais, submetidas a medidas de racionalização, combinados com um modelo gerencialista, que tem seu alicerce no campo empresarial.

No estudo percebeu-se um descontentamento em função das metas estabelecidas para cada escola, uma vez que estão desconectadas dos dados da realidade e das condições de trabalho com as quais se defrontam cotidianamente. Sob as relações da cultura gerencialista, nota-se que o individualismo e a competição passam a pautar as relações produzindo a fragmentação do coletivo no trabalho.

Ball (2005) considera que o gerencialismo tem sido o mecanismo central da reforma política e da reengenharia cultural do setor público. Ele estabelece uma cultura empresarial competitiva, fazendo com que os trabalhadores se sintam responsáveis e, ao mesmo tempo, investidos da responsabilidade pelo bem-estar da organização. O gerenciamento busca incutir performatividade na alma do trabalhador.

O termo performatividade, segundo Ball (2005, p. 543), “é uma tecnologia, uma cultura e um método de regulamentação que emprega julgamentos, comparações e demonstrações como meios de controle, atrito e mudança”. Ela é alcançada por meio da construção e publicação de informações e de indicadores, para estimular, julgar e comparar profissionais em termos de resultados, para nomear, diferenciar e classificar os resultados individuais.

Os professores acabam inseridos na performatividade pelo empenho com que tentam corresponder aos novos (e às vezes inconciliáveis) imperativos da competição e do cumprimento de metas. Os compromissos humanísticos do verdadeiro profissional – a ética do serviço – são substituídos pela teleológica promiscuidade do profissional técnico – o gerente. A eficácia prevalece sobre a ética; a ordem, sobre a ambivalência. Essa mudança na consciência e na identidade do professor apoia-se e se ramifica pela introdução, na preparação do professor, de formas novas de treinamento não intelectualizado, baseado na competência. (BALL, 2005, p. 548).

Esse conjunto de reformas afeta a alma e o jeito de ser do professor, que tem a percepção de ser constantemente avaliado e de diferentes formas, o que o torna inseguro e numa busca constante para ser melhor, ser excelente, buscando a infundável procura da perfeição (BALL, 2005).

A reflexão acerca deste problema é complexa e de caráter permanente, visto que diante das mudanças, em especial, das relações flexíveis de trabalho e da terceirização das atividades, a situação dos trabalhadores se torne ainda mais delicada.

A nova forma de organização dos processos produtivos redefiniu o modelo de contrato social, no qual o trabalhador concordava em abrir mão do controle sobre a sua força de trabalho em troca de um emprego estável em uma mesma empresa. O processo de estruturação do processo produtivo, o modelo Toyota, criou novos arranjos produtivos que privilegiaram uma série de práticas de gestão, e também a exigência de trabalhadores polivalentes. A partir desse momento se intensifica as novas formas de contratação e também de exploração da força de trabalho.

O trabalhador em troca do trabalho se sujeita a condições precárias em seu ambiente laboral, neste sentido se manifesta a precarização que retira dos trabalhadores os direitos e as garantias de trabalho.

Os trabalhadores acabam se adaptando e se condicionando a situação de precarização, alguns o fazem por medo, e insegurança de perderem seus trabalhos, e até mesmo como lembrado por Sá (2010) para atender as necessidades de momento.

O projeto de uma vida tranquila e independente é colocado em segundo plano, em nome da necessidade de sobrevivência e da manutenção da capacidade de empregabilidade.

Percebe-se pelas pesquisas citadas e autores mencionados, que as pessoas cada vez mais não recebem pelo seu trabalho na mesma proporção de todo o seu envolvimento e dedicação. O trabalhador leva o trabalho para casa e convive com o peso constante dos processos de avaliação e pelo cumprimento de metas. Neste sentido, deixa de lado, o seu lado pessoal, o convívio familiar, o lazer para cumprir prazos impostos, ocasionado problemas de desgaste físico e emocional.

Na próxima seção apresentamos o assunto que envolve o uso da tecnologia e as mudanças provocadas na sociedade, a partir de seus avanços tanto no sentido da criação de novas formas organizacionais do trabalho, como também na maneira como os indivíduos passaram a se relacionar, neste ponto destacamos o uso das redes sociais como forma de interconexão e interação entre as pessoas.

4 REVOLUÇÕES TECNOLÓGICAS E A REDE MUNDIAL: MUDANÇAS NA SOCIEDADE

Para delinear os contornos do uso da tecnologia e sua importância na sociedade, faz-se necessário entender que no decorrer da história da humanidade, o homem foi adaptando o seu modo de viver. Como visto, o modo de produção foi se adaptando aos costumes e a forma de produzir da sociedade, o modo de produção capitalista resultou a Primeira Revolução Industrial, que teve seu início na Inglaterra na segunda metade do século XVIII.

De acordo com Branco (2007) a revolução industrial foi caracterizada pelo surgimento da fábrica e da invenção da máquina a vapor, trazendo mudanças na economia e na sociedade, tais como: aumento da quantidade de profissões, de mercadorias produzidas, de unidades de produção (as fábricas); das cidades; mecanização no campo; estruturação de ferrovias; a necessidade por matérias-primas agrícolas e minerais ampliou-se significativamente.

Diante disso, o autor ressalta a exploração de muitos povos, sobretudo no continente africano. Essas modificações inicialmente ocorreram nos países “desenvolvidos”, como Alemanha, França, Bélgica e Holanda entre outros, além da própria Inglaterra; EUA; Japão. No Brasil, esse processo ocorreu a partir de meados do século 20, entretanto o processo foi diferente daquele que ocorreu nos países desenvolvidos, por exemplo: o capital (dinheiro e máquinas) veio, em boa parte, de fora (de outros países), assim como a tecnologia, por meio de empresas estrangeiras (multinacionais).

A Segunda Revolução Industrial ocorreu entre meados do século 19 e do século 20, segundo o autor, diversos inventos passaram a ser produzidos e comercializados, tais como: o automóvel, telefone, televisor, rádio, avião. Essas situações de avanço tecnológico contínuo, modernização de equipamentos e produtos contribuíram para que as pessoas desvalorizassem o que não era moderno, inclusive, as sociedades que possuíam uma grande riqueza cultural, nas quais a criatividade humana estava presente de forma marcante, como exemplo, as diversas sociedades indígenas que habitavam o Brasil.

A terceira revolução industrial teve início logo após a Segunda Grande Guerra, e caracterizou-se por mudanças nos processos tecnológicos decorrentes

de uma integração física entre ciência e produção, também chamada de revolução tecnocientífica.

De acordo com Pena (2017) a Revolução Técnico-Científica foi responsável pela total integração entre a ciência, a tecnologia e a produção. Esse processo também foi o responsável pela instrumentalização da economia financeira, e sua integração mundial, vinculada ao processo de Globalização. As principais consequências desta revolução foram:

- a) os rápidos avanços e desenvolvimento nos setores de Ciência e Tecnologia;
- b) a consolidação do sistema capitalista financeiro;
- c) a formação e expansão das multinacionais ou empresas globais;
- d) a relativa descentralização industrial (não há mais a necessidade de as indústrias estarem uma do lado da outra, apesar de isso ainda ser comum);
- e) a flexibilização do trabalho ou Toyotismo;
- f) a terciarização da economia. (PENA, 2017).

Pena (2017) considera oportuno destacar que o setor terciário (que envolve o comércio, os serviços, as administrações públicas, a educação, a saúde, entre outros) oferece a maior parte dos empregos, que, em geral, disponibilizam benefícios salariais menores e dificultam a capacidade de organização dos trabalhadores.

Para Fleury (2012) a formação de novos arranjos e novas formas organizacionais do trabalho, operaram significativas mudanças nessa época, e aponta três aspectos.

- Primeiro, as alterações afetaram de forma diferente, os diferentes tipos de empresas.
- Segundo, a distinção nos impactos dessas tecnologias em indústrias da América Latina e, mais especificamente, do Brasil, em relação aos países mais ricos.
- Terceiro, sobre a necessidade de pessoas para desenvolver e utilizar essas tecnologias, sendo preciso o investimento no desenvolvimento de pessoas.

Neste sentido, segundo Medeiros e Rocha (2004) a Terceira Revolução Industrial, teve como um dos maiores problemas o aumento do desemprego dos setores produtivos, com os trabalhadores sendo expulsos do mercado de trabalho.

A Terceira Revolução Industrial imprime a marca da exclusão, na qual a força de trabalho é dicotomizada em trabalhadores centrais e periféricos, desempregados e excluídos, dividindo também a parcela de apreensão do conhecimento e a utilização de tecnologias, gerando relações desiguais de poder pelo saber e pelo controle econômico, colocando no topo da escala os empregados das grandes empresas, seguidos dos trabalhadores do setor informal, cujo trabalho é precário e parcial. (MEDEIROS; ROCHA, 2004, p. 400).

A máquina, ao elevar a produtividade do trabalho, promove a substituição do trabalho vivo (humano) pelo trabalho mecânico, trazendo à tona a questão da qualificação da força de trabalho (MEDEIROS; ROCHA, 2004).

A Quarta Revolução Industrial já está acontecendo, e que segundo Perasso (2016) ela é marcada pela convergência de tecnologias digitais, físicas e biológicas. A industrialização mudará de uma maneira radical e, com ela, o universo do emprego. Os "novos poderes" da transformação virão da engenharia genética e das neurotecnologias, duas áreas que parecem misteriosas e distantes para o cidadão comum.

A quarta revolução industrial, segundo a autora, não representará uma extensão da terceira revolução industrial, mas a chegada de uma diferente, marcada pela: velocidade, alcance e o impacto nos sistemas.

As revoluções anteriores, segundo Alves (2007b) foram engendradas pelo capital desde a revolução industrial "original" de fins do século XVIII e primórdios do século XIX:

Primeira Idade da Máquina: a produção de motores a vapor a partir de 1848. Segunda Idade da Máquina: a produção de motores elétricos e de combustão a partir dos anos 90 do século XIX. Terceira Idade da Máquina: a produção de motores eletrônicos e nucleares a partir dos anos 40 do século XX. Quarta Idade da Máquina: a produção de máquinas microeletrônicas e sua integração em rede interativa ou controlativa (ciberespaço) a partir dos anos 80 do século XX. (ALVES, 2007b, p. 58).

Para Castells (1999), a habilidade ou inabilidade das sociedades dominarem a tecnologia traçam seu destino, e embora não determine a evolução histórica e a transformação social, a tecnologia (ou a sua falta) incorpora a capacidade de transformação das sociedades.

De acordo com Perasso (2016) a quarta revolução carrega a tendência à automatização total das fábricas, para levar sua produção a uma total independência da obra humana. Os sistemas ciberfísicos, combinam máquinas com processos

digitais, o princípio básico é que as empresas poderão criar redes inteligentes que poderão controlar a si mesmas.

Porém, de acordo com a autora, essa revolução pode acabar com vagas de trabalho e ainda acentuar as desigualdades na distribuição de renda, trazendo consigo todo tipo de dilemas de segurança geopolítica. Sobre isso, Druck (2011) enfatiza que a mesma lógica que incentiva a constante inovação no campo da tecnologia e dos novos produtos financeiros, atinge a força de trabalho de forma impiedosa.

De acordo com Alves (2007b) a quarta revolução dissemina o ciberespaço, como rede interativa ou como rede controlativa, através das instâncias de produção e reprodução social. Além disso, com ela surge uma nova forma de ser da mercadoria: a mercadoria-informação. O ciberespaço constitui as infovias hipervirtuais permeadas de “pedágios” do capital que impõe sua lógica da escassez à nova forma material.

A mercadoria-informação é a última fronteira da modernização, e que de acordo com Alves (2007b), surge o “capitalismo manipulatório” constituído por redes de informações lingüístico-imagéticas que atingem a subjetividade complexa de homens e mulheres. Elas impregnam o próprio fluxo societal, buscando constituir consentimentos e comportamentos pró-ativos e instaurar novas formas fetichizadas de intercâmbio social.

Para o autor, a cada salto tecnológico, com sua respectiva produção de máquinas, corresponde uma forma mercadoria predominante, é possível dizer que a forma-mercadoria da Quarta Idade da Máquina é a mercadoria-informação.

Para Lévy (1999) o termo ciberespaço especifica não apenas o universo de informações, mas os seres humanos que navegam e se alimentam desse universo. Esse espaço resultaria em um movimento mundial de jovens ardorosos por experimentar novos e diferentes tipos de comunicação, e assim, haveria a necessidade de explorar as potencialidades desse espaço nos planos econômicos, políticos, culturais e sociais.

O desenvolvimento das forças produtivas do trabalho social e o surgimento das novas tecnologias telemáticas e de informação em rede, constituiu um novo espaço de sociabilidade virtual: o ciberespaço, isto é, um campo de integração difusa e flexível dos fluxos de informações e de comunicação, entre máquinas computadorizadas, um complexo mediador entre os homens baseado totalmente em dispositivos técnicos, um novo

espaço de interação (e de controle) sócio-humano criado pelas novas máquinas e seus protocolos de comunicação e que tende a ser a *extensão virtual* do espaço social propriamente dito. (ALVES, 2007b, p. 62).

A digitalização da informação segundo Lévy (1996) através da informática fez surgir uma nova "máquina de ler" o lugar onde uma reserva de informações possível vem se realizar por seleção, aqui e agora, para um leitor particular. O ciberespaço está misturando as noções de unidade, de identidade e de localização.

Nesta era, o sentido de informação e o conhecimento também se modificam. Lévy (1996) afirma que a informação e o conhecimento, de fato, são a principal fonte de produção de riqueza, porém a relação com o conhecimento que experimentamos é radicalmente nova. Hoje, as pessoas não apenas são levadas a mudar várias vezes de profissão em sua vida, como também, no interior da mesma "profissão", os conhecimentos têm um ciclo cada vez mais curtos. Ele ressalta que existe a aplicação de saberes estáveis, que constituem o plano de fundo da atividade, à aprendizagem permanente, à navegação contínua num conhecimento que doravante se projeta em primeiro plano.

Neste sentido as relações de trabalho também mudaram, na instituição clássica do trabalho, tal como foi fixada no século XIX, o operário vendia sua força de trabalho e recebia um salário em troca. O trabalhador contemporâneo tende a vender não mais sua força de trabalho, mas sua competência, ou melhor, uma capacidade continuamente alimentada e melhorada de aprender e inovar, que se pode atualizar de maneira imprevisível em contextos variáveis (LÉVY, 1996).

“O avanço tecnológico foi capaz de produzir novos instrumentos de trabalho, novos bens de consumo e diversas possibilidades de relacionamento social entre as pessoas”, entretanto segundo Mello e Camargo (2011, p. 297), ele não pôs fim ao desemprego estrutural, a precarização do trabalho e a exploração do operariado.

O capitalismo continua (re)criando seus espaços de indignidade e precarização, de má qualidade de vida e exploração. A impossibilidade de substituição do ser humano pela máquina é uma condição da própria ideia de humanidade. Quando a máquina dá a impressão de que está substituindo o homem, na realidade o que ela faz é substituir ‘o ritmo do corpo humano’ ela ainda precisa de alguém que a opere, que a ajuste e a conserte. Outra confusão que frequentemente se faz com pertinência ao tema é relacionar o ‘trabalho vivo’ com o ‘trabalho morto’ como se este fosse independente daquele. (MELLO; CAMARGO, 2011, p. 298).

O trabalho imaterial, não é um elemento que existe apenas no capitalismo contemporâneo, ele sempre existiu, e é somente uma nova forma de precarização do trabalho: um seguimento de fadigas e penas, ao qual o operário é submetido, esteja ele em uma fábrica ou em um escritório, recebendo por isso apenas o suficiente para que o capital possa contar, no outro dia, novamente com a força de trabalho que enriquece o capitalista (MELLO; CAMARGO, 2011).

De acordo com os autores, o argumento da ideologia capitalista contemporânea sobre o “fim do trabalho”, justifica a exploração intensiva do trabalho e a “captura da subjetividade do trabalhador”, fazendo com que a “classe-que-vive-do-trabalho” perca o sentido do trabalho e concorde com o sistema que o oprime.

É oportuno explicar que a utilização da expressão “captura” da subjetividade do trabalho, é utilizada para caracterizar o cerne do modo de organização toyotista do trabalho capitalista. Segundo Alves (2007d), o processo de “captura” da subjetividade do trabalho vivo, é um processo que articula mecanismos de coerção e de consentimento, que interage com uma teia de manipulação que perpassa não apenas o local de trabalho, mas as instâncias da reprodução social.

Como visto a evolução da Ciência e Tecnologia não foram capazes de acabar com os problemas decorrentes do modo de produção capitalista, ao contrário eles acentuaram as diferenças entre os donos do capital e da classe das pessoas que vivem do trabalho.

Esses avanços foram elementos propulsores para a reorganização da forma estrutural da organização do trabalho, colocando o trabalhador o mais dependente possível das estruturas organizacionais e ainda exigindo que os mesmos, se adequassem as novas demandas e buscassem continuamente o aperfeiçoamento, já que a necessidade era de trabalhadores polivalentes capazes de executar diversas funções ao mesmo tempo, buscando eficiência, eficácia e aumento de produtividade.

Todavia, para Ferreira (2006, p. 20), o trabalhador “[...] não percebe o condicionamento ao qual está sendo submetido, assumindo as consequências da tecnologia, no instante em que ele toma para si a necessidade de estar sempre atualizado para não ser descartado da estrutura”, e isso ele o faz com o intuito de ser competitivo e para adequar-se a essa realidade.

Na próxima subseção faremos um apanhado sobre o conceito rede, especialmente sobre as redes sociais, e sua forma de interconexão da informação através da interação de pessoas.

4.1 A interconexão através das redes sociais

De acordo com Recuero (2005) o interesse no estudo de redes permeia todo o século XX, iniciado pelas ciências exatas que trouxeram contribuições e posteriormente foram absorvidas pela sociologia, na perspectiva da análise estrutural das redes sociais.

Na sociologia, a teoria dos grafos é uma das bases do estudo das redes sociais, ancorado na análise das estruturas sociais, partindo de duas grandes visões do objeto de estudo, as redes inteiras (*whole networks*) e as redes personalizadas (*ego-centered networks*), sendo o primeiro aspecto focado na relação estrutural da rede com o grupo social, o segundo centrada no papel social de um indivíduo poderia ser compreendido não apenas através dos grupos (redes) a que ele pertence, mas igualmente, através das posições que ele tem dentro dessas redes (RECUERO, 2005).

Segundo a autora em uma rede social, as pessoas são os nós e as arestas são constituídas pelos laços sociais gerados através da interação social.

O primeiro matemático a trabalhar sobre o conceito de redes foi Euler, por volta do século XVIII, e paralelamente, no campo da Sociologia, os conceitos sobre redes serviram de base para estudos aprofundados sobre as estruturas sociais. Um tempo depois esse conceito foi aplicado no âmbito da tecnologia, quando a criação da *Internet* e seus procedentes acarretaram no surgimento de uma grande gama de ferramentas *online*, dentre as quais muitas foram atribuídas para processos comunicacionais. A criação do sistema *World Wide Web*, ou simplesmente *Web*, possibilitou que qualquer pessoa pudesse estar presente em tempo integral na *Internet*, disponibilizando seus *websites*, textos, arquivos de imagem e som, entre outros, a qualquer outro computador no mundo que estivesse conectado no ambiente *online* (FURLAN; MARINHO, 2014).

Segundo Castells (1999, p. 188), “as redes são e serão os componentes fundamentais das organizações, pois são capazes de formar-se e expandir-se por todas as avenidas e becos da economia global”.

Para dar início a esta subseção faz-se necessário explicar que existem diversas formas de conceituar a palavra rede, neste trabalho daremos o enfoque de rede voltada para a interconexão da informação através de pessoas.

As redes são sistemas organizacionais de acordo com Olivieri (2003) são capazes de reunir indivíduos e instituições, de forma democrática e participativa, em torno de causas afins. Elas apresentam estruturas flexíveis e estabelecidas horizontalmente, com atuações colaborativas que se sustentam pela vontade e afinidade de seus integrantes.

A palavra rede, segundo Olivieri (2003) vem do latim *retis*, que significa o entrelaçamento de fios com aberturas regulares que formam uma espécie de tecido. Este conceito se transformou nas últimas duas décadas, em uma alternativa prática de organização, possibilitando processos capazes de responder às demandas de flexibilidade, conectividade e descentralização das esferas contemporâneas de atuação e articulação social.

Paralelamente aos processos de globalização neoliberal e, até mesmo, intrinsecamente aos movimentos dialéticos do próprio capitalismo, afirmavam-se, mundo afora, com a mesma intensidade da lógica dominante, mas apenas sem o mesmo poder de mídia à época - fato que hoje está em modificação – movimentos locais, comunitários e de minorias como uma resposta muito clara de que a diversidade e as significações específicas existiam e reivindicavam um lugar no mundo (OLIVIERI, 2003).

“A *internet* pode ser considerada um importante meio de socialização e solidariedade horizontal, se utilizada para a troca de informações e a articulação de movimentos resistentes e proponentes de ideologias, culturas e ideias alternativas para o mundo.” (OLIVIERI, 2003).

Dessa forma, para a autora, as redes apresentam uma solução viável e desejável aos cidadãos ativos e conscientes das necessidades de transformações do mundo, possibilitando a articulação dos movimentos culturais e informacionais capazes de propor alternativas para a humanidade, fundamentadas em valores democráticos.

Segundo Rosado e Martins (2013) o conceito de rede, e em especial de rede social, não é novo, tendo origem nas pesquisas técnicas de comunicação e

ciência da informação (topologias) e nos estudos da sociologia (comunidades, grupos, capital e laços sociais). A unidade básica de uma rede é o nó, o ponto de encontro no qual uma relação (vínculo/conexão) entre os elementos (nós) que a constituem pode ser estabelecido. Uma rede é, sobretudo, uma estrutura aberta na qual novas relações e nós podem se formar desde que os integrantes tenham um código de comunicação em comum para que a relação se desenvolva, podendo ser em mão única ou em mão dupla. Dessa forma, os suportes digitais conectados levam serviços variados a quem os acessa, dentre os quais estão os *softwares* de redes sociais, que aos poucos vão agregando serviços de compartilhamento de *sites*, vídeos, imagens e mensagens textuais, tendo como unidade básica (nó) de sua estrutura o perfil do participante da rede. Os suportes digitais estão cada vez mais presentes gerando opiniões distintas de pais, professores e instituições educativas sobre como devem ser apropriados no cotidiano pessoal e escolar (ROSADO; MARTINS, 2013).

Goulart (2014) considera fazer uma breve distinção entre redes sociais e mídias sociais, isso pode ser visualizado no quadro 3.

Quadro 3 – Distinção entre redes sociais e mídias sociais

Redes sociais	Mídias sociais
As “redes sociais” se destinam, mais especificamente, a denotar sistemas computacionais construídos para conectar as pessoas, permitindo a troca de informações. Aborda a geometria das ligações entre os nós (pessoas ou usuários), sua densidade e distribuição, sua extensão e acessibilidade, ou seja, especifica os aspectos associados à estrutura física e à lógica da rede, e não necessariamente aos relacionamentos ou conteúdos associados.	O termo “mídias sociais” se aplica, aos sistemas computacionais baseados na Internet, destinados, fundamentalmente, ao estabelecimento e à manutenção dos relacionamentos entre seus usuários, pessoas ou organizações. Além disso, inclui a produção de conteúdos e seu compartilhamento entre as pessoas “digitalmente” conectadas. Assim, as mídias sociais sustentam mecanismos de colaboração essenciais ao adensamento das relações entre as pessoas. Digitais ou virtuais, elas vêm potencializar o discurso oral (a fala) entre duas ou mais pessoas.

Fonte: GOULART, 2014, p. 12.

Para Goulart (2014) o termo “mídias” é amplo e contempla um conjunto de possibilidades, que vão desde “meios físicos”, ou um meio lógico ou virtual, mas geralmente com o sentido de “algo que é um suporte”. O termo “sociais”, por sua vez, enfatiza o lado humano do conceito, e possui como objetivo final as pessoas em suas relações sociais.

As relações sociais sempre existiram, contudo, as tecnologias de comunicação digital oferecem novas maneiras para as ligações entre as pessoas, por meio de novos dispositivos (*smartphones, tablets, computadores etc.*), novas formas de interação sem restrições de tempo ou lugar e com trocas de informações em outros formatos além do texto (imagens, áudios, vídeos, interfaces inteligentes interativas etc.).

Conforme Mayfield (2008 apud GOULART, 2014), as mídias sociais possuem as características de: participação, abertura, conversação, formação de comunidades e conectividade.

De acordo com Goulart (2014) as mídias sociais, sendo ferramentas ou ambientes on-line de apoio às interações das pessoas, podem ser classificadas de acordo com a sua finalidade, e com as funções a elas associadas, a descrição sucinta de cada uma delas pode ser visualizada no quadro 4.

Quadro 4 – Tipos de mídias sociais

Tipos	Características
Redes sociais virtuais	Redes on-line permitem aos usuários a criação de páginas pessoais e, a partir delas, se conectarem com outros usuários (amigos, familiares, clientes etc.) a fim de compartilhar conteúdos pessoais ou profissionais e manter comunicações restritas ao ambiente, diretas entre dois usuários (privativas), partilhadas entre os demais usuários na sua totalidade ou segmentados em grupos (públicas).
Blogs	Os blogs são como “jornais on-line”, organizados pelas mais recentes publicações. Dispõem da possibilidade de os leitores postarem comentários sobre os posts do autor, que podem ser mediados ou não por este. Exemplos mais famosos de ambientes onde é possível construir blogs são o <i>Blogspot</i> e o <i>Wordpress</i> .
Wikis	Os wikis são sites construídos para editoração colaborativa de conteúdos. Os textos, principalmente, são adicionados por alguém, e qualquer outra pessoa pode alterá-los, visando proporcionar informação mais completa e/ou correta. O exemplo mais conhecido é a <i>Wikipedia</i> , uma enciclopédia aberta e colaborativa.
Podcasts	São sites para a disponibilização de conteúdos em áudio, mais especificamente, para gravações de “falas” para serem ouvidas por usuários em momentos diversos. Programas de rádio, por exemplo, têm sido gravados em suas transmissões ao vivo e, então, disponibilizados como <i>podcast</i> para outros ouvintes ou para repetição de quem tiver interesse. A rádio CBN, por exemplo, tem diversos conteúdos disponíveis de sua programação.
Fóruns	O fórum é uma área de conversação on-line destinada ao compartilhamento de discussões. Normalmente, esta ferramenta está disponível em sites das mais diversas finalidades, ou seja, toda vez que se deseja obter o engajamento das pessoas em um assunto ou tema, a criação de um fórum pode motivar a participação. Os fóruns podem ser mediados ou não. Normalmente os fóruns abertos ao público são mediados, até para evitar que se postem comentários ruins, pejorativos etc. Os fóruns em ambientes nos quais os usuários são cadastrados não necessitam, em tese, de mediação.

Comunidades de conteúdo	São ambientes on-line destinados à inserção de tipos específicos de conteúdos. Esses sistemas podem ser públicos, ou seja, abertos a qualquer pessoa inserir conteúdo e pesquisar o que está postado, ou podem ser privativos, com acesso apenas a pessoas integrantes da comunidade. Os principais conteúdos compartilhados são: fotos, como o site <i>Flickr</i> ; links a outros sites e aos Favoritos, como o <i>Delicious</i> ; e vídeos, como o <i>YouTube</i> .
Microblogs	Esses sistemas são uma combinação das redes sociais virtuais com os blogs. Contudo, a ideia inicial do primeiro sistema criado, o <i>Twitter</i> , foi destinada a adolescentes para que postassem suas atividades pessoais, por meio do slogan: “O que você está fazendo agora?” (“ <i>What are you doing now?</i> ”). As mensagens são curtas (até 140 caracteres), de forma a serem integradas com o sistema de telefonia móvel por meio de <i>Short Message Service</i> (SMS).

Fonte: GOULART, 2014, p. 15-17.

Segundo o autor esses tipos de mídias sociais estão ligados ao conceito de produção de conteúdo, esta sim uma importante inovação tecnológica ocorrida nos anos recentes. Elas servem para partilharmos nossos desejos, valores, crenças, pensamentos, dúvidas e necessidades, e permitem que colaboremos uns com os outros na ajuda recíproca ou na busca pelo alcance de objetivos comuns.

Sendo um ambiente tão importante, Rosado e Martins (2013) consideram que a *Internet* parece uma “terra sem lei”, gerando medo naqueles que não a conhecem ao menos um pouco, as duas instituições, escola e família, não podem negligenciar a necessidade de educar, em mão dupla, as novas gerações no uso cotidiano da rede, mesmo que a percepção sobre os hábitos e modos de agir e entender o mundo desses “nativos digitais” seja ainda difusa.

De acordo com Batista e Zago (2010, p. 129) com a proliferação dos sites de redes sociais, ambientes nos quais os atores sociais podem realizar trocas comunicativas mediadas pelo computador com seus contatos, cada vez mais se recorre a esses espaços em busca de recomendações de outros indivíduos – conhecidos, contatos, amigos, e até mesmo de desconhecidos – que exercem papel de influenciadores perante os demais usuários da rede. Passa-se a confiar na sabedoria da multidão ou em trocas interpessoais nas dinâmicas de tomada de decisão.

Farias, Ferreira e Patriota (2009) consideram que no Brasil, o que mais atrai os brasileiros para a virtualidade real são as redes sociais e a consequente oportunidade de interação dentro delas, servindo para conversar com pessoas, manter contatos, postar fotos, criar conteúdos, falar sobre determinado produto, serviço ou propaganda, mas também, gerar mídia boca-a-boca ou “mouse-a-mouse” sobre uma infinidade de assuntos.

As pessoas querem compartilhar. Querem contar e ouvir histórias de pessoas e, trocar experiências. A explosão das redes sociais é o melhor exemplo desse fenômeno da sociedade. Trata-se de uma característica dos tempos digitais que não podemos ignorar. O fato é que as redes sociais e seus espaços disponibilizados na internet facilitam essa exposição e até incentivam o compartilhamento de experiências. E fica lá tudo registrado. Outra coisa que valoriza as redes sociais é a credibilidade que as pessoas desfrutam umas com as outras. Pesquisas indicam que temos a tendência a acreditar muito mais nas pessoas que conhecemos (que passam a ser as nossas referências). (FARIAS; FERREIRA; PATRIOTA, 2009).

Santana et al. (2009) divide as Redes Sociais em: *Online* Genéricas e Redes Sociais *Online* Especializadas e detalhadas no quadro 5.

Quadro 5 – Redes Sociais

Redes Sociais em <i>Online</i> Genéricas	Redes Sociais <i>Online</i> Especializadas
Definição	Definição
São orientadas a apoiar diversos tipos de conteúdo textuais e multimídia, assim como prover diversas funcionalidades para que usuários possam interagir com esses conteúdos. Podemos dizer que o foco dos conteúdos e as funcionalidades encontradas estão orientados a um contexto lúdico, pois promove nas pessoas uma interação informal e “recreativa”.	Fornecem ferramentas para um trabalho específico, tratando uma temática em particular e cobrindo necessidades de um determinado segmento de usuários. A referência feita à temática não indica a obrigatoriedade de tal comportamento. No entanto, o serviço oferecido e seu objetivo levam os usuários a utilizarem as RSO especializadas de uma maneira diferente de RSO.
Exemplo de uma rede social genérica	Exemplo de uma rede social especializada
<i>Facebook</i> : Lançada em 2004 como um projeto orientado ao uso apenas da Universidade de Harvard. No ano seguinte foi relançada e, em 2006, apresentada na versão corporativa como é conhecida na atualidade. Os principais usuários deste sistema estão nos Estados Unidos, Reino Unido e Itália.	<i>LinkedIn</i> : Uma RSO de temáticas associadas a profissionais (ideias, informações e oportunidades). Foi lançada em 2003, sendo uma das RSO especializadas com maior popularidade. O maior número de seus usuários está concentrado nos Estados Unidos e na Índia.

Fonte: ALEXA; BOYD e ELLISON (2009; 2007 apud SANTANA et al., 2009, p. 342).

De acordo com Ribeiro (2017) o Brasil tem hoje uma média de 45% da população ativa em redes sociais de todos os tipos. O quadro 6 apresenta as redes mais utilizadas no Brasil.

Quadro 6 – Principais redes sociais utilizadas no Brasil

Facebook 	O Facebook é a rede mais popular do mundo, surgiu em meados de 2008, substituindo, três anos depois, um dos grandes fenômenos das redes sociais no Brasil: O <i>Orkut</i> .
Whatsapp 	O criador do Whatsapp chama-se Jan Koum, nascido em Kiev, capital da Ucrânia. A ideia da criação desse aplicativo de mensagens era livrar os usuários da habitual avalanche de anúncios publicitários de outras plataformas, como o próprio <i>Facebook</i> . O aplicativo foi comprado pelo <i>Facebook</i> por US\$ 19 bilhões. No país, ele serve para lazer, conversação casual e ferramenta de trabalho.
Messenger 	O Messenger tornou-se um app separado do <i>Facebook</i> , e o seu download começou a se tornar obrigatório para usuários da rede social por smartphone. Uma de suas vantagens é a possibilidade de uso no desktop, além da desassociação da linha do tempo de sua conta no <i>Facebook</i> , que impede distrações e torna o app bem mais estratégico.
Youtube 	O YouTube é uma plataforma de distribuição digital de vídeos. Foi fundado em fevereiro de 2005. Essa plataforma pode ser considerada a segunda maior rede social acessada no país, com uma média de 21% da população ativa diariamente.
Instagram 	O Instagram foi uma criação do paulistano Michel Krieger, em 2010, que posteriormente vendeu a rede social ao Facebook por R\$ 1 bilhão. O instagram possibilita a montagem de anúncios. Atualmente essa rede social logo se tornou a mais utilizada dos publicitários.
Snapchat 	O Snapchat surgiu em 2011, criado por Evan Spiegel, é um aplicativo para o envio de fotos e vídeos com auto-destruição. O aplicativo de mensagens instantâneas é avaliado em cerca de 15 bilhões de dólares.
Google+ 	O Google+ foi lançado em junho de 2011, tem hoje uma média de 6% dos usuários totais sendo brasileiros. A rede social ainda não chegou a engatar aqui no país, apesar de já ter passado por uma série de mudanças que hoje permitem a sua integração com os outros serviços do Google.
Skype 	Lançado em 2003, o Skype é um dos programas de troca de mensagens por voz (e vídeo) mais difundidos na atualidade e, apesar da contínua emergência de novas redes para comunicação em tempo real (como o <i>Hangout</i> do Google, um de seus maiores concorrentes), ele ainda continua bem estabelecido no mercado.
Twitter 	A rede social para microblogs teve um boom repentino no país, mas, de 2013 para cá, caiu cerca de 60% no volume de usuários ativos.

Fonte: Baseado em Ribeiro (2017).

Silva (2014) explica que o uso das redes sociais digitais possibilita um movimento importante permitindo ao usuário se mostrar, se manifestar, produzir e compartilhar informações de seu interesse. Porém, ela ressalta que a liberação total da tomada da palavra, a disseminação de dados e informações e o leviano engajamento podem engendrar conflitos de informação, de natureza cultural, étnica, de gênero e de religião, entre outras.

Neste sentido, faz necessário o uso do bom senso e a retomada dos valores tão questionada em várias situações em que se incitam a violência, o preconceito, a intolerância por opiniões e padrões diferentes.

A autora pontua que as redes são dinâmicas, envolvem diferentes sujeitos e cosmovisões, extrapolam em amplitude a vivência presencial, transcendem barreiras geográficas e culturais e aumentam o potencial da informação, permitindo a construção de um perfil público e o envolvimento com uma lista de usuário para criar, fortalecer vínculos e estabelecer inúmeras conexões por meio do aparato tecnológico.

Recuero (apud SILVA, 2014) elenca as principais características das redes sociais: 1. A persistência da informação; 2. Sua alta capacidade de replicabilidade (com alcance muitas vezes imensurável); e 3. A emergência de audiências invisíveis e incontroláveis.

Outra observação importante, feita por Recuero (apud SILVA, 2014) é que as informações que circulam nas redes sociais assim tornam-se persistentes, capazes de ser buscadas e organizadas, direcionadas a audiências invisíveis e facilmente replicáveis. A essas características soma-se o fato de que a circulação de informações é também uma circulação de valor social, que gera impactos na rede.

Sobre a concepção das redes sociais na Internet, Trivinho (2012), considera que elas apresentem uma dimensão claramente política; econômica; cultural, e moral. Grandes corporações trabalham suas marcas ao nível transnacional, para bilhões de pessoas ao redor do mundo, consideradas como capital humano, e que aderem a essa marca sem gastar um tostão. É a exploração flexível, sutil, imperceptível, obliterada de uma marca, que se gerencia como marca, que acolhe os consumidores - eles não precisam comprar nada no mercado.

A dominação capitalista se configura na mais rigorosa das exigências, a da flexibilidade. Druck (2011) enfatiza que a lógica capitalista transforma rapidamente

os homens e mulheres que trabalham em obsoletos e descartáveis, que devem ser “superados” e substituídos por outros “novos” e “modernos”, isto é, flexíveis.

Ser flexível tornou-se sinônimo de ser competente, de saber trabalhar ‘em rede’, de adaptar-se a novos projetos, a prazos curtos e, sobretudo, a condições de trabalho que estão sempre reivindicando novas competências. Ser flexível significa ainda adaptar-se às demandas de tempo, o que pode se traduzir em jornadas longas durante curtos períodos ou jornadas curtas durante longos períodos, mas também pode reivindicar do trabalhador a necessidade de estar sempre disponível, mesmo que essa disponibilidade nunca venha a se confirmar, de fato, em tarefas e em remuneração. (RODRIGUES, 2010, p. 72).

Segundo a autora no caminho “dessas exigências, estaria também a remuneração flexível, a instabilidade e as consequências na vida pessoal, cuja separação da vida profissional torna-se menos nítida” (RODRIGUES, 2010, p. 73).

Na próxima subseção nos propomos a trazer algumas informações sobre o criador e a criação do *Facebook*, dentre os sites de redes sociais esta pesquisa procurou concentrar-se no *facebook* uma rede social muito acessada pelos brasileiros.

4.2 História social do *facebook*

A origem do *Facebook* está associada à origem do *Facemash*, um *website* colocado *online* no dia 28 de outubro de 2003 por Mark Zuckerberg, e pelos seus colegas Andrew McCollum, Chris Hughes e Dustin Moskovitz. Zuckerberg escreveu o código do *software* para esse *website*, que permitia aos seus visitantes votar na pessoa mais atraente, através de fotografias de estudantes, que ele disponibilizou por meio da base de dados da Harvard. A partir desta iniciativa foram registradas mais de 20.000 visualizações de fotografias, apenas nas primeiras 4 horas *online* (CORREIA; MOREIRA, 2014).

O *Facemash* foi desativado e Zuckerberg quase foi expulso por utilizar informações do banco de dados sem autorização, violando o direito de privacidade de dados. Ele ainda se envolveu em mais polêmicas quando na concepção do *Thefacebook*, foi acusado por três estudantes, Cameron Winklevoss, Tyler Winklevoss e Divya Narendra, de tê-los enganado, ao fazê-los acreditar que os ajudaria na criação de uma rede social denominada *HarvardConnection.com*. A acusação desencadeou um processo de investigação e uma ação judicial que os

três finalistas moveram contra Zuckerberg, tendo ambas as partes chegado a um acordo (MCGINN, 2004 apud CORREIA; MOREIRA, 2014).

O *Thefacebook* teve a denominação alterada para *Facebook* e foi concebido em 2004 inicialmente, como uma rede de comunicação fechada entre os estudantes da Universidade de Harvard, expandido para outras universidades, colégios, redes corporativas e, público em geral.

O *Facebook* pode ser definido como um *website*, que interliga páginas de perfil dos seus utilizadores, permitindo que estes se envolvam em três tipos de atividades, publicar informação pessoal relevante numa página individual com o seu perfil, ligar-se a outros utilizadores e criar listas de amigos, e interagir com outros utilizadores (BUFFARDI; CAMPBELL, 2008; TUFEKCI, 2008 apud CORREIA; MOREIRA, 2014).

De acordo com Patrício e Gonçalves (2010), “O *Facebook* transformou-se não só num canal de comunicação e um destino para pessoas interessadas em procurar, partilhar ou aprender sobre determinado assunto [...]”, mas segundo Correia e Moreira (2014) como ferramenta de observação comportamental, de teste de hipóteses e de recrutamento de participantes num ambiente natural.

De acordo com Kirkpatrick (2011, p. 14), “Embora o *facebook* não tenha sido concebido como instrumento político, logo no início seus criadores perceberam que havia ali um potencial peculiar”, sendo possível encontrar algumas manifestações e protestos alimentados pelo *facebook*.

“As ideias no *facebook* têm a capacidade de se espalhar pelos grupos e fazer com que um grande número de pessoas tomem conhecimento de algo quase simultaneamente, propagando-se de uma pessoa para outra e para muitas com uma facilidade rara - como um vírus, ou um meme.” (KIRKPATRICK, 2011, p. 16).

As redes sociais também abriram novos caminhos para marketing digital, sendo possível, por exemplo, a divulgação e ampliação de canais de produtos e serviços e a ampliação dos relacionamentos entre pessoas. Muitas empresas já enxergam esse canal como uma ferramenta importante para aumentar sua participação no mercado, expandir os canais de publicidade *online*, descobrir clientes potenciais, entender o que as pessoas pensam sobre sua marca, produto ou serviço, etc.

Diante do exposto fica claro que existem alguns benefícios no uso das redes sociais, como a praticidade, o entretenimento, o uso para fins comerciais e a forma

rápida na informação, mas é possível também verificar alguns aspectos negativos tais como o uso inadequado de conteúdos que tragam conotações preconceituosas, temas e posicionamentos polêmicos, uso indevido imagens ou vídeos, que podem causar danos a terceiros, etc. Quando alguém compartilha, curti ou comenta algo na rede, deve ter a dimensão de que isso vai ser visualizado por muitas pessoas, sendo amigos (seus próprios contatos), pessoas que nem sempre conhecemos.

Amante (2014) explica que ao criar um perfil, o usuário deverá preencher um quadro de informações pessoais e profissionais (gênero, data de nascimento, crença religiosa, nível profissional e a(s) instituição(es) de formação acadêmica, *status* de relacionamento, informações sobre contatos, etc.).

De acordo com Correia e Moreira (2012) dentre as principais funcionalidades do *Facebook*, estão à promoção da comunicação por um sistema de “mensagens” que permite diálogos privados, bem como um “mural” que permite uma comunicação de caráter mais público, e em tempo real. Ele possibilita a publicação e identificação de fotografias, e ainda que seus utilizadores cumprimentem amigos, pois há um lembrete sobre os aniversariantes do dia, mês e ano. É também possível comprar ou vender itens no *marketplace*¹⁰ e encontrar entretenimento na página de jogos.

De acordo com os autores, outra funcionalidade é a possibilidade de acompanhar o “*feed*”¹¹ de notícias”, isto é, sempre que o utilizador acesse a rede, ao invés de ver o seu perfil, é-lhe apresentada uma listagem das ações e atualizações feitas na rede, por todos os amigos (incluindo alterações de perfil, atualizações de aniversários e de eventos). Os utilizadores podem controlar, com alguma flexibilidade, que tipos de informação partilham automaticamente com os amigos e impedir que alguns amigos de verem as atualizações sobre determinados tipos de atividades privadas.

¹⁰ O marketplace é um modelo de negócio de comércio eletrônico e oferece dentro de uma única estrutura diversos vendedores diferentes, possibilitando m único lugar onde o consumidor pode comprar vários produtos, de diferentes lojas, segmentos e marcas. (BORGES, 2016).

¹¹ A origem da palavra “*feed*” vem mesmo do inglês e significa “alimentar”. O uso feito na internet, significa que o internauta que não tem tempo para navegar por vários sites à procura de conteúdo seria “alimentado” com todas as atualizações que ele normalmente buscaria. (MÜLLER, 2012).

A característica que mais diferencia o *Facebook* de outras redes sociais, segundo os autores, é a sua plataforma. Ela permite que outros *websites* e aplicações se integrem no *Facebook* através de uma linguagem aberta, denominada de *Open Graph*, esta funcionalidade transformou-se rapidamente numa importante estratégia de promoção de conteúdos.

De acordo com Nogueira (2015, p. 52), “as páginas possuem uma Linha do Tempo, assim como os perfis pessoais, que são uma espécie de memorial da vida e representação virtual dos usuários [...]”. A linha do tempo conta um pouso da história de cada usuário, suas publicações, marcações e compartilhamentos.

Sobre as formas interativas, segundo a autora, elas são representadas pelos botões “curtir”, “compartilhar” e “comentar”. No botão “curtir” o usuário torna visível sua participação e toma parte do assunto que foi publicado, porém com pouco comprometimento. O botão “compartilhar” é utilizado pelos usuários que pretendem dar mais visibilidade ao *post* publicado em uma Linha do Tempo, permitindo que ele seja, posteriormente, visualizado por diversas pessoas. Na interação “comentar” o usuário está disposto a participar com um enunciado da construção da informação na Linha do Tempo da página. Neste tipo de interação o usuário, se não quiser escrever algo, poderá inserir um *emoji*, anexar uma foto ou vídeo ou ainda publicar uma figurinha ou *gif*.

No botão curtir, existe ainda outros seis botões que ajudam o usuário a demonstrar os sentimentos em relação aos posts, estes são chamados de *Facebook Reactions* e expressam emoções positivas e negativas. A figura a seguir apresenta as reações e o que estas representam.

Figura 7 – Facebook Reactions



Fonte: Adaptado de Nogueira, 2015.

Os emojis "amei", "haha", "uau", "triste", "grr" e "curtir" já estavam disponíveis no Messenger e para posts do Facebook, mas diante do pedido de pessoas que gostariam de reagir às conversas estes foram adicionados como mais uma opção de interação entre os usuários (FACEBOOK..., 2017b). Algumas empresas consideram que as reações significam muito mais que somente as curtidas, e demonstram engajamento e envolvimento dos usuários com os conteúdos.

A próxima seção apresenta o percurso metodológico acerca da pesquisa, esperando de alguma forma contribuir para o aprofundamento do assunto.

5 ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

As redes sociais *online* se tornaram extremamente populares e veem causando uma nova onda de aplicações na *Web*¹². Associado a esse crescimento, as redes sociais estão se tornando um tema central em pesquisas de diversas áreas.

O uso da *internet* possibilita o acesso a diferentes tipos de informações, lugares e ainda possibilita a interação das pessoas através de redes sociais. Dentre as redes sociais, esta pesquisa concentra-se no *facebook*, uma rede social muito acessada por vários países e, inclusive, pelos brasileiros.

O Brasil é o segundo país que possui maior número de pessoas com perfil no *Facebook*, ficando apenas atrás dos Estados Unidos. Esse grande volume de participação justifica a importância da rede social no dia a dia das pessoas, como um canal de informação e interação.

A rede social *Facebook* atingiu os 2 bilhões de usuários mensais no mundo (FACEBOOK..., 2017a), neste contexto, é um espaço de disseminação de informações, marcas, empresas, perfis, pessoas, pensamentos, ações e grupos.

Rosa e Kamimura (2012) ressaltam que com a evolução da *internet 2.0*¹³ em meados dos anos 1990, as ferramentas de mídias sociais propagaram-se de tal maneira, permitindo aos seus usuários uma troca diversificada de informações e assuntos de interesse comum, sejam através de *blogs*, compartilhamento de fotos ou vídeos, mensagens curtas de texto, fóruns, redes sociais, entre tantas outras mídias sociais que foram criadas.

Na tentativa de conseguirmos responder aos questionamentos e objetivos da pesquisa, apresentamos na sequência a trajetória metodológica realizada no presente estudo.

¹² A palavra “Web” é de origem da língua inglesa e serve para designar a rede que conecta computadores por todo mundo, a World Wide Web (www).

¹³ A Web 2.0 é a segunda geração de serviços online e caracteriza-se por potencializar as formas de publicação, compartilhamento e organização de informações, além de ampliar os espaços para a interação entre os participantes do processo. Refere-se, também, a um determinado período tecnológico, a um conjunto de novas estratégias mercadológicas e a processos de comunicação mediados pelo computador (PRIMO, 2007).

5.1 Tipologia da pesquisa

A pesquisa teve enfoque qualitativo baseada na seleção, categorização e análise de grupos, posts das *fanpages* do *facebook*, selecionando o que há sobre a imagem disseminada sobre professores e sua profissão nas redes sociais.

Sobre a pesquisa qualitativa, Minayo (2000) considera que através da abordagem qualitativa conseguem-se respostas mais particulares e obtêm-se opiniões mais precisas, informações e dados que expõem a realidade do tema estudado. A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Isso por que ela se preocupa com a realidade que não pode ser quantificada, pois trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações.

A pesquisa qualitativa visa abordar o “mundo lá fora” e entender, descrever e, às vezes, explicar fenômenos sociais “de dentro” de diversas maneiras, como por exemplo, analisando experiências, examinando interações e comunicações e ainda investigando documento (textos, imagens, filmes ou músicas) ou traços semelhantes de experiências e investigações (FLICK, 2009).

Buscando subsídios para dar sustentação ao quadro teórico da pesquisa realizou-se inicialmente uma pesquisa de caráter bibliográfico, que segundo Cervo e Bervian (2002) procura explicar um problema a partir de referências teóricas publicadas em documentos. Para isso, e buscando a familiarização em profundidade com o assunto foram levantados conceitos sobre trabalho, trabalho docente, imagem do professor, redes sociais e precarização do trabalho docente.

A investigação efetivada na presente dissertação é constituída, primeiramente da análise de conteúdo das imagens relativas à categoria trabalho docente, segundo Bardin (1988, p. 31) a análise de conteúdo “[...] é um conjunto de técnicas de análise das comunicações”. Desta forma, o campo para a análise é muito vasto, pois se aplica a análise das comunicações. Esse tipo de análise é utilizada a fim de serem estudados estereótipos sociais partilhados pelos membros de um grupo, relativos a certas profissões, países ou nome. Os estereótipos¹⁴ são

¹⁴ Um estereótipo seria então um “tipo social”, uma representação comum posta em larga circulação, mas que não necessariamente faz jus à realidade: ela existe somente enquanto representação social de um dado real. (BRITO; BONA, 2014).

representações de um objeto (coisas, pessoas, ideias) partilhadas pelos membros de um grupo social.

Outro aspecto é que a análise de conteúdo tem como etapa inicial a descrição analítica da informação, que segundo a autora, funciona segundo procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens.

Berelson (apud BARDIN, 2009, p. 37-38) define a análise de conteúdo como “[...] uma técnica de investigação que através de uma descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto das comunicações tem por finalidade a interpretação destas mesmas comunicações”.

Para que a análise seja válida é necessário aplicar as seguintes regras: que sejam homogêneas; exaustivas; exclusivas; objetivas; e, adequadas e pertinentes.

A intenção da análise de conteúdo, segundo Bardin (2009) é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou eventualmente, de recepção), inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não).

Bardin (1988) ressalta que no processo de análise de conteúdo é necessário seguir três etapas, pré-análise, inferência e interpretação. A fase da pré-análise compreende a fase de organização, um período de tornar operacionais e sistematizar ideias iniciais, de maneira a conduzir a um esquema preciso do desenvolvimento das operações sucessivas, num plano de análise. E compreendem três missões, a escolha dos documentos submetidos à análise, a formulação das hipóteses e dos objetivos e a elaboração de indicadores que fundamentaram a interpretação final.

Para a escolha é importante demarcar o universo que se pretende analisar e proceder à constituição de um corpus (conjunto dos documentos tidos em conta para serem submetidos aos procedimentos analíticos), que merecem ser analisados seguindo as regras de exaustividade, representatividade e pertinência.

A segunda etapa proposta por Bardin (2009) a exploração propriamente do material, que podem ser realizadas manualmente ou com o uso de operações efetuadas pelo computador. Essa fase compreende a codificação, decomposição ou enumeração. Como o objeto dessa pesquisa foram imagens, a exploração foi realizada manualmente.

A análise de conteúdo é uma técnica que exige muita dedicação, paciência e tempo do pesquisador, o qual tem de se valer da intuição, imaginação e criatividade, principalmente na definição de categorias de análise. Para tanto,

disciplina, perseverança e rigor são essenciais (FREITAS; CUNHA; MOSCAROLA, 1997 apud MOZZATO; GRZYBOVSKI, 2011).

A terceira fase compreendeu a análise dos resultados obtidos, etapa essencial para manifestar o olhar da pesquisadora diante dos dados adquiridos no ambiente virtual.

Ferro (2015) considera que a evolução tecnológica trouxe à sociedade a chamada Era da Informação, período em que, cada vez mais, percebe-se o caráter transicional da verdade, nesta esfera os canais de transmissão da informação são imediatos e globais, existindo ainda um crescimento exponencial de comunidades cibernéticas.

Enfim, considerando o ambiente e o objeto de pesquisa, o tipo de pesquisa caracterizou-se como uma pesquisa netnográfica. Esse termo é utilizado no ambiente virtual e tem sua origem nas pesquisas etnográficas.

A pesquisa etnográfica é um método de investigação que tem sua origem na antropologia e reúne técnicas que munem o pesquisador para o trabalho de observação, a partir da inserção em comunidades para pesquisa. Nesta pesquisa, o pesquisador entra em contato intersubjetivo com o objeto de estudo (AMARAL; NATAL; VIANA, 2008).

Desta forma, segundo Ferro (2015), enquanto a etnografia se propõe a pesquisar as culturas em seus locais, ou seja, no *habitat* de um determinado povo ou grupo social, a netnografia busca estudar essas comunidades culturais sem uma localização física fixa, por estarem alocadas no ciberespaço, mas que influenciam tanto ou mais que as tradicionais culturas, em relação ao modo de ser, agir, pensar e ser, dos grupos e pessoas frequentadoras desses novos ambientes constituídos no espaço cibernético.

O termo netnografia, segundo Braga (2001 apud AMARAL; NATAL; VIANA, 2008) é um neologismo, proveniente da junção dos termos “*net*” e “*ethnografy*” e foi inventado por Bishop, Star, Neumann, Ignacio, Sandusky e Schatz, em 1995.

Para autoras, a pesquisa netnográfica, é considerada como um dos métodos qualitativos que amplia a possibilidade de conhecimento sobre pesquisas direcionadas ao ambiente virtual.

A netnografia, assim como outras formas de pesquisa, pode apresentar vantagens e desvantagens em sua utilização. Como vantagem, Kozinets (apud AMARAL; NATAL; VIANA, 2008) considera que a pesquisa consuma menos tempo,

do pesquisador e possa ser menos dispendiosa, menos subjetiva e menos invasiva. Nela observam-se comportamentos naturais de uma comunidade durante seu funcionamento, sem interferir diretamente no processo como participante fisicamente presente. Em relação à desvantagem, o pesquisador perde em termos do contato face a face que possibilita a observação do gestual utilizado pelo pesquisado.

Ferro (2015) assim como Amaral, Natal e Viana (2008) considera oportuno discutir as diferenças conceituais nas duas metodologias. Na etnografia, o pesquisador realiza suas observações de primeira mão e registra suas memórias, vivendo um processo de imersão com a finalidade de vivenciar o cotidiano dessa cultura que tem um espaço físico determinado. Essa imersão possibilita que o pesquisador consiga ter acesso a muito mais informações, advindas de todos os seus sentidos (olfato, tato, paladar, etc.).

Segundo a autora, na pesquisa netnográfica a vantagem consiste na oportunidade da transcrição das entrevistas e interações, não dependendo integralmente de sua memória. O pesquisador passa pela fase da coleta de dados de maneira muito mais confortável, haja vista que, sua vivência está associada às redes sociais, *wikis*, *blogs* e outras plataformas interacionais da rede.

As autoras salientam que é importante que o pesquisador saiba de onde olhar, para onde olhar, e como olhar, pois segundo Hine (2000 apud AMARAL; NATAL; VIANA, 2008), o etnógrafo habita numa espécie de mundo intermediário, tendo que cercar-se suficientemente tanto da cultura que estuda para entender seu funcionamento, como manter a distância necessária para dar conta de seu estudo. Sobre como olhar, é importante incluir procedimentos específicos acerca da tipologia dos objetos estudados, ressaltando critérios de confiabilidade frente à filtragem dos informantes dentro das comunidades virtuais para que se analisem as questões contextualizadas em seu objeto.

O pesquisador deve permanecer consciente de que está observando um recorte comunicacional das atividades de uma comunidade on-line, e não a comunidade em si, composta por outros desdobramentos comportamentais além da comunicação (gestual, apropriações físicas, etc.), sendo esse um dos principais diferenciais entre o processo etnográfico off-line e o on-line. (AMARAL; NATAL; VIANA, 2008, p. 39).

Kozinets (apud NOVELI, 2010) explica que a netnografia pode envolver três tipos de estudos, o primeiro como uma metodologia para estudar culturas cibernéticas “puras” e comunidades virtuais, o segundo como uma ferramenta metodológica para estudar culturas cibernéticas e comunidades virtuais derivadas, e o terceiro como uma ferramenta exploratória para estudar tópicos em geral. A pesquisa possui ainda um corpo de procedimentos, sendo: o *entrée*¹⁵, a coleta de dados, a análise e interpretação, a ética de pesquisa e a validação com os membros pesquisados.

De acordo com Sandlin (2007 apud NOVELI, 2010) o *entrée* constitui a formulação da pergunta de pesquisa e a identificação da comunidade *online* de interesse para o estudo. Para a escolha da comunidade *online* pesquisável deve-se seguir a observação dos seguintes critérios: verificar se é um segmento, tópico ou grupo focado relevante para a questão de pesquisa, verificar o alto tráfego de postagens e alto número de membros que postam mensagens; identificar dados mais detalhados e descritivamente ricos, e as interações entre membros do tipo necessário às perguntas de pesquisa.

Sobre o procedimento de coleta de dados envolve copiar diretamente os dados da *homepage* ou do *site* da comunidade em questão e observar as interações de seus membros (LANGER; BECKMAN, 2005 apud NOVELI, 2010).

A análise e a interpretação se referem à classificação, análise de codificação e contextualização dos atos comunicativos. No que diz respeito à ética de pesquisa, e demonstrar idoneidade, é preciso que o pesquisador se apresente para a comunidade informando seus objetivos em relação à pesquisa, garantindo a confiabilidade e o anonimato aos indivíduos pesquisados, e conseguindo o consentimento informado (LANGER; BECKMAN, 2005 apud NOVELI, 2010).

A partir deste contato entre pesquisador e pesquisado, Noveli (2015) salienta ser necessário ainda, a validação do relatório de pesquisa junto aos indivíduos pesquisados. Essa etapa é interessante, e permite que os pesquisados apresentem opiniões sobre as observações realizadas e auxiliem com sua percepção, apontando coerência entre o que foi observado e a realidade que eles vivem.

¹⁵ Palavra do idioma francês e significa “entrada”.

5.2 Procedimentos de coleta de dados

A coleta de dados foi realizada no ambiente virtual, e o *Facebook* foi, ao mesmo tempo, o objeto e o local de pesquisa. É um *site* de rede social difuso e que possui diversos conteúdos em constante mudança, características que demonstram a complexidade da coleta de dados no meio.

Recuero, Fragoso e Amaral (2011, p. 69) foram pioneiras em abordar a pesquisa neste ambiente, no qual apresentam possibilidades metodológicas diante das restrições do novo cenário de pesquisa. As autoras defendem que questões e universos complexos e dinâmicos como a *Internet*, “requerem observações em diferentes escalas de análise, bem como desenhos metodológicos que combinem diferentes estratégias de amostragem”.

Diante disso, buscou-se fazer um plano amostral das *fanpages*, lembrando que este ambiente é modificado a todo o momento, mas devemos considerar que no ano de 2016, data que o levantamento foi realizado, estas páginas estavam ativas.

As *fanpages* são páginas criadas por qualquer usuário ou grupo no *facebook* e normalmente são direcionadas a um assunto específico. As *fanpages* selecionadas foram àquelas dedicadas ao tema Professor, imagem sobre professores e sua profissão nas redes sociais, as que tinham uma continuidade e um número considerável de membros.

Para localizá-las foi digitado o termo “Professor” no campo de busca do *facebook*, dentre as páginas que apareceram foram selecionadas aquelas que já na denominação apresentavam o termo professor no título, alguns expressos no sentido literal e outros que indicavam a profissão com sarcasmo, em tom de brincadeira, ou ainda, indicando uma ideia desfavorável e depreciativa da profissão. Destas foram localizadas através do levantamento as seguintes páginas:

- Professores contra a Escola Sem Partido.
- Professores de Plantão.
- **Profissão Professor.**
- Professora sincera.
- Professor Sincero.
- Professores sofredores.

- Profissão = professora.
- Professora indelicada.
- Professores do Estado de São Paulo.
- Professores do Brasil.
- Sofressor - Professor também é gente.
- Sou professor, muito prazer eu existo.
- Professor da Depressão.
- Sem professor não tem educação.
- Professor por vocação.
- Vida de professor.
- Diário de uma professora.
- Amo minha profissão, ser professora.
- Professores transformadores.
- Professores de plantão.
- Professora especial.
- Professo News.
- Professora feminista.

Após visitar cada uma das páginas mencionadas, escolhemos realizar a observação na *fanpage* “Profissão Professor”, cujo acompanhamento foi realizado nos meses de outubro, novembro e dezembro de 2016 e janeiro de 2017, nas publicações entre os anos de 2012 a 2017.

A *fanpage* selecionada para a pesquisa denomina-se “Profissão Professor”. Foi fundada em fevereiro do ano de 2012, é está vinculada ao Blog “Atividade Educa”¹⁶, que apresenta algumas atividades de alfabetização.

As publicações envolvem temas da atualidade, em sua maioria voltados para o campo da educação. Esta página é de responsabilidade de um professor formado em Pedagogia no ano de 2010, tendo atuado na Educação de Jovens e Adultos, na Educação Infantil e Ensino Fundamental. O grande objetivo desta *fanpage*¹⁷ é

¹⁶ O blog Atividade Educa é um “projeto” que foi temporariamente interrompido, mas de acordo com seu autor será reativado. O blog tem como finalidade compartilhar atividades que possam ser utilizadas no dia a dia escolar e atenda ao maior número de professores possível. Dessa forma, estes professores teriam mais tempo livre para realizar outras atividades para si (ler um livro, sair com a família, caminhar, etc...).

¹⁷ Extraído da *fanpage* “Profissão Professor”.

reunir professores, levando e transmitindo mensagens sobre a profissão e temas afins.

Figura 8 – Fanpage Profissão Professor



Fonte: FACEBOOK, 2017.

Assim, a escolha por esta *fanpage*, foi motivada pelo tempo que a mesma encontra-se ativa (5 anos), e também por ser classificada como sendo do segmento da Educação, possuindo um número em média de 774.588 mil curtidas.

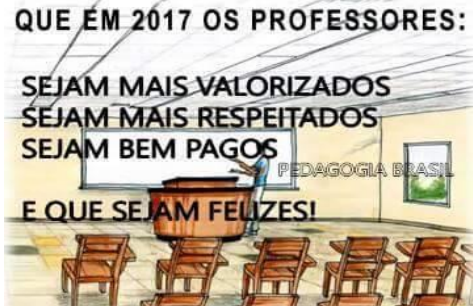
Entre textos, vídeos e imagens publicadas, a intenção era observar as imagens (memes) que surgissem expondo a realidade do trabalho do professor, valorização ou desvalorização perante a sociedade.

É importante salientar que a pesquisa realizada no ambiente virtual é muitas vezes complexa, e requer envolvimento e paciência do pesquisador. O levantamento das imagens transcorreu da seguinte maneira, a princípio de trás para frente, iniciando no ano de 2012, porém percebeu-se que haveria uma grande dificuldade. Essa dificuldade ocorreu em função do armazenamento da própria *fanpage* do *facebook*, pois o armazenamento das imagens, juntamente com comentários que muitas vezes também trazem mais imagens, carrega muito o sistema o que torna o trabalho demorado e o risco da página travar ou não responder é alto.

De acordo com Zanelli (2002) a observação é adequada a uma análise de comportamentos espontâneos e à percepção de atitudes não verbais, podendo ser simples ou exigindo a utilização de instrumentos apropriados.

A coleta foi realizada com a utilização de recursos digitais (“copiar e colar”, *printscreen*), e os dados foram disponibilizados para análise. Em um segundo momento, categorizamos qualitativamente e para validar os dados coletados, registramos a data e o número de curtidas, comentários e compartilhamentos das postagens. O quadro 7 exemplifica o tratamento dado as imagens localizadas e captadas na *fanpage*.

Quadro 7 – Exemplo do tratamento dado as Imagens captadas na *fanpage* “profissão professor” entre os anos de 2012 a 2017

Ano/ reações/ compartilhamentos/comentários	Imagem
1º de janeiro de 2017 – 2 mil reações - 1.239 compartilhamentos -161 comentários.	
09 de janeiro de 2017 - 6,5 mil reações - 5.418 compartilhamentos – 99 comentários.	
8 de janeiro de 2017 - 4,3 mil reações - 3.185 compartilhamentos - 338 comentários.	

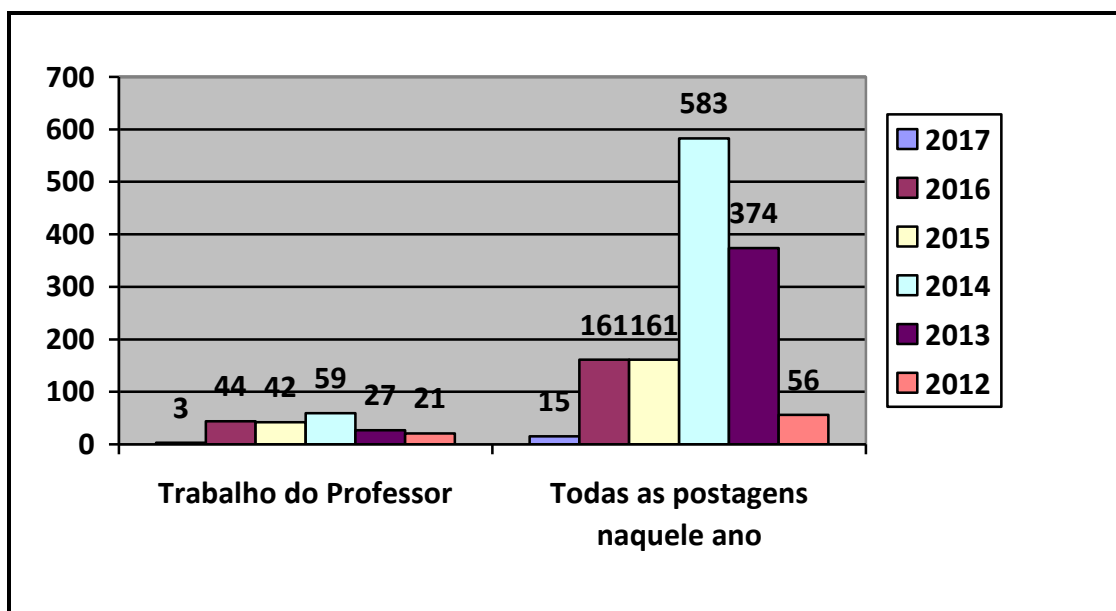
Fonte: PROFISSÃO PROFESSOR, 2017. (Dados da pesquisa)

A observação foi realizada entre os anos de 2012 e 2017, e cada nova imagem, esta era captada e registrada em um quadro, juntamente com o dia, mês e ano que fora publicada, também o número de reações, compartilhamentos e comentários da publicação. O quadro 5 exemplifica como foi feita a captação para posterior análise e contagem dos termos chave ou mais repetidos. O quadro com todas as imagens captadas encontra-se no Anexo B.

Nota-se no quadro 7 que as imagens publicadas, tem um número considerável de participação dos usuários do *facebook*, seja através de comentários, compartilhamentos ou reações. É importante reforçar que como o intuito da pesquisa era a observação das imagens e a utilização da técnica de análise de conteúdo, não fizemos nenhuma análise dos conteúdos dos comentários.

O gráfico 1 demonstra essa informação, sendo expressas as publicações realizadas nos anos mencionados, e as postagens que foram direcionadas para a análise destinadas ao assunto pertinente a presente dissertação.

Gráfico 1 – Postagens na página entre os anos de 2012 até 2017



Fonte: A Autora.

O que foi possível perceber na *fanpage* é que os anos de 2012, 2013 e 2014 apresentaram um volume maior de publicações. A observação em 2017 foi feita bem no início, por esse motivo, o número de publicações foi pequeno. Esse ano assim com os dois anteriores vivencia uma série de mudanças na Política e na

Economia e isso certamente afetará a Educação. E como as redes sociais são espaços para expressar opiniões, sentimentos, ideias é bem provável que seja muito utilizada. Desta forma o quadro 8 apresenta o número de publicações realizadas na *fanpage* “Profissão professor”.

Quadro 8 – Número de publicações realizadas na *fanpage* Profissão Professor entre os anos 2012-2017

Ano	Publicações por ano	Publicações por não sobre o trabalho do professor
2017	15	3
2016	161	44
2015	172	42
2014	583	59
2013	374	27
2012	56	21
Total	1.361	196

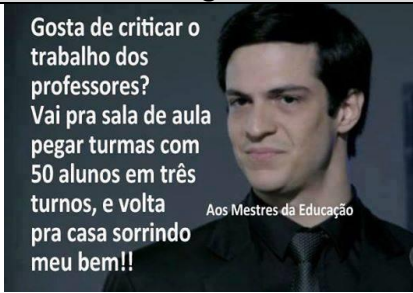
Fonte: A Autora.

O quadro 8 apresenta o número de publicações entre os anos de 2012 ao início de 2017, sendo 1.361 publicações voltadas a assuntos relacionados a educação e 196 com relação ao trabalho do professor.

A partir da observação dos termos mais repetidos nas imagens, percebemos que 88 imagens apresentavam aspectos da precariedade e precarização do trabalho docente, e 108 imagens valorizavam e incentivavam o trabalho do professor.

Em função de todos os percalços que o profissional docente passou ao longo de sua história, seja através do reconhecimento como profissão e pela fixação de um piso salarial, resolvemos então, observar nas 88 imagens quais os aspectos que mais denotavam a questão da precarização no trabalho. O quadro 9 exemplifica como foi realizado o seu tratamento.

Quadro 9 – Contagem de palavras e análise dos aspectos que denotam precarização

Imagem	Palavras	Denotação de precarização
Gosta de criticar o trabalho dos professores? Vai pra sala de aula pegar turmas com 50 alunos em três turnos, e volta pra casa sorrindo meu bem!! 	- 27 palavras	- Excesso de alunos por sala (Condições de trabalho)
	Palavras-chave	
	Criticar Professores Sala de aula Turmas Três turnos	

Fonte: PROFISSÃO PROFESSOR, 2017. (Dados da pesquisa)

Ao final do levantamento foi realizada a pré-análise, e exploração do material para em seguida realizar a categorização, das imagens.

6 APRESENTAÇÃO DA CATEGORIZAÇÃO DAS IMAGENS

A presente seção apresenta a análise de conteúdo a partir das imagens encontradas na *fanpage* “Profissão Professor”. Como mencionado, na metodologia a análise de conteúdo, segundo Bardin (2009), se organiza em três etapas, sendo a primeira denominada de pré-análise, a segunda a exploração do material e a terceira o tratamento dos resultados.

Na **pré-análise** foi realizada a organização e sistematização das ideias, através da escolha das imagens a partir dos objetivos propostos na pesquisa.

Nesta etapa então, foram descartadas as imagens que não apresentavam características de precarização. As imagens apresentavam mensagens de incentivo e fortalecimento da profissão do professor, todas as imagens encontram-se no anexo B, sendo um total de **196 imagens**.

Posteriormente foi realizada a **exploração do material**, que consistiu em transformar os dados, codificando-os para melhor compreensão, e envolveu a contagem dos termos que mais eram repetidos nas **88 imagens sobre precarização**.

Cada imagem foi analisada separadamente, em primeiro lugar foram retiradas as palavras-chave e posteriormente foi realizada uma interpretação, para posteriormente proceder à categorização. Neste levantamento foi feita uma pré-separação das imagens nos seguintes grupos:

- Palavras que denotam a desvalorização e desrespeito pela profissão.
- Palavras que expõem problemas relacionados à saúde do professor.
- Palavras sobre a remuneração do profissional docente.
- Palavras relacionadas às condições de trabalho.

Nessa etapa, as imagens foram submetidas a uma primeira leitura e posteriormente, foram resumidos explanando de maneira geral, os principais aspectos encontrados, dando maior ênfase as partes ligadas a precarização.

Vieira (2011) ressalta que “As imagens fazem parte do cotidiano, da realidade vivenciada. O imaginário está totalmente inserido em nossa visão de mundo [...]”, ele influencia nossas decisões, expressa nossas crenças, construindo práticas culturais que farão parte de nossa representação de mundo.

Segundo Banks (2009) o significado das imagens muda com o tempo na medida em que elas são vistas por diferentes públicos, da mesma forma, o significado desejado pelo pesquisador social ao criar uma imagem pode não ser o significado que é “lido” por quem a vê.

Em relação às palavras explicitadas nas imagens, existia uma predominância nas questões que envolvem a desvalorização e o desrespeito à profissão, imagens que demonstram o desgaste físico e emocional e sentimento de cansaço afetando a saúde do professor, a remuneração e as condições de trabalho. Percebeu-se que estes aspectos aparecem nas imagens como forma de clamor por atenção à profissão, também para apontar o desrespeito e desvalorização com que este profissional convive em suas relações com os alunos e a forma como é visto pela sociedade.

As imagens expressam e carregam significados, e estes são reconhecidos pelos grupos sociais, em relação à desvalorização e desrespeito. Algumas imagens chamam a atenção dos leitores para o enfrentamento que os professores sofrem quando são desrespeitados pelos alunos, tendo que conviver com a falta de motivação, cobranças, a perda de prestígio social, etc. Como exemplo, apresentamos algumas imagens que dizem respeito a estas situações.

Figura 10 – Desvalorização e desrespeito pela profissão



Fonte: PROFISSÃO PROFESSOR, 2017. (Dados da pesquisa).

Como visto na parte teórica a questão salarial é um dos grandes desafios da profissão e apesar dos reajustes e da fixação de um piso salarial, em comparação a outras profissões, o salário de um professor não é compatível se comparado a outras profissões.

As imagens que trouxeram essa temática envolvem questionamentos, comparações e indignação pela depreciação da profissão em termos salariais.

Podemos destacar, que algumas imagens costumam envolver personalidades, representantes do governo, tais como Ministro da Educação, Parlamentares, Deputados, citados 2 vezes e os vereados citados 3 vezes. Quando essas personalidades são citadas envolvem as seguintes situações, no caso da palavra Governo a imagem apresenta o antes e o depois das eleições. Na cena do “antes”, o político aparece sorridente, assegurando que educação e o salário digno para os professores são uma questão de prioridade. A cena do “depois” das eleições mostra o político recluso em seu gabinete, dizendo que os cortes na educação se fazem necessários devido aos investimentos na saúde.

Figura 11 - Promessas políticas – antes e depois das eleições



Fonte: PROFISSÃO PROFESSOR, 2017. (Dados da pesquisa).

As palavras “deputados” e “vereadores” também figuram nas imagens que expressam o pensamento de que os professores deveriam receber o mesmo salário dessas duas classes políticas, e ainda, que o cargo de professor tem uma importância social diferente do vereador tendo como título da imagem “Comparando a Injustiça”.

Figura 12 – Remuneração - Comparando as injustiças



Fonte: PROFISSÃO PROFESSOR, 2017. (Dados da pesquisa).

Ainda sobre a questão da remuneração, uma das figuras cita o Ministro da Educação do governo Dilma Rousseff, o ex-governador do estado do Ceará, Cid Gomes que fez um comentário na época que ainda era governador. Na imagem uma professora é questionada por uma balconista sobre a forma como ela iria pagar as compras, sendo a resposta da professora, que pagaria com amor.

Figura 13 - Cartão ou dinheiro? Sou professora. Passa no Amor!

Para Cid Gomes, novo Ministro da Educação indicado por Dilma, professor deve “trabalhar por amor, não por dinheiro”



Fonte: PROFESSÃO PROFESSOR, 2017. (Dados da pesquisa).

Essa declaração “os professores deveriam trabalhar por amor e não por dinheiro”, segundo o Ministro foi distorcida, e na verdade ele não se referia apenas ao professor, mas a qualquer pessoa que tentasse ingressar no serviço público. No serviço público o salário nem sempre condiz com o esperado. Por esse comentário, ele sofreu muitas críticas nas redes sociais (PASSARINHO, 2015).

As redes sociais proporcionam um alcance rápido, e pulverizado de informações, muitos comentários acabam expressando situações como a mencionada acima. Neste sentido, Silva (2014) buscou compreender a articulação dos protestos sociais viabilizados pelas redes sociais digitais e presenciais, observando esse fenômeno como extensão da experiência democrática, exercício da cidadania, dos direitos e garantias fundamentais.

Através das observações percebeu-se que algumas imagens envolviam questões relacionadas às condições de trabalho do professor, essas ligadas ao excesso de alunos por sala de aula, o desinteresse dos alunos, excesso de trabalho, acúmulo de funções e exigências, etc.

Nas imagens o professor aparece diante de salas repletas de alunos, expondo a realidade em “sala de aula”, uma está dizendo que a escola não é um

depósito de crianças, outra que as salas estão entupidas de alunos como forma de contenção de gastos.

Figura 14 – Deve ser difícil?



Fonte: PROFISSÃO PROFESSOR, 2017. (Dados da pesquisa).

Em relação às notas, em uma das imagens se diz que não se pode julgar o professor com base nas notas dos seus alunos, não sendo correto. Para isso fez-se uma analogia utilizando a figura de um fazendeiro como exemplo, e dizendo que ele não pode ser culpado pelo fracasso de uma plantação, pois existem fatores que vão além de seu alcance citando as geadas e as doenças que impedem o sucesso das plantações. Se levado em consideração, o mesmo acontece com os professores que não podem ser considerados os únicos responsáveis pelo insucesso de seus alunos quando o assunto são as notas.

Você só da aula? Ou, o que vai ter de importante na aula hoje? As imagens apresentam duas indagações muito comuns dentro e fora dos espaços escolares. Quando se pergunta, você “só” dá aula, percebe-se que existe impregnado a questão de que a educação há muito tempo era território feminino e que dar aula era ofício que as mulheres ocupavam sem muitas pretensões futuras. A palavra “só” é limitante e gera outra pergunta o que significa só dar aula? Dar aulas, ou ministrar aulas envolve do professor o planejamento, construção de conhecimento, domínio do assunto, clareza na transmissão para os educandos, etc.

Sobre a indagação o que teremos de importante hoje? Pode-se compreender que diante de um público cada vez mais exigente, conquistar a

atenção dos alunos nas aulas é uma missão para os professores. A pergunta se haverá algo importante, quer dizer que se por acaso o professor realizar alguma atividade de avaliação (valendo nota), ou alguma atividade prática os alunos podem considerar importante ou não, sua presença em sala de aula.

Em referência a isso, é necessário citar o exemplo de um professor que para despertar o interesse dos alunos em suas aulas de química, apresenta os conceitos da disciplina em letras de uma música de funk. No vídeo gravado durante as aulas, percebe-se que os alunos se divertem e ainda gravam o conteúdo das aulas mais facilmente (PROFESSOR..., 2016). Este é um caso que ilustra uma situação muito comum em algumas instituições, porém é válido refletir se este tipo de recurso é realmente eficiente na apreensão do conhecimento, ou se vai garantir apenas que os alunos memorizem o conteúdo por um determinado momento e por um determinado objetivo, que necessariamente nem sempre é o conhecimento e sim conquistar nota para concluir uma etapa da vida escolar.

O desgaste físico, emocional e o cansaço também apareceram na observação, às imagens mostram o antes e depois de um dia de aula, de um período e ano letivo, ilustram ainda a sobrecarga que gera o cansaço.

Figura 15 – Antes e Depois de um dia ou período letivo



Fonte: PROFISSÃO PROFESSOR, 2017. (Dados da pesquisa).

As imagens muitas vezes são ambíguas e contraditórias, apresentam clamor e queixas por reconhecimento, denunciam más condições de trabalho e suplicam por melhores, expõem as relações entre professor/aluno e aluno/professor, apresentam sentimentos de prazer e sofrimento.

Sobre a precarização, apresentam a identidade do professor de forma deteriorada, as condições de trabalho, o desgaste e degradação da saúde, as cobranças e culpabilização em relação ao desempenho dos alunos, enfim elas expressam dilemas e conflitos da profissão.

Através, da primeira etapa da análise realizada pela contagem de termos representativos do trabalho do professor, foi possível notar aspectos citados na literatura sobre a precarização das condições de trabalho a que estes profissionais são expostos.

Segundo Sampaio e Marin (2004) a análise da precarização do trabalho dos professores com relação às condições de trabalho precisa ocorrer em diferentes facetas, dentre elas destaca-se a carga horária de trabalho e ensino, tamanho das turmas e razão entre professor/aluno, rotatividade/itinerância dos professores pelas escolas e as questões sobre carreira e magistério.

De acordo com Kubo (2014) após a codificação de todo o material, deve-se proceder com a categorização. A categoria é um tema geral que envolve todos os códigos pertinentes a ela.

Lima (2010) explica que categorizar é agrupar entidades (objetos, ideias, ações, etc.) por semelhança, e que desde a época de Aristóteles, já havia a preocupação com as práticas de nomear, definir e categorizar. A categorização passou por modificações, de um processo cognitivo individual a um processo cultural e social de construção da realidade.

“A informação perceptiva é fundamental na definição das extensões de uma categoria, porque a categorização não é feita artificialmente, mas, sim, levando-se em conta as informações do mundo a que pertencemos [...]”. (LIMA, 2010, p. 109).

Quadro 10 – Categorias de análise

Categorias estabelecidas	Total de imagens
- Desvalorização e Desrespeito pela profissão	46
- Remuneração	29
- Desgaste físico e emocional no exercício da profissão/ Cansaço	10
- Condições de trabalho	26

***O número excede 88 imagens. Cada imagem pode apresentar mais de um sentido de interpretação.**

Fonte: A Autora.

Desta maneira, estabeleceram-se as seguintes categorias para a análise:

- **Desrespeito e desvalorização pela profissão**, englobando as questões que envolvem o desrespeito dos alunos pelo professor, o desrespeito pela profissão, à inversão de valores e transferência de responsabilidade da família para a escola (que ocasiona também um desrespeito).
- **Saúde do professor**, envolvendo o cansaço, o desgaste físico e emocional que afeta diretamente a saúde do professor.
- **Remuneração.**
- **Condições de trabalho**, nesta categoria estão relacionadas, as situações que estes profissionais vivenciam no interior das instituições, desde o desinteresse dos alunos, ao domínio em sala de aula, ocasionado muitas vezes pelo excesso de alunos. Nas imagens ainda aparecem problemas como a falta de autonomia, a responsabilização do professor pelos resultados e motivação dos alunos e o problema de ter que atuar em diferentes lugares, como forma de garantir condições de vida digna para si e sua família. Exigências profissionais, que vão desde o acúmulo de funções, adaptações às novas tecnologias, a obrigação de ser um profissional polivalente e viver imerso no excesso de trabalho.

6.1 Categorização das Imagens

As categorias, segundo Campos (2004), podem ser caracterizadas como grandes enunciados que abarcam um número variável de temas, segundo seu grau de intimidade ou proximidade, e através de sua análise, exprimir significados e elaborações importantes que atendam aos objetivos de estudo e criem novos conhecimentos, proporcionando uma visão diferenciada sobre os temas propostos.

Diante do exposto, as categorias apresentadas são resultantes da análise das imagens e serão interpretadas a seguir, sendo a primeira categoria apresentada a questão do **desrespeito e desvalorização pela profissão**, e posteriormente a **saúde do professor**, a **remuneração** e as **condições de trabalho**.

▪ Desrespeito e desvalorização pela profissão

A escola é um espaço de socialização e aprendizagem, e oportuniza as relações baseadas no respeito mútuo. Porém, é perceptível que muitos casos em exposição na mídia demonstram manifestações de desrespeito e má qualidade nos relacionamentos inclusive nestes espaços.

Como explicar, esse problema, senão buscando levantar algumas de suas causas. Melo (2015) considera que dentre os fatores que contribuem para a desvalorização desse profissional, estão: a formação, as condições de trabalho e a remuneração, as duas últimas aparecem neste trabalho como categorias de análise. A autora salienta que o exercício da profissão exige uma carga horária extensa, além das atividades em sala de aula, esse profissional tem que dar conta das demandas extraclasse, correção de atividades, planejamento de aulas, reuniões com os segmentos da escola.

Figura 16 – O governador não valoriza os professores



Fonte: PROFISSÃO PROFESSOR, 2017. (Dados da pesquisa)

De acordo com Oliveira (2004) em especial na década de 90, a educação brasileira demarcou uma nova realidade, a do imperativo da globalização, nela a educação passa por transformações nos seus objetivos, nas suas funções e na sua organização, na tentativa de adequar-se às demandas a ela apresentadas.

A educação neste período tinha como premissa, a educação para equidade social, implicando modificações em toda sua estrutura.

Essa nova regulação repercute diretamente na composição, estrutura e gestão das redes públicas de ensino. Trazem medidas que alteram a configuração das redes nos seus aspectos físicos e organizacionais e que têm se assentado nos conceitos de produtividade, eficácia, excelência e eficiência, importando, mais uma vez, das teorias administrativas as orientações para o campo pedagógico. (OLIVEIRA, 2004, p. 1130)

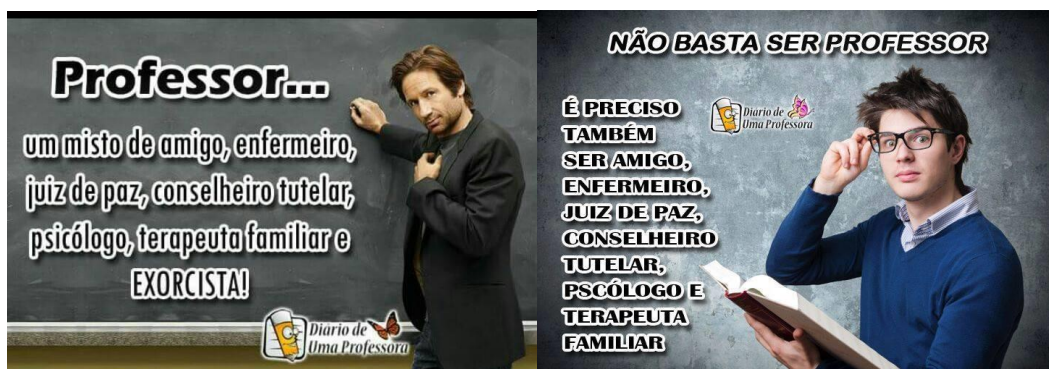
Para a autora, essas mudanças exerceram interferências sobre as relações de trabalho dos profissionais da educação.

A Conferência Mundial sobre Educação para Todos, realizada em Jomtien, em março de 1990, representou uma tentativa para as reformas educacionais dos países mais pobres e populosos do mundo: a educação para a equidade social. O compromisso era pautado na expansão da educação básica, para isso os países em desenvolvimento ficariam incumbidos de pensar estratégias de elevação do nível de atendimento a população sem aumentar na mesma proporção os investimentos. Os ingredientes para essa expansão seriam por meio de estratégias de gestão e financiamento, indo desde a focalização das políticas públicas educacionais ao apelo ao voluntarismo e ao comunitarismo. Essas reformas determinaram uma reestruturação do trabalho docente, tendo como consequência a maior responsabilização dos professores e maior envolvimento da comunidade (OLIVEIRA, 2004).

Nessa esfera, segundo a autora, esses profissionais respondem a exigências que vão além de sua formação, sendo obrigados a desempenhar funções de agente público, assistente social, enfermeiros, psicólogo, entre outras, identificando um processo de desqualificação e desvalorização sofrido pelos professores.

Estas imagens retiradas por meio da observação das publicações na *fanpage* profissão Professor demonstram exatamente o que Oliveira (2004) expressou sobre as múltiplas exigências do profissional docente.

Figura 17 – Não basta ser professor



Fonte: PROFISSÃO PROFESSOR, 2017. (Dados da pesquisa).

Outro aspecto sobre a desvalorização e desrespeito a profissão é que essas reformas retiraram desses profissionais a autonomia para participar da concepção e organização de seu trabalho. O trabalho docente não é definido mais apenas como atividade em sala de aula, ele agora compreende a gestão da escola no que se refere à dedicação dos professores ao planejamento, à elaboração de projetos, à discussão coletiva do currículo e da avaliação (OLIVEIRA, 2004).

Sobre a perda da autonomia, Apple e Teitelbaun (1991) consideram que embora a atividade da educação seja diferente de uma linha de montagem ou mesmo de um trabalho realizado no setor de serviços, ela sofre as mesmas pressões. Muitos professores se afastaram do planejamento e do controle de seu próprio trabalho, isso porque toda a atividade que envolve o planejamento, desde a escolha dos métodos de ensino, a elaboração de textos e testes são delegados para as secretarias de educação, direção de escolas e assembleias estaduais. Os professores são meros executores, segundo os autores, eles são executores alienados de planos alheios.

Ainda sobre a autonomia, Lório e Lelis (2015) investigaram as condições de trabalho das professoras de uma escola privada destinada às camadas médias baixas e camadas populares, com o intuito de descobrir como se processa o desenvolvimento profissional das mesmas. Evidenciou-se que a precarização se dá em função dos baixos salários, da intensificação das tarefas, da ausência de uma política de formação e de uma lógica organizacional que não favorece o partilhar dos saberes entre os professores.

De acordo com as autoras, a lógica organizacional, fundada em dispositivos de regulação no cumprimento de prazos, de controle da prática docente e orientada

por manuais pedagógicos e *softwares* educativos, compromete a autonomia das professoras e o desenvolvimento de um clima colaborativo. Cunha (2011 apud IÓRIO; LELIS, 2015) na sua análise sobre as interferências mercadológicas na educação, constata que a compra de “pacotes” educacionais de grandes empresas é uma realidade presente no ensino brasileiro. Muitos professores se afastaram do planejamento e do controle de seu próprio trabalho, isso porque toda a atividade que envolve o planejamento, desde a escolha dos métodos de ensino, a elaboração de textos e testes são delegados para as secretarias de educação, direção de escolas e assembleias estaduais. Segundo as autoras, o constante sentimento de degradação profissional e o desprestígio que sentem como profissionais acabam desenvolvendo nas professoras mudanças na percepção acerca de si mesmas e no seu valor profissional. Essa cultura institucional performática afeta profundamente a percepção que o indivíduo tem de si mesmo e do próprio valor, e altera a forma como as relações se estabelecem no interior da instituição, estimulando o individualismo e a competitividade.

Existe ainda o problema de como a profissão docente é vista pela sociedade, e Gatti et al. (2009) considera que o trabalho do professor está cada vez mais complexo e tem exigido uma responsabilidade cada vez maior destes profissionais. Na pesquisa realizada por ela e outros autores, sobre a atratividade da carreira docente, a autora comenta que existe uma preocupação com a questão da diminuição da procura, por parte dos jovens, pela profissão de professor e faz uma observação sobre a mudança de perfil daqueles que escolhem esta como sua profissão.

“As mudanças no mercado de trabalho, e a sua relação com a formação profissional exigida, e as representações sociais das profissões, associadas a status e salário, são fatores que certamente influenciam a atratividade [...]” (GATTI et al., 2009, p.10).

Neste sentido, para entender a questão da atratividade a autora realizou uma pesquisa com estudantes concluintes do ensino médio, em escolas públicas e particulares de cidades de grande ou médio porte das diferentes regiões do país. No centro dos questionamentos e objetivos a autora desejava:

- Analisar o desejo e as possibilidades reais para escolher determinada profissão e compreender os fatores/motivações que os jovens consideram relevantes para fazer essa opção;

- Apreender qual representação os alunos têm do 'ser professor' e do 'trabalho do professor';
- Verificar se e porque, a docência se apresenta – ou não – a esses jovens como uma possibilidade de escolha profissional, explorando os aspectos mais atrativos da carreira do professor e aqueles que os desmotivam;
- Apreender as percepções dos alunos a respeito da reação de seus pais, familiares e amigos caso optassem por essa profissão. (GATTI et al., 2009, p.10).

Como nossa pesquisa é voltada sobre a imagem dos professores, vamos nos ater aos resultados apresentados por Gatti et al.(2009) sobre a representação dos alunos acerca de “ser professor” e o “trabalho do professor”, a carreira docente como uma possibilidade de escolha por parte dos alunos pesquisados e a percepção das famílias com relação a essa possível escolha.

Em síntese, em relação aos alunos sobre o “ser professor” e sobre o “trabalho do professor”, os alunos consideram que a profissão docente envolve fatores de natureza intrínseca e extrínseca que mantêm relações entre si, aspectos negativos e positivos. Dentre os aspectos negativos os alunos consideram não possuir características pessoais necessárias ao exercício da docência, às condições sociais e financeiras associadas à profissão docente, a desvalorização da profissão e o desinteresse e desrespeito dos alunos. Em relação aos fatores atrativos da docência, os mais enfatizados são: a possibilidade de ensinar e transmitir conhecimento interesse por área específica, e, à identificação profissional.

Diante de todas as dificuldades expostas e da complexidade da profissão, os alunos concluem que, para ser professor, é preciso “gostar muito do que faz”, “amar muito que faz”, “ter muita paciência” e – uma constante em todos os grupos de discussão – “ter vocação”, “ter o dom”. São esses os atributos que eles encontram para definir a docência e que traduzem, em grande parte, como os jovens enxergam o magistério.

Ao serem indagados sobre a carreira docente como uma possibilidade de escolha, esta não se apresenta efetivamente como uma escolha profissional para a maioria dos alunos, apenas 2% a indicaram, como primeira opção de ingresso à faculdade, o curso de Pedagogia ou outra licenciatura. Os jovens que não pensaram em ser professor apontam como um dos motivos de maior desinteresse a falta de identificação pessoal, a falta de paciência ou vocação. Os estudantes atribuem a recusa em ser professor, principalmente às condições financeiras e

sociais dela. É interessante mencionar que boa parte dos alunos se sente desmotivada pela docência em virtude do que veem passarem, no dia a dia, seus próprios professores, e também pela imagem negativa e positiva que os próprios professores passam da profissão aos seus alunos. A docência ainda é encarada como uma possibilidade de atividade complementar, secundária, que pode acontecer concomitante a outra atividade profissional ou em uma idade mais avançada, quando já tiver estabilidade financeira (GATTI et al., 2009).

Percebe-se que os alunos não enxergam a carreira como uma escolha de imediato profissional, ela é sim uma alternativa no futuro depois que os mesmos já estiverem estabilizados ou ainda como uma atividade complementar de renda.

Ao serem questionados sobre a opinião das famílias e dos amigos sobre caso a escolha profissional fosse se tornar professor, percebeu-se que de modo geral, a percepção da profissão docente como um trabalho pouco atraente, social e financeiramente desvalorizado. Para os alunos os pais teriam dificuldades para aceitar a escolha do filho caso sua opção fosse à docência, e isso aparece com mais força nos grupos de discussão das escolas particulares. A figura 18 encontrada na *fanpage* “Profissão Professor”, evidencia essa percepção apontada na pesquisa de Gatti et al. (2009).

Figura 18 – Atratividade da profissão do professor



Fonte: PROFISSÃO PROFESSOR, 2017. (Dados da pesquisa).

A imagem explicita a reação de dois grupos, o primeiro comemora a escolha pela profissão da estudante pelo curso de Medicina, já o segundo grupo demonstra uma reação totalmente inversa pela escolha da profissão de Professor. Existe um contraste entre a alegria e a tristeza, a festa e a sensação de tristeza e desagrado.

É oportuno reforçar que essa percepção manifesta na imagem, faz parte da representação do imaginário coletivo, ou seja, experiências e vivências pessoais que carregam significados comuns para uns ou para todas as pessoas que fazem parte dela. Antes de sermos profissionais, já fomos alunos, então convivemos e conhecemos professores, além disso, já vimos matérias positivas e negativas sobre a profissão em diferentes veículos de informação. Desta forma, essas representações acabam muitas vezes ultrapassando a realidade adquirindo força e tornando-se símbolos de um grupo social.

Da pesquisa de Gatti et al. (2009) selecionamos algumas respostas dos alunos que a integraram, sobre o posicionamento e apoio da família, quando eles decidem optar pela profissão de professor.

Quando eu falei com minha mãe assim, 'mãe eu quero ser, vou ser médica', os olhos dela encheram de lágrimas, ela estava no sinal vermelho, eu vi a felicidade dela, mas eu acho que se eu falasse: 'mãe, vou ser professora', ela iria falar: 'o importante é você ser feliz' [risos]; ela ia falar assim... não ia ser o mesmo brilho, igual se eu fosse médica, seria uma coisa que iria aceitar, porque seria o melhor pra mim, mas pro orgulho dela seria medicina mesmo, seria o sonho dela **(Marcela, escola particular de Feira de Santana)**;

Se eu falo pro meu pai isso, provavelmente ele ia me zoar na hora. Assim, ia rir muito de mim, e se ele visse que era sério, ele ia ficar bravo, conversar. Ele pagou não sei quantos mil reais de colégio aqui pra eu ter uma profissão que ele vai ficar precisando me ajudar financeiramente e tudo... **(Gustavo, escola particular, Campo Grande)**.

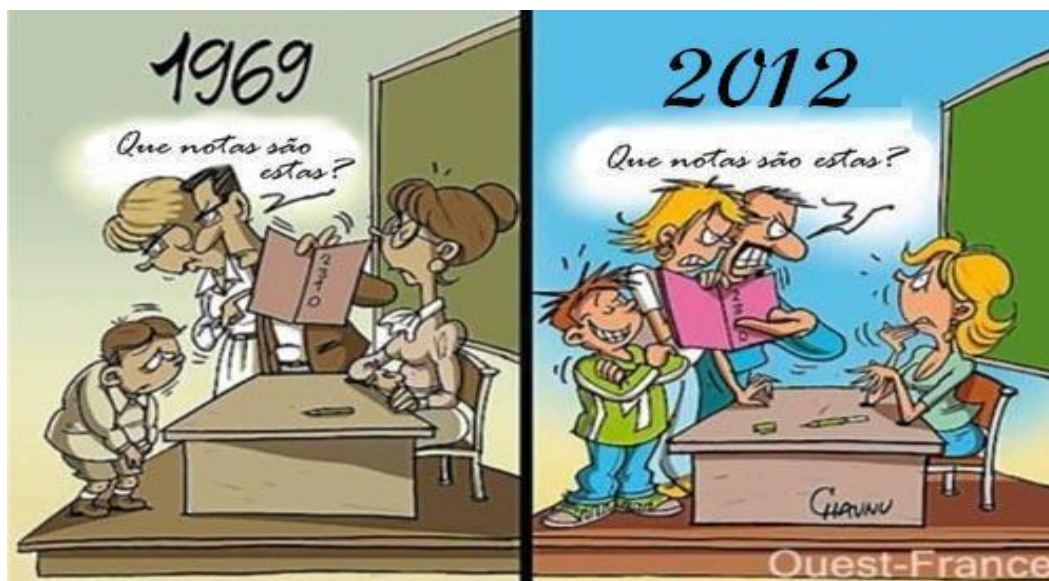
A minha mãe, eu acho que ela ia ser a primeira a dizer: 'você tá ficando louca? Você me viu a vida inteira trabalhando com isso, sendo professora, não ganhando dinheiro', assim como deixar tudo pra tentar ser bem de vida... Ela não ia acreditar, por experiência própria. **(Camila, escola particular, Fortaleza)**.

Mainha (risos), mainha falou comigo que o mal deu fazer História ou qualquer coisa, assim, que eu realmente goste [...] Ela quer que eu ganhe logo dinheiro, ela quer que eu ganhe dinheiro rápido. (risos) Por causa disso, eu vou cursar primeiro Direito, que é também uma área que eu gosto, para depois fazer todas as coisas que eu gosto. **(Beth, escola particular, Feira de Santana)**. (GATTI et al., 2009, p. 59-60, grifo nosso).

Através das respostas é possível compreender que a imagem negativa sobre a profissão docente, de acordo com a fala dos estudantes, está associada a fatores como, o prestígio e valorização social, que em comparação a outras profissões é inferior, acrescenta-se também o excesso de trabalho e além do desprestígio social, a desvantagem financeira.

A imagem da profissão apesar de ser apresentada como nobre, segundo Gatti et al. (2009) é contraditória, pois o professor além de ser desvalorizado social e profissionalmente é culpabilizado pelo fracasso do sistema escolar. A propósito, ela explica que vários aspectos têm contribuído para a construção desta imagem, o primeiro diz respeito à expansão quantitativa da escola visando atender ao processo de democratização de acesso à educação. O segundo refere-se à precarização da profissão, que envolve condições conjunturais, como salários, níveis de participação, carreira, clima de trabalho e políticas públicas, entre outros, que se agravaram com o processo de ampliação de oferta de vagas nas escolas. E um terceiro fator, diz respeito às mudanças de natureza econômica, política, social e cultural que a sociedade vive, e que agem como elementos transformadores do trabalho docente. Esses contribuem para o surgimento de novos problemas e desafios no cotidiano das escolas, como mudanças nas famílias, nos meios de comunicação de massa e em outras instituições de socialização; novas demandas para as formas de produção e o mercado de trabalho; evolução das tecnologias de comunicação e informação; origem social e características sociais dos alunos; massificação da escolarização; mudanças nas relações entre as gerações e mudanças na relação com o conhecimento.

Figura 19 – Que notas são estas?



Fonte: PROFISSÃO PROFESSOR, 2012. (Dados da pesquisa).

A figura 19 traz claramente a diferença e mudanças da imagem do professor docente pela família e sociedade. Demonstra a desvalorização social e profissional e, a culpabilização pelo fracasso do sistema escolar. A imagem representa duas cenas de situações conflitantes entre a família e docente, que diagnostica a evolução de aprendizado ou não do aluno. Na primeira cena com data em destaque, o ano de “1969” e a outra com o ano de “2012”. Nelas, os personagens são: uma criança, um casal (supostamente, pai e mãe), e, uma professora.

Na imagem de 1969, a criança está em uma situação de constrangimento, com olhar baixo, braços e pernas curvados, olhar de medo e/ou vergonha. Os pais seguram um boletim e olham com sinal de reprovação para a criança. A professora está sentada de frente a uma mesa, sua imagem é ativa, segura e respeitada. A família reconhece sua posição e culpabiliza questionando o aluno.

A imagem de 2012 reflete as distorções das posições de respeito e culpa pelo insucesso do aluno ou da criança. Isso é percebido pelo sorriso e ar seguro, do aluno, e em contrapartida estampa na face do docente a angústia, opressão e desrespeito dos pais para com ela, que seguram o boletim e a olham com ar de questionamento, raiva e descontentamento diante das notas do filho. A professora, diferente nos tempos diferentes, em sua forma de se vestir, em sua postura e comportamento, sem segurança e diante de um fator que certamente será difícil não ser culpabilizada e questionada em seu conhecimento e capacitação.

As imagens trazem a mesma frase, **“Que notas são estas?”**, mas com uma inversão na cobrança, na primeira ela feita pelos pais a criança, já na segunda a cobrança é realizada pelos pais à professora.

Os professores são responsabilizados pelo fracasso dos alunos, Abonizio (2012) explica que o professor desempenha diversas funções no exercício de seu trabalho, e é responsabilizado pelo desenvolvimento de habilidades e competências no discente e em seu preparo para o mercado de trabalho.

De acordo com Baldino (2015) ao longo da História, o medo foi utilizado como forma de disciplinarização de indivíduos, sendo utilizado na Escola como forma de controle e exercício do poder do adulto sobre a criança e o jovem. Entretanto, o século XXI, vem trazendo mudanças nos comportamentos, aumento da violência no mundo e mudanças na escola, e o professor, outrora amedrontador, detentor do poder legitimado socialmente, tem se tornado um amedrontado, tanto no exercício profissional quanto como um cidadão em uma grande cidade.

A autora considera que o medo foi usado pelo professor como forma de poder sobre o aluno, e que o amedrontamento do aluno foi e até hoje é usado: desde o uso das humilhações públicas às punições físicas e às ameaças veladas. Na atualidade, vemos esse movimento sendo invertido nas escolas. Muitos professores sentem-se amedrontados no seu relacionamento com seus alunos, suas famílias e com seus próprios sentimentos em relação ao exercício de suas funções. O professor se sente desamparado, frustrado, desorientado, amedrontado, adotando discursos de culpabilização do outro e de si, e assume mecanismos de defesa contra seu sentimento de impotência, contra seu medo de falhar, seu medo concreto da violência e vitimização.

Afirma Gatti et al. (2009), ser urgente o desenvolvimento de políticas que tenham como prioridade não só a valorização do magistério, visando evitar o declínio da profissão docente, mas que as pessoas que optem pela docência sejam de fato assistidas na sua formação inicial e em seu desenvolvimento profissional. Para isso, ela propõe a reflexão de proposições para políticas públicas, o primeiro seria denominado dimensão cultural, relacionada à docência, que envolve as representações sociais presentes no imaginário brasileiro, e o outro, um conjunto de proposições referente a mudanças de ordem estrutural e institucional, que poderiam concorrer para o fortalecimento da consideração do professor como um profissional com um valor social ressaltado.

- **Saúde do professor**, envolvendo o cansaço, o desgaste físico e emocional que afeta diretamente sua saúde.

Os processos rígidos ou mesmo as imposições da organização do trabalho, bem como as condições de trabalho e as relações humanas estabelecidas nesse âmbito, podem vir a se constituir como fonte do sofrimento psíquico ou mesmo do adoecimento do trabalhador (PIOLLI, 2013).

Sobre a saúde e adoecimento de professores, Silva (2015) realizou uma pesquisa com professores universitários objetivando identificar e analisar diagnósticos prevalentes de problemas de saúde, com destaque aos relativos à saúde mental. O autor percebeu que o adoecimento e sofrimento envolvem dimensões afetivas, éticas e políticas e que o adoecimento nem sempre ocorre, em situações passíveis de serem facilmente percebidas e diagnosticadas. Outro aspecto por ele destacado é que o sofrimento psíquico tende a ser comum numa universidade marcada por relações competitivas e com frágeis possibilidades de laços solidários e/ou de reconhecimento do/no trabalho.

Existe ainda um processo de individualização e solidão no local de trabalho, que é reflexo da ofensiva do capital sobre o trabalho, que provoca um desmonte dos sentimentos, de pertencimento e de coletividade, que ocorre para frear a mobilização coletiva através da busca de entidades sindicais que tem o intuito de amparar trabalhadores dentro e fora do local de trabalho.

“As mudanças ocorridas no mundo do trabalho nas últimas décadas resultaram na constituição de um exército de trabalhadores mutilados, lesionados, adoecidos física e mentalmente, muitos deles incapacitados de forma definitiva para o trabalho.” (ANTUNES; PRAUN, 2015, p. 423).

Figura 20 – Mas eu nem fui examinado...



Fonte: PROFISSÃO PROFESSOR, 2012. (Dados da pesquisa).

Silva e Silva Junior (2010) analisaram as implicações da avaliação dos programas de pós-graduação em universidades públicas brasileiras e suas implicações para o trabalho do professor e para as relações de trabalho. A pesquisa desenvolveu-se em sete instituições federais de ensino da região sudeste. Os autores ressaltam que o trabalho do professor e as práticas universitárias tendem a se configurar, predominantemente, como utilitárias, pragmáticas e competitivas. Somado a isto, existe uma crescente indissociação, entre, tempos e espaços da vida profissional, e tempos e espaços na vida pessoal e familiar.

Figura 21 – Vida profissional, vida pessoal e familiar do professor



Fonte: PROFISSÃO PROFESSOR, 2012. (Dados da pesquisa).

De acordo com Silva e Silva Júnior (2010) na pesquisa nas instituições federais de ensino, a maioria dos entrevistados afirmou continuar as tarefas universitárias em casa com regularidade ocupando muitas horas noturnas e finais de semana. O trabalho é levado para casa, não respeitando o tempo que deveria ser dedicado ao descanso, ao lazer, a convivência familiar, inclusive não respeitando as limitações físicas e emocionais. Isso acontece em função da pressão que são submetidos, pela constante e crescente avaliação dos programas de pós-graduação.

A competitividade nas relações de trabalho, induz a uma coletividade anômala, a uma falsa solidariedade ou a um fetiche de solidariedade. Conforme verificamos em inúmeros depoimentos, as relações de trabalho tendem a se tornar cada vez mais empobrecidas, esvaziadas de sua potencialidade humano-genérica. As relações, progressivamente esgarçadas, são induzidas por uma prática real de avaliação punitiva e discriminatória que produz uma hierarquia das instituições, dos programas e dos professores. A avaliação é orientada pelas diretrizes e modelos produzidos por, e executadas pela CAPES, mas efetivada e reproduzida até mesmo por docentes que alegam não concordar com elas, mas que, na condição de coordenadores, as acatam. (SILVA; SILVA JÚNIOR, 2010, p. 226).

Sobre a educação básica, Oliveira e Silva (2015) realizaram uma pesquisa com docentes que lecionam em três escolas municipais da cidade de Diamantina/MG. Metade dos professores solicitou afastamento do trabalho por motivos de saúde, especialmente por diagnósticos de Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho (DORT), doenças cardiovasculares e psíquicas. Também foi observado o número significativo de professores que estão adoecidos com menos de 5 anos de profissão, e estes relacionam o adoecimento com o processo do trabalho, seja como gerador ou agravante. Além da negligência dos professores em relação ao corpo, especialmente entre aqueles que estão em processo de adoecimento. Tanto o adoecimento como o sofrimento dos professores são constituídos pelas alienações, especialmente em três formas: em relação ao produto do trabalho, ao processo do trabalho e a si mesmo.

De acordo com Abonizio (2012), a jornada de trabalho do profissional da educação não se restringe ao trabalho dentro da sala, uma vez que o chamado trabalho extra sala consome muito tempo desse profissional.

O professor leva para casa parte de seu trabalho, corrigindo provas e trabalhos, planejando ações educativas, muitas vezes são obrigados a cumprir

jornadas mais extensas de trabalho, e para complementar sua renda desenvolve trabalhos em outras áreas.

Sobre a saúde, o autor ressalta que a carga intensa de trabalho afeta diretamente a saúde desses profissionais, dentre os problemas descritos nas pesquisas realizadas pela autora estão, o uso intensivo da voz, em função de precisarem concorrer com ruídos intra e extra sala de aula, além de terem que manifestar sua autoridade sobre os alunos. O afastamento das atividades é algo recorrente na maioria das escolas, e está associado aos transtornos psíquicos, condições de trabalho, novas demandas, excesso de alunos em sala de aula, infraestrutura inadequada, falta de trabalho pedagógico em equipe, falta de autonomia, a indisciplina, a desvalorização do profissional e, a falta de perspectiva de ascensão na carreira, por fim, os baixos salários.

Piolli, Silva e Heloani (2015) analisaram as reformas educacionais, a adoção de práticas e políticas gerencialistas centradas em metas e indicadores, como também, suas implicações no cotidiano laboral de escolas e universidades públicas.

De acordo com os autores, com o processo de mundialização do capital e da Reforma do Estado, algumas medidas de racionalização do trabalho foram inseridas na gestão das políticas públicas, em especial na educação. Esse modelo de gestão busca a eficiência do processo e sua legitimação junto à sociedade pela introdução de novas medidas de financiamento, avaliação e controle do trabalho. A justificativa utilizada para a implantação desse modelo, é a busca da melhoria da qualidade, porém a realidade é que a partir disso ocorre a institucionalização de práticas de responsabilização, na educação básica, através de esquemas gerenciais de bonificação, e na Educação Superior, por meio de hiperprodução em fluxos de tempos concentrados. Essas medidas têm elevado tensões e conflitos no espaço de trabalho, afetando a saúde do trabalhador.

Ao trabalhar por objetivos, o trabalhador assume riscos e, ao assumi-los, compromete-se mais com a organização. [...] Os professores universitários tendem a desenvolver uma auto-imagem enaltecida que os instiga ao produtivismo acadêmico e à busca por prestígio, com consequências prejudiciais à vida sociofamiliar, saúde e relações de trabalho. Os da Educação Básica apresentam sentimentos de abandono e desprezo frente ao descaso ao qual são submetidos, ao mesmo tempo em que sofrem e adoecem por serem destituídos dos meios objetivos de atingir os desempenhos e metas proclamados. (PIOLLI; SILVA; HELOANI, 2015, p. 606-605).

Portanto, segundo os autores as metas idealizadas se afastam do cotidiano concreto, como algo ao qual o indivíduo busca atender sem se aperceber de que não poderá atingi-las a não ser lhe gerando fadiga, sofrimento, estresse e conflitos nas relações de trabalho.

A saúde é um processo, uma construção social, e um ideal a ser perseguido que estaria inscrita dentro do que as pessoas podem fazer em determinadas condições sócio-institucionais. Como já dissemos, esta construção é coletiva e está relacionada ao registro da identidade intersubjetivamente reconhecida no âmbito da organização do trabalho. O destino do sofrimento do trabalhador tem centralidade na construção da identidade e da saúde (PIOLLI, 2013).

▪ Remuneração

Na observação das imagens publicadas na *fanpage*, percebeu-se que uma grande parte mencionava a questão salarial do professor. As imagens trazem a questão da remuneração como um dos aspectos da precariedade na profissão docente.

A remuneração dos professores como já mencionado encontra-se com um dos maiores desafios da política educacional. A instituição do piso salarial é uma conquista recente, e embora tenha sido positiva para regulamentar um valor, já que havia uma discrepância de valores em diferentes estados e municípios, em termos de salário a profissão ainda é muito desvalorizada, visto sua importância, responsabilidade e investimento constante do profissional, acrescido das cobranças de eficiência, dos processos que medem sua produtividade e das inúmeras funções que é obrigado a se submeter.

Figura 22 – Piso salarial... Eu nem cheguei a receber o anterior... Quanto era mesmo?



Fonte: PROFISSÃO PROFESSOR, 2012. (Dados da pesquisa).

Melo (2015) salienta a importância de compararmos o ganho do professor com o de outro profissional de nível superior, e observa-se a defasagem que existe entre ambos. Ao retratar essa realidade, é preciso entender que, a medida não é necessariamente receber um valor muito acima, mas um pagamento justo, e tão somente o que já é pago por outras profissões que também exigem o nível superior. Muito além de melhorar a formação inicial e continuada, é dar valor, que de certa forma, atribui uma remuneração digna da profissão.

Uma pesquisa realizada pelo Centro de Estudos e Pesquisas Educacionais (CESPES) e o Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo (APEOESP) sobre a Qualidade da Educação nas Escolas Estaduais no Estado de São Paulo em 2014, teve como objetivo contribuir para o entendimento das percepções gerais de Professores, Pais e Alunos sobre o significado de qualidade na educação. A avaliação que esses agentes da comunidade escolar têm de aspectos específicos, envolvendo qualidade em suas diferentes dimensões, como também os principais problemas percebidos e demandas de melhora em relação à qualidade da educação na rede estadual de ensino de SP. Para isso a pesquisa contou com uma abordagem quantitativa envolvendo 2.100 pesquisados (700 professores, 700 pais e mães, e, 700 alunos) de todas as regiões do Estado de São Paulo (CENTRO DE ESTUDO E PESQUISAS EDUCACIONAIS, 2014).

Ainda de acordo com a pesquisa, sobre o ponto da questão salarial, apenas uma minoria dos pesquisados considera o salário dos professores ótimo ou bom (20%

pais e alunos; 23% professores), outro dado é que 55% dos professores complementam a renda com outros trabalhos. Eles lecionam em mais de uma rede de ensino, sendo que 40% dos professores trabalham em outras redes/instituições de ensino, e 50% trabalham em mais de uma escola. Dos professores (48%) consideram que a jornada de trabalho seja inadequada, não tendo tempo para planejamento e preparação adequado do conteúdo das aulas. Eles argumentam que a baixa remuneração faz com que tenham que lecionar em mais de uma escola ou em vários períodos.

Essa informação também é confirmada por Lourencetti (2014) explicando que a remuneração é um aspecto fundamental em qualquer profissão, principalmente na sociedade capitalista. A maioria dos professores é forçada a trabalhar em mais de uma escola, convivendo com a rotatividade e a itinerância.

Figura 23 – O incrível é que ainda existam professores tantos professores bons



Fonte: PROFISSÃO PROFESSOR, 2012. (Dados da pesquisa).

Gatti e Barretto (2009, p. 247) salientam que os salários recebidos pelos professores não são tão compensadores, especialmente em relação às tarefas que lhes são atribuídas. Em especial, os docentes da Educação Básica têm rendimento médio muito menor que as demais profissões consideradas para efeitos de comparação, mesmo levando-se em conta a diferença existente entre as horas trabalhadas.

Outras implicações são identificadas por Barbosa (2012) decorrente dos baixos salários que atingem o professor como indivíduo, não permitindo manter satisfatoriamente o seu sustento e de sua família como também, a aquisição de

bens culturais necessários para a sua atualização e a elevação de seu capital cultural.

Outro problema apontado por Barbosa (2012) é que além da dificuldade de não conseguir atrair profissionais mais qualificados para a docência, existe ainda a necessidade de reter aqueles que optam por esse caminho. Segundo a autora, existe o abandono da carreira pela busca por carreiras que sejam mais bem remuneradas e valorizadas, com maior reconhecimento e valorização social.

▪ Condições de trabalho

Nesta categoria estão relacionadas, as situações que estes profissionais vivenciam no interior das instituições, desde o desinteresse dos alunos, ao domínio em sala de aula, ocasionado muitas vezes pelo excesso de alunos.

Nas imagens ainda aparecem problemas como a falta de autonomia, a responsabilização do professor pelos resultados e motivação dos alunos e o problema de ter que atuar em diferentes lugares, como forma de garantir condições de vida digna para si e sua família. Exigências profissionais, que vão desde o acúmulo de funções, adaptações às novas tecnologias, a obrigação de ser um profissional polivalente e viver imerso no excesso de trabalho. Ainda os casos de violência nas escolas, e violências contra o professor.

Figura 24 – Condições de trabalho – autonomia e violência



Fonte: PROFISSÃO PROFESSOR, 2012. (Dados da pesquisa).

Sobre as condições de trabalho, as imagens captadas nas publicações da *fanpage* fazem referência às condições de precariedade em que são expostos, tais como, excesso de alunos por sala, estruturas escassas, violência e atos infracionais, cobranças e culpabilização, cumprimento de metas, etc.

Figura 25 – Condições de trabalho – Responsabilização e cobranças



Fonte: PROFISSÃO PROFESSOR, 2012. (Dados da pesquisa).

Para Vieira e Oliveira (2013, p. 133) “as condições de trabalho na educação compreendem tudo aquilo que é necessário para os sujeitos docentes desempenharem com sucesso e bem-estar o trabalho que lhes cabe”.

Segundo Jacques e Hobold (2014, p. 121) “O trabalho docente é condicionado às diretrizes, muitas vezes alheias às condições concretas de trabalho que secundarizam a profissionalização docente”. O processo de intensificação do trabalho docente provoca a degradação do trabalho não só em termos de qualidade da atividade, mas também da qualidade do bem ou do serviço produzido. A falta de tempo limita a atividade em suas dimensões centrais, que seriam manter o controle da turma e responder aos dispositivos regulatórios.

Figura 26 – Se sobrar tempo dou aula



Fonte: PROFISSÃO PROFESSOR, 2012. (Dados da pesquisa).

Gasparini, Barreto e Assunção (2005) explicam que as condições de trabalho nas escolas podem gerar sobre-esforço dos docentes na realização de suas tarefas. Pesquisando os afastamentos do trabalho de funcionários da Secretaria Municipal de Educação, de abril de 2001 a maio de 2003, no Estado de Minas Gerais. Percebeu-se, assim como Abonizio (2012), que os transtornos psíquicos ficaram em primeiro lugar entre os diagnósticos que provocaram os afastamentos.

Segundo as autoras, o papel do professor extrapolou a mediação do processo de conhecimento do aluno, ampliando sua missão para além da sala de aula, o que significa uma dedicação mais ampla, a qual se estende às famílias e à comunidade. Para as autoras, o sucesso da educação depende do perfil do professor, mas para consegui-lo, depende da administração escolar que não fornece os meios pedagógicos necessários à realização de suas tarefas, cada vez mais complexas.

A segurança é considerada como um dos elementos que afetam as condições de trabalho dos professores, de acordo com o Centro de Estudo e Pesquisas Educacionais (2014) em uma pesquisa sobre o problema a Qualidade da

Educação nas Escolas Estaduais no Estado de São Paulo, 57% dos professores e 70% dos alunos consideram a escola violenta; 84% dos professores e 77% dos alunos tomaram conhecimento de casos de violência em suas escolas nos últimos anos; 44% dos professores e 28% dos alunos já sofreram algum tipo de violência em suas escolas.

Dados de uma pesquisa realizada pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) com mais de 100 mil professores e diretores de escola do segundo ciclo do ensino fundamental e do ensino médio (alunos de 11 a 16 anos), ressalta que 12,5% dos professores ouvidos no Brasil já foram vítimas de agressões verbais ou de intimidação de alunos pelo menos uma vez por semana (PESQUISA..., 2014).

De acordo com Ramal (2014) o Brasil está em primeiro lugar no *ranking* de violência contra professores. A violência crescente contra os mestres é sinal de colapso iminente no sistema educacional.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Minha primeira rede social foi o extinto *Orkut*, o que mais me encantava era a possibilidade de manter contato com minhas irmãs e sobrinhos, reencontrar familiares e amigos, e até mesmo pessoas que conheci, mas não tinha amizade. Observar a vida de outras pessoas e conhecer mesmo que superficialmente seus interesses e compartilhar momentos de suas vidas e intimidade eram realmente diferentes.

No final de 2009 e começo de 2010, comecei a participar do *Facebook*, inicialmente não estava ambientada e senti dificuldades em entender sua dinâmica. Utilizava este espaço para conversar com os amigos da pós-graduação e manter contato com meus familiares e amigos, mas confesso que não possuía muito envolvimento com essa rede.

Aos poucos e já ambientada publicava fotos e expunha sentimentos e opiniões sobre diversos assuntos. Foi aos poucos também que percebi a dimensão de estar em rede, no início adicionamos pessoas por impulso, e essas pessoas que não nos conhecem tecem comentários sobre nossas publicações como velhas amigas. Até hoje acho muito estranho que as pessoas nas redes sociais se conheçam tanto e quando estão frente a frente mal se cumprimentem.

Porém, não há como negar que as redes sociais façam parte da rotina das pessoas, sendo uma extensão da realidade ou não de suas vidas, são muitas vezes potencializadoras de mobilização social, tanto para questões relevantes quanto para a propagação de inverdades.

Desde o início me chamava à atenção a quantidade de imagens publicadas, algumas com pensamentos de escritores famosos, filósofos, educadores e os chamados *memes* que traziam personalidades famosas (em especial, figuras da mídia) com escritos banhados de humor e crítica. Atualmente existem empresas especializadas na criação de fotos ou vídeos curtos com frases engraçadas e conteúdos sobre diversos assuntos, acontecimentos ou pessoas que estão em ênfase no momento.

Em especial as imagens sobre o professor me causavam curiosidade, na época comecei a curtir algumas páginas sobre a profissão e recebia imagens que considerava engraçadas, ao mesmo tempo me levavam a reflexão e ao questionamento de como a imagem docente é retratada no ambiente virtual,

especificamente, no *facebook* e, sobretudo, quais eram os aspectos predominantes nas imagens e o que estes denotavam sobre a profissão do professor.

Diante disso, esta dissertação partiu de uma curiosidade, um interesse por analisar a imagem docente no ambiente virtual, e foi durante a observação que percebi a quantidade de imagens que retratavam aspectos negativos, denotando precarização da profissão.

É importante salientar que através da observação de imagens os indivíduos exteriorizam seus sentimentos e interpretam a realidade com o olhar da experiência e de acordo com o momento. Assim, o significado atribuído a uma imagem hoje, pode ser diferente se observado daqui algum tempo, isso pode acontecer devido ao momento, ao contexto e ao próprio aprimoramento do conhecimento particular de cada indivíduo.

“O significado das imagens muda com o tempo na medida em que elas são vistas por diferentes públicos; da mesma forma, o significado desejado pelo pesquisador social ao criar uma imagem pode não ser o significado que é ‘lido’ por quem a vê.” (BANKS, 2009, p. 50).

Sobre o primeiro questionamento o que se percebeu é que existem imagens positivas e negativas sobre a profissão. No que tange os aspectos positivos as imagens mostraram agradecimento, incentivo e valorização.

Algumas imagens relacionavam a profissão com palavras bem otimistas, entre elas, a palavra nobre, condutor de conhecimento, herói, importante, etc. Nas imagens os professores são aqueles capazes de despertar nos alunos o desejo de mudança no mundo, através da provocação, da inteligência, do espanto e da curiosidade.

Uma imagem chamou-me a atenção por dizer que o melhor presente para o professor é a valorização, e que só assim este profissional conseguiria inspirar e apoiar seus alunos a não desistir diante das dificuldades.

Outra imagem dizia que o professor precisa do apoio incondicional dos pais, alunos e gestores e que a responsabilidade pelo sucesso no processo escolar deve ser dividida em partes iguais.

Com relação aos aspectos negativos notou-se que as imagens traziam questões de desrespeito e desvalorização pela profissão, algumas relacionadas ao desprestígio da profissão, outras sobre a saúde do professor e seu desgaste físico, emocional, seu desânimo e medo diante da falta de perspectiva. A questão da

remuneração também esteve presente através de comparações salariais em relação a outras profissões e a cargos políticos, sobre a importância social e a baixa valorização impactada por meio dos salários e sobre as condições de trabalho.

Foi a partir dessa intenção que se buscou-se compreender os aspectos predominantes nas imagens e sua denotação com a precarização, para isso foi necessário entender o contexto da precarização, sabendo que a partir da organização da sociedade em função do capital, e do surgimento do conceito de propriedade privada e da concentração dos trabalhadores em fábricas é que teve início o processo de precarização.

O surgimento e desenvolvimento da tecnologia, a partir das revoluções industriais, e a habilidade das pessoas em dominá-las, provocaram mudanças significativas na realidade do mundo do trabalho. Novas formas de trabalho e arranjos organizacionais apresentaram como marcas a exigência pela qualificação do trabalhador polivalente, que executa multifunções, e a exploração da força de trabalho.

O trabalho mecânico foi substituído pela máquina e o mercado passou a privilegiar o profissional proativo, aquele capaz de antecipar futuros problemas, necessidades ou mudanças, executar, resolver problemas, buscar soluções e ainda desenvolver-se continuamente.

A tecnologia insere a capacidade de transformação das sociedades, porém em decorrência de toda a reestruturação produtiva e da automação nas empresas, ocorre a diminuição de postos de trabalho, a intensificação nas atividades e a flexibilização nas formas contratuais de trabalho.

O desenvolvimento tecnológico avança e, novamente, altera a nova dinâmica social, fundamentada nas interações pessoais, em grande velocidade e fluidez das informações. Nesta esfera surge o ciberespaço, espaço este, de manipulação e nova mercadoria, a informação, que seduz e reproduz as desigualdades, acentuando as diferenças entre os donos do capital e os trabalhadores.

O uso das redes sociais faz parte do dia a dia, é um hábito rotineiro na vida das pessoas, para olhar o que foi publicado, comentar uma foto, compartilhar pensamentos, imagens e notícias. As pessoas buscam neste espaço, e cada dia mais, uma forma de existir, de expressar a realidade (ou não), de serem vistas, de

observar sem se envolver (ou não), etc. A Informação tornou-se uma mercadoria rentável e através das redes sociais chega facilmente e rapidamente a todos, independente da forma e do lugar, popularizando e se fazendo necessária.

É neste contexto de rapidez, de fluidez, perecibilidade e do reforço do pensamento capitalista de que “tempo é dinheiro” que se encontram os trabalhadores e suas relações de trabalho.

Em meio a este cenário encontra-se o professor, tendo sua profissão desvalorizada, sua remuneração muito abaixo de atender suas necessidades profissionais (busca de atualização e novas experiências) e as necessidades pessoais.

A desvalorização da educação e dos professores são fatos comuns nesse universo do instantâneo e fugaz. As pesquisas sobre a realidade do professor colocam em evidência o que foi encontrado nas imagens captadas e que foi o objeto de pesquisa e análise, elas são um esboço da realidade expostas em todos os níveis da educação.

É importante salientar que as imagens captadas na pesquisa expressam a desvalorização da profissão e, quando publicadas, chegam a todos sem restrições, inclusive mostrando em tom de provocação, brincadeira e até mesmo de revolta a situação dessa carreira.

Notou-se que dentre esses aspectos os mais frequentes são o desrespeito e desvalorização, a remuneração, a saúde do professor e as condições de trabalho manifestadas pelo excesso de trabalho, de alunos por sala, de exigências e condições de trabalho insuficientes.

No que tange ao desrespeito e desvalorização pela profissão, percebeu-se nas imagens que estes profissionais são obrigados a responder por exigências que vão além de sua formação, sofrem cobranças e são responsabilizados pelo desempenho de seus alunos e por seu fracasso. Assumem ainda a grande responsabilidade de prepará-los para atender às necessidades do mercado.

Esse desprestígio afeta as relações entre professores, discentes, pais e muitas relações não são permeadas pelo respeito e pela cooperação.

Os professores sofrem, ainda, com a perda de autonomia, mesmo possuindo capacidade intelectual para discernir sobre métodos, avaliações e planejamentos, são submetidos ao controle e não participam da concepção e organização de seu

trabalho. A perda da autonomia o coloca como mero executor de tarefas e há, portanto, um distanciamento do trabalhador com o fruto de seu próprio trabalho.

Neste sentido, os efeitos dessa situação resultam mudanças na forma como enxergam a profissão e o seu trabalho, sendo o sentimento de frustração e de baixa autoestima presentes em seus dias.

Embora o foco do trabalho não fosse a atratividade da profissão docente, algumas imagens deixam nítido que o processo de desvalorização e a falta de perspectivas de melhores condições salariais e reconhecimento afetam a escolha dos mais jovens por ela.

A escolha pela profissão não é algo atrativo para os jovens que saem do Ensino Médio, percebe-se também que existe uma mudança no perfil dos que escolhem esta profissão. Oliveira (2017) salienta que com a expansão de vagas no ensino superior, os alunos menos qualificados se concentraram nos cursos de Pedagogia e nas Licenciaturas. Essa afirmação se deve a análise do desempenho dos alunos nos Exames, Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (ENADE) e do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM); neles percebeu-se que o nível de desempenho desses alunos na prova de conhecimentos gerais foi considerado baixo.

Louzano et al. (2010) na pesquisa sobre quem quer ser professor e a atratividade, seleção e formação docente no Brasil, considera que existam poucos incentivos financeiros para os melhores alunos do ensino médio se tornarem professores. E que para atrair indivíduos mais qualificados para a carreira docente devemos melhorar os incentivos salariais e o *status* social da profissão.

Na pesquisa de Gatti et al. (2009) percebeu-se que para os alunos pesquisados a profissão não seria uma opção realizada de imediato e como primeira opção, na percepção dos alunos caso o fizessem, os seus pais e colegas teriam dificuldades em aceitar essa escolha, principalmente pelo desprestígio social e a desvantagem financeira em comparação a outras profissões.

Grande parte das imagens sobre precarização fazem referência à questão salarial. Oliveira (2004, p. 1140) reforça essa constatação ao expressar que “as questões salariais e de caráter profissional, aquelas atinentes à defesa dos direitos trabalhistas, ainda são as mais contundentes nas lutas e manifestações dos trabalhadores docentes”.

As imagens traduzem essa desvalorização, exaltam ainda as precárias condições de trabalho em principal pela questão salarial que afetam a qualidade do ensino e motivação docente. Nas imagens os professores estão envolvidos em situações contraditórias e contrárias ao bom desempenho de suas atividades através do excesso de cobranças, salas lotadas, vivência itinerante (a jornada de trabalho dupla ou até mesmo tripla), desanimados, reféns de um sistema corrompido, e em constante luta para sobreviver em meio ao caos. Em muitas vezes este profissional adoece encerrando precocemente suas atividades profissionais.

Em grande parte, o adoecimento é marcado pela pressão e a presença de métodos de controle e avaliação importados de outros países, com realidades muito diferentes da nossa, um país que se vê inundado de problemas de desigualdade e casos de corrupção.

Esse adoecimento ocorre pela intensificação da jornada de trabalho caracterizada quando o professor tem que assumir novas funções e responsabilidades, a fim de responder às exigências das reformas educacionais e do trabalho que ocorre dentro e fora do ambiente escolar. Nesse sentido, os professores se sentem forçados a dominar novos saberes e buscar novas competências para o exercício da sua função.

Para agravar a situação, mesmo diante de muitos entraves, idas e vindas, as mudanças na legislação trabalhista foram aprovadas, expondo ainda mais a precarização do trabalho, em especial pelo aumento da jornada de trabalho, pela nova forma de tratamento dos acordos e quanto às modalidades de contratação, etc.

O aumento da jornada expõe nitidamente os interesses do governo e dos donos do capital, que ao invés de gerar mais oportunidades de emprego, obrigam o funcionário a se dedicar mais horas no trabalho, o que ocasionará profissionais desgastados, aumento de fadiga e distanciamento das atividades sociais, essenciais para todos os seres humanos.

O enfraquecimento dos Sindicatos, responsáveis historicamente pelas lutas em relação aos direitos dos trabalhadores, exalta o interesse da elite de deixar o trabalhador mais vulnerável, e as relações entre trabalhadores e os donos do capital (patrões) mais desiguais, além manifestar a evidente perda de direitos conquistados.

É bem provável que novas imagens apareçam para repercutir essas velhas e novas formas de precarização, e sirvam para propor outras formas de análise dos problemas políticos, econômicos e sociais presentes na sociedade.

O que as imagens produzem em cada um é impossível mensurar, pelo fato de que, a partir da concepção do imaginário coletivo, cada pessoa enxerga uma imagem e a representa de forma particular, baseado em suas experiências, vivências e formas de conhecimento, porém, seria ingênuo considerar que imagens que expõem as fragilidades, as formas de desvalorização e precariedade nas condições de trabalho de uma profissão iriam produzir efeitos positivos em quem as observa.

As imagens podem despertar sentimentos de revolta, de indignação, ou até mesmo de curiosidade, de solidariedade, e em alguns casos, podem motivar a luta e a mobilização para que este quadro seja revertido ou pelo menos minimizado.

As imagens que temos da profissão são baseadas em nossas próprias experiências quando alunos, acompanhando a jornada dos professores e suas lutas constantes para sobreviver em meio à desvalorização. Elas ainda são fruto de nossa experiência na mídia, que as representa em novelas, propagandas, notícias (jornal, rádio, televisão, internet). Esses aspectos em grande parte fazem parte do imaginário social, cercados de significados subjetivos e singulares.

Considerando as reflexões elaboradas ao longo de todo o trabalho, com base na análise das imagens, enxergamos que a mudança na lei do trabalho irá intensificar ainda mais o quadro de precarização no país, fortalecendo o sentimento de insegurança e conseqüentemente aumentando em grande nível os problemas sociais.

Gatti et al. (2009) considera que a valorização da profissão pode ser motivada através do desenvolvimento de políticas públicas, que envolvam mudanças de ordem estrutural e institucional.

Porém, essas mudanças nas relações de trabalho e em especial as relacionadas ao trabalho do professor são de fato muito complexas, e merecem serem revisitadas muitas e muitas vezes.

É certo que as imagens produzem uma multiplicidade de reações e de sentimentos. A reprodução dessas imagens no imaginário coletivo pode servir para que se perpetue a imagem estigmatizada da profissão ou produzir elementos de luta. A profissão clama por um sentido de valorização, em função da crescente

desqualificação e fragmentação de seu trabalho que concorram para o fortalecimento da consideração do professor como um profissional com um valor social ressaltado.

REFERÊNCIAS

ABONIZIO, Gustavo. Precarização do trabalho docente: apontamentos a partir de uma análise bibliográfica. **Ensino de Sociologia em Debate**, n. 1, v. 1, jan.-jun. 2012. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/lenpes-pibid/pages/arquivos/1%20Edicao/1ordf.%20Edicao.%20Artigo%20ABONIZIO%20G.pdf>>. Acesso em: 30 maio 2015.

ALBORNOZ, Suzana. **O que é trabalho**. 9. ed. São Paulo: Brasilense, 2012.

ALMEIDA, Maria do Carmo Souza de. Pro dia nascer feliz: imagens da educação brasileira. In: CITELLI, Adilson. (Org.) **Educomunicação: imagens do professor na mídia**. São Paulo: Paulinas, 2012. p. 85-101.

ALTERMANN, Dennis. O que exatamente é, onde surgiu e como definir o termo “meme”? **Midiatismo**, jan. 2012. Disponível em: <<http://www.midiatismo.com.br/o-que-exatamente-e-onde-surgiu-e-como-definir-o-termo-meme>>. Acesso em: 02 fev. 2017.

ALVES, Giovanni Alves. Precariedade e precarização do trabalho. In: _____. **Dimensões da reestruturação produtiva: ensaios de sociologia do trabalho**. 2. ed. Londrina: Praxis, 2007a. cap. 5.

_____. Trabalho e ciberespaço. In: _____. **Dimensões da reestruturação produtiva: ensaios de sociologia do trabalho**. 2. ed. Londrina: Praxis, 2007b. cap. 2.

_____. O precário mundo do trabalho. In: _____. **Dimensões da reestruturação produtiva: ensaios de sociologia do trabalho**. 2. ed. Londrina: Praxis, 2007c. cap. 11.

_____. *Toyotismo* e “Captura” da Subjetividade. In: _____. **Dimensões da reestruturação produtiva: ensaios de sociologia do trabalho**. 2. ed. Londrina: Praxis, 2007d. cap. 7.

_____. Reforma trabalhista, modernização catastrófica e a miséria da República brasileira. **Boitempo**, mar. 2017. Disponível em: <<https://blogdaboitempo.com.br/2017/03/27/reforma-trabalhista-modernizacao-catastrofica-e-a-miseria-da-republica-brasileira/>>. Acesso em: 13 jun. 2017.

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. Representações da identidade docente: uma contribuição para a formulação de políticas. **Ensaio** [online]. 2007, v.15, n. 57, p.579-594. 2007. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-403620070>>. Acesso em: 13 jun. 2017.

AMANTE, Lúcia. *Facebook* e novas sociabilidades: contributos da investigação. PORTO, C.; SANTOS, E. (Orgs.) **Facebook e educação: publicar, curtir, compartilhar** [online]. Campina Grande: EDUEPB, p. 27-46, 2014. Disponível em:

<file:///C:/Users/Acronus/Downloads/porto-9788578792831.pdf>. Acesso em: 03 fev. 2017.

AMARAL, Adriana; NATAL, Geórgia; VIANA, Lucina. Netnografia como aporte metodológico da pesquisa em comunicação digital. **Revista Eletrônica da IPUCRS**, Porto Alegre, n. 35, dez. 2008. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/famecos/article/viewFile/4829/3687>>. Acesso em: 25 ago. 2015.

APPLE, Michael; TEITELBAUN, Kenneth. Está o professorado perdendo o controle de suas qualificações e do currículo? **Teoria & Educação**. Porto Alegre, n.4, p.62-73, 199.

ANDRADE, Rogério Pelizzari de. Ambiente escolar e a publicidade governamental. In: CITELLI, Adilson. (Org.) **Educomunicação: imagens do professor na mídia**. São Paulo: Paulinas, 2012. p. 123-140.

ANTUNES, Ricardo; DRUCK, Graça. A terceirização como regra? **Rev. TST**, Brasília, v. 79, n. 4, out./dez. 2013.

ANTUNES, Ricardo; PRAUN, Brasil Luci. A sociedade dos adoecimentos no trabalho. **Serv. Soc. Soc.**, São Paulo, n. 123, p. 407-427, jul./set. 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ssoc/n123/0101-6628-ssoc-123-0407.pdf>>. Acesso em: 06 jun. 2017.

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao Trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 16. ed. São Paulo: Cortez, 2015.

_____. _____. 7 ed. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. _____. São Paulo: Cortez, 1995.

_____. O caracol e sua concha: ensaios sobre a nova morfologia do trabalho. São Paulo: Bomtempo, 2005.

_____. **Os sentidos do trabalho**: ensaios sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2009.

_____. A desconstrução do trabalho e a perda dos direitos sociais. **Evocati Revista** n. 19, jul. 2007. Disponível em: <http://www.evocati.com.br/evocati/artigos.wsp?tmp_codartigo=134>. Acesso em: 24 ago. 2016.

_____. A sociedade da terceirização total. **Revista da ABET**, v. 14, n. 1, jan./jun. 2015. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/abet/article/view/25698/13874>>. Acesso em: 26 jun. 2016.

_____. A nova morfologia do trabalho e as principais tendências: informalidade, infoproletariado, (i) materialidade e valor. In: ANTUNES, Ricardo (Org.). **Riqueza e miséria do trabalho**. São Paulo: Boitempo, 2013.

_____. Os modos de ser da informalidade: rumo a uma nova era da precarização estrutural do trabalho. **Serv. Soc. Soc.**, São Paulo, n. 107, p. 405-419, jul./set. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/sssoc/n107/02.pdf>>. Acesso em: 28 jul. 2015.

_____. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e negação do trabalho. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

ARANHA, M. L. **História da educação**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1996.

AUGUSTO, André Guimarães; MIRANDA, Flávio Ferreira de; CORRÊA, Hugo Figueira de Souza. O modo de produção asiático e os povos não-históricos em Marx. IN: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA ECONOMICA, 11.; CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE EMPRESA, 12., 2015. **Anais eletrônicos...** Vitória, 2015. Disponível em: <http://www.abphe.org.br/arquivos/2015_andre_guimaraes_augusto_flavio_miranda_hugo_figueira_souza_correa_o-modo-de-producao-asiatico-e-os-povos-nao-historicos-em-marx.pdf>. Acesso em: 04 maio 2017.

BALDINO, Angela Rocha de Oliveira. Relação professor-aluno: quem amedronta quem? **Universidade Federal de São João del-Rei**, 2015. Disponível em: <http://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/vertentes/v.%2019%20n.%201/Angela_Baldino.pdf>. Acesso em: 28 jan. 2017.

BALL, Stephen J. Profissionalismo, gerencialismo e performatividade. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 35, n. 126, p. 539-564, dez.. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742005000300002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 08 jun. 2017.

BANKS, Marcus. **Dados visuais para pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009. (Coleção pesquisa qualitativa).

BARBARA, Maristela Miranda. Reestruturação produtiva, qualificação, requalificação e desemprego: percepção e sofrimento do trabalhador. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 19, n. 1, p. 30-49, 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98931999000100004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 04 jun. 2017.

BARBOSA, Andreza. Implicações dos baixos salários para o trabalho dos professores brasileiros. **Revista Educação e Políticas em Debate**, v. 2, n. 2, p. 384-408, jul./dez. 2012.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. [S. l.]: Edições 70, 1988.

_____. _____. 4. ed. Lisboa: Edições 70, 2009.

BATISTA, Jandré Corrêa; ZAGO, Gabriela da Silva. Ativismo em Redes Sociais Digitais: Os fluxos de comunicação no caso #forasarney. **Estudos em Comunicação**, n. 8, p. 129-146, dez. 2010. Disponível em: <<http://www.ec.ubi.pt/ec/08/pdf/EC08-2010Dez-08.pdf>>. Acesso em: 13 jan. 2017.

BONZATTO, Eduardo Antonio. Tripalium: o trabalho como maldição, como crime e como punição. **Direito em foco**, 2011. Disponível em: <http://unifia.edu.br/revista_eletronica/revistas/direito_foco/artigos/ano2011/Direito_em_foco_Tripalium.pdf>. Acesso em: 23 jun. 2016.

BORGES, Bruna. O que é marketplace? Tudo o que você precisa saber está aqui. **JN2**, 2016. Disponível em: <<https://www.jn2.com.br/blog/o-que-e-marketplace/>>. Acesso em: 02 fev. 2017.

BRANCO, Anselmo Lázaro Branco. Revoluções industriais: primeira, segunda e terceira revoluções. **Uol – Educação**, out. 2007. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/geografia/revolucoes-industriais-primeira-segunda-e-terceira-revolucoes.htm>>. Acesso em: 15 maio 2017.

BRANDÃO, Denise Freitas; PARDO, Maria Benedita Lima. O interesse de estudantes de pedagogia pela docência. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 42, n. 2, p. 313-329, jun. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022016000200313&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 09 fev. 2017.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. São Paulo: Saraiva 1999.

_____. **LDBEN**. Lei Nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996.1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/LEIS/L9394.htm>. Acesso em: 10 maio 2010.

_____. Ministério da Educação. **Conferência Nacional da Educação Básica**: documento final. Brasília: Ministério de Educação, 2008.

_____. Ministério da Educação. **Conferência Nacional da Educação Básica**: documento final. Brasília: Ministério de Educação, 2010. Disponível em: <http://conae.mec.gov.br/images/stories/pdf/pdf/documentos/documento_final_sl.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2016.

BRITO, Danilo Lopes; BONA, Fabiano Dalla. Sobre a noção de estereótipo e as imagens do brasil no exterior. **Revista Graphos**, v. 16, n. 2, p. 15-28, 2014. Disponível em: <[file:///C:/Users/User/Downloads/23725-47641-1-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/User/Downloads/23725-47641-1-PB%20(1).pdf)>. Acesso em: 02 jun. 2017.

CAMPOS, Claudinei José Gomes. Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. **Revista Brasileira**

Enfermagem, Brasília (DF), p. 611-614, set./out., 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v57n5/a19v57n5.pdf>>. Acesso em: 19 fev. 2017.

CANCIAN, Renato. Estado do bem-estar social: História e crise do Welfare State. **UOL – Educação - Pedagogia & Comunicação**, maio 2007. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/sociologia/estado-do-bem-estar-social-historia-e-crise-do-welfare-state.htm>>. Acesso em: 15 maio 2017.

CARR, Nicholas. **A geração superficial**: o que a internet está fazendo com os nossos cérebros. Rio de Janeiro: Agir, 2011.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**: era da informação: economia, sociedade e cultura. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CENTRO DE ESTUDO E PESQUISAS EDUCACIONAIS. **Qualidade da educação nas escolas estaduais de São Paulo**. 2. ed. São Paulo: APEOESP, 2014. Disponível em: <<http://www.apeoesp.org.br/publicacoes/saude-dos-professores/pesquisa-apeoesp-data-popular/>>. Acesso em: 29 jun. 2017.

CERVO, Amado L.; BERVIAN, Pedro A. **Metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Person Prentice Hall, 2002.

CIAVATTA FRANCO, Maria. **Educação e crise do trabalho**: perspectivas de final de século. Petrópolis, Vozes, 1998, p. 100-137.

CITELLI, Adilson. (Org.) **Educomunicação**: imagens do professor na mídia. São Paulo: Paulinas, 2012.

_____. Imagens e representações dos professores: situando o problema. In: CITELLI, Adilson. (Org.) **Educomunicação**: imagens do professor na mídia. São Paulo: Paulinas, 2012. p. 9-18.

CÔNSOLO FILHO, Synesio. A comunicação política nas redes sociais em um contexto histórico social. **Comunicação & Mercado/UNIGRAN**. Dourados - MS, v. 01, n. 02, p. 278-296, nov. 2012. Disponível em: <<http://www.unigran.br/mercado/paginas/arquivos/edicoes/1N2/24.pdf>>. Acesso em: 13 jan. 2017.

CORAZZA, Helena. Discurso da qualidade na educação e invisibilidade do professor. In: CITELLI, Adilson. (Org.) **Educomunicação**: imagens do professor na mídia. São Paulo: Paulinas, 2012. p. 37-52.

CORREIA, Pedro Miguel Alves Ribeiro; MOREIRA, Maria Faia Rafael. Novas formas de comunicação: história do *Facebook* - Uma história necessariamente breve. **ALCEU**, v. 14, n.28, p. 168-187, jan./jun. 2014. Disponível em: <<http://revistaalceu.com.puc-rio.br/media/alceu%2028%20-%20168-187.pdf>>. Acesso em: 03 fev. 2017.

COSTA, Elisangela Rodrigues da. Nas telas da TV: A REPRESENTAÇÃO DO PROFESSOR DA Turma a 1901. In: In: CITELLI, Adilson. (Org.) **Educomunicação: imagens do professor na mídia**. São Paulo: Paulinas, 2012. p. 69-84.

COSTA, Hélio da; CONCEIÇÃO, Martinho. **Educação Integral e Sistema de Reconhecimento e certificação educacional e profissional**. São Paulo: Secretaria Nacional de Formação – CUT, 2005.

DAL ROSSO, Sadi. **Ondas de intensificação do labor e crises**. Perspectivas, São Paulo, v. 39, p. 133-154, jan./jun. 2011.

_____. Jornada de trabalho: duração e intensidade. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 58, n. 4, p. 31-34, dez. 2006. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252006000400016&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 30 maio 2017.

DÍAZ, Esther. ¿QUÉ ES EL IMAGINARIO SOCIAL? **Elcomunicauta**, 2010. Disponível em: <<http://elcomunicauta.blogspot.com.br/2010/07/que-es-el-imaginario-social-esther-diaz.html>>. Acesso em: 22 jun. 2017.

DIEB, Messias; ARAÚJO, Ceará Júlio; VASCONCELOS, Araújo Jamille Lima. A representação social de professor em fanpages do Facebook. **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v. 17, n. 3, p. 705-726, set./dez. 2014. Disponível em: <http://www.rle.ucpel.tche.br/index.php/rle/article/viewFile/1145/807>. Acesso em: 17 out. 2016.

DOWBOR, Ladislau. **O que acontece com o trabalho**. 3. ed. São Paulo: SENAC, 2006. (Série Ponto Futuro, v. 10).

DRUCK, Graça. Trabalho, precarização e resistências: novos e velhos desafios?. **Cad. CRH**, Salvador, v. 24, n. 1, p. 37-57, set. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-49792011000400004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 18 jul. 2017.

DUARTE, Fernanda. Piso salarial dos professores e profissionais da educação: tire suas dúvidas em 8 tópicos. **Empresa Brasil De Comunicações**, fev. 2015. Disponível em: <<http://www.ebc.com.br/educacao/2015/01/entenda-o-piso-salarial-nacional-do-magisterio>>. Disponível em: 20 dez. 2016.

_____. Entenda como é calculado o piso dos professores da educação básica. **Agência Brasil**, jan. 2017. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2017-01/entenda-como-e-calculado-o-piso-dos-professores-da-educacao-basica>>. Acesso em: 17 jan. 2017.

EDITORIAL. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 32, n. 115, June 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302011000200001&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 18 ago. 2014.

ELIAS, Maria Aparecida. Equilibrista na corda bamba: o trabalho e a saúde dos docentes no ensino superior provado em Uberlândia/MG. 2014. 181 F. Tese

(Doutorado em Ciências) – Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2014. Disponível em: www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59137/tde-12122014-104307/. Acesso em: 20 fev. 2017.

ENGUITA, Mariano Fernández. **A face oculta da escola**: educação e trabalho no capitalismo. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

ESPIG, Márcia Janete. O conceito de imaginário: o conceito de imaginário: reflexões acerca de sua reflexões acerca de sua utilização pela história utilização pela história. **Textura**, Canoas, n. 9, p. 49-56, nov./jun. 2003/2004. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/701-1562-1-PB.pdf>. Acesso em: 20 maio 2017.

FACEBOOK alcança marca de 2 bilhões de usuários. Agência da Empresa Brasil de Comunicação, jun. 2017a. Disponível m: <http://Agenciabrasil.Ebc.Com.Br/Internacional/Noticia/2017-06/Facebook-Alcanca-Marca-De-2-Bilhoes-De-Usuarios>. Acesso em: 04 maio 2017.

FACEBOOK começa a permitir 'reações' com emojis em comentários - botões 'amei', 'haha', 'uau', triste', 'grr' e 'curtir' já estavam disponíveis no messenger e para posts do facebook. G1 – Tecnologia e games, maio 2017b. Disponível em: <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/facebook-comeca-a-permitir-reacoes-em-comentarios.ghtml>. Acesso em: 19 jun. 2017.

FACEBOOK. Como adicionar amigos. *Facebook*, 2016. Disponível em: <https://www.facebook.com/help/146466588759199>. Acesso em: 24 jun. 2014.

_____. Profissão professor, *Facebook*, 2017. Disponível em: <https://www.facebook.com/Profiss%C3%A3o-Professor-329222423788535/?fref=ts>. Acesso em: 16 set. 2016.

FALCÃO, Sandra Pereira. Estigma ou emancipação: da imagem do professor na web à formação para a docência. In: CITELLI, Adilson. (Org.) **Educomunicação**: imagens do professor na mídia. São Paulo: Paulinas, 2012. p. 141-162.

FARIAS, Laryssa Emanuele Queiroz; FERREIRA, Marília Wanderley Pires; PATRIOTA, Karla Regina Macena Pereira. Redes sociais, *buzz* e propaganda. Como potencializar tudo isso? In: SIMPÓSIO NACIONAL ABCIBER, 3., 2009. **Anais eletrônicos...** São Paulo: ESPM/SP - Campus Prof. Francisco Gracioso, 2009. Disponível em: http://www.abciber.com.br/simposio2009/trabalhos/anais/pdf/artigos/1_redes/eixo1_art30.pdf. Acesso em: 15 jul. 2016.

FERREIRA, Ana Paula Cavalcanti. Tecnologia de informação controle e mundo do trabalho: pensar tecnologia na ótica do trabalhador. **Revista Eletrônica de Ciências Sociais**, n. 11, p. 14-24, 2006. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/caos/n11/02.pdf> >. Acesso em: 06 jun. 2017.

FERRO, Ana Paula Rodrigues. A netnografia como metodologia de pesquisa: um recurso possível. **Educação, Gestão e Sociedade**, ano 5, n. 19, ago. 2015.

Disponível em: <<http://www.faceq.edu.br/regs/downloads/numero19/2-Estudos-sobre-netnografia.pdf>>. Acesso em: 23 fev. 2017.

FINAMOR NETO, João Genaro. A precarização do trabalho docente na rede estadual de educação do Rio Grande do Sul: a contratação temporária de professores como flexibilização das relações de trabalho. In: X ANPED SUL, 10., 2014. **Anais eletrônicos...** Florianópolis: Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC, 2014. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/134688>>. Acesso em: 13 fev. 2017.

FLEURY, Afonso Carlos Corrêa. Os impactos reais da Terceira Revolução Industrial. *Politécnica/USP*, nov. 2012. Disponível em: <<http://www.poli.usp.br/comunicacao/noticias/arquivo-de-noticias/1108-os-impactos-reais-da-terceira-revolucao-industrial.html>>. Acesso em: 02 jun. 2017.

FLICK, Uwe. Introdução à coleção pesquisa qualitativa. In: BANKS, Marcus. **Dados visuais para pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009. (Coleção pesquisa qualitativa).

FRIGOTTO, Gaudêncio. **A produtividade da escola improdutiva**: um (re) exame das relações entre educação e estrutura econômico-social capitalista. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1993.

FRIGOTTO, G.; CIAVATTA, M.; RAMOS, M. A política de educação profissional no governo Lula: um percurso histórico controverso. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 92, p. 1087-1113, out. 2005.

FURLAN, Bruna; MARINHO, Bruno. **Redes sociais corporativas**. São Paulo: Instituto Desenvolve TI, 2014. Disponível em: <<http://www.desenvolveti.com.br/docs/DesenvolveTI-EBookRedesSociaisCorporativas.pdf>>. Acesso em: 05 mar. 2014.

GASPARINI, Sandra Maria; BARRETO, Sandhi Maria; ASSUNÇÃO, Ada Ávila Assunção. O professor, as condições de trabalho e os efeitos sobre sua saúde. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 189-199, maio/ago. 2005.

GATTI, Bernadete A et al. A atratividade da carreira docente no Brasil. **Estudo e Pesquisas Educacionais**. São Paulo, n. 1, p. 139-210, 2009. Disponível em: <<http://www.fvc.org.br/pdf/Atratividade%20da%20Carreira%20Docente%20no%20Brasil%20FINAL.pdf>>. Acesso em: 25 jun. 2017.

GATTI, Bernadete A.; BARRETO, Elba, Siqueira de Sá. **Professores do Brasil**: impasses e desafios. Brasília: UNESCO, 2009. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001846/184682por.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2017.

GOMES, Ana Luiza Zaniboni. A imagem do professor no rádio: aproximações, representações e miragens reconstituídas. In: CITELLI, Adilson. (Org.) **Educomunicação**: imagens do professor na mídia. São Paulo: Paulinas, 2012. p. 19-36.

GOMES, Ana Luzia Chavez. **A constituição de mulher no seriado The Good Wife** – dialogia no seriado e na fanfic. 2015. 176 f. Dissertação (Mestrado em Ciência, Tecnologia e Sociedade) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2015.

GORZONI, Priscila. Admirável trabalho novo: os impactos econômicos e sociais das mudanças no mundo do trabalho e a posição de especialistas e profissionais diante dessas transformações. **Revista Sociologia**, ed. 27, 2010. Disponível em: <<http://portalcienciaevida.uol.com.br/ESSO/edicoes/27/artigo162994-1.asp>>. Acesso em: 23 jun. 2016.

GOULART, Elias. O docente nas mídias sociais. In: _____. (Org.) **Mídias sociais: uma contribuição de análise**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014. cap. 1. (Comunicação e Inovação; v. 5). Disponível em: <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/Ebooks/Pdf/978-85-397-0630-3.pdf>>. Acesso em: 21 jan. 2017.

GUEDES, Maria Denise; MURANAKA, Maria Aparecida Segatto; ARAGÃO, José Euzébio de Oliveira Souza. Políticas de avaliação da educação superior no Brasil de FHC a Lula. **Revista Ciência Educação**, Americana, ano XVIII, n. 34, p. 103-122, jan./jun. 2016.

GUSMÃO, Carolina Borges. **Representações sociais sobre os professores na rede: Quem são eles? Quem somos nós?** 2013. 104 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, 2013.

HOELLER, Solange Aparecida de Oliveira. Imaginário Social e a Formação do Sujeito Alfabetizador. **Revista Linhas**, v. 3, n. 1, 2002. Disponível em: <<http://www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1277>>. Acesso em: 04 maio 2017.

HORTA, Natália Botelho. **O meme como linguagem da internet: uma perspectiva semiótica**. 2015. 191 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

IÓRIO, Angela Cristina Fortes; LELIS, Isabel Alice Oswald Monteiro. Precarização do trabalho docente numa escola de rede privada do subúrbio carioca. **Cadernos de Pesquisa**, v. 45, n. 155, p.138-154, jan./mar. 2015. <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v45n155/1980-5314-cp-45-155-00138.pdf>>. Acesso em: 11 jan. 2017.

JAEGER, Christine. Avaliação de competências e de performance: quais implicações, quais desafios. In: HIRATA, Helena; Segnini, Liliana. **Organização, trabalho e gênero**. São Paulo: Senac, 2007. cap. 8.

JACQUES, Ana Silvia; HOBOLD, Márcia Souza. Fatores de intensificação do trabalho docente nos anos iniciais do ensino fundamental. **Trabalho & Educação**, Belo Horizonte, v. 23, n.3, p. 117-134, set./dez. 2014. Disponível em:

<<http://www.portal.fae.ufmg.br/seer/index.php/trabedu/article/viewFile/1797/1523>>. Acesso em: 15 maio 2017.

KIRKPATRICK, David. **O efeito facebook**: os bastidores da história da empresa que está conectando o mundo. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2011.

KUBO, Edson. Análise de conteúdo em redes sociais virtuais. In: _____. (Org.) **Mídias sociais**: uma contribuição de análise. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014. cap. 5. (Comunicação e Inovação; v. 5). Disponível em: <<http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/Ebooks/Pdf/978-85-397-0630-3.pdf>>. Acesso em: 21 jan. 2017.

KUENZER, Acácia. Educação, linguagens e tecnologias: as mudanças no mundo do trabalho e as relações entre conhecimento e método. In: CANDAU, Vera (org.). **Cultura, linguagem e subjetividade no ensinar e aprender**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000, pp. 135-159.

LEDA, Denise Bessa. A precarização do trabalho na universidade pública e suas repercussões na subjetividade do professor substituto **Revista Contemporânea de Educação**, v. 10, n. 20, jul./dez. 2015. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/rce/article/viewFile/2500/2286>>. Acesso em: 15 maio 2017.

LETIERI, Rebeca. Derrota da reforma trabalhista reflete fragilidade do governo, dizem especialistas: jogo de forças fica mais acirrado, ao passo que as acusações sobre Temer aumentam. **Jornal do Brasil**, jun. 2017. Disponível em: <<http://www.jb.com.br/pais/noticias/2017/06/25/derrota-da-reforma-trabalhista-reflete-fragilidade-do-governo-dizem-especialistas/>>. Acesso em: 26 jun. 2017.

LÉVY, Pierre. LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

_____. **O que é o virtual**. São Paulo: Editora 34, 1996.

LIBÂNEO, José Carlos. Organização e gestão da escola: teoria e prática. 5. Ed. Goiânia: Alternativa, 2004.

LIMA, Gercina Ângela Borém de Oliveira. Modelos de categorização: apresentando o modelo clássico e o modelo de protótipos. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v.15, n.2, p.108-122, maio./ago. 2010

LOBO, Luis Felipe Nascimento. A precarização do trabalho docente nas escolas públicas estaduais da Bahia. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DA PUCPR (EDUCERE), 8., 2008. **Anais eletrônicos...** Curitiba: PUCPR, 2008. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/348_148.pdf>. Acesso em: 13 fev. 2017.

LOURENCETTI, Gisela do Carmo. A baixa remuneração dos professores: algumas repercussões no cotidiano da sala de aula. **Rede Educação Pública**, Cuiabá, v. 23, n. 52, p. 13-32, jan./abr. 2014. Disponível em:

<<http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/viewFile/1422/pdf>>. Acesso em: 12 maio 2017.

LOUZANO, Paula et al.. Quem quer ser professor? Atratividade, seleção e formação docente no Brasil. Est. Aval. Educ., São Paulo, v. 21, n. 47, p. 543-568, set./dez. 2010. Disponível em:

<<file:///C:/Users/User/Desktop/CONDI%C3%87%C3%95ES%20DE%20TRABALHO/remuneracao%201608.pdf>>. Acesso em: 19 maio 2017.

MACHADO, Lucília. Usos sociais do trabalho e da noção de competências. In: HIRATA, Helena; Segnini, Liliana. **Organização, trabalho e gênero**. São Paulo: Senac, 2007. cap. 9.

MANCEBO, D. Reforma da educação superior no brasil: análises sobre a transnacionalização e privatização. **Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 7, n. 21, p. 103-123, maio/ago. 2007.

MARINHO, Simão Pedro P. **Blog na educação & manual básico do blogger**. 3. ed. Belo Horizonte: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais/Instituto de Ciências Humanas, 2007. Disponível em: <http://www.ich.pucminas.br/pged/db/txt/marinho_manualblog_v3P2.pdf>. Acesso em: 31 maio 2017.

MARX, Karl. **O capital**: edição popular. Lisboa: Edições 70, 1979.

_____. **O capital**: crítica da economia política. 21. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

_____. **Manuscritos econômico-filosóficos**. Tradução de Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2004.

MARQUES, Rafael Rodrigues Lourenço; MUSIS, Carlo Ralph de; PAREDES, Eugênia Coelho. O professor no cotidiano e na Revista Nova Escola: representações sociais do ofício docente. In: SIMPÓSIO DE ESTUDOS E PESQUISAS, 2010. **Anais eletrônicos...** Goiás: Faculdade de Educação, 2010. Disponível em: <https://anaisdosimposio.fe.ufg.br/up/248/o/1.5.__5_.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2015.

MATOS, Olgária. Imagens sem objeto. In: NOVAES, Adauto. (Org.) **Rede imaginária**: televisão e democracia. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 15-37.

MATTOS, Sandra Maria Nascimento de. Educador oculto: o imaginário na prática docente. In: In: Congresso Nacional de Educação da PUCPR (EDUCERE), 7., 2007. **Anais eletrônicos...** Curitiba: PUCPR, 2007. Disponível em: <<http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2007/anaisEvento/arquivos/CI-286-04.pdf>>. Acesso em: 15 maio 2017.

MEDEIROS, Soraya Maria de; ROCHA, Melani Melo. Considerações sobre a terceira revolução industrial e a força de trabalho em saúde em Natal. **Ciência &**

Saúde Coletiva, v. 9, n. 2, p. 399-409, 2004. Disponível em:
<<http://www.scielo.br/pdf/csc/v9n2/20394.pdf>>. Acesso em: 02 jun. 2017.

MEDEIROS, Alexandre; MEDEIROS, Cleice Farias de. As origens do ensino da física em Portugal no século XVIII. **Acta Scientiarum**, Maringá, v. 24, n. 6, p. 1697-1706. 2002. Disponível em: <<file:///C:/Users/Biblioteca/Downloads/2512-7212-1-PB.pdf>>. Acesso em: 01 set. 2015.

MELO, Daniela da Silva. Profissão docente: um estudo sobre a desvalorização/valorização da carreira. In: jornada pedagógica, 2., 2015... **Anais eletrônicos...** Salvador, 2015. Disponível em:
<http://nead.uesc.br/jornaped/anais_2015/formacao_de_professores_e_profissionalizacao_docente/PROFISSAO_DOCENTE_UM_ESTUDO SOBRE_A.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2017.

MELLO, Régis Trindade de; CAMARGO, Luis Henrique Kohll. O sentido do trabalho imaterial no “novo” capitalismo mundializado: a relação entre a retórica do “fim do trabalho” e a “captura da subjetividade do trabalhador”. **Anais do Seminário Nacional de Dimensões Materiais de Eficácias dos Direitos Fundamentais – Descontinuado**, v. 1, n. 1, p. 289-300, 2011. Disponível em:
<<https://editora.unoesc.edu.br/index.php/seminarionacionaldedimensoes/article/view/975/540>>. Acesso em: 02 jun. 2017.

MÉSZÁROS, I. **Para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2002.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 16 ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

MORETZSOHN, Sylvia Debossan. O mundo divertido: o fetiche da internet e a mobilização política nas redes sociais. **REDESG / Revista Direitos Emergentes na Sociedade Global**, Santa Maria/RS, v. 1, n. 2, jul./dez. 2012.

MOSCOVICI, Serge. Prefácio. In: GUARESCHI, Pedrinho A.; JOVCHELOVITCH, Sandra (Orgs.) **Textos em representações sociais**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 7-16.

MOZZATO; Anelise Rebelato; GRZYBOVSKI, Denise. Análise de conteúdo como técnica de análise de dados qualitativos no campo da administração: potencial e desafios. **RAC**, Curitiba, v. 15, n. 4, pp. 731-747, Jul./Ago. 2011. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/rac/v15n4/a10v15n4.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2016.

MÜLLER, Leonardo. O que são feeds? **Tecmundo**, jul. 2012. Disponível em: <<https://www.tecmundo.com.br/rss/252-o-que-sao-feeds-.htm>>. Acesso em: 02 fev. 2012.

NAGAMINI, Eliana. O professor na propaganda comercial. In: CITELLI, Adilson. (Org.) **Educomunicação: imagens do professor na mídia**. São Paulo: Paulinas, 2012. p. 103-121.

NOGUEIRA, Erika Cristina Dias. **Facebook como espaço de legitimação virtual: uma análise de posts e reações discursivas em páginas de ONGs ambientais.** 2015. 160 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015. Disponível em: <http://www.academia.edu/22431004/FACEBOOK_COMO_ESPA%C3%87O_DE_LEGITIMA%C3%87%C3%83O_VIRTUAL_uma_an%C3%A1lise_de_posts_e_rea%C3%A7%C3%B5es_discursivas_em_p%C3%A1ginas_de_ONGs_ambientais>. Acesso em: 15 maio 2017.

NOVELI, Márcio. Do Off-line para o Online: a Netnografia como um Método de Pesquisa ou o que pode acontecer quando tentamos levar a Etnografia para a Internet. **Organizações em contexto**, ano 6, n. 12, p. 107-133, jul./dez. 2010. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/OC/article/view/2697/2640>>. Acesso em: 20 fev. 2017.

NÓVOA, A. **Profissão Professor.** Porto: Porto Editora, 1991.

NUNES, Cely do Socorro Costa. Pedagogia das competências e suas implicações para formação de professores no Brasil: o cenário. **Universidade do Estado do Pará & Universidade da Amazônia**, 2006. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/7893040-Pedagogia-das-competencias-e-suas-implicacoes-para-a-formacao-de-professores-no-brasil-o-cenario.html>>. Acesso em: 17 dez. 2016.

OLIVEIRA, Dalila Andrade. A reestruturação do trabalho docente: precarização e flexibilização. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 25, n. 89, p. 1127-1144, set./dez. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v25n89/22614>>. Acesso em: 22 jun. 2017.

OLIVEIRA, João Batista. Quem serão os futuros professores? **Veja**, fev. 2017. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/blog/educacao-em-evidencia/quem-serao-os-futuros-professores/>. Acesso em: 15 jul. 2017.

OLIVEIRA, Wendel Cristian de; SILVA, Flávia Gonçalves da. Alienação, sofrimento e adoecimento do professor na educação básica. **Revista Labor**, [S.l.], v. 1, n. 13, p. 7 - 27, mar. 2017. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufc.br/labor/article/view/6557>>. Acesso em: 04 jul. 2017.

OLIVIERI, Laura. A importância histórica social das redes. 2003. Disponível em: <<http://www.repa.org.br/index.php/conceitual/redes/85-a-importancia-historico-social-das-redes>>. Acesso em: 12 out. 2016.

OS JOVENS japoneses que estão trabalhando literalmente até a morte: fenômeno do 'karoichi' afeta jovens profissionais pressionados a fazer longas jornadas - e deixa o país em alerta. **G1**, jun. 2017. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/os-jovens-japoneses-que-estao-trabalhando-literalmente-ate-a-morte.ghtml>>. Acesso em: 15 jun. 2017.

PASSARINHO, Nathalia. Cid Gomes diz que declaração sobre salário de professores foi distorcida. **G1**, Brasília, jan. 2015. Disponível em:

<<http://g1.globo.com/educacao/noticia/2015/01/cid-gomes-diz-que-declaracao-sobre-salario-de-professores-foi-distorcida.html>>. Acesso em: 20 jan. 2017.

PATRÍCIO, Maria Raquel; GONÇALVES, Vitor. *Facebook: rede social educativa?* In: Encontro Internacional TIC e Educação, 1., 2010. Disponível em: <<https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/3584/1/118.pdf>>. Acesso em: 04 dez. 2013.

PAVANI, Ruth; BACKSEI, José Licínio. O processo de (des) proletarização do professor da educação básica. **Revista Portuguesa de Educação**, v. 29, n. 2, p. 35-58. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/pdf/rpe/v29n2/v29n2a03.pdf>. . Acesso em: 08 jun. 2017.

PENA, Rodolfo F. Alves. "Terceira Revolução Industrial"; *Brasil Escola*. Disponível em: <http://brasilecola.uol.com.br/geografia/terceira-revolucao-industrial.htm>. > Acesso em 06 de julho de 2017.

PERASSO, Valeria. O que é a 4ª revolução industrial - e como ela deve afetar nossas vida: Especialistas dizem que o mundo como conhecemos está a ponto de mudar - principalmente radicalmente o modo como produzimos e trabalhamos. **G1 – Economia**, out. 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/economia/negocios/noticia/2016/10/o-que-e-a-4a-revolucao-industrial-e-como-ela-deve-afetar-nossas-vidas.html>>. Acesso em: 02 jun. 2017.

PEREIRA, Vanessa Terra; ARAGÃO, José Euzébio de Oliveira. A precarização do trabalho docente no ensino superior. In: Encontro Ibero-Americano de Educação, 10., 2015. **Anais eletrônicos...** Araraquara: FCLUNESP, 2015. Disponível em: <<https://iage.fclar.unesp.br/eide/arqs/eidex.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2017.

PESQUISA põe Brasil em topo de ranking de violência contra professores. **G1 – Educação**, ago. 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/educacao/noticia/2014/08/pesquisa-poe-brasil-em-topo-de-ranking-de-violencia-contra-professores.html>>. Acesso em: 20 maio 2017.

PETRIN, Natália. Modos de produção. **Estudo Prático**, fev. 2015. Disponível em: <<http://www.estudopratico.com.br/modos-de-producao-capitalista-escravista-feudal-e-mais/>>. Acesso em: 20 jan. 2017.

PINA, José Augusto Pina; STOTZ, Eduardo Navarro. Intensificação do trabalho e saúde dos trabalhadores: um estudo na Mercedes Benz do Brasil, São Bernardo do Campo, **Saúde Soc.**, São Paulo, v. 24, n. 3, p. 826-840, 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v24n3/0104-1290-sausoc-24-03-00826.pdf>>. Acesso em: 25 maio 2017.

PIOLLI, Evaldo; SILVA, Eduardo Pinto e; HELOANI, José Roberto M. Plano Nacional de Educação, autonomia controlada e adoecimento do professor. **Cad. CEDES**, Campinas, v. 35, n. 97, p. 589-607, dez. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622015000300589&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 04 jul. 2017.

PIOLLI, Evaldo. Gerencialismo e heteronomia: o trabalho, a identidade e a saúde do diretor de escola frente às políticas e programas de qualidade da Secretaria de Educação de São Paulo. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE POLÍTICA E ADMINISTRAÇÃO DA EDUCAÇÃO, 26., 2013. **Anais Eletrônicos...** ANPAE, Recife, 2013. Disponível em: <<http://www.anpae.org.br/simposio26/1comunicacoes/evaldopiolli-comunicacaooral-int.pdf>>. Acesso em: 08 jun. 2017.

PISO nacional dos professores aumenta 13,01% e será de R\$ 1.917,78. **UOL**, São Paulo, jan. 2015. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/noticias/2015/01/06/piso-nacional-dos-professores-aumenta-1301-e-sera-de-r-191778.htm>>. Acesso em: 23 jun. 2016.

PROFESSOR dá aula em ritmo de funk para atrair a atenção dos alunos. **R7.COM**, abr. 2016. Disponível em: <<http://entretenimento.r7.com/blogs/blog-da-db/professor-da-aula-em-ritmo-de-funkpara-atrair-a-tencao-dos-alunos-veja-o-video-20160407/>>. Acesso em: 21 jan. 2016.

PRIMO, Alex. O aspecto relacional das interações na Web 2.0. **E- Compós**, Brasília, v. 9, p. 1-21, 2007. Disponível em: <<file:///C:/Users/Biblioteca/Downloads/web2.pdf>>. Acesso em: 01 set. 2015.

RAMAL, Andrea. Violência contra os professores não pode ser vista como normal. **G1**, set. 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/educacao/blog/andrea-ramal/post/violencia-contra-os-professores-nao-pode-ser-vista-como-normal.html>>. Acesso em: 04 maio 2017.

RECUERO, Raquel da Cunha. Redes sociais na internet: considerações iniciais. In: ENCONTRO DOS NÚCLEOS DE PESQUISA DA XXVII INTERCOM, 4. 2004. **Anais eletrônicos...** Porto Alegre, 2005. Disponível em: <<http://www.raquelrecuero.com/intercom2004final.pdf>>. Acesso em: 31 maio 2017.

RECUERO, Raquel; FRAGOSO, Suely; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para a internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011. 239 p.

RIBEIRO, Laura. Quais são as redes sociais mais usadas no Brasil. **Marketing de conteúdo**, FEV. 2017. Disponível em: <<http://marketingdeconteudo.com/redes-sociais-mais-usadas-no-brasil/>>. Acesso em: 15 maio 2017.

RIBEIRO, Maria Luisa Santos. **História da educação brasileira**: a organização escolar. 12. ed. São Paulo: Cortez, 1992.

_____. _____. 16. ed. Campinas: Autores Associados, 2000.

RODRIGUES, Carla. Capitalismo informacional, redes sociais e dispositivos móveis: hipóteses de articulação. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 20, p. 70-83, dez. 2010. file:///C:/Users/User/Downloads/3133-11142-1-PB.pdf.

ROSA, Gustavo Ribeiro; KAMIMURA, Quesia P. As redes sociais: uma nova abordagem. In: INTERNATIONAL CONGRESS ON UNIVERSITY-INDUSTRY

COOPERATION, 4., 2012. **Anais eletrônicas...** Taubaté: Unitau, 2012. Disponível em: <http://www.unitau.br/unindu/artigos/pdf365.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2017.

ROSADO, Luiz Alexandre da Silva; MARTINS, Tatiane Marques de Oliveira. As redes sociais na *internet* e as visões polarizadas de pais de alunos: um estudo exploratório e qualitativo. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL - AS REDES EDUCATIVAS E AS TECNOLOGIAS: TRANSFORMAÇÕES E SUBVERSÕES NA ATUALIDADE, 7., 2013, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos...** Rio de Janeiro: Uerj, 2013. 1 CD-ROM.

ROSSATO, Ermelio. As transformações no mundo do trabalho. **Vidya**, n. 36, p. 151-159, jul./dez. 2001. Disponível em: <http://sites.unifra.br/Portals/35/Artigos/2001/36/transformacoes.pdf>. Acesso em: 23 ago. 2016.

SÁ, Teresa. Precariedade e trabalho precário: consequências sociais da precarização laboral, **Configurações [Online]**, 7, 2010. Disponível em: <http://configuracoes.revues.org/203> ; DOI : 10.4000/configuracoes.203. Acesso em: 04 maio 2017.

SAMPAIO, M. M. F.; MARIN, A. J. Precarização do trabalho docente e seus efeitos sobre as práticas curriculares. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 25, n. 89, p. 1203- 1225, 2004.

SANTANA, Vagner Figuerêdo de et al. Redes sociais online: desafios e possibilidades para o contexto brasileiro. **Universidade Federal de Minas Gerais**, 2009. Disponível em: <http://www.lbd.dcc.ufmg.br/colecoes/semish/2009/013.pdf> >. Acesso em: 15 maio 2017.

SANTOS, Ivanildo Gomes dos Santos; MEDEIROS, Juliane dos Santos. Formação e valorização docente no império brasileiro. Disponível em: <http://dmd2.webfactional.com/media/anais/FORMACAO-E-VALORIZACAO-DOCENTE-NO-IMPERIO-BRASILEIRO.pdf>>. Acesso em: 01 set. 2015.

SILVA, Elizabeth Moraes Gonçalves Marcelo da. A amplitude do diálogo nas redes sociais digitais: sentidos em construção. **Mídias sociais: uma contribuição de análise**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014. cap. 4. (Comunicação e Inovação; v. 5). Disponível em: <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/Ebooks/Pdf/978-85-397-0630-3.pdf>>. Acesso em: 21 jan. 2017.

SILVA, Irley David Fabrício da. A importância das redes sociais nos protestos urbanos, da rede às ruas. In: XI EVIDOSOL, 11; CILTEC-Online, 8. Jun. 2014. Disponível em: http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/anais_linguagem_tecnologia/article/view/5806/5090>. Acesso em: 26 fev. 2017.

SILVA, Michel Carvalho da. Aula do crime: o discurso jornalístico e a imagem do professor. In: CITELLI, Adilson. (Org.) **Educomunicação: imagens do professor na mídia**. São Paulo: Paulinas, 2012. p. 53-68.

SILVA, Eduardo Pinto e; SILVA JÚNIOR, João dos Reis. Estranhamento e desumanização nas relações de trabalho na instituição universitária pública. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, número especial, p.223-238, ago. 2010. Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/38e/art14_38e.pdf>. Acesso em: 29 jun. 2017.

SILVA, Eduardo Pinto e. Intensificação do trabalho, manipulação da subjetividade e adoecimento: implicações das políticas educacionais e do gerencialismo. **Revista APASE**, ano XV, n. 17, p. 20-33, abr. 2016.

_____. Adoecimento e sofrimento de professores universitários: dimensões afetivas e ético-políticas. **Revista Psicologia: Teoria e Prática**, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 61-71. jan./abr. 2015. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.15348/1980-6906/psicologia.v17n1p61-71>>. Acesso em: 04 jun. 2017.

SILVA JÚNIOR, João dos Reis; SGUISSARDI, Valdemar. Universidade pública brasileira no século XXI Educação superior orientada para o mercado e intensificação do trabalho docente. **Espacios en Blanco - Serie indagaciones**, v. 23, n. 1, p. 119-156, jun. 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.org.ar/pdf/eb/v23n1/v23n1a07.pdf>>. Acesso em: 09 jun. 2017.

_____. O impacto da mercantilização da educação superior. **Revista Adusp**, p. 47-53, mar. 2000. Disponível em: <<http://www.adusp.org.br/files/revistas/19/r19a09.pdf>>. Acesso em: 08 jun. 2017.

SOUZA, Maria Verônica de. Profissão docente: história, condições de trabalho e questão salarial. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE POLÍTICAS SOCIAIS, 5., 2011. **Anais...** Cascável: UNIOESTE, 2011.

SOUZA, Laura Olivieri Carneiro de. A importância histórico-social das Redes? 2. versão. **Revista do Terceiro Setor (RETS)**, RETS/ área de redes, 15 jan. 2003.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, R.J.: Editora Vozes, 2002.

TARTUCE, Gisela Lobo Baptista Pereira. Algumas reflexões sobre a qualificação do trabalho a partir da sociologia francesa do pós-guerra. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 25, n. 87, p. 353-382, maio/ago. 2004.

TIBÚRCIO, Luís. Educação e trabalho capitalista: perspectiva histórica e ideias dominantes. **Análise Social**, v. XV, n. 57, p. 179-186. 1979.

TONCHIS, Luiz Claudio. Por que ninguém mais quer ser professor na escola pública? **Amambainoticias**, set. 2015. Disponível em: <<http://www.amambainoticias.com.br/geral/artigos/por-que-ninguem-mais-quer-ser-professor-na-escola-publica>>. Acesso em: 20 out. 2016.

TOKARNIA, Mariana. Piso dos professores tem reajuste de 7,64% e vai para R\$ 2.298. **Agência Brasil**, Brasília, jan. 2017. Disponível em:

<<http://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2017-01/piso-dos-professores-tem-reajuste-de-764-e-vai-para-r-2298>>. Acesso em: 23 10 2017.

TRIVINHO, Eugênio. Em entrevista a Bruno de Piero sobre as redes sociais e a nova modalidade do capitalismo. **Blog de Bruno de Piero**, 2012. Disponível em: <<http://www.brunodepiero.com/2012/04/as-redes-sociais-e-nova-modalidade-do.html>>. Acesso em: 06 jun. 2017.

UGGIONI, Giovana da Silva; CIPRIANO, Jucelma Cardoso. Sociedade dos Poetas Mortos: uma análise desmistificadora da imagem do professor herói. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL, 9., 2012. **Anais eletrônicos...** Caxias do Sul: Universidade da Caxias do Sul, 2012. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/2164/151>>. Acesso em: 18 ago. 2014.

VICENTINI, Paula Perin; LUGLI, Rosário Genta. **História da profissão docente no Brasil**: representações em disputa. São Paulo: Cortez Editora, 2009, 234p.

VIEIRA, Juçara Dutra. **Piso Salarial Nacional dos Educadores**: dois séculos de atraso. Brasília: (s.n.), 2007.

VIEIRA, Maytê. Imaginário, imaginação social e seus símbolos. **Mito e imaginário**, 2011. Disponível em: <<http://www.mitoseimaginario.com.br/2011/06/imaginario-imaginacao-social-e-seus.html>>. Acesso em: 02 jun. 2017.

VIEIRA, Livia Fraga; OLIVEIRA, Tiago Grama. As condições do trabalho docente na educação infantil no Brasil: alguns resultados de pesquisa (2002-2012). **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 46, n. 32, p. 131-154 maio/ago. 2013. Disponível em: <<file:///C:/Users/User/Downloads/5125-12574-1-PB.pdf>>. Acesso em: 23 maio 2017.

WEREBE, Maria José Garcia. **Grandezas e misérias do ensino no Brasil**. São Paulo: Atica, 1994.

ZANELLI, J. C. Pesquisa qualitativa em estudos da gestão de pessoas. **Estudos de Psicologia**, v. 7, p. 79 - 88, 2002.

ANEXOS

ANEXO A – AULA CRONOMETRADA



PLANETA
sustentável

A iniciativa

- Infográficos
- Especiais
- Artigos
- Entrevistas
- Simuladores

Segunda-feira, 27 de Fevereiro de 2017

Busca

» Busca avançada

Ambiente Energia Casa Cidade Lixo Desenvolvimento Saúde **Educação** Cultura Atitude

EDUCAÇÃO



Divulgação

EDUCAÇÃO
Aula cronometrada
Com um método já aplicado em países de bom ensino, o Brasil começa a investigar o dia a dia nas escolas
Roberta de Abreu Lima - Revista Veja - 23/06/2010

Leia mais em EDUCAÇÃO

- 26/05/2015 - Educação: não basta ter acesso, é preciso ser de qualidade
- 25/05/2015 - Imaginando uma cidade-modelo
- 25/05/2015 - Todo aluno é um artista
- 18/05/2015 - Em fuga da sala de aula
- 29/04/2015 - A geração de energia em jogo

» ver todas

- A A + Acompanhe o Planeta Sustentável

As avaliações oficiais para medir o nível do ensino no Brasil têm se prestado bem ao propósito de lançar luz sobre os grandes problemas da educação – mas não fornecem resposta a uma questão básica, que se faz necessária diante da sucessão de resultados tão ruins: por que, afinal, as aulas não funcionam? Muito já se fala disso com base em impressões e teoria, mas só agora o dia a dia de escolas brasileiras começa a ser descortinado por meio de um rigoroso método científico, tal como ocorre em países de melhor ensino. Munidos de cronômetros, os especialistas se plantam no fundo da sala não apenas para observar, mas também para registrar, sistematicamente, como o tempo de aula é despendido. Tais profissionais, em geral das próprias redes de ensino, já percorreram 400 escolas públicas no país, entre Minas Gerais, Pernambuco e Rio de Janeiro. Em Minas, primeiro estado a adotar o método, em 2009, os cronômetros expuseram um fato espantoso: com aulas monótonas baseadas na velha lousa, um terço do tempo se esvai com a indisciplina e a desatenção dos alunos. Equivale a 56 dias inteiros perdidos num só ano letivo.

Já está provado que a investigação contínua sobre o que acontece na sala de aula guarda relação direta com o progresso acadêmico. Ocorre, antes de tudo, porque tal acompanhamento permite mapear as boas práticas, nas quais os professores devem se mirar – e ainda escancara os problemas sob uma ótica bastante realista. Resume a especialista Maria Helena Guimarães: "Monitorar a sala de aula é um avanço, à medida que ajuda a entender, na minúcia, as razões para a ineficácia". Não é de hoje que países da OCDE (organização que reúne os mais ricos) investem nessas incursões à escola. Os americanos chegam a filmar as aulas. O material é até submetido aos professores, que são confrontados com suas falhas e insucessos. Das visitas que fez a escolas nos Estados Unidos, o pedagogo Doug Lemov depreendeu algo que a breve experiência brasileira já sinaliza: "Os professores perdem tempo demais com assuntos irrelevantes e se revelam incapazes de atrair a atenção de alunos repletos de estímulos e inseridos na era digital".

Numa manifestação de flagrante corporativismo, os professores brasileiros chegaram a se insurgir contra a presença dos avaliadores dentro da sala de aula. Em Pernambuco, o sindicato rotulou a prática de "patrulhamento" e "repressão". Note-se que são os próprios professores que preferem passar ao largo daquilo que a experiência – e agora as pesquisas – prova ser crucial: conhecer a fundo a sala de aula. Treinados pelo Banco Mundial, os técnicos já se puseram a colher informações valiosas. Afirma a secretária de educação do Rio de Janeiro, Claudia Costin: "Pode-se dizer que o cruzamento das avaliações oficiais com um panorama tão detalhado da sala de aula revelará nossas fragilidades como nunca antes". Nesse sentido, os cronômetros são um necessário passo para o Brasil deixar a zona do mau ensino.



imprimir

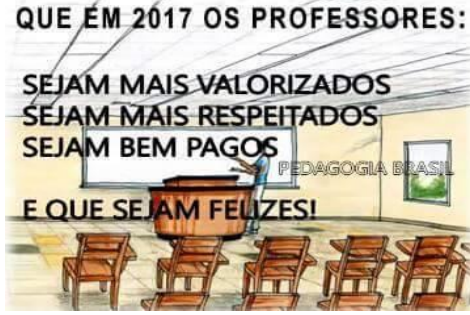
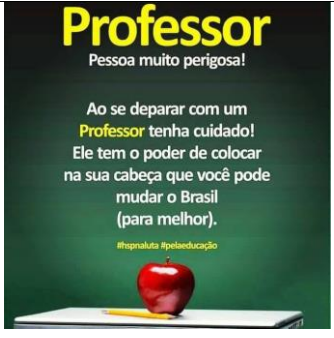
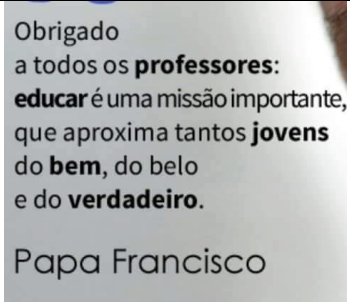


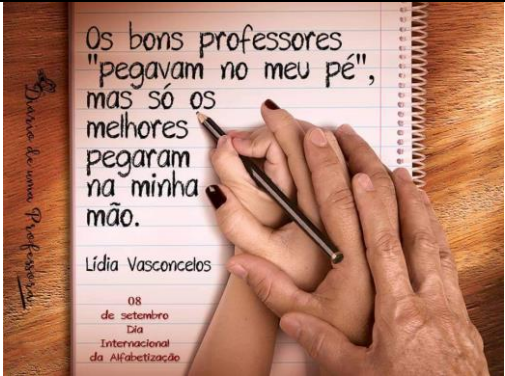
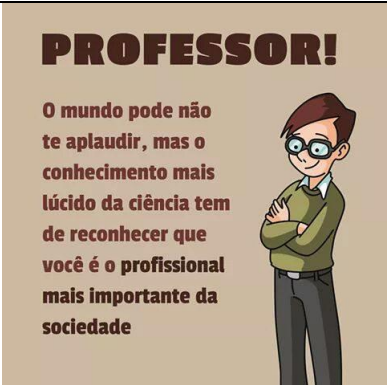
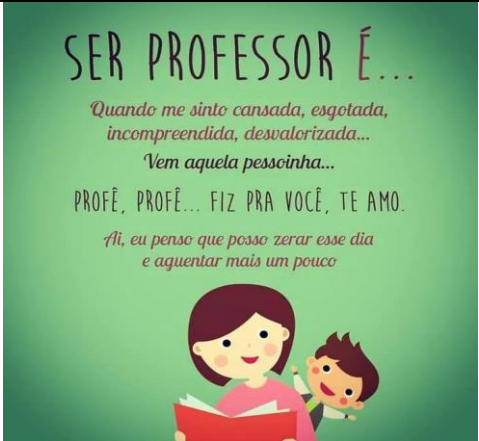
versão para guardar

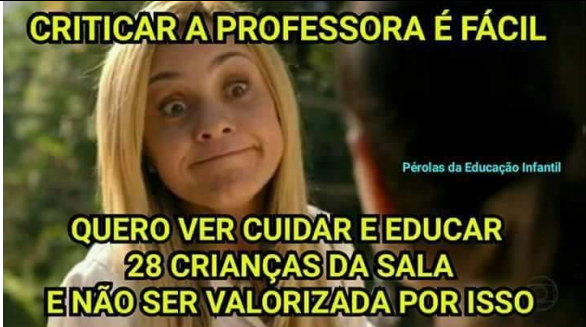
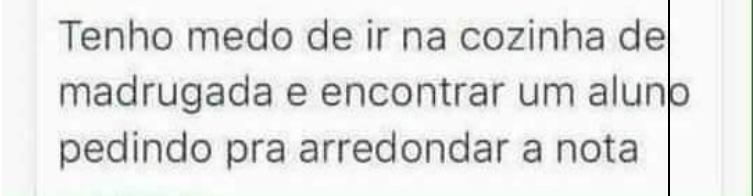
Fale Conosco

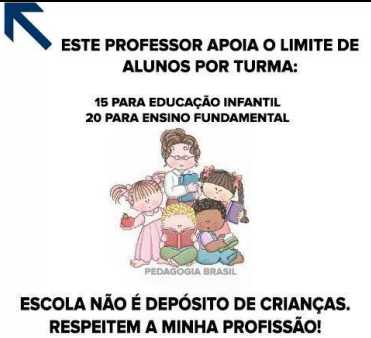
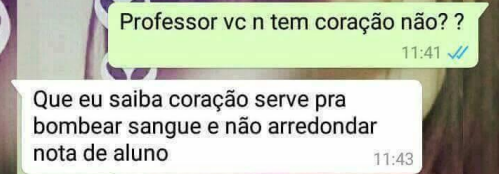
Copyright © Editora Abril S.A. - Todos os direitos reservados

**ANEXO B – IMAGENS CAPTADAS NA *FANPAGE* “PROFISSÃO PROFESSOR”
SOBRE A PROFISSÃO DO PROFESSOR ENTRE OS ANOS DE 2012 A 2017**

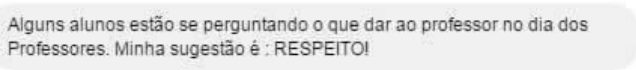
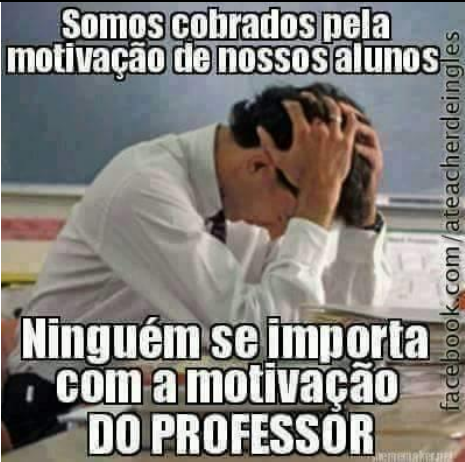
Ano/ reações/ compartilhamentos/comentários	Imagem
1º de janeiro de 2017 – 2 mil reações - 1.239 compartilhamentos -161 comentários.	
09 de janeiro de 2017 - 6,5 mil reações - 5.418 compartilhamentos – 99 comentários.	
8 de janeiro de 2017 - 4,3 mil reações - 3.185 compartilhamentos - 338 comentários.	
18 de outubro de 2016 - 2,1 mil reações - 1.357 compartilhamentos - 23 comentários.	
21 de setembro de 2016 - 3.4 mil reações - 2.540 compartilhamentos - 18 comentários.	

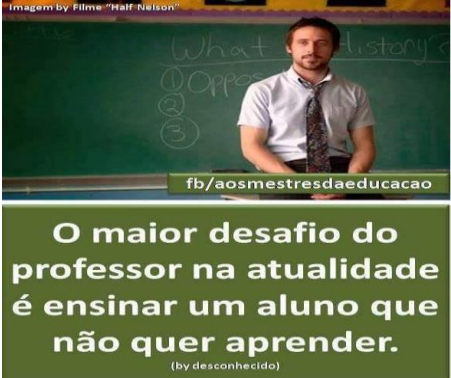
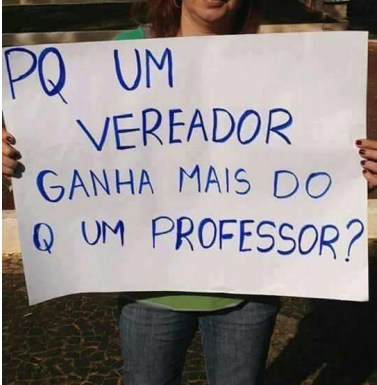
Ano/ reações/ compartilhamentos/comentários	Imagem
19 de setembro de 2016 – 4 mil reações - 3.263 compartilhamentos - 49 comentários.	
18 de setembro de 2016 - 8.4 mil reações - 11.196 compartilhamentos - 124 comentários.	
23 de agosto de 2016 - 3.8 mil reações - 5.030 compartilhamentos - 110 comentários.	
16 de agosto de 2016 - 7.2 mil reações - 12.864 compartilhamentos - 140 comentários.	

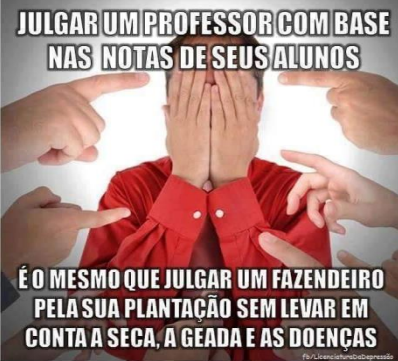
Ano/ reações/ compartilhamentos/comentários	Imagem
15 de agosto de 2016 - 6.3 mil reações - 8.172 compartilhamentos - 61 comentários.	
16 de dezembro de 2016 – 4,8 mil reações - 3.330 compartilhamentos - 143 comentários.	
13 de dezembro de 2016 - 1,8 mil reações - 1.792 compartilhamentos - 69 comentários.	
30 de novembro de 2016 - 1,2 mil reações - 638 compartilhamentos - 83 comentários.	

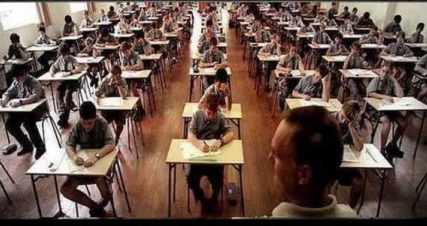
Ano/ reações/ compartilhamentos/comentários	Imagem
17 de novembro de 2016 - 5,2 reações - 3.331 compartilhamentos - 84 comentários.	 ESTE PROFESSOR APOIA O LIMITE DE ALUNOS POR TURMA: 15 PARA EDUCAÇÃO INFANTIL 20 PARA ENSINO FUNDAMENTAL ESCOLA NÃO É DEPÓSITO DE CRIANÇAS. RESPEITEM A MINHA PROFISSÃO!
13 de novembro de 2016 - 3,6 mil reações - 3.490 compartilhamentos - 92 comentários.	 AS PARTES DE UMA PROFESSORA OLHOS PARA VER OS MARAVILHOSOS TRABALHOS DOS SEUS ALUNOS MÃOS PARA AJUDAR E ABRAÇAR CORAÇÃO PARA AMAR A TODOS MENTE INTELIGENTE PARA AJUDAR A TODOS ORELHAS PARA OUVIR TODAS AS HISTÓRIAS DOS SEUS ALUNOS BOCA PARA SEMPRE DAR AQUELE SORRISO ENCORAJADOR
11 de novembro de 2016 - 9,2 mil reações - 10.485 compartilhamentos – 486 comentários.	 Professoras no começo do ano letivo. Professoras no final do ano letivo.
10 de novembro de 2016 - 3,9 mil reações - 3.229 compartilhamentos - 169 comentários.	 Professor vc n tem coração não? ? 11:41 ✓ Que eu saiba coração serve pra bombear sangue e não arredondar nota de aluno 11:43
25 de outubro de 2016 - 2,9 mil reações - 2.369 compartilhamentos - 92 comentários.	 DOMÍNIO DE SALA 1980 HOJE

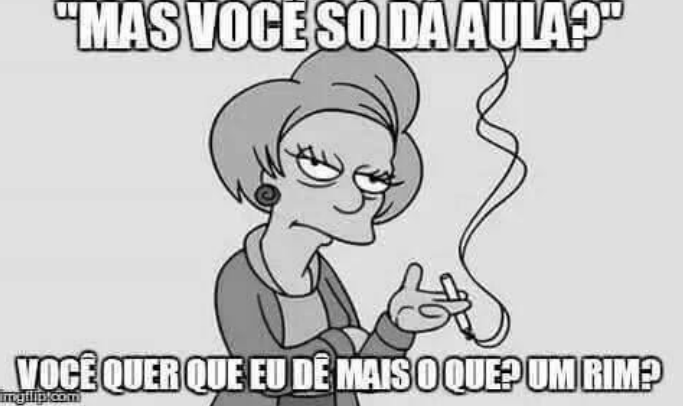
Ano/ reações/ compartilhamentos/comentários	Imagem
24 de outubro de 2016 - 3,8 mil reações - 2.105 compartilhamentos - 226 comentários.	Como eu me imaginava como professora  Como realmente é... 
19 de outubro de 2016 - 2,4 mil reações - 1.761 compartilhamentos - 106 comentários.	
17 de outubro de 2016 - 2.7 mil reações - 1.258 compartilhamentos - 64 comentários.	PROFESSOR, TE DESEJO UM SALÁRIO DE DEPUTADO  E PRESTÍGIO DE JOGADOR DE FUTEBOL
16 de outubro de 2016 - 2.5 mil reações - 1.364 compartilhamentos - 21 comentários.	PROFESSOR, AGUENTE FIRME! ESSE PAÍS QUE NÃO TE MERECE PRECISA DE VOCÊ.

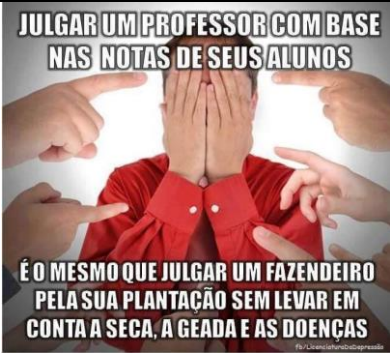
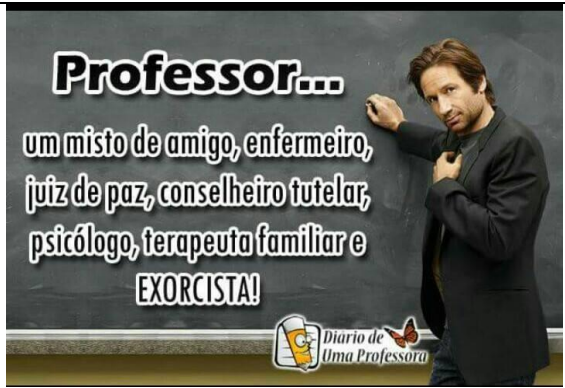
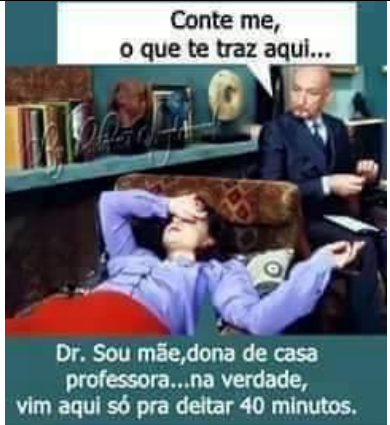
Ano/ reações/ compartilhamentos/comentários	Imagem
6 de outubro de 2016 - 1,4 mil reações - 887 compartilhamentos - 17 comentários.	
5 de outubro de 2016 - 2.9 mil reações - 4.331 compartilhamentos - 111 comentários.	É PRECISO ACABAR COM AS REGALIAS DO PROFESSOR! O Professor não pode mais ter verba de gabinete, auxílio moradia, auxílio paletó, um monte de assessores, trabalhar só 3 dias na semana e qdo falta não tem desconto, carro público com combustível pago pelo contribuinte, hospital privativo, cartão corporativo, verba indenizatória, 90 dias de férias e recesso, décimo terceiro, décimo quarto e décimo quinto salários, se aposentam com 8 anos de trabalho e ainda tem a cara de pau de receberem propinas!
4 de outubro de 2016 – 2,5 mil reações - 2.802 compartilhamentos - 28 comentários.	
29 de setembro de 2016 - 3,4 mil reações - 3.660 compartilhamentos - 29 comentários.	
23 de setembro de 2016 - 9,1 mil reações - 7.927 compartilhamentos - 112 comentários.	

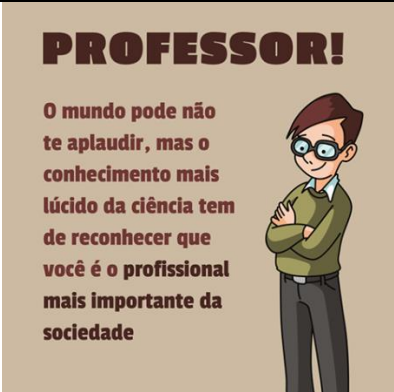
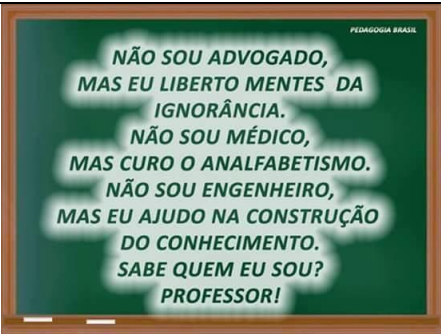
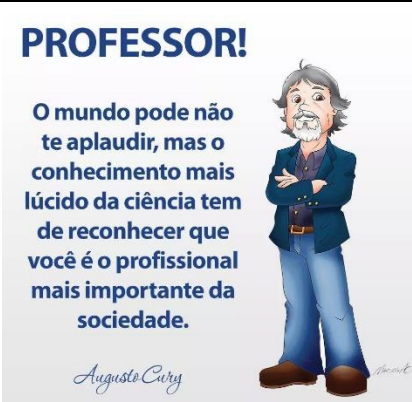
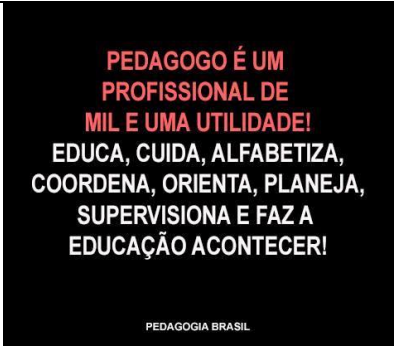
Ano/ reações/ compartilhamentos/comentários	Imagem
16 de setembro de 2016 - 7.6 mil reações - 8.847 compartilhamentos - 140 comentários.	
13 de setembro de 2016 – 5.1 mil reações - 4.292 compartilhamentos - 157 comentários.	
9 de setembro de 2016 - 5.1 mil reações - 7.696 compartilhamentos - 273 comentários.	
8 de setembro de 2016 - 5.1 mil reações - 5.802 compartilhamentos - 56 comentários.	PROFESSOR NÃO É BABÁ, NÃO É HUMORISTA, NÃO É PSICÓLOGO, NÃO É AGENTE DE SAÚDE. PROFESSOR É A BASE PARA  TUDO ISSO AÍ!!!

Ano/ reações/ compartilhamentos/comentários	Imagem
4 de setembro de 2016 - 3.3 mil reações - 3.232 compartilhamentos - 37 comentários.	 A MISSÃO DO PROFESSOR NÃO É DAR RESPOSTAS PRONTAS. AS RESPOSTAS ESTÃO NOS LIVROS, ESTÃO NA INTERNET. A MISSÃO DOS PROFESSORES É PROVOCAR A INTELIGÊNCIA, É PROVOCAR O ESPANTO, A CURIOSIDADE. PEDAGOGIA BRASIL RUBEM ALVES
3 de setembro de 2016 - 6.2 mil reações - 8.154 compartilhamentos - 54 comentários.	 JULGAR UM PROFESSOR COM BASE NAS NOTAS DE SEUS ALUNOS É O MESMO QUE JULGAR UM FAZENDEIRO PELA SUA PLANTAÇÃO SEM LEVAR EM CONTA A SECA, A GELADA E AS DOENÇAS
2 de setembro de 2016 - 3.7 mil reações - 2.724 compartilhamentos - 97 comentários.	 PARECE QUE ESTOU PENSANDO NA VIDA... MAS ESTOU MESMO FAZENDO MEU PLANO DE AULA
1 de setembro de 2016 - 3.3 mil reações - 3.108 compartilhamentos - 41 comentários.	 SOU PROFESSOR COM ORGULHO NÃO TRABALHO POR AMOR TRABALHO COM AMOR E MEREÇO RESPEITO SOU PROFISSIONAL E É UM DEVER SER BEM PAGO POR ISSO

Ano/ reações/ compartilhamentos/comentários	Imagem
24 de agosto de 2016 - 9.9 mil reações - 23.068 compartilhamentos - 206 comentários.	O BRASIL VAI MUDAR QUANDO O POVO ENTENDER QUE HERÓI...  É ISSO AQUI NÃO ISSO AQUI
8 de agosto de 2016 - 1.8 mil reações - 1.870 compartilhamentos - 29 comentários.	Como desestimular um professor: • Divida sua carga horária em várias escolas • Entupa as turmas para contenção de gastos. • Desconsidere o desinteresse dos alunos e a falta de respeito. • Baixe os salários, de forma a obrigar o professor a pegar varias turmas. • Considere o tempo do planejamento intercalado com as aulas. (como se prontidão e ânimo racional fossem despertados por sirenes ao estilo de fábricas) • Por último, como facada final: faça avaliação de metas para culpar o professor por toda essa desordem pedagógica.
5 de agosto de 2016 - mil reações - 2.779 compartilhamentos - 39 comentários.	REQUISITOS PARA SER PROFESSOR  PACIÊNCIA DE ANJO OLHOS POR TODOS OS LADOS DA CABEÇA MULTI-CANAIS AUDITIVOS TER MEMÓRIA DE ELEFANTE OITO BRAÇOS COMO O POLVO FILTRO PURIFICADOR NASAL CORAÇÃO DO TAMANHO DO SOL PERNAS DE MARATONISTA BEXIGA COM CAPACIDADE PARA CINCO LITROS
4 de agosto de 2016 - 3.5 mil reações - 5.086 compartilhamentos - 38 comentários.	IMAGINE UM MÉDICO ATENDENDO 35 PACIENTES AO MESMO TEMPO! OU UM ADVOGADO ATENDENDO 40 CLIENTES SIMULTANEAMENTE  DEVE SER DIFÍCIL, NÉ? POIS É...

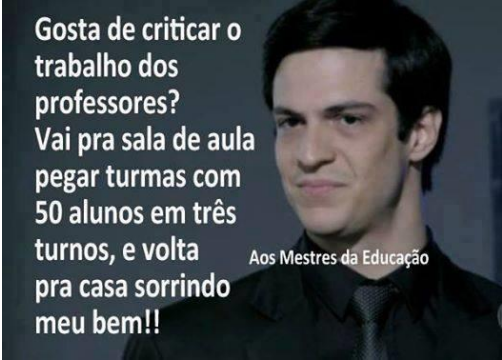
Ano/ reações/ compartilhamentos/comentários	Imagem
4 de agosto de 2016 - 1.7 mil reações - 1.469 compartilhamentos - 67 comentários.	
4 de agosto de 2016 - 1.4 mil reações - 1.614 compartilhamentos - 23 comentários.	
3 de agosto de 2016 - 2.4 mil reações - 4.172 compartilhamentos - 71 comentários.	
23 de junho de 2016 - 7.1 mil reações - 9.448 compartilhamentos - 304 comentários.	

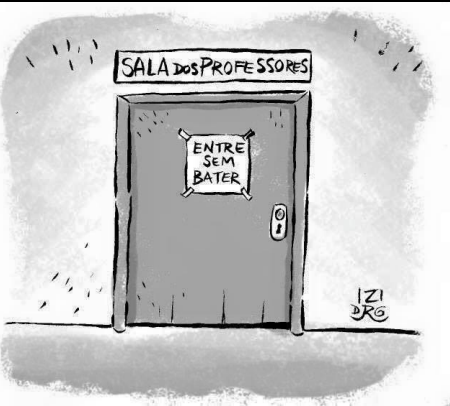
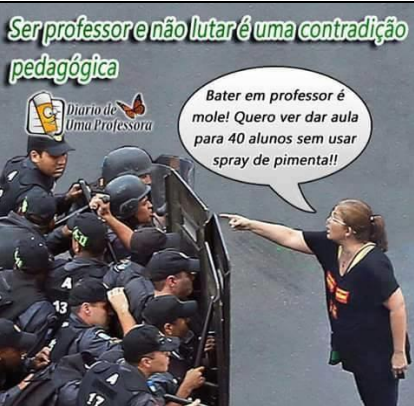
Ano/ reações/ compartilhamentos/comentários	Imagem
15 de maio de 2016 - 7.6 mil reações - 9.501 compartilhamentos - 84 comentários.	 JULGAR UM PROFESSOR COM BASE NAS NOTAS DE SEUS ALUNOS É O MESMO QUE JULGAR UM FAZENDEIRO PELA SUA PLANTAÇÃO SEM LEVAR EM CONTA A SECA, A GEADA E AS DOENÇAS
20 de março de 2016 - 5.5 mil reações - 5.611 compartilhamentos - 322 comentários.	Durante a aula, no meio de uma explicação importante....  Prô, Posso ir no banheiro? Prô, nasceu 7 gatinhos em casa! Ô Prô minha mãe fez bolo de laranja hoje!!! www.petra.art.br
14 de agosto de 2016 - 7.2 mil reações - 9.751 compartilhamentos - 169 comentários.	 Professor... um misto de amigo, enfermeiro, juiz de paz, conselheiro tutelar, psicólogo, terapeuta familiar e EXORCISTA! Diário de Uma Professora
13 de março de 2016 - 6.6 mil reações - 7.227 compartilhamentos - 289 comentários.	 Conte me, o que te traz aqui... Dr. Sou mãe, dona de casa professora...na verdade, vim aqui só pra deitar 40 minutos.

Ano/ reações/ compartilhamentos/comentários	Imagem
13 de outubro de 2015 - 18 mil reações - 88.225 compartilhamentos - 537 comentários.	 PROFESSOR! O mundo pode não te aplaudir, mas o conhecimento mais lúcido da ciência tem de reconhecer que você é o profissional mais importante da sociedade
27 de agosto de 2015 - 7.1 mil reações - 19.717 compartilhamentos - 174 comentários.	 NÃO SOU ADVOGADO, MAS EU LIBERTO MENTES DA IGNORÂNCIA. NÃO SOU MÉDICO, MAS CURO O ANALFABETISMO. NÃO SOU ENGENHEIRO, MAS EU AJUDO NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO. SABE QUEM EU SOU? PROFESSOR! PEDAGOGIA BRASIL
20 de agosto de 2015 – 11 mil reações - 62.774 compartilhamentos - 271 comentários.	 PROFESSOR! O mundo pode não te aplaudir, mas o conhecimento mais lúcido da ciência tem de reconhecer que você é o profissional mais importante da sociedade. Auguste Curry
17 de maio de 2015 - 5 mil reações - 18.476 compartilhamentos - 135 comentários.	 PEDAGOGO É UM PROFISSIONAL DE MIL E UMA UTILIDADE! EDUCA, CUIDA, ALFABETIZA, COORDENA, ORIENTA, PLANEJA, SUPERVISIONA E FAZ A EDUCAÇÃO ACONTECER! PEDAGOGIA BRASIL

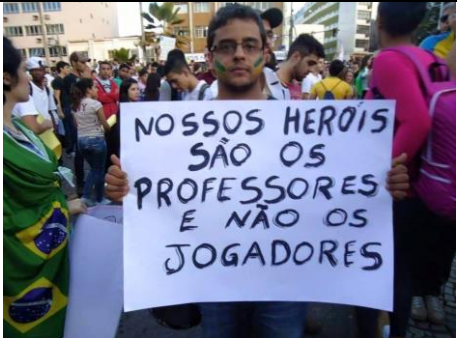
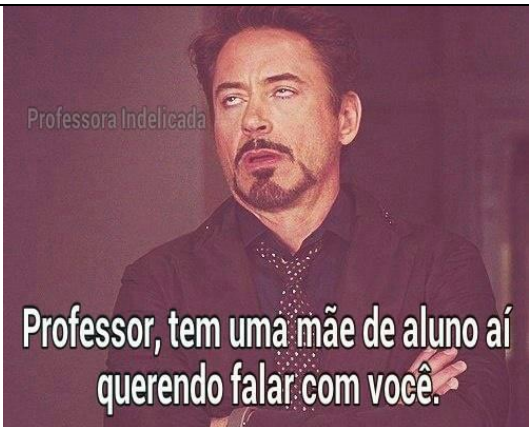
Ano/ reações/ compartilhamentos/comentários	Imagem
22 de março de 2015 - 5.5 mil reações - 8.710 compartilhamentos - 46 comentários.	
22 de março de 2015 - 5,7 mil reações - 7. 492 compartilhamentos - 38 comentários.	
09 de março de 2015 - 946 reações - 1.542 compartilhamentos - 35 comentários.	
21 de agosto de 2015 - 3.6 mil reações - 6.079 compartilhamentos - 79 comentários.	Como desestimular um professor: • Dívida sua carga horária em várias escolas • Entupa as turmas para contenção de gastos. • Desconsidere o desinteresse dos alunos e a falta de respeito. • Baixe os salários, de forma a obrigar o professor a pegar varias turmas. • Considere o tempo do planejamento intercalado com as aulas. (como se prontidão e ânimo racional fossem despertados por sirenes ao estilo de fábricas) • Por último, como facada final: faça avaliação de metas para culpar o professor por toda essa desordem pedagógica.

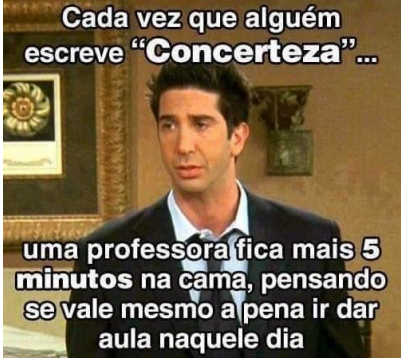
Ano/ reações/ compartilhamentos/comentários	Imagem																
20 de agosto de 2015 - 4.6 mil reações - 5.874 compartilhamentos - 163 comentários.	Mas você só dá aula?  ...você quer que eu dê mais o que? Um rim?																
17 de agosto de 2015 - 5.2 mil reações - 40.360 compartilhamentos - 74 comentários.	O PROFESSOR PRECISA DE: <table border="0"> <tr> <td>MAIS</td><td>MENOS</td></tr> <tr> <td>RESPEITO</td><td>AMEAÇAS</td></tr> <tr> <td>AUTORIDADE</td><td>VIOLÊNCIA</td></tr> <tr> <td>AUTONOMIA</td><td>PRESSÃO</td></tr> <tr> <td>MATERIAIS</td><td>BULLYING</td></tr> <tr> <td>SALÁRIO</td><td>SOFRIMENTO</td></tr> <tr> <td>VALORIZAÇÃO</td><td>HUMILHAÇÃO</td></tr> <tr> <td>FORMAÇÃO</td><td>ABANDONO</td></tr> </table> Se você concorda, COMPARTILHE! "Por uma educação gratuita e de qualidade"	MAIS	MENOS	RESPEITO	AMEAÇAS	AUTORIDADE	VIOLÊNCIA	AUTONOMIA	PRESSÃO	MATERIAIS	BULLYING	SALÁRIO	SOFRIMENTO	VALORIZAÇÃO	HUMILHAÇÃO	FORMAÇÃO	ABANDONO
MAIS	MENOS																
RESPEITO	AMEAÇAS																
AUTORIDADE	VIOLÊNCIA																
AUTONOMIA	PRESSÃO																
MATERIAIS	BULLYING																
SALÁRIO	SOFRIMENTO																
VALORIZAÇÃO	HUMILHAÇÃO																
FORMAÇÃO	ABANDONO																
17 de agosto de 2015 - 5,7 mil reações - 19.408 compartilhamentos - 330 comentários.	E lá vai a professora, muito elegante e produzida, bem preparada com aulas a caminho da escola, disposta a motivar e compartilhar o aprendizado com seus alunos  Depois de um dia produtivo por um futuro melhor, a professora retorna para casa com a satisfação do dever cumprido. 																
14 de junho de 2015 - 3,4 mil reações - 10.427 compartilhamentos - 172 comentários.	<i>Professor</i>  																

Ano/ reações/ compartilhamentos/comentários	Imagem
28 de maio de 2015 - mil reações - 18.967 compartilhamentos - 137 comentários.	
28 de maio de 2015 - 3.3 mil reações - 14.737 compartilhamentos - 87 comentários.	
27 de maio de 2015 - 19 mil reações - 173.042 compartilhamentos - 558 comentários.	
22 de maio de 2015 - 974 reações - 173.042 compartilhamentos - 558 comentários.	

Ano/ reações/ compartilhamentos/comentários	Imagem
14 de maio de 2015 – 4 mil reações - 26.798 compartilhamentos - 100 comentários.	
9 de maio de 2015 - 1,7 mil reações - 3.364 compartilhamentos - 112 comentários.	
3 de maio de 2015 - 379 reações - 232 compartilhamentos - 7 comentários.	
30 de abril de 2015 - 3,9 mil reações - 15.318 compartilhamentos - 94 comentários.	

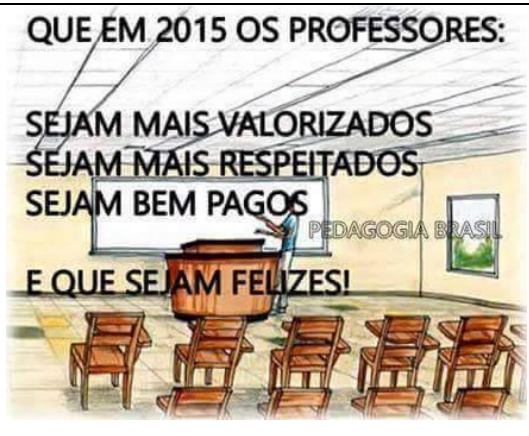
Ano/ reações/ compartilhamentos/comentários	Imagem
30 de abril de 2015 - 673 reações - 1.387 compartilhamentos - 13 comentários.	
23 de abril de 2015 - 546 reações - 888 compartilhamentos - 11 comentários.	
30 de março de 2015 - 3, 4 mil reações - 5.095 compartilhamentos - 95 comentários.	
30 de março de 2015 - 2,7 mil reações - 6.405 compartilhamentos - 103 comentários.	

Ano/ reações/ compartilhamentos/comentários	Imagem
29 de março de 2015 - 778 reações - 448 compartilhamentos - 9 comentários.	
26 de março de 2015 - 928 reações - 1.214 compartilhamentos - 31 comentários.	
25 de março de 2015 - 2.3 mil reações - 1.861 compartilhamentos - 175 comentários.	
25 de março de 2015 - 1,3 mil reações - 751 compartilhamentos - 57 comentários.	

Ano/ reações/ compartilhamentos/comentários	Imagem
23 de março de 2015 - 808 reações - 681 compartilhamentos - 10 comentários.	
11 de março de 2015 - 1,7 mil reações - 1.952 compartilhamentos - 67 comentários.	
8 de março de 2015 - 852 reações - 796 compartilhamentos - 35 comentários.	
2 de março de 2015 - 12 mil reações - 59.931 compartilhamentos - 488 comentários.	

Ano/ reações/ compartilhamentos/comentários	Imagem
1 de março de 2015 - 1,2 mil reações - 3.476 compartilhamentos - 14 comentários.	 EU TROCO 1 PARLAMENTAR POR 344 PROFESSORES A SOMA DO SALÁRIO DE 344 PROFESSORES QUE ENSINAM É IGUAL AO SALÁRIO DE 01 PARLAMENTAR QUE ROUBA. VAMOS COMPARTILHAR !
23 de fevereiro de 2015 - 801 reações - 798 compartilhamentos - 16 comentários.	 Mesmo que a máquina venha substituir o professor no amanhã, esta não será capaz de germinar idéias e sugestões.
28 de janeiro de 2015 - 1 mil reações - 2.989 compartilhamentos - 22 comentários.	 FIM DAS FÉRIAS ADEUS VIDA, FAMÍLIA, AMIGOS....AMO TODOS...NUNCA SE ESQUEÇAM DISSO!!!
28 de janeiro de 2015 - 3.4 mil reações - 1.501 compartilhamentos - 78 comentários.	Professor que é professor já deixou aluno sair para ir ao banheiro, mesmo sabendo que ele não ia ao banheiro, só para a turma se acalmar.  Professora Indelicada

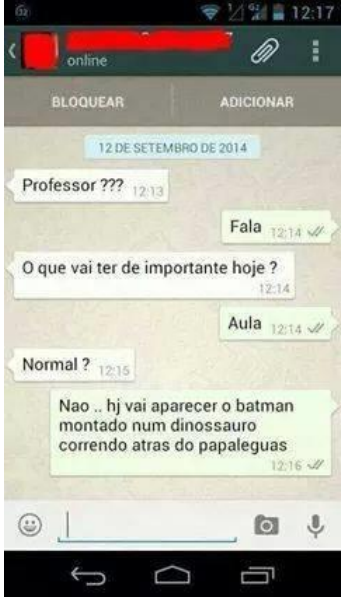
Ano/ reações/ compartilhamentos/comentários	Imagem
27 de janeiro de 2015 - 2,5 mil reações - 19.276 compartilhamentos - 142 comentários.	Para Cid Gomes, novo Ministro da Educação Indicado por Dilma, professor deve “trabalhar por amor, não por dinheiro” 
15 de janeiro de 2015 - 604 reações - 893 compartilhamentos - 18 comentários.	Professor... 
15 de janeiro de 2015 - 1 mil reações - 2.535 compartilhamentos - 53 comentários.	
12 de janeiro de 2015 - 2.9 mil reações - 2.472 compartilhamentos - 165 comentários.	

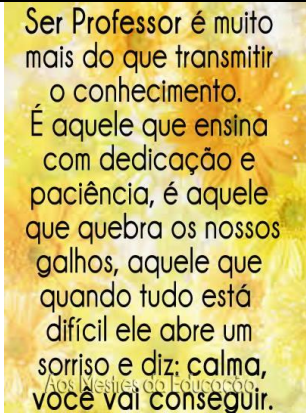
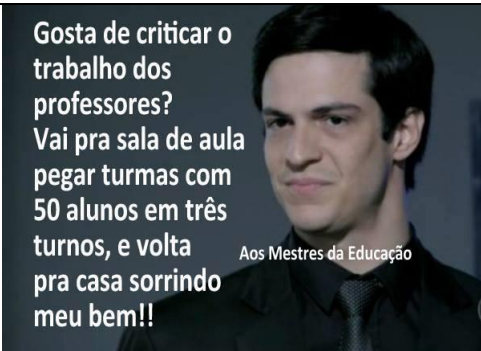
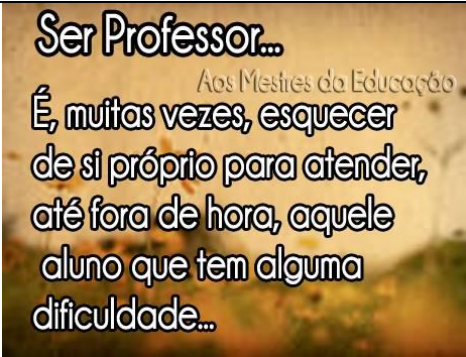
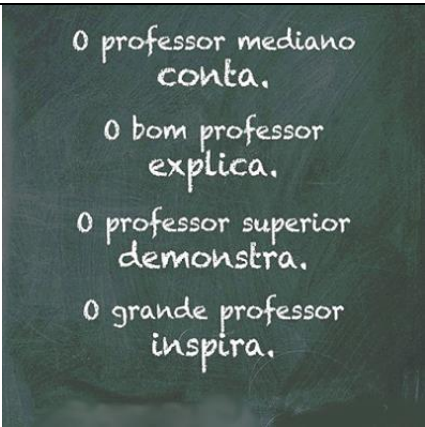
Ano/ reações/ compartilhamentos/comentários	Imagem
11 de janeiro de 2015 - 2,4 mil reações - 3.185 compartilhamentos - 61 comentários.	
9 de janeiro de 2015 - 2,7 mil reações - 9.505 compartilhamentos - 61 comentários.	
16 de dezembro de 2014 - 856 reações - 1.052 compartilhamentos - 13 comentários.	
16 de setembro de 2014 - 5 mil reações - 17.260 compartilhamentos - 128 comentários.	

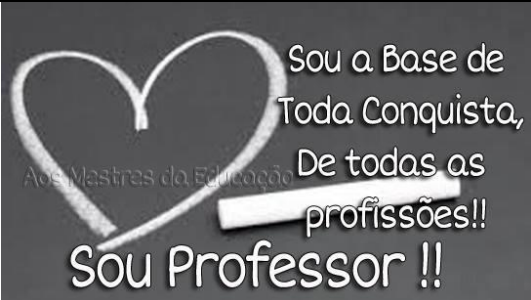
Ano/ reações/ compartilhamentos/comentários	Imagem
18 de agosto de 2014 - 1.3 mil reações - 1.687 compartilhamentos - 41 comentários.	 STATUS Cansada Pedagogicamente nesta Segunda-Feira.
21 de maio de 2014 - 1.6 mil reações - 2.812 compartilhamentos - 21 comentários.	Ser condutor do conhecimento, não é pra qualquer um... é coisa de Professor.  Aos Mestres da Educação
17 de maio de 2014 - 2.5 mil reações - 3.734 compartilhamentos - 45 comentários.	PROFESSOR O ÚNICO PROFISSIONAL QUE FORMA TODOS OS PROFISSIONAIS. Valorize seus professores! 
25 de março de 2014 - 811 reações - 1.960 compartilhamentos – 12 comentários.	TENTE IMAGINAR UM MUNDO SEM PROFESSORES É SÓ IMAGINAR UM MUNDO SEM NENHUMA OUTRA PROFISSÃO FACEBOOK/PROFESSORPORVOCAÇÃO 

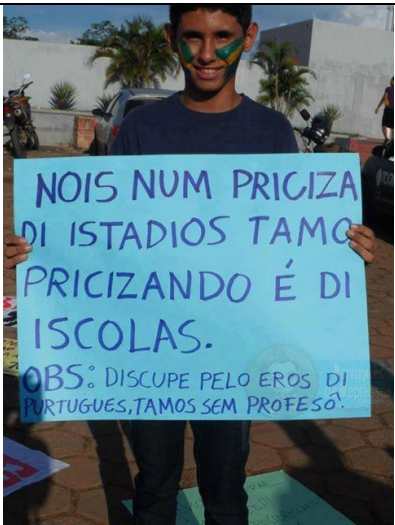
Ano/ reações/ compartilhamentos/comentários	Imagem
17 de março de 2014 - 1 mil reações - 3.198 compartilhamentos - 14 comentários.	TENTE IMAGINAR UM MUNDO SEM PROFESSORES É SÓ IMAGINAR UM MUNDO SEM NENHUMA OUTRA PROFISSÃO FACEBOOK/PROFESSORPORVOCAÇÃO 
1 de março de 2014 - 1.2 mil reações - 3.398 compartilhamentos - 26 comentários.	Professor Pessoa muito perigosa! Ao se deparar com um Professor tenha cuidado! Ele tem o poder de colocar na sua cabeça que você pode mudar o Brasil (para melhor). #supnaluta #pelaeducação 
13 de fevereiro de 2014 - 1.3 mil reações - 5.847 compartilhamentos - 6 comentários.	 Se você também apoia, compartilhe!!
23 de dezembro de 2014 - 2.5 mil reações - 5.698 compartilhamentos - 92 comentários.	Professor...  1º Dia Aula Fim do Ano 1º Dia de Férias

Ano/ reações/ compartilhamentos/comentários	Imagem
21 de dezembro de 2014 - 4.5 mil reações - 14.004 compartilhamentos - 88 comentários.	É chegada a hora do DESCANSO do GUERREIRO!!! Boas férias, PROFESSOR!!!! :) Karla Pontes
14 de dezembro de 2014 - 1.5 mil reações - 6.144 compartilhamentos - 54 comentários.	REQUISITOS PARA SER PROFESSOR - PACIÊNCIA DE ANJO - TER MEMÓRIA DE ELEFANTE - OITOS BRÇOS COMO O POLVO - FILTRO PURIFICADOR NASAL - BEXIGA COM CAPACIDADE PARA CINCO LITROS - PERNAS DE MARATONISTA - CORÇÃO DO TAMANHO DO SOL - MULTI-CANAIS AUDITIVOS - OLHOS POR TODOS OS LADOS DA CABEÇA
13 de dezembro de 2014 - 2.1 mil reações - 5.678 compartilhamentos - 26 comentários.	Professores são heróis anônimos. Trabalham muito e ganham pouco. Semeiam sonhos numa sociedade que perdeu a capacidade de sonhar. Dona M'cinha Augusto Cury
8 de dezembro de 2014 - 4.3 mil reações - 6.912 compartilhamentos - 246 comentários.	Ô TCHÍTCHER JÁ CORRIGIU AS PROVAS? facebook.com/ateacherdingles

Ano/ reações/ compartilhamentos/comentários	Imagem
7 de dezembro de 2014 - 17 mil reações - 38.161 compartilhamentos - 815 comentários.	
15 de outubro de 2014 - 10 mil reações - 27.143 compartilhamentos - 245 comentários.	
25 de setembro de 2014 - 2.3 mil reações - 3.068 compartilhamentos - 146 comentários.	
25 de setembro de 2014 - 6.7 mil reações - 14.954 compartilhamentos - 167 comentários.	

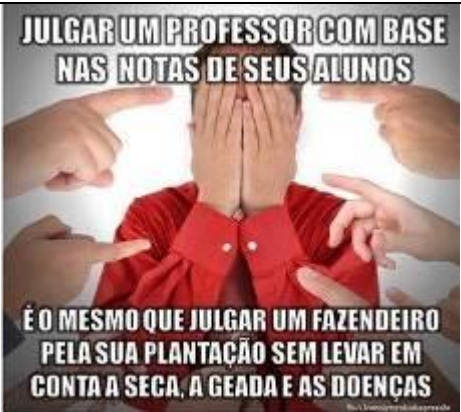
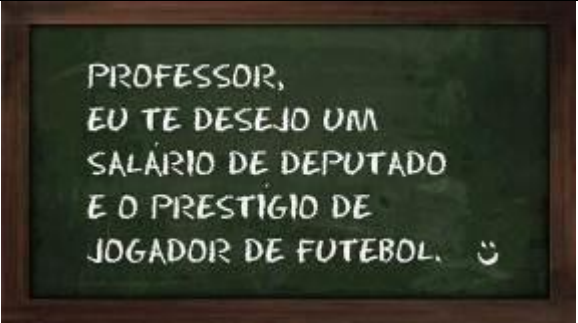
Ano/ reações/ compartilhamentos/comentários	Imagem
17 de julho de 2014 - 831 reações - 2.563 compartilhamentos - 24 comentários.	 Ser Professor é muito mais do que transmitir o conhecimento. É aquele que ensina com dedicação e paciência, é aquele que quebra os nossos galhos, aquele que quando tudo está difícil ele abre um sorriso e diz: calma, você vai conseguir. Aos Mestres da Educação
14 de julho de 2014 – 2 mil reações - 23.042 compartilhamentos - 63 comentários.	 Gosta de criticar o trabalho dos professores? Vai pra sala de aula pegar turmas com 50 alunos em três turnos, e volta pra casa sorrindo meu bem!! Aos Mestres da Educação
28 de julho de 2014 - 2.1 mil reações - 2.538 compartilhamentos - 35 comentários.	 Ser Professor... Aos Mestres da Educação É, muitas vezes, esquecer de si próprio para atender, até fora de hora, aquele aluno que tem alguma dificuldade...
27 de junho de 2014 - 2.4 mil reações - 2.974 compartilhamentos - 39 comentários.	 O professor mediano conta. O bom professor explica. O professor superior demonstra. O grande professor inspira.

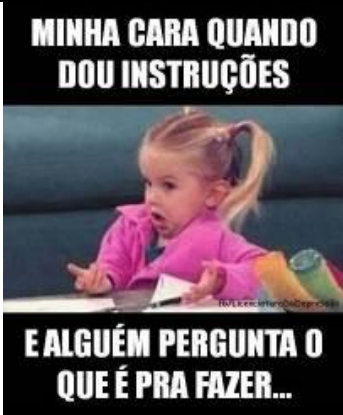
Ano/ reações/ compartilhamentos/comentários	Imagem
13 de junho de 2014 - 5.2 mil reações - 20.573 compartilhamentos - 151 comentários.	 IMAGINE UM MÉDICO ATENDENDO 35 PACIENTES AO MESMO TEMPO! OU UM ADVOGADO ATENDENDO 40 CLIENTES SIMULTANEAMENTE! DEVE SER DIFÍCIL, NÉ? POIS É... <i>Pragente Miuda</i>
31 de maio de 2014 - 1.9 mil reações - 3.579 compartilhamentos - 25 comentários.	 Sou a Base de Toda Conquista, De todas as profissões!! Aos Mestres da Educação Sou Professor !!
21 de abril de 2014 - 847 reações - 3.607 compartilhamentos - 20 comentários.	 <i>Vida de Professor</i> www.pragentemiuda.org NÃO TENHO CARRO, NÃO TENHO TETO, MAS SEM MIM VOCÊ SERIA ANALFABETO! LITORIZAÇÃO JÁ!
21 de abril de 2014 - 354 reações - 1.164 compartilhamentos - 36 comentários.	 Encontre o professor.

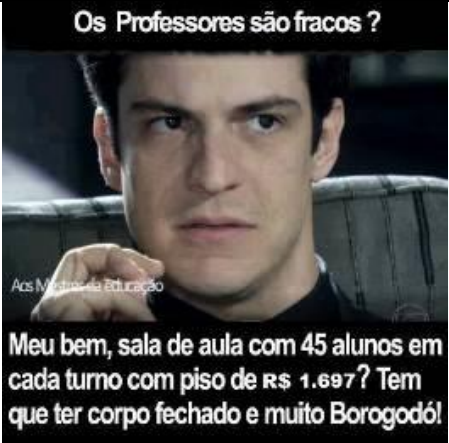
Ano/ reações/ compartilhamentos/comentários	Imagem
13 de abril de 2014 - 1;6 mil reações - 2.280 compartilhamentos - 158 comentários.	
10 de abril de 2014 - 108 reações - 151 compartilhamentos - 4 comentários.	Quer dizer que a professora teve infância? Como assim? Quer dizer que a professora tem família? Como é possível?! 
06 de abril de 2014 - 1 mil reações - 1.606 compartilhamentos - 54 comentários.	
28 de março de 2014 - 1.2 mil reações - 3.445 compartilhamentos - 47 comentários.	

Ano/ reações/ compartilhamentos/comentários	Imagem
28 de março de 2014 - 2 mil reações - 13.117 compartilhamentos - 227 comentários.	PROFESSOR TEM QUE AGUENTAR ISSO: 
24 de março de 2014 – 990 reações - 3.232 compartilhamentos - 7 comentários.	
26 de março de 2014 - 1.6 mil reações - 6.722 compartilhamentos - 107 comentários.	
25 de março de 2014 - 1 mil reações - 2.839 compartilhamentos - 96 comentários.	CASE-SE COM UMA PROFESSORA!  GERALMENTE ELAS SÃO: LINDAS CHARMOSAS INTELIGENTES CORAJOSAS DETERMINADAS E CHEIAS DE AMOR PRA DAR

Ano/ reações/ compartilhamentos/comentários	Imagem																				
21 de março de 2014 - 3.4 mil reações - 11. 343 compartilhamentos - 301 comentários.	CASE-SE COM UMA PROFESSORA!  GERALMENTE ELAS SÃO: LINDAS CHARMOSAS INTELIGENTES CORAJOSAS DETERMINADAS E CHEIAS DE AMOR PRA DAR																				
21 de março de 2014 - 1.3 mil reações - 2.965 compartilhamentos - 85 comentários.	ENQUANTO ISSO. NA SALA DOS PROFESSORES... 																				
21 de março de 2014 - 1,8 mil reações - 5.902 compartilhamentos - 75 comentários.	<table border="1"> <thead> <tr> <th>PROFESSORES</th> <th></th> <th>GARIS</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>NÍVEL SUPERIOR</td> <td></td> <td>NÍVEL MÉDIO</td> </tr> <tr> <td>FUNCIONÁRIO PÚBLICO CONCURSADO</td> <td></td> <td>FUNCIONÁRIO PÚBLICO CONCURSADO</td> </tr> <tr> <td>FUNÇÃO: TRANSMITIR CONHECIMENTO, EDUCAR, FORMAR FUTUROS CIDADÃOS</td> <td rowspan="5">X</td> <td>COLETAR LIXO DAS RUAS</td> </tr> <tr> <td>INVESTIMENTO NA PROFISSÃO: FACILIDADE, ESPECIALIZAÇÃO</td> <td></td> </tr> <tr> <td>INSATISFAÇÃO COM O SALÁRIO</td> <td>INSATISFAÇÃO COM O SALÁRIO</td> </tr> <tr> <td>GREVE E REINSCRIÇÃO</td> <td>GREVE E REINSCRIÇÃO</td> </tr> <tr> <td>REALISTE SALARIAL DE 8%</td> <td>REALISTE SALARIAL DE 35%</td> </tr> </tbody> </table> CONCLUSÃO: OS GARIS SÃO MAIS VALORIZADOS POR QUÊ O LIXO "ATRAPALHA" OS GOVERNANTES, ENQUANTO A "FALTA DA EDUCAÇÃO" OS MANTÉM NO PODER!!!	PROFESSORES		GARIS	NÍVEL SUPERIOR		NÍVEL MÉDIO	FUNCIONÁRIO PÚBLICO CONCURSADO		FUNCIONÁRIO PÚBLICO CONCURSADO	FUNÇÃO: TRANSMITIR CONHECIMENTO, EDUCAR, FORMAR FUTUROS CIDADÃOS	X	COLETAR LIXO DAS RUAS	INVESTIMENTO NA PROFISSÃO: FACILIDADE, ESPECIALIZAÇÃO		INSATISFAÇÃO COM O SALÁRIO	INSATISFAÇÃO COM O SALÁRIO	GREVE E REINSCRIÇÃO	GREVE E REINSCRIÇÃO	REALISTE SALARIAL DE 8%	REALISTE SALARIAL DE 35%
PROFESSORES		GARIS																			
NÍVEL SUPERIOR		NÍVEL MÉDIO																			
FUNCIONÁRIO PÚBLICO CONCURSADO		FUNCIONÁRIO PÚBLICO CONCURSADO																			
FUNÇÃO: TRANSMITIR CONHECIMENTO, EDUCAR, FORMAR FUTUROS CIDADÃOS	X	COLETAR LIXO DAS RUAS																			
INVESTIMENTO NA PROFISSÃO: FACILIDADE, ESPECIALIZAÇÃO																					
INSATISFAÇÃO COM O SALÁRIO		INSATISFAÇÃO COM O SALÁRIO																			
GREVE E REINSCRIÇÃO		GREVE E REINSCRIÇÃO																			
REALISTE SALARIAL DE 8%		REALISTE SALARIAL DE 35%																			
20 de março de 2014 - 1.6 mil reações - 8.914 compartilhamentos - 28 comentários.	Professor sem piso Escola sem qualidade Alunos sem educação Brasil sem futuro!  Acorda Sociedade! Educação é Prioridade!																				

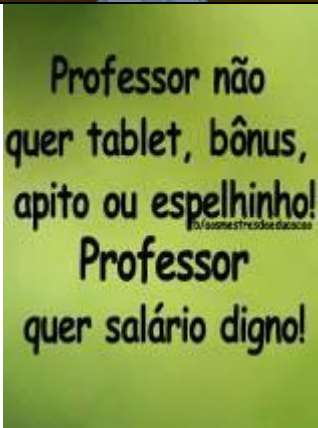
Ano/ reações/ compartilhamentos/comentários	Imagem
16 de março de 2014 - 4,1 mil reações - 14.982 compartilhamentos - 168 comentários.	 Como reconhecer um professor?
15 de março de 2014 - 2.4 mil reações - 8.071 compartilhamentos - 35 comentários.	 JULGAR UM PROFESSOR COM BASE NAS NOTAS DE SEUS ALUNOS É O MESMO QUE JULGAR UM FAZENDEIRO PELA SUA PLANTAÇÃO SEM LEVAR EM CONTA A SECA, A GEADA E AS DOENÇAS
14 de março de 2014 - 961 reações - 1.281 compartilhamentos - 59 comentários.	 Vou ditar... CAAAALMA PROFESSOR! EU ESTOU CALMO!
9 de março de 2014 - 755 reações - 1.854 compartilhamentos - 28 comentários.	 PROFESSOR, EU TE DESEJO UM SALÁRIO DE DEPUTADO E O PRESTÍGIO DE JOGADOR DE FUTEBOL. ☺

Ano/ reações/ compartilhamentos/comentários	Imagem
5 de março de 2014 - 755 reações - 1.136 compartilhamentos - 31 comentários.	
24 de fevereiro de 2014 - 1.5 mil reações - 6.318 compartilhamentos - 30 comentários.	
23 de fevereiro de 2014 - 535 reações - 858 compartilhamentos - 44 comentários.	 ESTE É O DANIEL. DANIEL ENTREGOU A PROVA E SUA PROFESSORA PERGUNTOU: "POR QUE DEIXOU AS QUESTÕES EM BRANCO?" E DANIEL RESPONDEU: "PORQUE NENHUMA PEDIA PRA COLORIR, PROFESSORA" OS DOIS RIRAM BASTANTE. DANIEL FOI REPROVADO. FACEBOOK.COM/ESTEEALGUEM
19 de fevereiro de 2014 - 3.6 mil reações - 16.358 compartilhamentos - 249 comentários.	

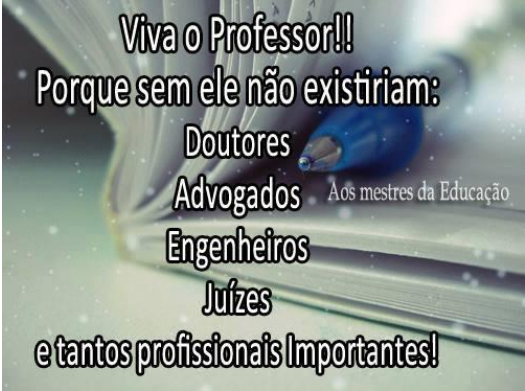
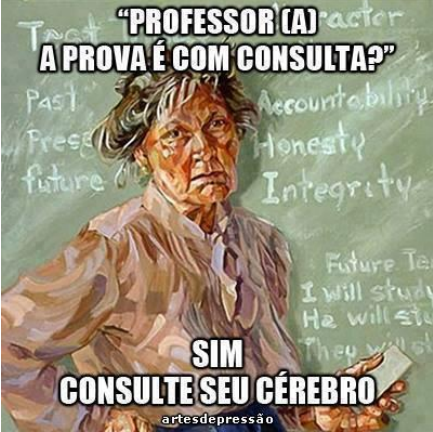
Ano/ reações/ compartilhamentos/comentários	Imagem
16 de fevereiro de 2014 - 1.9 mil reações - 8,221 compartilhamentos - 122 comentários.	 PROFESSOR Não interessa como foi o seu diaVolte para casa sempre de cabeça erguida!!! E com elegância !!!! ...
10 de fevereiro de 2014 - 1.6 mil reações - 10.829 compartilhamentos - 122 comentários.	 A senhora sabe que ia em excesso de velocidade? Por favor, tenha piedade, não me multe... eu sou professora! Alé?! Esperei tantos anos por este dia... Então agora escreva 1000 vezes: "Não volto a ultrapassar os limites de velocidade!"
8 de fevereiro de 2014 - 1.5 mil reações - 2.413 compartilhamentos - 94 comentários.	 Vou ser Médica! Vou ser professor!
8 de fevereiro de 2014 - 4.1 mil reações - 16.150 compartilhamentos - 163 comentários.	 Os Professores são fracos ? Aos Mistérios da Educação Meu bem, sala de aula com 45 alunos em cada turno com piso de R\$ 1.697? Tem que ter corpo fechado e muito Borogodó!

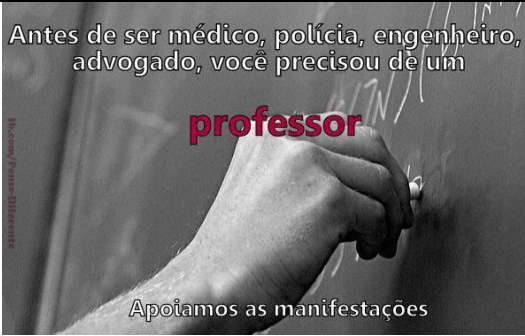
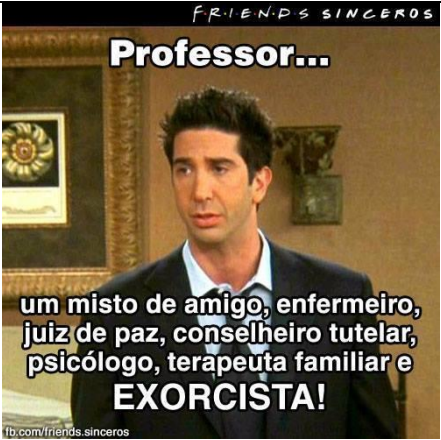
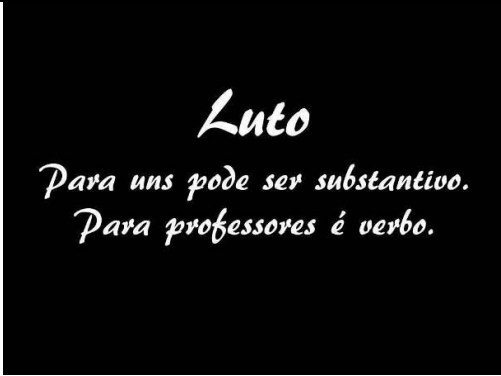
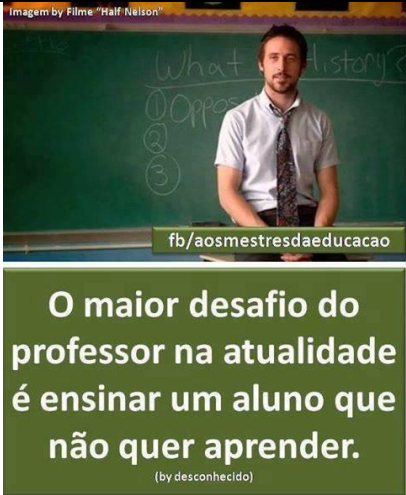
Ano/ reações/ compartilhamentos/comentários	Imagem
7 de fevereiro de 2014 - 1.5 mil reações - 5.797 compartilhamentos - 13 comentários.	
7 de fevereiro de 2014 - 626 reações - 1.118 compartilhamentos - 110 comentários.	
4 de fevereiro de 2014 - 1.1 mil reações - 2.735 compartilhamentos - 25 comentários.	
3 de fevereiro de 2014 - 2 mil reações - 2.665 compartilhamentos - 33 comentários.	

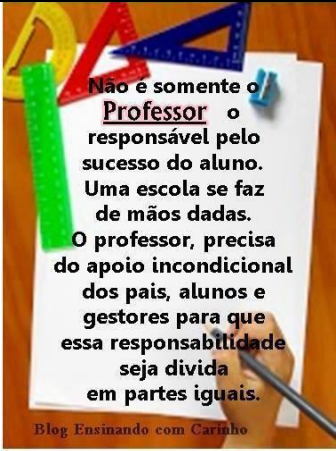
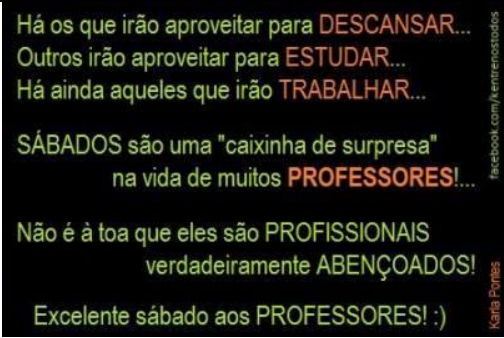
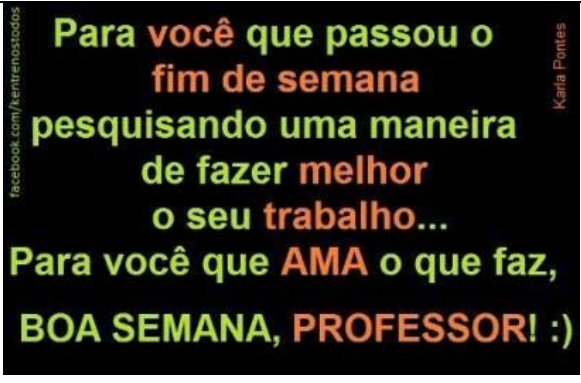
Ano/ reações/ compartilhamentos/comentários	Imagem
1 de fevereiro de 2014 - 3.7 mil reações - 15.655 compartilhamentos - 229 comentários.	
31 de janeiro de 2014 - 2 mil reações - 17.486 compartilhamentos - 62 comentários.	
30 de janeiro de 2014 - 3.6 mil reações - 27.387 compartilhamentos - 443 comentários.	
19 de janeiro de 2014 - 1.4 mil reações - 5070 compartilhamentos - 16 comentários.	

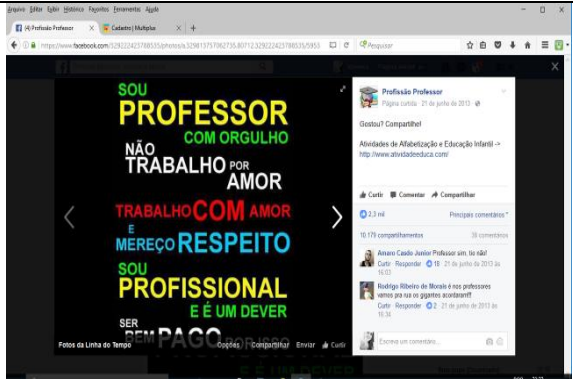
Ano/ reações/ compartilhamentos/comentários	Imagem
1 de janeiro de 2014 - 1.1 mil reações - 4.348 compartilhamentos - 114 comentários.	
22 de novembro de 2013 - 1.7 mil reações - 3.415 compartilhamentos - 301 comentários.	
29 de dezembro de 2013 - 4.1 mil reações - 8.186 compartilhamentos - 80 comentários.	
22 de dezembro de 2013 - 1 mil reações - 2.310 compartilhamentos - 13 comentários.	

Ano/ reações/ compartilhamentos/comentários	Imagem
20 de dezembro de 2013 - 2.8 mil reações - 3.355 compartilhamentos - 71 comentários.	
10 de dezembro de 2013 - 1.8 mil reações - 4.971 compartilhamentos - 105 comentários.	Duro não é ser professora... Duro é ser professora e ter bom gosto! 
21 de novembro de 2013 - 499 reações - 1.320 compartilhamentos - 14 comentários.	
20 de novembro de 2013 - 2.9 mil reações - 12.237 compartilhamentos - 22 comentários.	Professor, já corrigiu minha prova??? 

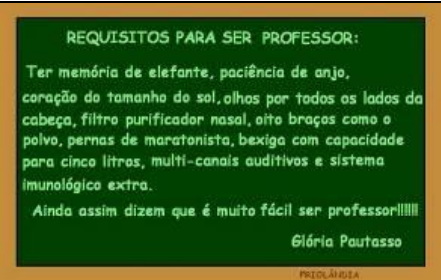
Ano/ reações/ compartilhamentos/comentários	Imagem
17 de novembro de 2013 - 1.9 mil reações - 5.634 compartilhamentos - 35 comentários.	PROFESSOR NÃO É BABÁ, NÃO É HUMORISTA, NÃO É ASSISTENTE SOCIAL, NÃO É PSICÓLOGO, NÃO É AGENTE DE SAÚDE. PROFESSOR É A BASE PARA  TUDO ISSO AÍ !!!
14 de novembro de 2013 – 857 reações - 1.563 compartilhamentos -16 comentários.	
11 de novembro de 2013 – 599 reações - 1.257 compartilhamentos - 49 comentários.	
11 de novembro de 2013 -183 reações - 356 compartilhamentos - 12 comentários.	

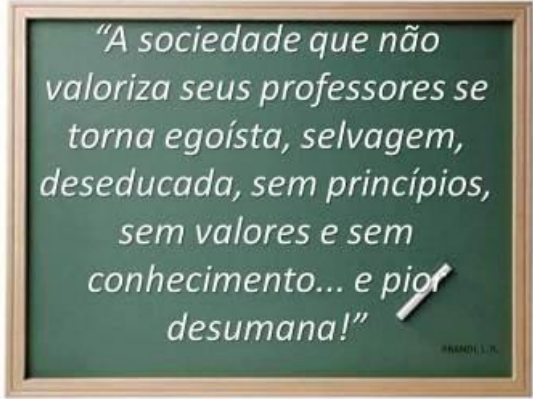
Ano/ reações/ compartilhamentos/comentários	Imagem
10 de novembro de 2013 - 1.1 mil reações - 2.777 compartilhamentos - 15 comentários.	
7 de outubro de 2013 - 3.6 mil reações - 13.254 compartilhamentos - 214 comentários.	
4 de outubro de 2013 - 1.5 mil reações - 3.183 compartilhamentos - 26 comentários.	
30 de setembro de 2013 - 9,5 mil reações - 54.844 compartilhamentos - 270 comentários.	

Ano/ reações/ compartilhamentos/comentários	Imagem
28 de setembro de 2013 - 2.5 mil reações - 12.376 compartilhamentos - 87 comentários.	 Não é somente o Professor o responsável pelo sucesso do aluno. Uma escola se faz de mãos dadas. O professor, precisa do apoio incondicional dos pais, alunos e gestores para que essa responsabilidade seja dividida em partes iguais. Blog Ensinando com Carinho
28 de setembro de 2013 - 510 reações - 674 compartilhamentos - 20 comentários.	 Há os que irão aproveitar para DESCANSAR... Outros irão aproveitar para ESTUDAR... Há ainda aqueles que irão TRABALHAR... SÁBADOS são uma "caixinha de surpresa" na vida de muitos PROFESSORES!... Não é à toa que eles são PROFISSIONAIS verdadeiramente ABENÇOADOS! Excelente sábado aos PROFESSORES! :)
2 de setembro de 2013 - 1.1 mil reações - 2.074 compartilhamentos - 17 comentários.	 Para você que passou o fim de semana pesquisando uma maneira de fazer melhor o seu trabalho... Para você que AMA o que faz, BOA SEMANA, PROFESSOR! :)
29 de agosto de 2013 - 1.5 mil reações - 2.882 compartilhamentos - 69 comentários.	 VEREADOR, QUE TAL GANHAR O SALÁRIO DE PROFESSOR?

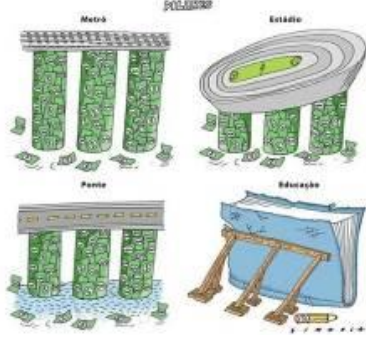
Ano/ reações/ compartilhamentos/comentários	Imagem
26 de agosto de 2013 - 2.2 mil reações - 15.431 compartilhamentos - 114 comentários.	
20 de agosto de 2013 - 2.9 mil reações - 10.471 compartilhamentos - 55 comentários.	
23 de julho de 2013 - 2.1 mil reações - 10.696 compartilhamentos – 95 comentários.	Como desestimular um professor: * Divida sua carga horária em várias escolas * Entupa as turmas para contenção de gastos. * Desconsidere o desinteresse dos alunos e a falta de respeito. * Baixe os salários, de forma a obrigar o professor a pegar varias turmas. * Considere o tempo do planejamento intercalado com as aulas. (como se prontidão e ânimo racional fossem despertados por sirenes ao estilo de fábricas) * Por último, como facada final: faça avaliação de metas para culpar o professor por toda essa desordem pedagógica.
21 de julho de 2013/ 2,3 mil reações/ 10.179 compartilhamentos/ 38 comentários	

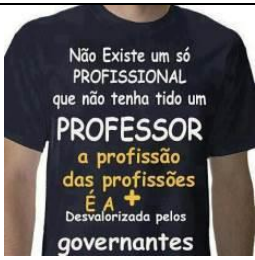
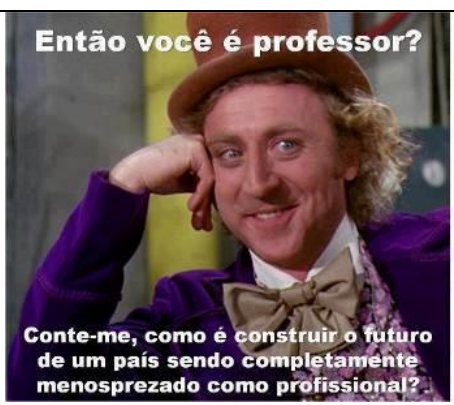
Ano/ reações/ compartilhamentos/comentários	Imagem
14 de junho de 2013/ 2,2 mil reações/ 8.299 compartilhamentos/ 78 comentários	
5 de junho de 2013/ 1,3 mil reações/ 8.796 compartilhamentos/ 94 comentários	
20 de abril de 2013/ 1,5 mil reações/ 5.502 compartilhamentos/ 37 comentários	
18 de abril de 2013/ 3 mil reações/ 15.320 compartilhamentos/ 264 comentários	

Ano/ reações/ compartilhamentos/comentários	Imagem
29 de abril de 2012 - 441 reações -10.013 compartilhamentos - 82 comentários.	
29 de abril de 2012 - 584 reações - 7.136 compartilhamentos - 139 comentários.	
13 de maio de 2012 - 418 reações - 5.064 compartilhamentos - 75 comentários.	
16 de maio de 2012 – 493 reações -4.312 compartilhamentos - 82 comentários.	

Ano/ reações/ compartilhamentos/comentários	Imagem
18 de maio de 2012 - 236 reações - 5.985 compartilhamentos - 30 comentários.	
25 de maio de 2012 - 591 reações -12.273 compartilhamentos - 172 comentários.	REQUISITOS PARA SER PROFESSOR: Ter memória de elefante, paciência de anjo, coração do tamanho do sol, olhos por todos os lados da cabeça, filtro purificador nasal, oito braços como o polvo, mil e uma utilidades na escola, tolerância máxima, sensibilidade para aguentar as colegas, pernas de maratonista, bexiga com capacidade para cinco litros, multi-canaís auditivos e sistema imunológico extra. Ainda assim dizem que é muito fácil ser professor!!!!!! 
4 de junho de 2012 - 329 reações - 7.180 compartilhamentos - 26 comentários.	
14 de junho 2012 - 469 reações - 6.929 compartilhamentos - 26 comentários.	

Ano/ reações/ compartilhamentos/comentários	Imagem
22 de fevereiro de 2012 – 2,9 mil reações – 24.626 compartilhamentos - 722 comentários.	
13 de abril de 2012 - 848 reações - 2507 compartilhamentos - 255 comentários.	
20 de abril de 2012 - 410 reações - 2.797 compartilhamentos - 87 comentários.	
27 de abril de 2012 – 916 reações - 6897 compartilhamentos -130 comentários.	

Ano/ reações/ compartilhamentos/comentários	Imagem
2 de maio de 2012 - 210 reações - 2.984 compartilhamentos - 41 comentários.	 EDUCAÇÃO SERÁ PRIORIDADE EM MEU GOVERNO! MAIS INVESTIMENTOS E SALÁRIOS DIGNOS PARA PROFESSORES! OS CORTES NA EDUCAÇÃO SÃO NECESSÁRIOS PARA MANTER A BOA SAÚDE ORÇAMENTÁRIA DO ESTADO. VOTE 71 TONINHO DA SILVA ANTÔNIO DA SILVA ANTES DAS ELEIÇÕES DEPOIS DAS ELEIÇÕES
7 de maio de 2012 – 358 reações - 2.295 compartilhamentos - 20 comentários.	 Metrô Estádio Ponto Educação
20 de maio de 2012 - 5,6 mil reações - 23.511 compartilhamentos - 1,3 mil comentários.	 !!! SOU PROFESSOR !!! Como eu me vejo Como meus alunos me veem Como a sociedade me vê Como a diretoria me vê Como minha mãe me vê Como o governo me vê
20 de maio de 2012 - 550 reações - 6.286 compartilhamentos - 193 comentários.	 SEDUC ...MAS GESTORA OS ALUNOS REPROVADOS NEM SABEM LER E OS OUTROS FALTARAM O ANO TODO. PASSE TODOS! O IMPORTANTE É AUMENTAR O ÍNDICE DE APROVAÇÃO!

Ano/ reações/ compartilhamentos/comentários	Imagem
24 de maio de 2012 – 377 reações - 4.151 compartilhamentos - 66 comentários.	 PROFESSORA, POR QUE O SECRETÁRIO DE EDUCAÇÃO NÃO É UM RETÁNGULO E SÓ UM POLÍTICO NOMINADO PARA MANTER ACORDOS PARTIDÁRIOS QUE VISAM SÓ O FUTURO POLÍTICO DOS GOVERNANTES? JÁ PRA DIRETORIA, ZEZINHO!
27 de maio de 2012 - 619 reações - 30.007 compartilhamentos - 116 comentários.	 Não Existe um só PROFISSIONAL que não tenha tido um PROFESSOR a profissão das profissões É A + Desvalorizada pelos governantes
30 de maio de 2012 - 842 reações - 30.396 compartilhamentos - 240 comentários.	 Nossa Joãozinho, como suas notas estão baixas! É pra combinar com o seu salário, fessora...
10 de junho de 2012 – 348 reações - 4359 compartilhamentos - 40 comentários.	 Então você é professor? Conte-me, como é construir o futuro de um país sendo completamente menosprezado como profissional?
3 de junho de 2012 - 260 reações - 1.509 compartilhamentos - 71 comentários.	 Eu sei que as crianças zombam e não gostam de você, mas você tem que ir à escola... Afinal, você é o professor! Giancarlo Moser

**ANEXO C – ANÁLISE DE CONTEÚDO DAS IMAGENS SOBRE A
PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO DO PROFESSOR**

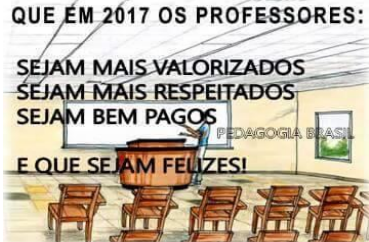
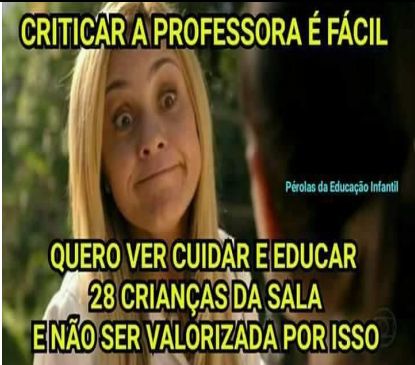
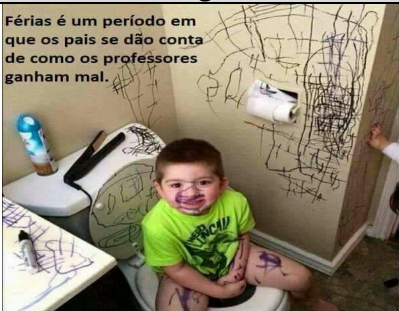
Imagem	Palavras	Denotação de precarização
	- 22 palavras	- Desvalorização e Desrespeito pela profissão
	Palavras-chave	
	Professor Brincar	
Imagem	Palavras	Denotação de precarização
	- 18 palavras	- Desvalorização e Desrespeito pela profissão - Remuneração
	Palavras-chave	
	Professores Respeitados Bem pagos Valorizados	
Imagem	Palavras	Denotação de precarização
	- 17 palavras	- Remuneração
	Palavras-chave	
	Pedagoga Rica Bem sucedida	
Imagem	Palavras	Denotação de precarização
	- 18 palavras	- Desvalorização e Desrespeito pela profissão - Excesso de alunos nas salas de aula
	Palavras-chave	
	Criticar Professora Fácil Cuidar Educar Crianças Sala Valorizada	
Imagem	Palavras	Denotação de precarização
	- 17 palavras	- Remuneração
	Palavras-chave	
	Período Pais Professores Ganham Mal	

Imagem	Palavras	Denotação de precarização
	- 27 palavras	- Desvalorização e Desrespeito pela profissão - Excesso de alunos nas salas de aula.
	Palavras-chave Professor Alunos Depósito Crianças Respeitem Profissão	
Imagem	Palavras	Denotação de precarização
	- 12 palavras	- Desgaste físico e emocional no exercício da profissão - Cansaço
	Palavras-chave Professoras Início Fim Ano Letivo	
Imagem	Palavras	Denotação de precarização
	- 5 palavras	- Desvalorização e Desrespeito pela profissão
	Palavras-chave Domínio Sala 1980 Hoje	
Imagem	Palavras	Denotação de precarização
	- 10 palavras	- Desvalorização e Desrespeito pela profissão
	Palavras-chave Professora	
Imagem	Palavras	Denotação de precarização
	- 13 palavras	- Desvalorização e Desrespeito pela profissão - Remuneração
	Palavras-chave Professor Salário Prestígio social	

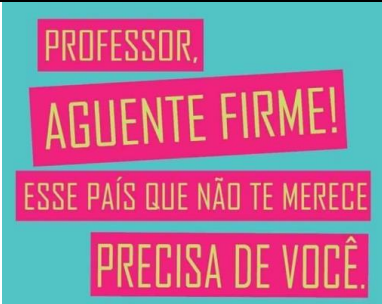
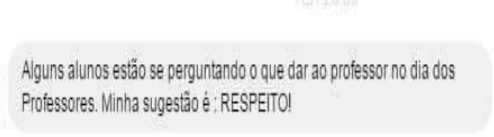
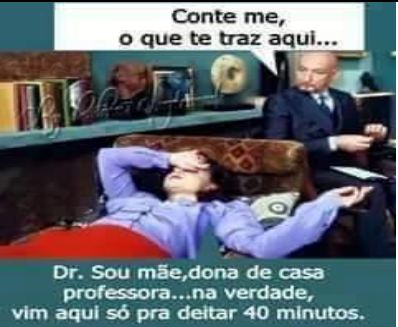
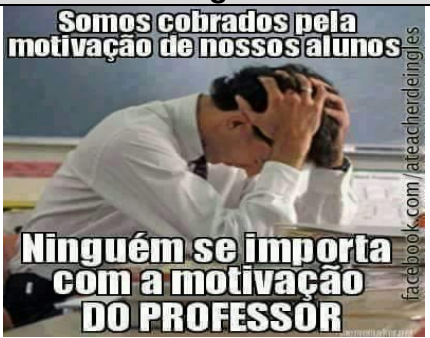
Imagem	Palavras	Denotação de precarização
	- 12 palavras	- Desvalorização e Desrespeito pela profissão
	Palavras-chave	
	Agente Firme País Merece Precisa	
Imagem	Palavras	Denotação de precarização
	- 17 palavras	- Desvalorização e Desrespeito pela profissão
	Palavras-chave	
	Respeito	
Imagem	Palavras	Denotação de precarização
	- 6 palavras	- Desvalorização e Desrespeito pela profissão
	Palavras-chave	
	Regalias Professores	
Imagem	Palavras	Denotação de precarização
	- 23 palavras	- Desgaste físico e emocional no exercício da profissão - Cansaço
	Palavras-chave	
	Mãe Dona de casa Professora	
Imagem	Palavras	Denotação de precarização
	- 15 palavras	- Desvalorização e Desrespeito pela profissão
	Palavras-chave	
	Cobrados Motivação Alunos Ninguém Importa Professor	

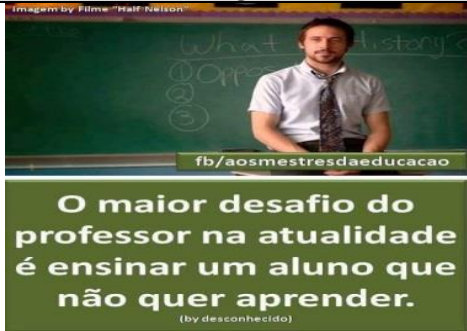
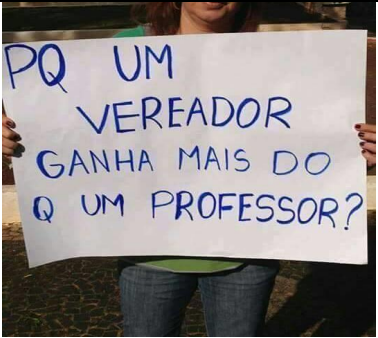
Imagem	Palavras	Denotação de precarização
	- 15 palavras	- Desinteresse dos alunos
	Palavras-chave Professor Atualidade Ensinar Aluno Aprender	
Imagem	Palavras	Denotação de precarização
	- 37 palavras	- Desvalorização e Desrespeito pela profissão
	Palavras-chave Professora Como me vê Como eu vejo	
Imagem	Palavras	Denotação de precarização
	- 9 palavras	- Remuneração
	Palavras-chave Vereador Ganha mais Professor	
Imagem	Palavras	Denotação de precarização
PROFESSOR NÃO É BABÁ, NÃO É HUMORISTA, NÃO É PSICÓLOGO, NÃO É AGENTE DE SAÚDE. PROFESSOR É A BASE PARA  TUDO ISSO AÍ!!!	- 21 palavras	- Desvalorização e Desrespeito pela profissão
	Palavras-chave Professor Babá Humorista Psicólogo Agente de saúde Professor Base	

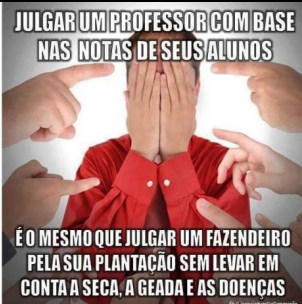
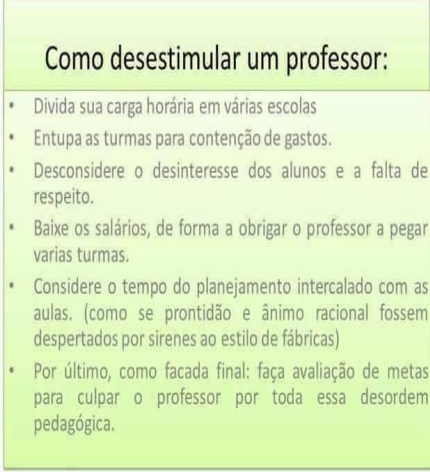
Imagem	Palavras	Denotação de precarização
	- 31 palavras	- Desvalorização e Desrespeito pela profissão
	Palavras-chave	
	Julgar Professor Notas Alunos	
Imagem	Palavras	Denotação de precarização
	- 27 palavras	- Desvalorização e Desrespeito pela profissão - Remuneração
	Palavras-chave	
	Professor Trabalho Amor Respeito Profissional Dever Bem pago	
Imagem	Palavras	Denotação de precarização
	- 17 palavras	- Desvalorização e Desrespeito pela profissão
	Palavras-chave	
	Brasil Mudar Povo Entender Herói	
Imagem	Palavras	Denotação de precarização
	- 87 palavras	- Excesso de alunos nas salas de aula - Desinteresse dos alunos - Desvalorização e Desrespeito pela profissão - Remuneração
	Palavras-chave	
	Desinteresse Alunos Respeito Salários Várias turmas Avaliação Metas Culpar Professor Desordem	

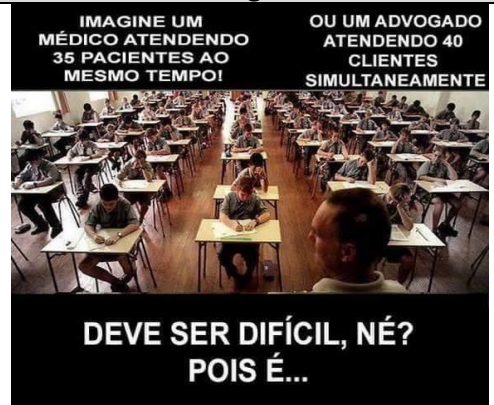
Imagem	Palavras	Denotação de precarização
REQUISITOS PARA SER PROFESSOR 	- 39 palavras	- Profissional polivalente - Desvalorização e Desrespeito pela profissão
	Palavras-chave Paciência Memória de elefante Braços de Polvo Capacidade de Maratonista Coração do Tamanho do sol Multi-canaís Olhos por Lados cabeça	
Imagem	Palavras	Denotação de precarização
	- 26 palavras	- Profissional polivalente - Desvalorização e Desrespeito pela profissão
	Palavras-chave Médico Pacientes Advogado Clientes Difícil	
Imagem	Palavras	Denotação de precarização
	- 3 palavras	- Desgaste físico e emocional no exercício da profissão - Cansaço
	Palavras-chave Professor	

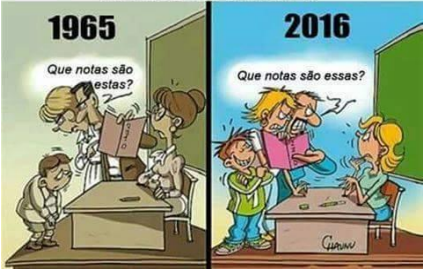
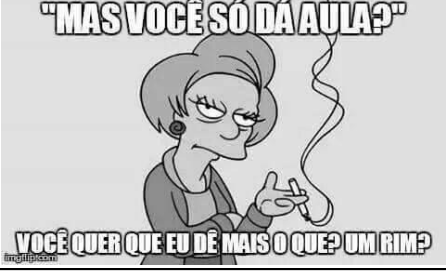
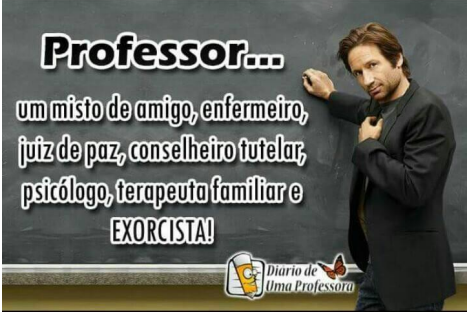
Imagem	Palavras	Denotação de precarização
 CÉREBRO DE UM PROFESSOR	- 62 palavras	- Desgaste físico e emocional no exercício da profissão - Cansaço - Exigências profissionais - Adaptação às novas tecnologias
	Palavra-chave	
	Planejamentos Paciência Greve Ideias novas Reuniões pedagógicas Alunos Atenção Tempo	
Imagem	Palavras	Denotação de precarização
 INVERSÃO DE VALORES 1965: Que notas são estas? 2016: Que notas são essas?	- 13 palavras	- Desvalorização e Desrespeito pela profissão
	Palavras-chave	
	Inversão Valores Notas	
Imagem	Palavras	Denotação de precarização
 "MAS VOCÊ SÓ DÁ AULA?" VOCÊ QUER QUE EU DÊ MAIS O QUE? UM RIM?	- 15 palavras	- Desvalorização e Desrespeito pela profissão
	Palavras-chave	
	Aula	
Imagem	Palavras	Denotação de precarização
 Professor... um misto de amigo, enfermeiro, juiz de paz, conselheiro tutelar, psicólogo, terapeuta familiar e EXORCISTA!	- 16 palavras	- Profissional polivalente - Acúmulo de funções
	Palavras-chave	
	Professor Amigo Enfermeiro Juiz de paz Terapeuta familiar Exorcista	

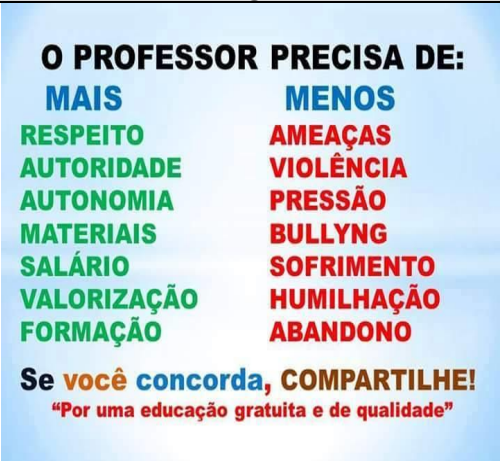
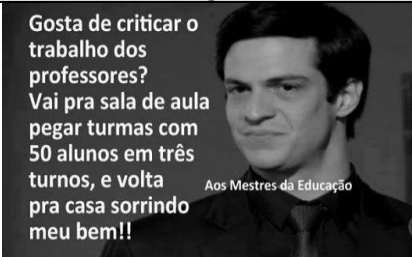
Imagem	Palavras	Denotação de precarização
	- 31 palavras	- Desvalorização e Desrespeito pela profissão
	Palavras-chave	
	Professor Respeito Autoridade Autonomia Materiais Salário Valorização Formação Ameaças Violência Pressão Bullying Sofrimento Humilhação Abandono Educação Qualidade	
Imagem	Palavras	Denotação de precarização
	- 47 palavras	- Desgaste físico e emocional no exercício da profissão - Cansaço
	Palavras-chave	
	Professora Motivar Compartilhar Aprendizado	
Imagem	Palavras	Denotação de precarização
	- 27 palavras	- Excesso de alunos por sala
	Palavras-chave	
	Criticar Professores Sala de aula Turmas Três turnos	
Imagem	Palavras	Denotação de precarização
	- 26 palavras	- Remuneração - Desvalorização e Desrespeito pela profissão
	Palavras-chave	
	Professores Ruins Salário Reconhecimento	

Imagem 	Palavras - 26 palavras Palavras-chave Bater Professor Contradição Dar aula Lutar	Denotação de precarização - Excesso de alunos por sala - Desvalorização e Desrespeito pela profissão
Imagem 	Palavras - 12 palavras Palavras-chave Professora Dormindo Não incomode	Denotação de precarização - Desgaste físico e emocional no exercício da profissão - Cansaço
Imagem 	Palavras - 22 palavras Palavras-chave Tarefa Terceirizei	Denotação de precarização - Desvalorização e Desrespeito pela profissão - Desinteresse dos alunos
Imagem 	Palavras - 17 palavras Palavras-chave Professor Calo nas cordas vocais Rinite Gastrite Insônia Ansiedade	Denotação de precarização - Desgaste físico e emocional no exercício da profissão

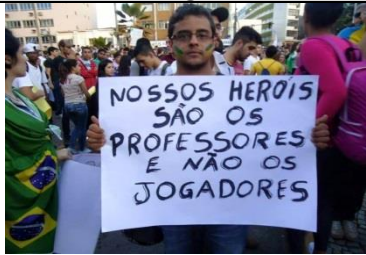
Imagem	Palavras	Denotação de precarização
	- 9 palavras	- Desvalorização e Desrespeito pela profissão
	Palavras-chave	
	Heróis Professores	
Imagem	Palavras	Denotação de precarização
	- 4 palavras	- Desgaste físico e emocional no exercício da profissão - Excesso de trabalho
	Palavras-chave	
	Professor	
Imagem	Palavras	Denotação de precarização
	- 11 palavras	- Desgaste físico e emocional no exercício da profissão - Excesso de alunos por sala
	Palavras-chave	
	Perder a voz Turmas Barulhentas	
Imagem	Palavras	Denotação de precarização
	- 18 palavras	- Excesso de alunos por sala
	Palavras-chave	
	Salas lotadas Tempo Aula	
Imagem	Palavras	Denotação de precarização
	- 25 palavras	- Remuneração
	Palavras-chave	
	Professores Parlamentares Salário	

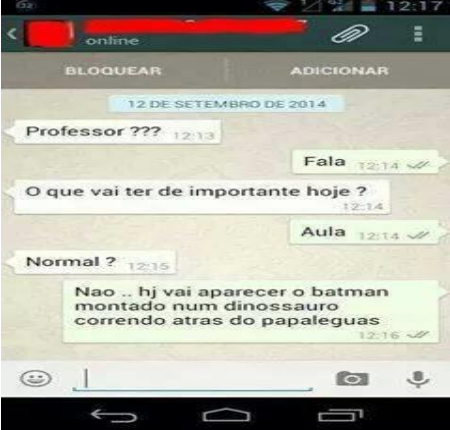
Imagem	Palavras	Denotação de precarização
Para Cid Gomes, novo Ministro da Educação indicado por Dilma, professor deve “trabalhar por amor, não por dinheiro”  CARTÃO OU DINHEIRO, SENHORA? SOU PROFESSORA. PASSA NO AMOR!	- 27 palavras Palavras-chave Ministro da Educação Cid Gomes Trabalhar por amor Professora	- Remuneração
Imagem	Palavras	Denotação de precarização
PROFESSORES  PROFESSORES O QUE VOCÊ ACHOU DO NOSSO NOVO PISO DE R\$1.917,78 LEGAL! EU NEM CHEGUEI A RECEBER O PISO ANTERIOR... QUANTO ERA MESMO?	- 23 palavras Palavras-chave Professores Piso	- Remuneração
Imagem	Palavras	Denotação de precarização
 Ô TCHÍTCHER JÁ CORRIGIU AS PROVAS?	- 6 palavras Palavras-chave Tchítcher Provas	- Excesso de trabalho
Imagem	Palavras	Denotação de precarização
 online BLOQUEAR ADICIONAR 12 DE SETEMBRO DE 2014 Professor ??? 12:13 Fala 12:14 ✓ O que vai ter de importante hoje ? 12:14 Aula 12:14 ✓ Normal ? 12:15 Nao .. hj vai aparecer o batman montado num dinossauro correndo atras do papaleguas 12:16 ✓	- 24 palavras Palavras-chave Professor Aula Importante	- Desvalorização e Desrespeito pela profissão

Imagem	Palavras	Denotação de precarização
<i>Vida de Professor</i> www.pragenteminda.org	- 14 palavras	- Desvalorização e Desrespeito pela profissão
	Palavras-chave	
	Carro Teto Analfabeto Valorização	
Imagem	Palavras	Denotação de precarização
	- 19 palavras	- Desvalorização e Desrespeito pela profissão
	Palavras-chave	
	Istadios Iscolas Eros Portugues Profesô	
Imagem	Palavras	Denotação de precarização
PROFESSOR TEM QUE AGUENTAR ISSO: É pra copiar? Precisa deixar quantas linhas? Vai cair na prova? A aula vai até que horas? Vale quantos pontos? A prova vai ser em dupla? Por que o senhor nunca falta? Dá pra repetir tudo do começo? "PORTAL UNIVERSO INFINITO"	- 43 palavras	- Desinteresse dos alunos
	Palavras-chave	
	Professor Aguentar É pra copiar Vai cair na prova A prova vai ser em dupla	
Imagem	Palavras	Denotação de precarização
AGORA UM POEMA! Quem não respeita O Professor, Não merece (re)eleição, nem os Votos da Nação, pela falta de EDUCAÇÃO!! <i>Aos Mestres da Educação</i>	- 20 palavras	- Desvalorização e Desrespeito pela profissão
	Palavras-chave	
	Professor Respeita Reeleição Nação Falta e Educação	

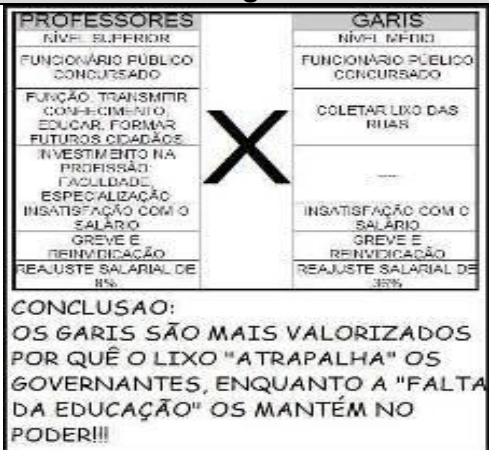
Imagem	Palavras	Denotação de precarização
	- 6 palavras	- Cansaço
	Palavras-chave	
	Sala Professores	
Imagem	Palavras	Denotação de precarização
	- 71 palavras	- Desvalorização e Desrespeito pela profissão - Remuneração
	Palavras-chave	
	Professores Garis Insatisfação Salário valorizados	
Imagem	Palavras	Denotação de precarização
	- 17 palavras	- Remuneração
	Palavras-chave	
	Professor Piso Escola Qualidade Alunos Educação Brasil Futuro Sociedade Prioridade	
Imagem	Palavras	Denotação de precarização
	- 18 palavras	- Cansaço
	Palavras-chave	
	Professor Dia	

Imagem	Palavras	Denotação de precarização
	- 37 palavras	- Desvalorização e Desrespeito pela profissão
	Palavras-chave	
	Professora	
Imagem	Palavras	Denotação de precarização
	- 6 palavras	- Desvalorização e Desrespeito pela profissão
	Palavras-chave	
	Professor Médico	
Imagem	Palavras	Denotação de precarização
	- 27 palavras	- Excesso de alunos por turma - Remuneração
	Palavras-chave	
	Fracos Professores Sala de aula Piso Corpo fechado	

Imagem	Palavras	Denotação de precarização
	- 8 palavras	- Desvalorização e Desrespeito pela profissão
	Palavras-chave	
	Respeito Professores Sociedade Melhor Recompensa	
Imagem	Palavras	Denotação de precarização
	- 11 palavras	- Excesso de trabalho - Desgaste físico e emocional no exercício da profissão
	Palavras-chave	
	Lecionar Ótima	
Imagem	Palavras	Denotação de precarização
	- 8 palavras	- Remuneração
	Palavras-chave	
	Professor Celular Viver Bônus	
Imagem	Palavras	Denotação de precarização
	- 17 palavras	- Remuneração
	Palavras-chave	
	Professor Ganho pouco Mãos sujas de giz	
Imagem	Palavras	Denotação de precarização
	- 22 palavras	- Remuneração
	Palavras-chave	
	Professoras Lindas Merecem Piso	

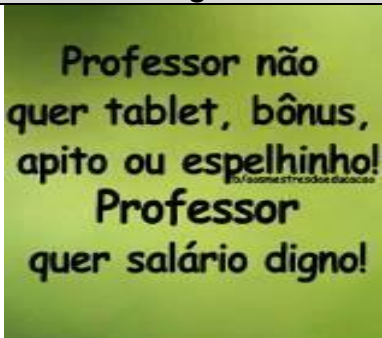
Imagem	Palavras	Denotação de precarização
	- 47 palavras	- Remuneração
	Palavras-chave	
	Mudar Realidade Mudanças Educação	
Imagem	Palavras	Denotação de precarização
	-12 palavras	- Remuneração
	Palavras-chave	
	Salário Digno Professor	
Imagem	Palavras	Denotação de precarização
	-17 palavras	- Desvalorização e Desrespeito pela profissão - Remuneração
	Palavras-chave	
	Salário Injustiça Professor Importância Social	
Imagem	Palavras	Denotação de precarização
	-13 palavras	- Remuneração
	Palavras-chave	
	Professora	

Imagem	Palavras	Denotação de precarização
	-19 palavras	- Desvalorização e Desrespeito pela profissão
	Palavras-chave	
	Valoriza Professores	
Imagem	Palavras	Denotação de precarização
	- 4 palavras	- Remuneração
	Palavras-chave	
	Cliente Alunos	
Imagem	Palavras	Denotação de precarização
	-15 palavras	- Desvalorização e Desrespeito pela profissão
	Palavras-chave	
	Médico Polícia Engenheiro Advogado Professor Manifestações	
Imagem	Palavras	Denotação de precarização
	-10 palavras	- Desvalorização e Desrespeito pela profissão
	Palavras-chave	
	Luto Professores	

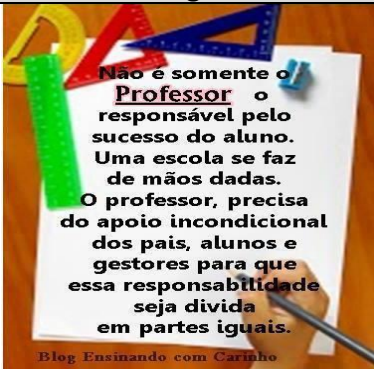
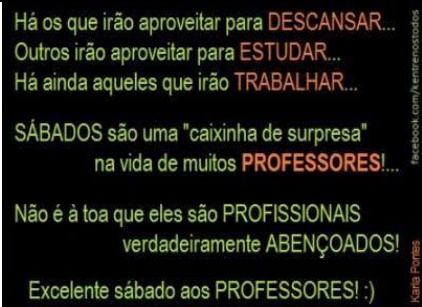
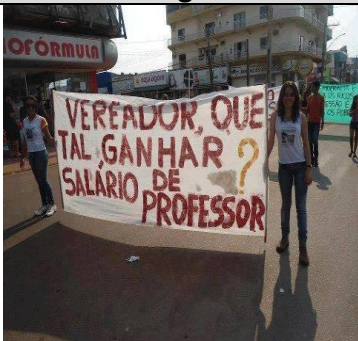
Imagem	Palavras	Denotação de precarização
	- 38 palavras	- Desvalorização e Desrespeito pela profissão
	Professor Aluno Escola Apoio Pais Gestores Responsabilidade	
Imagem	Palavras	Denotação de precarização
	Palavras-chave	- Excesso de trabalho
	Descansar Estudar Trabalhar Professores	
Imagem	Palavras	Denotação de precarização
	- 7 palavras	- Remuneração
	Palavras-chave Salário Professor	
Imagem	Palavras	Denotação de precarização
	- 22 palavras	- Violência - Agressão contra o professor
	Palavras-chave Agressão Professores Violência	

Imagem	Palavras	Denotação de precarização
	-15 palavras	- Remuneração
	Palavras-chave	
	Contracheque Professor	
Imagem	Palavras	Denotação de precarização
	-15 palavras	- Remuneração
	Palavras-chave	
	Salário	
Imagem	Palavras	Denotação de precarização
	- 31 palavras	- Desvalorização e Desrespeito pela profissão
	Palavras-chave	
	Professor	
Imagem	Palavras	Denotação de precarização
	- 82 palavras	- Cansaço - Desgaste físico e emocional no exercício da profissão
	Palavras-chave	
	Professor Estressado	

Imagem	Palavras	Denotação de precarização
O Professor, visto... Pela família Pelos pais de alunos Pelo governo Pela sociedade Pelos alunos Por ele mesmo	- 18 palavras	- Desvalorização e Desrespeito pela profissão
	Palavras-chave	
	Professor	
Imagem	Palavras	Denotação de precarização
	- 11 palavras	- Desinteresse dos alunos
	Palavras-chave	
	Explicar Decidido Não entender	
Imagem	Palavras	Denotação de precarização
	- 40 palavras	- Desvalorização e Desrespeito pela profissão - Remuneração
	Palavras-chave	
	Educação Investimentos Salários Dignos Cortes	
Imagem	Palavras	Denotação de precarização
	- 25 palavras	- Desvalorização e Desrespeito pela profissão - Falta de autonomia
	Palavras-chave	
	Alunos Reprovados Índice de Aprovação	

Imagem	Palavras	Denotação de precarização
	- 20 palavras	- Desvalorização e Desrespeito pela profissão
	Palavras-chave	
	Professor Desvalorizada	
Imagem	Palavras	Denotação de precarização
	- 14 palavras	- Remuneração
	Palavras-chave	
	Salário	
Imagem	Palavras	Denotação de precarização
	- 23 palavras	- Desvalorização e Desrespeito pela profissão - Desgaste físico e emocional no exercício da profissão
	Palavras-chave	
	Professor	